

O futebol nas Gerais

MINISTÉRIO DO ESPORTE
SECRETARIA NACIONAL DE
ESPORTE, EDUCAÇÃO, LAZER E
INCLUSÃO SOCIAL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA,
FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
DA UFMG

MINISTRO Aldo Rebelo
SECRETÁRIO Afonso Barbosa
DIRETOR Emerson Silami Garcia
VICE-DIRETOR Sérgio Teixeira da Fonseca

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

REITOR Clélio Campolina Diniz
VICE-REITORA Rocksane de Carvalho Norton

EDITORA
UFMG

DIRETOR Wander Melo Miranda
VICE-DIRETOR Roberto Alexandre do Carmo Said

CONSELHO
EDITORIAL

Wander Melo Miranda (presidente)
Antônio Luiz Pinho Ribeiro
Flavio de Lemos Carsalade
Heloisa Maria Murgel Starling
Márcio Gomes Soares
Maria das Graças Santa Bárbara
Maria Helena Damasceno e Silva Megale
Roberto Alexandre do Carmo Said

Silvio Ricardo da Silva
José Alfredo de O. Debortoli
Tiago Felipe da Silva
ORGANIZADORES

O futebol nas Gerais

Belo Horizonte
Editora UFMG
2012

© 2012, Os autores

© 2012, Editora UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Danívia Wolff

ASSISTÊNCIA EDITORIAL: Eliane Sousa e Euclídia Macedo

COORDENAÇÃO DE TEXTOS: Maria do Carmo Leite Ribeiro

PREPARAÇÃO DE TEXTOS: Michel Gannam

REVISÃO DE PROVAS: Danívia Wolff e Roberto Said

COORDENAÇÃO GRÁFICA E PROJETO GRÁFICO: Cássio Ribeiro

FORMATAÇÃO, CAPA E PRODUÇÃO GRÁFICA: Diêgo Oliveira

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 Ala direita da Biblioteca Central Térreo

Campus Pampulha 31270-901 Belo Horizonte-MG Brasil

Tel. +55 31 3409-4650 Fax +55 31 3409-4768

www.editora.ufmg.br editora@ufmg.br

S F995 O futebol nas Gerais / Silvio Ricardo da Silva, José Alfredo de O.
Debortoli, Tiago Felipe da Silva, organizadores. – Belo Horizonte :
Editora UFMG, 2012.
261 p. il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7041-937-8

1. Futebol – Minas Gerais. 2. Futebol – Torcedores – Belo Horizonte (MG). 3. Futebol – Belo Horizonte (MG) – História. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Debortoli, José Alfredo de O. III. Silva, Tiago Felipe da.

CDD: 796.334098151

CDU: 796.332(815.1)

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação da Biblioteca Universitária da UFMG

Aos amigos, colaboradores, torcedores e, principalmente,
a quem compreende e respeita a grandeza do futebol.

Lista de ilustrações

Gráficos

1. Sexo	36
2. Estado civil	37
3. Cor da pele	37
4. Número de pessoas que residem na mesma casa	38
5. Filhos	38
6. Renda	39
7. Religião	39
8. Ocupações	40
9. Influência para entrada na torcida	40
10. Situação na torcida	41
11. Formas de participação	41
12. Formas de acompanhar os jogos	42
13. Transporte para jogos fora de casa	42
14. Colaboração financeira	43
15. Envolvimento em conflitos	43
16. Opções de lazer	44
17. Itens valorizados na torcida	44
18. Itens desvalorizados na torcida	45

Tabelas

1. Atlético campeão de Belo Horizonte em 1913.
Campeão de Minas Gerais: Morro Velho.
Campeão da capital mineira: Athletico Mineiro Clube 119
2. America, o melhor de Belo Horizonte em 1913 120
3. Jogos dos quadros inferiores do America 121

Figuras

1. Seção “Vida Sportiva”, revista *Vida de Minas* 138
2. Foto da partida entre o América e o Queluziano,
notando-se a geral e as arquibancadas 140
3. “Nota de reportagem: Saindo do Prado Mineiro,
depois do último *match* de *foot-ball*” 141

Sumário

<i>Tarcísio Mauro Vago</i>	Prefácio	13
<i>Os organizadores</i>	Apresentação	17
Parte 1	O FUTEBOL E O TORCER NO CONTEXTO DA PESQUISA E DA EXTENSÃO	
<i>Silvio Ricardo da Silva</i> <i>José Alfredo de O. Debortoli</i> <i>Gibson Moreira Praça</i> <i>Izabela Guimarães Augusto</i> <i>Tiago Felipe da Silva</i> <i>André Silveira Gomes</i>	Torcedores organizados em Belo Horizonte	23
<i>Marcos de Abreu Melo</i> <i>Luiza Aguiar dos Anjos</i> <i>Carlos Eduardo D. M. Lages</i> <i>Luiz Gustavo G. Braga</i> <i>Felipe Vinicius de P. Abrantes</i>	A escola e o rádio como possibilidades de construção de conhecimentos e de diálogo com a sociedade tendo o futebol como eixo Os projetos de extensão do GEFuT	49
Parte 2	HISTÓRIAS DO FUTEBOL E DO TORCER EM MINAS GERAIS	
<i>Marcelino Rodrigues da Silva</i>	Picadinho de Raposa com sopa de Galo	67

<i>Raphael Rajão Ribeiro</i>	O futebol em Belo Horizonte e a constituição do <i>campo esportivo</i> (1904-1921)	91
<i>Euclides de Freitas Couto</i>	Os primórdios do futebol em Belo Horizonte Aspectos do pertencimento clubístico (1908-1927)	111
<i>Georgino Jorge S. Neto</i>	A invenção do torcer em Belo Horizonte Da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)	129
<i>Rodrigo C. B. Moura</i>	O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas O futebol em Belo Horizonte na década de 1930	147
Parte 3	TORCER, EDUCAÇÃO E REDES DE SOCIABILIDADE	
<i>Priscila Augusta F. Campos</i>	As mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão Suas características e relações com o clube e com o estádio	167
<i>Luiz Gustavo Nicácio</i>	O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar	187

<i>Tiago Felipe da Silva</i>	O futebol em uma cidade do interior de Minas Gerais Os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata	203
<i>Mariana Alves Rodrigues</i>	À sombra das chuteiras virtuais Sobre as possíveis relações entre o futebol virtual e o não virtual	221
<i>Marina de Mattos Dantas</i>	Futebol e psicologia A instrumentalização do atleta e alguns indícios de uma especialidade emergente	239
	Sobre os autores	259

Prefácio

De muitas maneiras, escritos sobre o futebol vêm sendo produzidos no Brasil. Mas um livro que contemple o futebol, entrelaçado a uma de suas mais instigantes e belas manifestações – o torcer –, já é coisa rara de ler. Foi a esse desafio que se lançou o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas da Universidade Federal de Minas Gerais (GEFuT-UFMG), que agora, após investimentos de pesquisa e reflexão, compartilha seus achados e suas proposições.

Uma das significativas contribuições desta obra coletiva é assumir um modo inovador de pensar o futebol para então pôr em circulação outras e diferentes escritas sobre ele. É o que possibilita aos autores, especialmente, trazer ricas evidências da presença de outros protagonistas na permanente (re)criação do futebol, tão decisivos como os 22 que estão em campo: as pessoas – tantas pessoas –, que, na condição de torcedoras, buscam e ao mesmo tempo atribuem sentidos ao futebol – são, assim, seus praticantes, de outras formas, tantos jeitos. São homens, são mulheres, são crianças que também participam e partilham desse fascinante jogo. A ele dedicam seu tempo, seus afetos, suas paixões. A ele se entregam, oferecendo seus melhores sentimentos, senão os piores. Nele, buscam alegria e, se por vezes a encontram, em outras tantas experimentam sofrimento e dor. Se por sua causa partilham amizades, também por ele alimentam rixas e ódios de quem sequer se conhece, apenas porque torcem por times diferentes.

O futebol e o torcer no futebol nos envolvem, nos exigem, nos mostram, expõem nossas entranhas, nossas pulsões, essa nossa frágil

e sempre cambiante condição humana. Se é invenção nossa, somos também por ele inventados como humanos, em um jogo que mistura o delicado e o brutal, que tantas vezes se encontram e se roçam, no campo e fora dele.

O que se passa em uma partida de futebol ultrapassa em muito os limites de espaço e de tempo que sua regra impõe. E se alguém acredita mesmo que “a regra é clara” – o que é já motivo de muita controvérsia –, ainda mais e maiores são as polêmicas, os conflitos ou os sururus, antes e após o apito final.

Afinal, para apreender e compreender o futebol é preciso considerar mais do que a disposição e os deslocamentos dos jogadores pelo campo, mais que a tática e a plasticidade de cada time, mais que a genialidade de uns poucos e o comum de muitos jogadores. Tudo isso é futebol, sim. Mas tudo isso sem a presença do outro – aquele que torce, que grita, que xinga, que ri ou que chora com o corpo todo – ainda não é o futebol em toda a sua expressão.

Os que estão nas arquibancadas (de todos os tipos e feitios, quando existem, aí incluindo cercas, muros, morros, árvores e o que mais se precisar para assistir a uma partida) não contam?

E quem dirá que o futebol é só aquele praticado seguindo-se regras oficiais? Como no carnaval cantado por Paulinho da Viola, há também uma *plataforma* assumida por aqueles que não precisam, não esperam e nem mesmo querem que organizem tanto o seu futebol. Sabem fazer, sabem praticar, até melhor e mais bonito, o futebol que é o deles.

Os muitos espaços das cidades, grandes e pequenas, das vilas, da roça – as avenidas, as ruas, as calçadas, as praças, os quintais, as varandas, os terrenos baldios, os pátios, os corredores e as quadras de escolas (e até suas salas, se preciso for), as areias de rios, de praias e de cachoeiras, qualquer canto e recanto, enfim –, transformados por tanta gente em campos (carinhosamente, em campinhos...) de futebol, e futebol praticado com regras as mais criativas que fazem nascer mil e mais modos de jogar e de torcer... Ora, esses muitos *futebóis* contam, sim, e contam muito.

Pois foi com essa gente ocupando e aproveitando lugares tão diversos, na fruição de seus tempos e de formas tão inventivas, que o futebol se enraizou e se afirmou como uma de nossas culturas, atravessado por contrastes de toda ordem, participando de nossas experiências de infância, de juventude, de adultos, de velhos. Em nossa experiência de país. Em nossas histórias.

O futebol e o torcer que ele vai produzindo podem então ser compreendidos como maneiras tantas de sociabilidade, em que encontros, desencontros, trocas (às vezes de socos e pontapés) se dão de modos tão intensos, e tensos também. Sociabilidades contraditórias, certamente. Por isso, escrever sobre o torcer no futebol é também um modo de escrever sobre os humanos que fomos e que somos, em diferentes temporalidades, é fazer uma reflexão sobre nossos comportamentos, nossos instintos, nossos desejos quando envolvidos nessa prática.

É já famosa a crônica de Graciliano Ramos, profetizando em 1921 que a introdução do futebol no Brasil provocaria “por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês”. Fosse vivo, esse maravilhoso escritor, percebendo a presença tão visceral do futebol entre nós, observando as tantas práticas de torcer que criamos, talvez concordasse que é mesmo simplesmente impossível compreender o Brasil dos séculos XX e XXI sem dar atenção ao futebol – futebol que nos produziu, que nós produzimos. A esse nosso futebol que é também uma maneira de inventar o Brasil – e os brasileiros –, de nos fazer ser do jeito que somos, com os contrastes, as alegrias e as dores de ser o que somos.

É de nós – da invenção de nós mesmos, como torcedores-praticantes do futebol, das Gerais e de todos os Brasis, dentro e fora das quatro linhas – que este livro trata, é sobre nós que convida a pensar.

Um grupo de estudos que se arrisca a produzir metodologias de estudos sobre as torcidas e os torcedores organizados, as diversas manifestações do torcer, o perfil de tais torcedores, as relações entre o torcer, a educação e o que se passa na escola, com especial destaque para a educação física; que ousa explorar as possibilidades que uma

rádio educativa oferece para problematizar o futebol; que se interessa por histórias de futebol, com clubes, torcidas, torcedores e seus sururus nas ruas pretensamente alinhadas e na poeira de uma cidade planejada para ser vitrine da República (a “poeirópolis”, como foi ironizada a Belo Horizonte em seus começos); que se esforça para compreender os sujeitos, as identidades, a diversidade e as redes de sociabilidade produzidas a partir de relações de gênero e de origem social na contemporaneidade; que produz o futebol como campo de estudos sistematizados, em sua interface com as culturas, a educação e as tecnologias merece atenção. Precisa ser lido, escutado e provocado, como nos provoca a continuar pesquisando e escrevendo sobre nós... e esse futebol em que todos temos histórias.

Tarcísio Mauro Vago

Apresentação

A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana.

Nelson Rodrigues

Respeitamos o futebol! Amamos o futebol! Esse amor e esse respeito nos fazem querer estar ao seu lado, observando-o, compreendendo sua complexidade, seu vagar, seus trajetos, suas histórias, seus personagens e suas paixões. Ao usar a primeira pessoa do plural no início deste parágrafo, nos referimos ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas da Universidade Federal de Minas Gerais (GEFuT-UFMG), que vem ao longo dos seus cinco anos se dedicando à dar ao futebol, de maneira geral, um protagonismo nos estudos acadêmicos em Minas Gerais, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na área interdisciplinar dos Estudos do Lazer. Mais especificamente, temos tentado dar ao futebol mineiro um protagonismo merecido no campo de estudos sobre futebol, em que ainda percebemos uma concentração de pesquisas sobre o referido tema no eixo Rio-São Paulo. Da mesma forma que em outros estados e cidades brasileiras, o futebol em Minas Gerais e, mais detidamente, em Belo Horizonte é pautado cotidianamente, sobretudo, pela rivalidade dos dois maiores clubes da capital mineira.

Nosso grupo é composto por professores doutores e mestres e por estudantes de graduação e pós-graduação que, para além de suas competências individuais, têm em comum a paixão pelo futebol.

O GEFuT objetiva contribuir com a produção do conhecimento sobre futebol e o torcer, entendendo que essa produção pode subsidiar

a elaboração de políticas públicas para o campo do esporte e do lazer. Temos também atuado no ensino universitário com disciplinas na graduação e na pós-graduação e na extensão com dois projetos: “Futebol Total”, em que realizamos, em escolas e organizações não governamentais (ONGs) de Belo Horizonte, uma série de intervenções voltadas para a formação de professores e de alunos, enfocando o futebol como elemento cultural a ser refletido. Em consonância, estamos desenvolvendo o programa de rádio *Óbvio ululante*, que pretende ampliar nossos horizontes para além do meio acadêmico, utilizando os conhecimentos que estudamos e construímos para dialogar com o público da Rádio UFMG Educativa, problematizando o futebol de forma crítica e com múltiplos olhares, gerando novas reflexões para o ouvinte e para nós mesmos.

Como mais uma ação, o grupo resolveu reunir neste livro textos de pesquisadores e pesquisadoras que estudaram o futebol mineiro nas mais diferentes dimensões. O objetivo desta obra é contribuir para o debate acadêmico sobre o futebol e o torcer no âmbito das ciências humanas e sociais a partir de estudos realizados no Estado de Minas Gerais. Conta com trabalhos desenvolvidos no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Lazer da UFMG; pesquisas em parceria com a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer do Ministério dos Esportes (SNDEL-ME), bem como estudos realizados em outros programas da UFMG, além de trabalhos de monografias e de projetos de extensão desenvolvidos pelo GEFuT. Colabora também com a formação de estudantes, profissionais e pesquisadores que se dedicam ao debate no campo de estudos sobre o futebol e o torcer.

Temos a alegria de contar, nesta obra, com o prefácio do amigo e incentivador do GEFuT, o professor doutor Tarcísio Mauro Vago, apaixonado pelo futebol e por suas manifestações. *O futebol nas Gerais* é composto ainda por 12 ensaios, divididos em três partes.

A primeira parte intitula-se “O futebol e o torcer no contexto da pesquisa e da extensão” e apresenta os textos sobre as torcidas e os torcedores organizados em Belo Horizonte; sobre relação entre torcer e educação, mais especificamente, as metodologias e possibilidades de

abordagem do torcer na escola e na educação física escolar, assim como o trabalho do GEFuT desenvolvido na Rádio UFMG Educativa.

A segunda parte, “Histórias do futebol e do torcer em Minas Gerais”, é cunhada a partir de estudos e pesquisas na perspectiva histórica sobre vários temas relacionados ao futebol e ao torcer. Entre eles: a história do futebol em Belo Horizonte nos primeiros anos da sua inserção; o amadorismo e o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte; e a assistência e o torcer nos primórdios do futebol em Belo Horizonte.

A terceira e última parte, “Torcer, educação e redes de sociabilidade”, discute futebol, sujeitos, identidades, diversidade e redes de sociabilidade segundo variações socioculturais de gênero e origem social, entre outras. Aborda também o futebol como campo de estudos sistematizados, considerando a produção científica em Minas Gerais e a construção e apropriação de conhecimentos sobre futebol, torcer e práticas educativas. Além disso, se reporta ao futebol inserido nas sociedades contemporâneas, através de influências e ressignificações globais/locais. Por fim, aborda a questão do futebol relacionado a cultura, educação e mediações tecnológicas.

A iniciativa da publicação deste livro homenageia e se alinha às outras do GEFuT, assim como às tantas outras advindas das mais diversas instituições, grupos e pesquisadores que vêm ao longo do tempo respeitando o futebol, fazendo dele tema de suas investigações.

Estamos esperançosos de que esta coletânea venha subsidiar reflexões, posições e ações, neste momento em que o futebol no Brasil tem sido vitrine do mundo não somente pelo que o futebol representa em nossas terras, mas também pela Copa do Mundo de Futebol de 2014, que iremos sediar.

Agradecemos aos autores, à SNDEL-ME, à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG (EEFFTO-UFMG) e à Editora UFMG por transformarem esse sonho em realidade.

Os organizadores

Parte 1

O FUTEBOL E O TORCER
NO CONTEXTO
DA PESQUISA
E DA EXTENSÃO

Silvio Ricardo da Silva
José Alfredo de O. Debortoli
Gibson Moreira Praça
Izabela Guimarães Augusto
Tiago Felipe da Silva
André Silveira Gomes

Torcedores organizados em Belo Horizonte

Introdução

Entendemos que o torcer representa uma real possibilidade de lazer. Motivado em muitos casos pela paixão clubística,¹ o torcedor apresenta-se como ator fundamental para o espetáculo esportivo, notadamente o futebolístico, devido ao grande número de sujeitos envolvidos. O futebol tem uma presença muito forte na história e no cotidiano do povo brasileiro.² Com isso se tornou o esporte mais popular e uma efetiva experiência de lazer para muitos torcedores. Já o torcedor é parte fundamental do espetáculo esportivo, principalmente no futebol.³

Dentro do universo futebolístico, o torcer vem constantemente sendo discutido sob a ótica das torcidas organizadas (TOs). Isso ocorre em veículos midiáticos, seja através da valorização de atributos dessas agremiações no que tange ao embelezamento do espetáculo, ou através da sua demonização em decorrência de envolvimento em atos de violência, de vandalismos e infrações. Paralelamente, o meio acadêmico tem cada vez mais contribuído para o aumento no conhecimento desses grupamentos com novos estudos e propondo maior embasamento na geração de políticas públicas que incidam diretamente sobre esses torcedores.

As primeiras formas coletivizadas de torcer surgiram durante as décadas de 1940 e 1950 e eram denominadas torcidas uniformizadas.⁴

Com grande vinculação com o clube e identificadas através dos uniformes dentro dos estádios, nasceram tendo como um dos objetivos a ideia dos clubes de uniformizar o torcer dentro da arquibancada.

A partir da década de 1970, começaram a surgir novas agremiações, contrárias à lógica de veiculação ao clube adotada pelas torcidas uniformizadas. Esses novos grupamentos eram identificados, além de pelos uniformes, pela autonomia perante o clube, pelos modelos organizacionais mais elaborados e pela presença em outros espaços cada vez mais constante, como sedes, eventos musicais, festas e nas ruas nos dias de jogos: são as TOs.

Desde o surgimento desse modo de torcer até os dias atuais, muitas coisas se alteraram na dinâmica desses grupamentos. Difundiu-se por todo o país o fenômeno, sendo que grande parte das equipes possui suas tradicionais TOs. Passaram a agregar milhares de associados, representando importantes atores no espetáculo esportivo.

Buscando aprofundar os estudos sobre o torcer, assinalamos alguns estudos que trataram do tema das TOs. Em um estudo realizado no Estado de São Paulo,⁵ que identificou e analisou alguns dos principais aspectos que constituem o modo de vida dos torcedores organizados, foram relatadas determinadas práticas que, organizadas a partir da paixão por times de futebol, responderam a determinado padrão de sociabilidade, constituindo uma entre as tantas formas de interação social características em uma metrópole. A condição de torcedor de futebol é apenas mais um entre tantos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade. E, a partir dessa condição, existe a possibilidade de se pensar, através da maneira como a sociedade é classificada pela preferência por times e torcidas de futebol, sobre o modo de vida nela contido.

Ainda no Estado de São Paulo, evidencia-se outro trabalho que buscou analisar as manifestações dos espectadores e torcedores de futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras.⁶ A autora concluiu que o tipo de violência manifestada pelos torcedores do Palmeiras, durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1996, foi a violência simbólica. Além disso, foram feitas considerações no sentido de que se implementassem medidas

de segurança que impedissem a transformação da violência simbólica em violência real.

Já no Estado do Rio Grande do Sul mencionamos uma pesquisa que, apesar de não se ater especificamente aos torcedores organizados, investigou o fenômeno do torcer e serve de referência para muitos trabalhos atualmente.⁷ No estudo em questão, o autor investigou a torcida do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. Percebeu que é por oposição ao Sport Club Internacional, o “outro” porto-alegrense, que os gremistas se pensam primeiramente. Também se pensam entre si, enquanto totalidade, uma comunidade de sentimento que simboliza uma nação, permitindo-se expressar os antigos e, ao mesmo tempo, atuais sentimentos regionalistas, principalmente quando vencem times de outros Estados e principalmente do centro do país.

Já em outro Estado, no Rio de Janeiro, encontramos outra investigação que apresenta-se também como importante no âmbito dos estudos do futebol e do torcer. Mesmo não tendo a investigação no universo das TOs como objetivo principal do seu estudo, o autor buscou a compreensão da relação do torcedor vascaíno com o Club de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro.⁸ Essa pesquisa apontou que o interesse por um clube de futebol (no caso específico do Vasco da Gama) passa por interesses familiares, vínculos de amizade, por residir próximo ao clube, por se identificar com a origem e/ou história do clube ou por vivenciar, nessa fase de escolha, momentos de sucesso ou insucesso da equipe.

Destacamos também um trabalho que investigou o tema das TOs relacionado à questão da violência nos estádios.⁹ Nele, objetivou-se investigar a manifestação da violência nas TOs de futebol e a relação que estabelecem entre o discurso vigente e a lei. A autora concluiu que a violência, embora negada como objetivo dentro das torcidas, aparece camuflada, diluída em movimentos internos.

Apesar do aumento de incursões acadêmicas a essa temática, observa-se que ainda existem lacunas importantes a serem preenchidas para um entendimento mais aprofundado do tema. Essas lacunas tornam-se mais latentes quando extrapolamos o eixo Rio-São Paulo, foco da maioria dos estudos encontrados.

Além da crescente importância acadêmica atribuída a esse tema, nota-se um aumento na preocupação do poder público em controlar as ações das TOs, de maneira cada vez mais incisiva, à medida que nos aproximamos da Copa do Mundo de Futebol de 2014, a realizar-se no Brasil. A aprovação da Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003, que dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) e dá outras providências, e a complementação desta, realizada pela Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010, que dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas, são exemplos da preocupação do poder público em regulamentar o comportamento desses indivíduos na prática do torcer.

Sobre o EDT, é indicado que, apesar do torcedor acreditar que a promulgação dessa lei trouxe benefícios para aqueles que têm como opção de lazer a assistência a espetáculos esportivos, especificamente o futebol, os torcedores possuem um nível de conhecimento limitado em relação ao conteúdo.¹⁰

Apesar de evidenciada uma crescente preocupação pública em normatizar a prática do torcer, nota-se que, em poucas ocasiões, conhecimentos científicos sobre o público para o qual se destinam essas medidas – os torcedores – são utilizados, revelando, em alguns momentos, impossibilidades de cumprimento e insatisfação pública com alguns artigos. Esses problemas tornam-se ainda mais evidentes quando se trata das TOs, as quais têm sido obrigadas, recentemente, a cumprir uma série de determinações, como elaboração de cadastros dos associados e confecção de carteirinhas, além de cumprir suspensão por possíveis atos delituosos dos seus membros. Dessa forma, acreditamos ser necessário que pesquisas que auxiliem no maior conhecimento público desses grupos sejam realizadas, contribuindo para a elaboração de políticas públicas mais eficientes. É nesse ponto que o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) vem se pautando desde 2008, quando foram iniciados estudos que se detiveram mais especificamente nas TOs de Minas Gerais. Até este momento foram realizadas duas pesquisas: “Levantamento e análise das torcidas organizadas de Minas Gerais” e “Perfil de torcedores organizados em Belo Horizonte”.

Levantamento e análise das torcidas organizadas de Minas Gerais

Esse estudo teve a duração de um ano, sendo iniciado em agosto de 2008 e encerrado em agosto de 2009. Teve como objetivo conhecer como se davam a manifestação, a organização e as relações estabelecidas intra e intertorcidas, com o clube e a sociedade de TOs, dos três times mineiros participantes da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2008: Clube Atlético Mineiro, Cruzeiro Esporte Clube e Ipatinga Futebol Clube.

Metodologicamente, optamos pela elaboração de uma entrevista semiestruturada, que seria aplicada a diretores das 12 TOs selecionadas para a participação no estudo (cinco do Atlético, cinco do Cruzeiro e duas do Ipatinga). Além disso, foram realizadas visitas aos estádios Governador Magalhães Pinto – Mineirão, em Belo Horizonte – e Epaminondas Mendes Brito – Ipatingão, em Ipatinga.

Como resultados, em relação inicialmente às manifestações, elencamos alguns itens que poderiam nos auxiliar no entendimento sobre a atuação das TOs nos jogos. São eles: os símbolos, as camisetas, as bandeiras e faixas, as manifestações musicais e os trajetos para o estádio.

Em relação aos símbolos, constatou-se que a escolha destes não se dava de forma aleatória. Tal escolha respeita simbolismos presentes na história da torcida e ideologias compactuadas pelos membros. Os símbolos são compostos por elementos alusivos ao clube, como suas cores, sua mascote, seu escudo, e por elementos representativos para a torcida, podendo ser ideologias defendidas ou expressão de vínculos alheios ao futebol.

As camisetas possuem, dentro das agremiações investigadas, uma multiplicidade de usos. Servem como suporte para os símbolos e elementos representativos para a TO; são utilizadas como forma de manutenção financeira quando comercializadas e para a identificação dos torcedores pertencentes a um mesmo grupo, seja dentro do estádio ou nos trajetos.

As bandeiras utilizadas pelas TOs durante a realização da pesquisa foram duas: as colocadas em frente à arquibancada, dependuradas durante todo o jogo (faixas), e as erguidas sob a cabeça dos torcedores e utilizadas apenas em momentos importantes da partida (bandeirões). Apesar de apresentarem, na maioria dos casos, apenas o nome da agremiação, as faixas, em alguns detalhes e simbologias, apresentam traços de manifestações culturais identitárias dos membros da torcida que podem representar outros elos de união e afinidade entre eles, que extrapolam o próprio clube. Já os bandeirões representam força da TO tanto para os rivais quanto entre as torcidas do próprio clube, sendo compostos pelos símbolos da equipe, da torcida e por frases comuns nos gritos de guerra de cada agremiação.

As manifestações musicais são formas tradicionais utilizadas pelas TOs para evidenciarem-se tanto dentro do estádio quanto nos trajetos. São comumente associadas a gestos e performances coreográficas e à utilização de bandeiras. Além disso, ressalta-se que estas são observadas de forma mais latente em momentos-chave do jogo.

Uma particularidade percebida na cidade de Belo Horizonte no que se refere às TOs é a existência de trajetos específicos para dirigir-se para o estádio nos dias de jogos. Foi constatado que, em jogos do Atlético, os torcedores dirigem-se ao estádio preferencialmente pela avenida Presidente Antônio Carlos, ao passo que, nos jogos do Cruzeiro, os torcedores dirigem-se preferencialmente pela avenida Presidente Carlos Luz. Vale ressaltar ainda que tais trajetos são parcialmente respeitados, mesmo em dias de jogos que envolvam apenas uma das equipes, sendo notado no trajeto tradicional da torcida da equipe mandante um movimento maior do que no trajeto tradicional da torcida rival.

Dentro da organização das TOs, um item que tende a ser fundamental no estabelecimento das dinâmicas da agremiação é a existência de sedes. Nesse aspecto, percebemos que, das 12 TOs investigadas, nenhuma possui imóvel próprio que fosse utilizado como sede. Contudo, seis delas possuem locais de referência estabelecidos, sendo casas de presidentes ou diretores, salas nas quais se guarda o material da TO nos estádios, imóveis alugados, ou até mesmo a internet.

Crítérios para filiação diversos foram adotados entre as agremiações. Enquanto algumas exigem apenas o preenchimento de ficha de cadastro para a confecção de uma carteirinha, outras exigem atestados de bons antecedentes, realizam análise de comportamento dos interessados durante um período, no qual é observado o comportamento durante o jogo, interesse pela torcida e participação assídua e efusiva. Há ainda TOs que se identificam como grupos de amigos, nos quais a entrada está condicionada à indicação de um dos membros. Além disso, constatou-se que a participação em uma TO implica a aceitação de normas e ideologias as quais podem até extrapolar o futebol, que, mesmo não explicitadas oficialmente, induzem a seleção de membros em adequação com preceitos da agremiação. Exemplificando, existe uma TO que se identifica como um motoclube; assim um indivíduo tem que estar habituado a esse universo para pertencer à TO. Outra TO apresenta íntima relação com movimentos do *rock and roll*; dessa forma tal gosto musical acaba sendo implicitamente colocado como um critério de filiação.

A manutenção financeira das agremiações também foi investigada durante o estudo. Constatou-se que a venda de materiais e suvenires foi a forma mais comum de arrecadação de fundos pelas TOs investigadas. Outras estratégias citadas foram a contribuição voluntária dos associados, a organização de festas e eventos e a cobrança de mensalidades e atividades prestadas nas sedes, como musculação e escolas de música e lutas.

Outro dado importante desse estudo diz respeito aos estatutos das TOs. Observou-se que poucas torcidas afirmaram possuir tal documento, e nenhuma aceitou mostrá-lo. Entendendo esses como possíveis norteadores das ações das TOs, sua ausência ou ocultação pode levar a processos pouco transparentes conduzidos pela diretoria.

As relações intra e intertorcidas foram estudadas a partir das divergências, conflitos e parcerias notados durante o estudo. Observou-se que a existência de conflitos entre torcidas de um mesmo clube tende a engendrar-se principalmente por questões políticas, ideológicas e pela disputa do capital simbólico de TO mais importante do clube.

As rivalidades entre torcidas de clubes diferentes, além de questões ideológicas e do capital simbólico cobiçado por parte delas de “torcida mais temida do país”, são engendradas principalmente pela ocorrência de rivalidades históricas entre os clubes. Dessa forma, rivais tradicionais como Atlético e Cruzeiro ou Atlético e Flamengo tendem a ter as TOs também como rivais.

As parcerias entre algumas TOs de clubes diferentes são motivadas pela lógica de receber as “torcidas-irmãs” em jogos na cidade de Belo Horizonte e de ser recebido por elas em jogos fora de casa. Algumas dessas parcerias acontecem normalmente entre torcidas nas quais os clubes tradicionalmente não são rivais, ou com os rivais dos rivais. Como exemplo, algumas torcidas organizadas do Cruzeiro, tradicional rival do Atlético, mantém parceria com as TOs do Flamengo, outro rival do Atlético.

As relações entre as agremiações e os respectivos clubes revelaram-se distintas para os três exemplos do nosso estudo. Entre as torcidas do Atlético e o clube, revelou-se um contato incipiente com a diretoria dos clubes, não sendo prestado por parte do clube nenhum auxílio para a manutenção das torcidas. Nas agremiações do Cruzeiro, apesar de novamente não ser evidenciado nenhum auxílio financeiro, o clube realizava reuniões periódicas com representantes das TOs, nas quais eram definidas posições de faixas, possíveis campanhas de marketing e sanadas possíveis divergências. Dessa forma, o clube exercia um papel de mediador no contato entre suas TOs. Em Ipatinga encontramos o maior nível de envolvimento entre as torcidas e os clubes; foi notado um apoio, inclusive financeiro, para a manutenção dos grupamentos. Além disso, a torcida recebe subsídios para viagens, aluguel da sede, ingressos para jogos e brindes para rifas. Há ainda reuniões anuais, nas quais são definidos planos para o ano seguinte e como se dará o auxílio naquele ano.

Finalizado esse estudo, pudemos ter mais detalhes sobre essas agremiações no Estado de Minas Gerais. Os resultados revelaram que o universo das TOs está permeado de tensões que refletem as relações de poder e as rivalizações construídos em torno dessa forma de sociabilidade

que é engendrada a partir do futebol. O universo das TOs revelou-se heterogêneo, ressaltando a necessidade de maiores investigações que auxiliem na sua compreensão e na promoção de políticas públicas mais adequadas à realidade desses grupamentos.

“A condição de torcedor abre a possibilidade de determinadas vivências, sociabilidades e imagens que transcendem aquelas impostas pela ordem social cotidiana.”¹¹ Dessa forma, conhecer quem são esses torcedores organizados passa a ser fundamental para entender todo o universo composto por essas agremiações. Assim, apesar de conhecermos mais profundamente as TOs em Minas Gerais, resultado do estudo anterior, notamos a necessidade de compreender os indivíduos que compõem esses grupos, iniciando com isso a pesquisa “Perfil de torcedores organizados em Belo Horizonte”, que será apresentada a seguir.

Perfil de torcedores organizados em Belo Horizonte

As TOs possuem força devido ao grande número de pessoas que consegue agregar. Contudo, sua identidade enquanto grupo, não seria a mesma sem a contribuição da subjetividade das pessoas envolvidas, que, movidas pelos seus sentimentos e obrigações dentro dessa estrutura, tornam esse espaço plural.

Entender os sujeitos que compõem as TOs foi o principal desafio proposto para esta nova investigação. Nesse sentido, propor estudos que nos aproximem dos próprios torcedores, responsáveis por todas as ações que movem essa instituição, se constituiu uma tarefa que abriu diferentes possibilidades de análise.

Neste estudo objetivamos conhecer quem são os torcedores organizados participantes das TOs da cidade de Belo Horizonte. Dentro da cidade e região dois clubes vêm se destacando ao longo das últimas décadas e conquistado muitos torcedores: Clube Atlético Mineiro (Atlético) e Cruzeiro Esporte Clube (Cruzeiro). Devido à importância que eles possuem para o Estado, selecionamos para este estudo as TOs

desses dois clubes que participaram da pesquisa anteriormente citada. Com a escolha das mesmas agremiações do estudo anterior, esperávamos, assim, que o contato prévio e o conhecimento do grupo que as TOs tinham poderiam abrir caminhos para o novo trabalho. Além disso, a escolha por essa cidade justifica-se pela importância que ela possui para o Estado, tanto em termos populacionais quanto econômicos, além de ser uma cidade-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014, e que, por isso, tende a ser alvo de inúmeras medidas públicas que incidam diretamente sobre os torcedores, incluindo os organizados.

Percurso metodológico e trajetória do estudo

Inicialmente foram realizadas reuniões para a elaboração da metodologia a ser utilizada. Buscamos também um entendimento mais aprofundado do que seria o perfil a ser tratado. Propomos, nesse sentido, conhecer “quem são esses sujeitos torcedores”. Para se estabelecer essa aproximação, propusemos a construção de um perfil dos torcedores organizados em Belo Horizonte. As definições de perfil são diversas e podem ser abarcadas por uma infinidade de campos. Buscamos compreender como deveríamos adequar essa proposta aos nossos principais objetivos, principalmente no campo das ciências humanas e sociais. Isso nos ajudou a entender que as pesquisas de análise e definição do perfil de uma determinada amostra ultrapassam as definições formais dessa palavra, restando aos interessados sobre o tema um estudo aprofundado sobre seu objeto de estudo para identificação de qual o perfil ideal se enquadra naquele contexto.

Conhecer e pesquisar sobre *perfil* surgiu da necessidade de se obterem dados que vão servir de base tanto para possíveis considerações estatísticas, quanto para utilização no aprofundamento dessas informações, que se, em um primeiro momento, podem se mostrar como apenas números, todavia podem gerar investigações mais minuciosas, a fim de obter desdobramentos e análises mais amplas quanto ao trato com o público em questão.

Quando se está interagindo, em qualquer circunstância, é valioso ter conhecimento do *perfil* de nosso objeto, porque é essa leitura que nos permite realizar com clareza nossas intenções. As pessoas podem ser mais ou menos rígidas, ter as suas opiniões, seus valores e a sua forma característica de ser e interagir, porém estão vinculadas a uma determinada estratégia que direciona seus movimentos e revela especificidades. O processo de composição de *perfil* de um grupo específico se mostra como um percurso analítico aberto, pois as vivências pessoais, profissionais e acadêmicas se tornam uma bagagem de aprendizado que se acumula e faz com que valorizemos o que realmente pode ser indispensável para nos sentirmos próximos da apropriação do conhecimento daquele grupo.

No convívio social, é comum verificarmos a tendência de indivíduos realizarem generalizações e criarem estereótipos para grupos que não fazem parte e/ou não conhecem com profundidade. Tais generalizações potencializam a realização de interpretações equivocadas. Esse fato é comumente registrado em relação aos torcedores organizados, os quais possuem, no senso comum, um “perfil” muitas vezes atrelado à violência, marginalidade e problemas sociais, reiterado em veículos midiáticos, sem ter, no entanto, estudos que se proponham a conhecer a temática das Torcidas Organizadas, o que nos motivou ainda mais a conhecer o perfil de torcedores organizados na cidade de Belo Horizonte.

Isso quer dizer que, muitas vezes, a forma de abordagem é o fator crítico de sucesso quando nos propomos entender o contexto do momento em que a amostra está e os critérios definidos anteriormente. Na elaboração de um *perfil* nos propomos interagir e nos alinhar com o outro sem julgar, ocupando-nos em entender o que significa para o outro estar onde está.

As metodologias que podem ser utilizadas em pesquisas de *perfil* não são extremamente variadas. Os questionários e as entrevistas são os instrumentos mais utilizados. Isso se deve à imparcialidade da análise dos dados e, principalmente, à capacidade de reprodução. Contudo, eles podem não se aproximar dos sujeitos de forma completa e não abranger o perfil em sua totalidade; além disso, existem controvérsias sobre quais são os aspectos que serão realmente importantes a serem tratados.

Após o entendimento mais aprofundado do que se trata o estudo, optamos pela elaboração de um questionário que deveria ser respondido pelos torcedores das TOs participantes da pesquisa. Esse questionário foi composto por dois momentos distintos: o primeiro, de dados pessoais, e o segundo, da relação do torcedor com sua torcida.

A primeira parte foi constituída com base em um levantamento de pesquisas que buscaram conhecer perfis de diferentes grupos. A partir desse levantamento, elencamos itens comuns que julgamos válidos com base em nossa experiência na temática para o nosso estudo e elaboramos as questões. A segunda parte trouxe à tona itens da pesquisa anterior, sobre as TOs, buscando perceber na visão dos integrantes como se dava efetivamente a participação no cotidiano das agremiações. Foram realizados questionários-piloto, visando verificar o tempo para o preenchimento, a melhor estratégia e a clareza e funcionalidade das questões.

A primeira opção era coletar os questionários no estádio, local no qual encontraríamos maior número de torcedores reunidos, facilitando a ampliação da nossa amostra. Contudo, ocorreu a interdição simultânea dos dois estádios de maior capacidade da cidade de Belo Horizonte, o Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) e o Estádio Raimundo Sampaio Independência (Independência). Essa interdição obrigou as equipes da capital mineira a exercerem seus mandos de campo em estádios fora da cidade de Belo Horizonte, comumente nas cidades de Sete Lagoas, Uberlândia e Ipatinga. O aumento da distância para os jogos associado ao aumento no custo para acompanhar o time levou à redução na presença dos torcedores nos jogos, incluindo os organizados. Dessa forma, não seria metodologicamente eficaz realizar o estudo nos estádios devido à impossibilidade de conseguirmos amostras estatisticamente suficientes.

O impacto para as equipes de Belo Horizonte do erro de cálculo que levou à interdição simultânea dos dois principais estádios da cidade tem sido evidente. Redução nas receitas oriundas da venda de ingressos, redução no número de torcedores apoiando a equipe e aumento das despesas com viagens para disputar as partidas são alguns exemplos. Contudo, esse efeito deletério tem se revelado ainda mais substancial

para as TOs. Para esses grupamentos o jogo é a essência do que os motiva a torcer, e a impossibilidade da formação de caravanas para acompanhar as partidas pelos motivos anteriormente citados tem induzido à redução na participação efetiva de muitos membros no cotidiano da TO. Com menor participação, diminui o interesse por *souvenirs*, menos mensalidades e contribuições são coletadas, o que pode resultar em perda irreparável para a TO a médio prazo.

Apesar de objetivarmos a participação das 10 TOs que foram avaliadas em estudo anterior, apenas seis se dispuseram a participar desta pesquisa. Dentre as que não participaram do estudo, percebemos que a recusa se deu por um possível enfraquecimento da TO, justificado pela supracitada reforma dos estádios em Belo Horizonte, acarretando assim a perda do número de associados e conseqüente redução nas ações coletivas (caravanas, festas, encontros, reuniões) que permitissem a coleta.

A estratégia encontrada pelo grupo foi realizar os questionários em locais de concentração dos torcedores organizados informados pelos diretores. Para conhecer esses pontos de encontro e apresentarmos o estudo atual, entramos em contato com diretores das seis TOs da capital mineira que participaram do estudo “Levantamento e análise das torcidas organizadas de Belo Horizonte”.

A partir da autorização dos diretores, iniciamos a coleta de dados. Foram realizadas coletas em festas, concentrações para caravanas, reuniões administrativas, sedes e proximidades do estádio em Sete Lagoas, de acordo com a disponibilidade fornecida por cada diretor. Além dos dados dos questionários, foram produzidas anotações de campo, nas quais foram registradas informações importantes observadas pelos pesquisadores. Assim, após o preenchimento de 308 questionários, apresentamos a seguir alguns dos principais pontos expressos pelos questionários e nossas anotações de campo.

Resultados

Para a apresentação dos resultados, optamos pela elaboração de gráficos em algumas questões, acreditando facilitar assim a visualização dos dados coletados e permitindo maior fluidez na explicação. A primeira parte do questionário é composta por questões sobre as características pessoais dos torcedores, e a segunda parte objetiva conhecer relações entre os membros e as TOs.

Inicialmente buscamos conhecer a idade dos torcedores. Para esse quesito, encontramos como valor mínimo 13 anos e máximo 77 anos; a média foi de 25,14 anos. O maior volume de torcedores foi registrado até 24 anos, com 172 sujeitos dentre os 308 totais (55,8%); 35,3% estão entre 25 e 35 anos; 7% entre 35 e 50 anos; e apenas 1,9% acima de 50 anos.

O gênero mais comum encontrado entre os torcedores organizados participantes do estudo foi o masculino. É interessante ressaltar que tanto entre os mais jovens quanto entre os mais velhos os valores se mantêm na mesma média. O resultado é apresentado no gráfico a seguir.

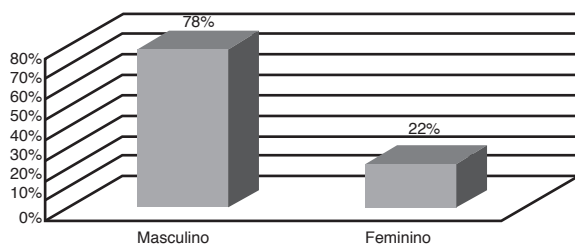


Gráfico 1 - Sexo

O estado civil dos torcedores também foi investigado no nosso estudo. Encontramos para esse item uma maioria de respostas na alternativa solteiro, sendo essa resposta muito superior estatisticamente à soma de todas as outras. A segunda mais citada, casado, apresenta um valor percentual muito inferior em relação aos solteiros. Os resultados completos encontram-se no gráfico seguinte.

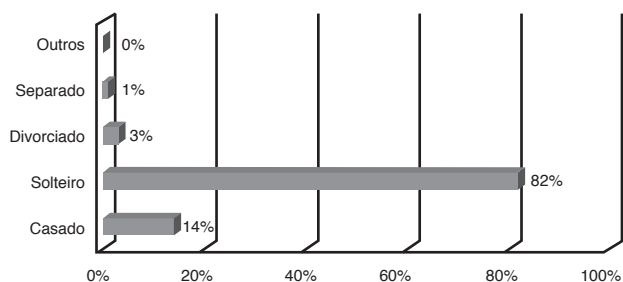


Gráfico 2 - Estado civil

Investigamos também a cor da pele dos torcedores. Salientamos que, para esse item, a autodeclaração foi valorizada, privilegiando sempre a opção dos entrevistados. Os resultados podem ser visualizados a seguir.

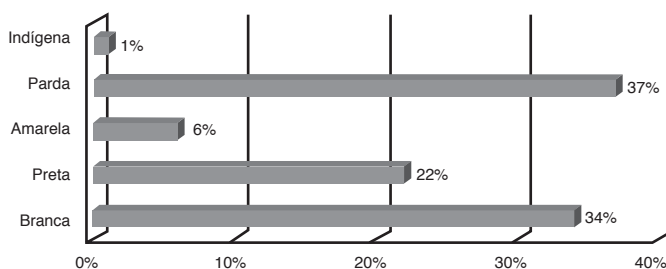


Gráfico 3 - Cor da pele

Encontramos uma variedade muito grande de respostas na questão “quantas pessoas moram com você e quem são”. Observou-se que a resposta mais comum foi três pessoas, sendo elas mãe, pai e irmão ou irmã. Apesar de ser essa a alternativa mais mencionada, ela representa apenas 30% do total dos questionários, revelando assim uma heterogeneidade nesse aspecto. Importante ressaltar que a maioria dos torcedores mora com mais de duas pessoas.

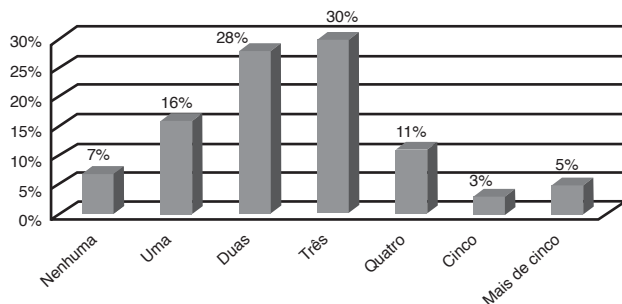


Gráfico 4 - Número de pessoas que residem na mesma casa

A questão sobre o número de filhos apresentou uma homogeneidade grande na resposta. A ausência de filhos foi selecionada por 75% dos torcedores organizados. O gráfico a seguir demonstra os demais resultados.

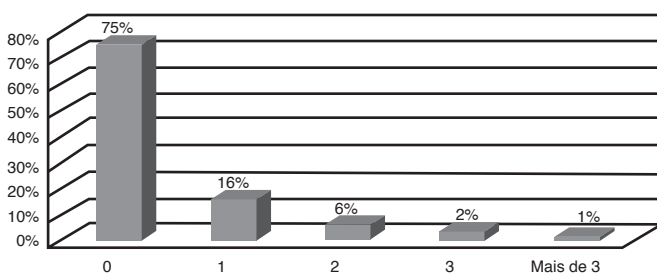


Gráfico 5 - Filhos

A renda dos entrevistados foi investigada por nós, sendo uma opção do grupo a elaboração de faixas de renda dentre as quais os torcedores organizados deveriam selecionar a que sua renda pessoal estivesse enquadrada. A resposta entre um e dois salários mínimos foi a mais citada, contudo apresentando apenas 39% do total de respostas. Nesse item observa-se novamente uma heterogeneidade entre os participantes dos torcedores organizados investigados, sendo notada a presença concomitante de indivíduos com renda mensal acima de 10 salários mínimos e indivíduos

com renda mensal abaixo de dois salários. Os resultados completos encontram-se a seguir.

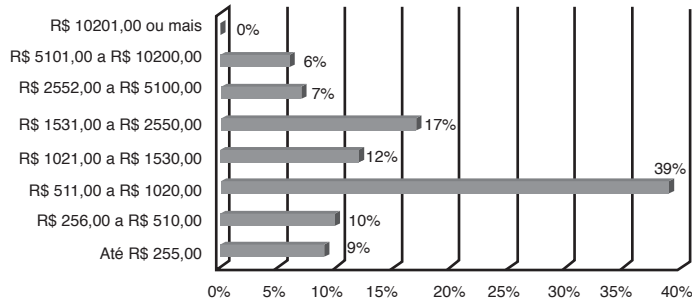


Gráfico 6 - Renda

Incluimos no questionário uma questão sobre a opção religiosa dos torcedores. Encontramos uma multiplicidade de respostas grande, contudo notou-se uma escolha majoritária pela opção cristão/católico. A seguir têm-se as demais respostas.

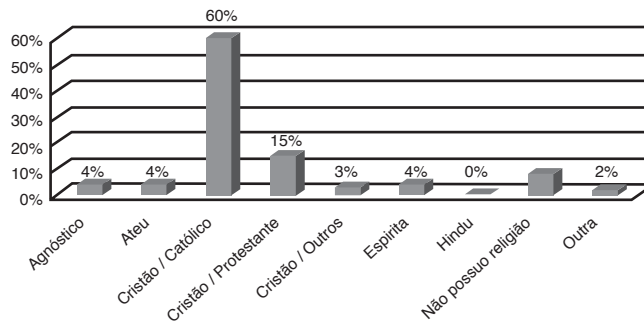


Gráfico 7 - Religião

A ocupação profissional dos torcedores organizados foi outra questão na qual observa-se uma heterogeneidade grande de respostas. 23% apresentaram-se como estudantes, sendo a resposta mais comum. Outros itens muito selecionados estão relacionados com o setor de serviços (18%) e o setor comercial (14%).

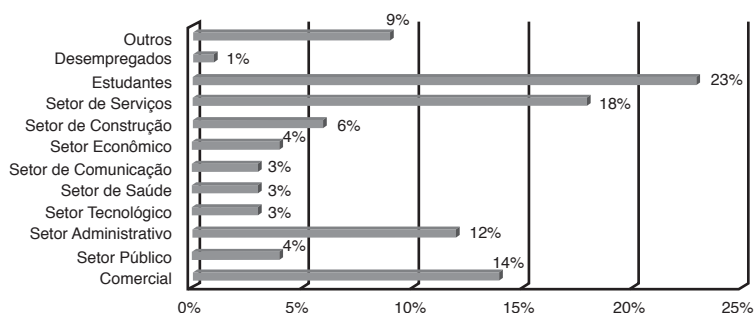


Gráfico 8 - Ocupações

Conforme explicitado, a segunda parte do questionário trazia perguntas sobre a relação do torcedor organizado com sua respectiva torcida. Com os dados obtidos, acreditamos possuir maiores detalhes sobre a efetiva vivência e participação do torcedor no cotidiano das agremiações. A primeira questão buscava conhecer as motivações para a entrada na torcida. Nesse item, observamos que a influência de amigos foi preponderante, como indicam os dados.

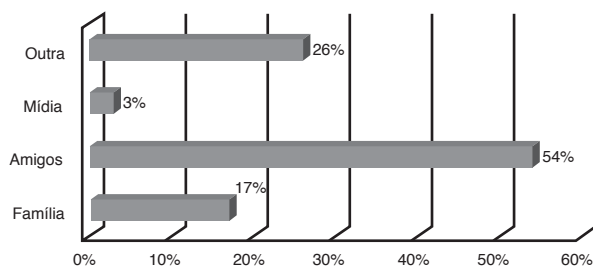


Gráfico 9 - Influência para entrada na torcida

A seguir buscamos conhecer qual era a situação dos integrantes na torcida. A resposta mais citada foi “torcedor não cadastrado”, denotando uma informalidade na participação de muitos integrantes nas TOs. O pequeno volume de torcedores com cargo administrativo pôde revelar também um pequeno interesse pelo envolvimento efetivo no cotidiano da TO, sobrecarregando de tarefas, em muitos casos, os poucos que se

dispõe a participar frequentemente. O gráfico a seguir apresenta os demais resultados.

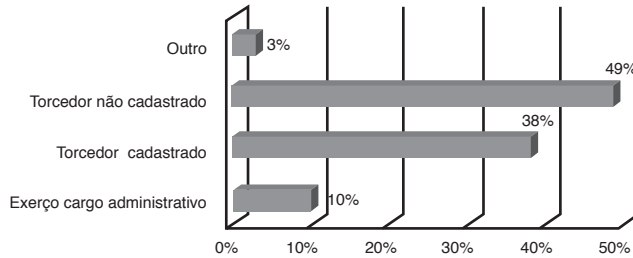


Gráfico 10 - Situação na torcida

A forma de participação na TO mais citada foi a ida ao estádio. Esse tem se configurado como o principal momento da vivência da condição de torcedor organizado, potencializado em Belo Horizonte pelo pequeno número de TOs que possuem sedes estabelecidas, as quais poderiam representar outros importantes espaços para as vivências de torcedor. As respostas são demonstradas no gráfico a seguir.

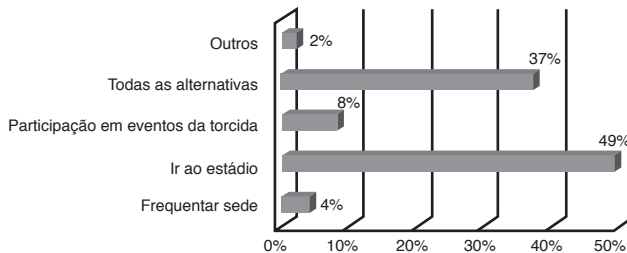


Gráfico 11 - Formas de participação

Para acompanhar os jogos da sua equipe, a ida ao estádio também se revelou como a principal forma adotada pelos torcedores organizados. Entendendo a importância do estádio para a afirmação da TO e a possibilidade de vivência de diversos aspectos possibilitados apenas nesse espaço, era esperado que esta fosse a resposta mais citada. Os demais resultados são apresentados a seguir.

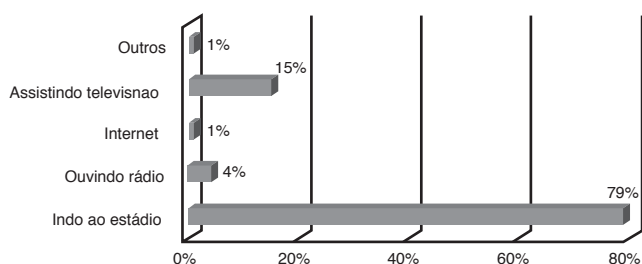


Gráfico 12 - Formas de acompanhar os jogos

O acompanhamento da equipe em partidas fora do estádio representa um diferencial para as torcidas organizadas. A motivação de levar o nome da TO aos diferentes locais não só do Brasil, mas também na América Latina representa o principal fator para a constituição das caravanas para os jogos fora de casa. Observamos que, para essas viagens, o ônibus da torcida é o meio de transporte mais utilizado, justificado pelo preço em comparação com transporte aéreo e a representatividade que este possui para os torcedores organizados. Apenas 19% afirmaram não viajar com sua torcida, outro dado que merece destaque. Observe a seguir os demais dados.

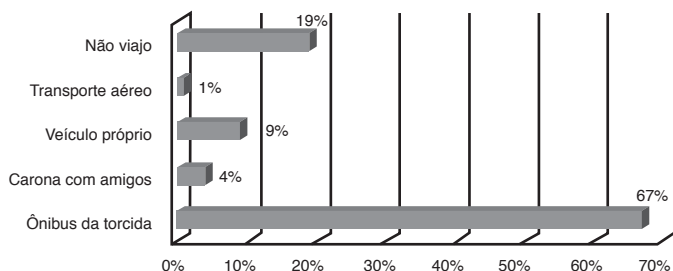


Gráfico 13 - Transporte para jogos fora de casa

Para a confecção de faixas, bandeiras, manutenção das sedes, pagamento de funcionários e outras despesas, as TOs veem-se obrigadas a encontrar estratégias para a manutenção financeira. Essa manutenção

torna-se ainda mais dificultada quando se observa que 39% dos torcedores afirmam não colaborar financeiramente de maneira nenhuma com a agremiação. Dentre os que colaboram, a compra dos *souvenirs* é a forma mais citada. As demais respostas podem ser visualizadas no próximo gráfico.

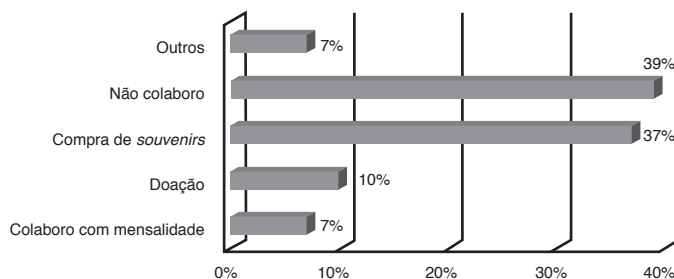


Gráfico 14 - Colaboração financeira

Embora seja frequente a associação entre TOs e conflitos nos eventos futebolísticos, notamos nas respostas dos torcedores uma presença majoritária de indivíduos que afirmam não terem participado de nenhuma briga tanto no estádio quanto nos trajetos para os jogos. Dentre os que já se envolveram em conflitos, as TOs de outros times são mais frequentemente os alvos.

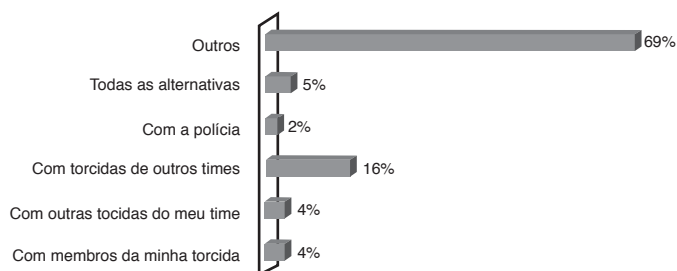


Gráfico 15 - Envolvimento em conflitos

Conforme explicitado anteriormente, a ida ao estádio representa para os torcedores organizados um momento privilegiado para a vivência da

condição de torcedor. Neste estudo observamos também que esta se apresenta como a principal opção de lazer para os indivíduos participantes. Contudo, em relação às opções de lazer dos torcedores, observa-se uma heterogeneidade muito grande nas respostas, como pode ser observado a seguir.

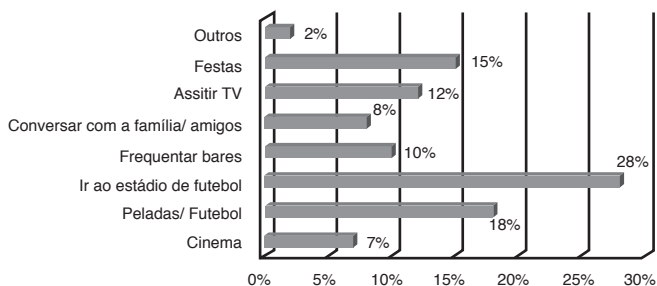


Gráfico 16 - Opções de lazer

Finalizando o questionário, buscamos conhecer possíveis pontos positivos e negativos apontados pelos torcedores dentro das suas agremiações. Como itens valorizados, observa-se que a amizade dos membros, a característica de ser uma torcida que apoia o time e as idas ao estádio foram as respostas mais citadas. Já entre os itens desvalorizados a desorganização e as brigas foram as respostas mais frequentes, como indicam os gráficos a seguir.

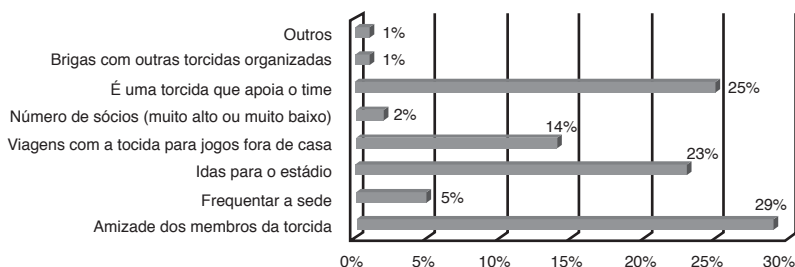


Gráfico 17 - Itens valorizados na torcida

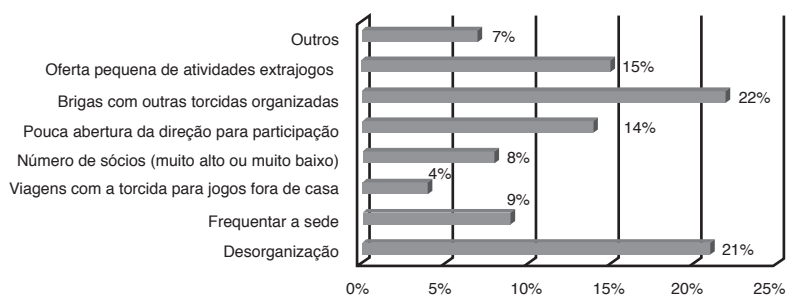


Gráfico 18 - Itens desvalorizados na torcida

Considerações finais

Percebemos que visões mais genéricas e imprecisas do torcedor não nos remetem a um entendimento mais aprofundado do que realmente consolida o torcer e também acerca do perfil desses torcedores organizados. As pessoas e, neste caso, as torcidas e, olhando mais detalhadamente, as TOs têm características que as distinguem. Os fatores externos a que estão sujeitas podem intensificar ou amenizar, essas diferenças dependendo do conceito. Por esse motivo, as torcidas são um objeto em constante transformação, que não se consolidam de maneira aleatória, mas sim possuem “porquês” e “comos” que se relacionam diretamente ao perfil que possuem.

A partir do estudo em questão chegamos ao fim de uma primeira etapa. Dentro das análises empreendidas, o objetivo foi apresentar o perfil do torcedor organizado em Belo Horizonte. A intenção não é afirmar que existe um único perfil do torcedor organizado e nem que chegamos a uma resposta absoluta, pelo contrário. O perfil do torcedor organizado se dá em um espaço de complexas negociações simbólicas que se projetam para além da organização de dados e números. Diante de descobertas, desconstruções e alguns desencontros, foi possível perceber que, em meio à complexidade de elementos, podemos falar em

“perfis” de torcedores organizados e que os resultados apresentam uma diversidade quando indicamos as análises desse perfil.

A multiplicidade de elementos nos leva a perceber que esse é um primeiro passo para o conhecimento dos integrantes que fazem parte dessas agremiações. Um investimento que doou um franco empenho em busca da construção de um novo conhecimento, que possa servir para outros estudos e investigações que se lançarem aos desdobramentos e à riqueza de elementos que o objeto permite, visto a necessidade de ampliações a partir dos indícios propostos. Além disso, uma caminhada buscando aproximações ao universo dos torcedores organizados, universo esse ainda marcado por generalizações e pouco conhecimento das demandas, práticas, ações e organizações dos torcedores.

Chegar ao fim de um trabalho é como pensar em um novo recomeço. Novas questões são suscitadas gerando mais perguntas e possibilidades de desdobramentos. Novos estudos poderão ser desenvolvidos a partir da temática que se elegeu nessa pesquisa.

Notas

- ¹ Arlei Sander Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores”, *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.
- ² Glauco Lopes *et al.*, “Futebol, do lazer à violência”, em *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Prêmio Expocom 2009 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação*, São Paulo, Faculdades Integradas Rio Branco, 2009.
- ³ Roberto Romeiro Hryniewicz, *Torcida de futebol: adesão, alienação e violência*, dissertação (mestrado em Psicologia Escolar), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ⁴ Luiz Henrique de Toledo, *Lógicas no futebol*, São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2002 (coleção Paideia).
- ⁵ *Idem*, *Torcidas organizadas de futebol*, Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996.
- ⁶ Heloísa Baldy Reis, *Futebol e violência: as manifestações da torcida*, tese (doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- ⁷ Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar”.
- ⁸ Silvio Ricardo da Silva, *Tua imensa torcida é bem feliz... da relação torcedor com o clube*, tese (doutorado em Estudos do Lazer), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

- ⁹ Márcia Batista dos Santos, *Torcidas organizadas de futebol: um estudo sobre os impasses da lei em tempos de violência e anomia*, dissertação (mestrado em Psicologia), Centro de Ciências Humanas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2009.
- ¹⁰ Sílvia Ricardo da Silva *et al.*, “Futebol e torcida: um estudo sobre o estatuto de defesa do torcedor no Campeonato Brasileiro de 2006 na cidade de Belo Horizonte”, *Revista Digital – Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, año 12, n. 107, p. 5, abr. 2007.
- ¹¹ Luiz Henrique de Toledo, “A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo”, em José Guilherme C. Magnani, Lillian de Lucca Torres (org.), *Na metrópole: textos de antropologia urbana*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000.

Marcos de Abreu Melo
Luiza Aguiar dos Anjos
Carlos Eduardo D. M. Lages
Luiz Gustavo G. Braga
Felipe Vinícius de P. Abrantes

A escola e o rádio
como possibilidades
de construção de
conhecimentos e de
diálogo com a sociedade
tendo o futebol como eixo
Os projetos de extensão do
GEFuT

Considerações iniciais

O futebol é, sem dúvida, um importante elemento cultural da sociedade brasileira, estando presente no dia a dia de nosso país das mais diversas maneiras e encontrando inúmeros meios de expressão. Os grandes jogos realizados em estádios, as partidas nos campos de várzea, as peladas nas ruas e nas escolas. As transmissões televisivas, a cobertura esportiva dos jornais, os *blogs* e as comunidades virtuais na internet. Aqueles que acompanham seu time nas arquibancadas, os que escutam os jogos pelo rádio, as torcidas organizadas, os torcedores que assistem às partidas em bares. As camisas de clubes nas ruas, as piadas no trabalho, as conversas em botecos. Em tudo isso se pode encontrar o futebol.

Não é a toa que Damo¹ afirma que “o futebol é um dos símbolos da identidade brasileira [e] pode ser encontrado tanto nos discursos do senso comum quanto nos trabalhos acadêmicos”. Como afirmam DaMatta *et al.*,² o futebol é uma forma de expressão da sociedade brasileira, veículo

para o homem nacional extravasar suas mais profundas emoções, constituindo-se em uma atividade social que, sem dúvida, provoca sentimentos profundos de identidade individual e coletiva entre os brasileiros. O próprio Roberto DaMatta³ vai além, ao indicar que “o futebol tem servido como um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira”. O autor encontra coro em Daolio,⁴ o qual diz que “o futebol, como um dado da cultura brasileira, espelha a própria sociedade, com todas as suas características e contradições”. De maneira ainda mais sucinta, mas não menos eficiente, Toledo⁵ afirma simplesmente que seria “difícil imaginar, hoje, o Brasil sem o futebol”.

Até mesmo as pessoas que não têm ligações muito fortes com esse esporte acabam tendo que lidar com ele no cotidiano. Nas grandes cidades, em dias de jogos dos seus times de futebol mais populares, os espaços urbanos ganham novos significados, pintam-se com as cores dos clubes futebolísticos, são invadidos por torcedores com seus gestos, gritos, cantos e bandeiras, como aponta Toledo.⁶ Essa relação do torcedor com o seu time de futebol, relação de paixão e fidelidade, é, segundo alguns estudiosos da área,⁷ a grande mola propulsora do gosto pelo futebol, sendo expressa diariamente nos mais diversos espaços. Trata-se do que Damo⁸ chama de “pertencimento clubístico” a relação de identidade, gosto e fidelidade que um torcedor desenvolve com um clube, seus valores, histórias, tradições.

É acreditando na relevância do futebol como objeto de estudos que, desde 2006, ano de sua fundação, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) tem focado suas atuações no futebol como possibilidade de vivência do lazer, seja como prática ou assistência. Para além da simples atividade física, o GEFuT vê o futebol como fenômeno socio-cultural de inegável dimensão simbólica.

Desde o início, é de interesse do grupo ter intervenções efetivas nos três pilares da universidade: pesquisa, ensino e extensão. Quanto ao primeiro pilar, foi a partir de uma pesquisa ligada à Rede CEDES e ao Ministério do Esporte que o GEFuT acabou se formando e desde então tem conduzido diversos estudos científicos, entre pesquisas coletivas, trabalhos de conclusão de curso de graduação e pesquisas de mestrado e

de doutorado. Todos eles ligados ao futebol e ao torcer e tendo as ciências humanas como principais referências. Em relação ao segundo pilar, a ação de ensino passou a ocorrer a partir de 2006, por meio da oferta periódica de uma disciplina de graduação intitulada Futebol e Cultura, na qual são abordados diversos temas em diálogo com o esporte em questão. Quanto ao terceiro pilar, a extensão, podemos dizer constituir-se o centro deste texto, que tem como objetivo apresentar os trabalhos desenvolvidos nos projetos de extensão do GEFuT.

O projeto de extensão na escola

O envolvimento com a extensão no grupo iniciou-se em 2008, com o projeto intitulado “Ciclo de debates: a paixão clubística e o torcer em Belo Horizonte”, que teve seu nome alterado (embora tenha mantido sua essência), no ano de 2009, para “Educação para/pelo futebol enquanto uma manifestação de lazer: o torcer em Belo Horizonte”. Este projeto tem como objetivo principal realizar, em escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio de Belo Horizonte, intervenções que tenham como foco o processo de formação de alunos e professores na educação para e pelo torcer.

O espaço da escola foi escolhido por entendermos que, por ser um espaço socialmente legitimado para a educação, deveria dialogar com esse rico fenômeno cultural que marca tanto a sociedade brasileira: o futebol. Mais do que isso: o aprofundamento teórico e os resultados de pesquisas desenvolvidas pelo GEFuT ao longo dos anos vêm evidenciando que os conhecimentos que são produzidos na universidade precisam ter um canal de diálogo com a sociedade, e a escola pode ser uma das instituições privilegiadas para tal intento.

Em pesquisa realizada em jogos de futebol no estádio do Mineirão, Campos *et al.*⁹ e Nicácio *et al.*¹⁰ indicaram um grande desconhecimento dos torcedores em relação ao Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) e a seus direitos ao assistirem a espetáculos esportivos. Campos *et al.*¹¹ encontraram, ainda, que a violência é um dos fatores que tem afastado o

público dos estádios de futebol, sendo que muitas vezes essas manifestações agressivas podem ser fruto de uma postura irrefletida e acrítica perante o torcer e o futebol na sociedade.

Outra pesquisa que explicita a demanda desse tipo de discussão é a de Nicácio.¹² Em seu trabalho de mestrado, ele evidenciou que, apesar de uma série de “documentos que têm como objetivo servir de orientação para as aulas de Educação Física”¹³ pontuar o futebol como conteúdo a ser trabalhado nas aulas da referida disciplina, apenas um apresenta o torcer explicitamente como algo a ser tratado com os educandos. Além disso, em pesquisa com os professores de Educação Física do ensino médio das escolas públicas de Belo Horizonte, o autor constatou que poucos desses docentes selecionam e preparam aulas específicas sobre essa temática, apesar de grande parte deles julgar relevante que isso seja abordado.

Essa pesquisa demonstrou ainda que muitos educadores sentem-se despreparados e sem referenciais para debater e construir com os educandos conhecimentos acerca de um fenômeno tão complexo e polêmico como o futebol e o torcer. Isso só reforça a importância do desenvolvimento sistemático da formação de professores e alunos proposto no projeto de extensão do GEFuT.

Quando nos referimos à “educação para e pelo torcer” como objetivos de nossa ação, cabem algumas explicações. Primeiramente, é fundamental destacar que a assistência a um espetáculo esportivo pode ser considerada uma opção de lazer.¹⁴ Além disso, Marcellino¹⁵ indica que o lazer pode constituir-se como um duplo processo educativo, sendo ao mesmo tempo veículo e objeto de educação.

Ao falarmos de um projeto de extensão, também é importante, neste caso, fazer uma ressalva. Freire¹⁶ classifica como inadequado o uso do termo “extensão” para referir-se ao tipo de ação que realizamos nesse projeto. Ele entende que “extensão” pressupõe a ideia de imposição do saber de um sobre o saber de outro, no que ele chama de invasão cultural. Para se referir a uma ação dialógica, que entende os educandos como coprotagonistas na construção do saber e não como meros objetos, o autor propõe o uso do termo “comunicação”. Portanto, podemos

considerar nossas intervenções como uma forma de comunicação e, nessa perspectiva, o diálogo revela-se fundamental para a construção de saberes sobre o futebol e o torcer.

Dito isso, passemos a uma breve descrição e análise dessas várias intervenções que realizamos no projeto de extensão “Educação para/ pelo futebol enquanto uma manifestação de lazer: o torcer em Belo Horizonte”.

Desde o primeiro semestre de 2008 e em atividade até a presente data, participamos, na Escola Fundamental do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de um “Grupo de Trabalho Diferenciado” (GTD) com alunos do terceiro ciclo desse colégio, correspondente aos anos finais do ensino fundamental. Os GTDs têm como objetivo constituir-se em espaços diferenciados de intervenção pedagógica de diversas áreas do conhecimento, estando inseridos na grade curricular com um horário semanal de duração de 90 minutos. Nessa perspectiva, somos responsáveis pelo GTD intitulado “Futebol e torcer”, que envolve temáticas como: manifestações do torcer, gênero, violência, EDT, política, dança, arte, literatura, dentre outras, todas relacionadas ao futebol. Na tentativa de tornar as aulas mais dinâmicas, interessantes e elaboradas, cada uma dessas temáticas é abordada a partir da utilização de diferentes recursos metodológicos, dentre eles:

- textos e artigos, com o intuito de dar sustentação às discussões e atividades propostas;
- filmes, imagens, músicas, dinâmicas em grupo e jogos, com o objetivo de aumentar a interação entre os alunos e os temas abordados;
- discussões e/ou debates com especialistas das áreas que relatam suas experiências e saberes;
- visitas técnicas que possibilitam aos alunos a realização de vivências culturais e sociais singulares e subjetivas.

Vale ressaltar também que esse GTD sempre se constituiu e se constitui até hoje em um privilegiado campo para experimentarmos métodos e abordagens de ensino, testarmos possibilidades de temas, avaliarmos os processos usados e termos um contato direto com diversas realidades, visto que a escola em questão tem matriculados alunos de diferentes classes sociais. As vivências nesse campo nos últimos anos têm nos possibilitado refinar bastante nossa atuação, bem como auxiliar na formação de vários membros do GEFuT, em um constante processo de ação-reflexão-ação.

Em uma linha semelhante, uma segunda intervenção que realizamos ocorreu no Colégio Técnico da UFMG (Coltec-UFMG), entre 2008 e 2010. As intervenções no referido colégio apresentaram uma continuidade interessante e desafiadora para o nosso grupo e aconteceram com um conjunto reduzido de educandos do Coltec, os quais optavam livremente por frequentar nossos encontros semanais. Dentro desse grupo, composto exclusivamente por moças, houve três jovens que acompanharam nossas aulas ao longo de dois anos e meio. Tal fato foi, por um lado, muito rico, pois gerou uma cumplicidade e uma intimidade entre educandas e educadores, além de ser um indicativo da qualidade de nosso trabalho. Por outro lado, trouxe um constante desafio de ser original, aprofundar assuntos e conciliar o estágio avançado dessas alunas com o das demais integrantes das aulas.

A faixa etária delas (15-18 anos) nos permitiu um maior leque de ações, uma vez que elas apresentavam maior maturidade e facilidade com o trato de textos e métodos científicos. A partir disso, tentamos elaborar metodologias para que as educandas participassem mais constante e efetivamente do processo de construção do conhecimento. Os conteúdos abordados foram ainda mais variados e escolhidos em comum acordo por educadores e educandas. Nessa perspectiva, as aulas no Coltec também se revelaram excelentes mecanismos para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de métodos e instrumentos pedagógicos relacionados ao futebol e ao torcer.

Com toda essa bagagem adquirida com as intervenções e constantes leituras e discussões no GEFuT, sentimo-nos em condições de dar passos mais ousados. No ano de 2010, fomos convidados a ministrar um

curso de formação para professores de disciplinas das áreas das ciências humanas e de línguas do Colégio Pitágoras, de Belo Horizonte. Aceitamos o desafio e elaboramos uma oficina de quatro horas que tinha como objetivos apresentar o GEFuT, abordar o futebol como possibilidade de estudo nas ciências sociais, visualizar a intensa presença do tema dentro da escola e no cotidiano dos alunos, bem como fornecer subsídios tanto teóricos como práticos para a ação docente.

Os tópicos escolhidos para o desenvolvimento da discussão na oficina foram: a importância do futebol na sociedade; futebol como elemento cultural à luz das ciências; metodologias – uma abordagem teórica; futebol na internet – possibilidades no mundo virtual; dinâmica de criação de metodologias; metodologias em prática; e subsídios para o trabalho de professores – bibliografia e filmografia. O fato de termos interlocutores de diversas áreas do conhecimento possibilitou diálogos muito ricos e contribuiu, segundo avaliação realizada com o corpo docente do referido colégio, para a ampliação da visão do futebol e do torcer como conteúdos a serem abordados na escola, não somente nas aulas de Educação Física. A partir dessa vivência, passamos a oferecer, também, oficinas sobre futebol e torcer em congressos e eventos acadêmicos da área do lazer e da educação física.

O projeto de extensão no rádio

O projeto de extensão intitulado “GEFuT no rádio – *Óbvio ululante*” surgiu como ideia no segundo semestre de 2009, a partir do convite da Rádio UFMG Educativa para que o GEFuT produzisse um programa que tratasse do futebol. Foi, porém, somente em maio de 2010 que a primeira edição do programa foi ao ar, sob a alcunha de *Óbvio ululante*.

O grupo, a partir dessa data, passou a atuar na emissora por meio do chamado sistema de colaboração. Nele, grupos desvinculados à rádio se responsabilizam pela produção de um programa, tendo a estrutura física, a orientação e o acompanhamento da emissora. Nesse mesmo sistema encontram-se programas como *Na onda da vida*, organizado por

estudantes do curso de Ciências Biológicas, *Pensar educação, pensar o Brasil*, de professores e alunos da Faculdade de Educação, e *Memofônica*, produzido por um ex-estagiário da rádio, entre vários outros.

A Rádio UFMG Educativa surgiu em 2005, por meio de uma parceria entre a UFMG e a Empresa Brasil de Comunicação (Embratel). Ela apresenta uma programação diversificada, incluindo programas jornalísticos, musicais e educativos. É dividida em dois núcleos, o de jornalismo e o de produção. O núcleo de jornalismo é formado por funcionários, professores e alunos exclusivamente da área de comunicação e, como o próprio nome diz, é responsável pela cobertura jornalística da rádio. Já no núcleo de produção é onde programas de conteúdos mais diversificados, com teor mais cultural e menos factual, são criados. É esse núcleo que abarca os programas produzidos no sistema de colaboração.

Todos os programas da rádio, inclusive o *Óbvio ululante*, são construídos a partir de objetivos e características traçados pelos diretores da emissora. A Rádio UFMG Educativa institui como seus pilares:

- oportunidade de formação complementar aos alunos, professores e servidores das diferentes áreas do conhecimento da UFMG;
- programação alternativa e diversificada;
- divulgação da produção acadêmica, científica e dos serviços, além de fortalecimento do exercício da cidadania.

Partindo tanto desse discurso quanto do reconhecimento de uma prática condizente, percebemos que o delineamento da Rádio Educativa UFMG busca democratizar a informação num compromisso ético e ainda incentivar experiências criativas e inovadoras. Isso, contudo, não parte de uma determinação legal, uma vez que a legislação brasileira sobre radiodifusão não faz referência funcional ou conceitual sobre as rádios universitárias.¹⁷ Segundo Sandra de Deus,¹⁸ o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT) as enquadra como educativas e não determina nenhum tipo de papel que devem cumprir, devido a sua ligação com a universidade. Isso acaba por fazer com que cada emissora, isoladamente,

defina sua programação e seu conteúdo, não necessariamente refletindo quanto a seu interesse público.

A rádio educativa, por sua vez, é conceituada como aquela que serve às maiorias e que deve ter como objetivo a democratização da informação.¹⁹ Dessa forma, quando consideramos as emissoras universitárias, devemos objetivar a difusão do conhecimento para um público amplo e não apenas para o público acadêmico. É importante, ainda, que as informações veiculadas visem contribuir para a formação desses sujeitos.

O objetivo de democratização da informação é reforçado quando consideramos que essa é uma ação de extensão. A extensão, tida desde a reforma universitária de 1968 como um dos pilares da universidade, juntamente com a pesquisa e o ensino, é indicada pela UFMG²⁰ como uma oportunidade de vivência importante para os estudantes desenvolverem e construir saberes a partir do encontro com a realidade. Além disso, enquanto instituição pública, ela considera ser função fundamental a socialização dos conhecimentos ali produzidos com a comunidade.

A possibilidade desse diálogo universidade-comunidade se fazer por meio de um programa de rádio é reconhecida pelo Plano Nacional de Extensão Universitária,²¹ que coloca a comunicação como uma de suas áreas temáticas.²²

Parece-nos inegável que, nos últimos anos, a informação tem ocupado um lugar cada vez mais central nas relações estabelecidas na sociedade. No entanto, concordamos com Castells,²³ ao afirmar que não há um deslocamento de *importância* para a informação, uma vez que ela sempre foi central na vida humana. A modificação que ocorre atualmente é que, a partir da emergência de uma nova lógica social, acompanhada do desenvolvimento das novas tecnologias, são geradas novas capacidades de ação da organização em rede, ampliando e acelerando a troca de informações. Outra forte característica dessa nova conjuntura é a descentralização da produção, que, a partir principalmente da internet, permite que qualquer indivíduo se torne um produtor em potencial. Nesse contexto, ainda que se evidencie que os grandes veículos de comunicação estejam concentrados nas mãos de poucos, percebe-se a insurgência de formas alternativas de comunicação, não atreladas a conglomerados e a governos.

Diante do exposto, as emissoras universitárias podem constituir-se como uma dessas formas alternativas de comunicação, com modelos que resistam à lógica mercadológica e excludente. Voisin²⁴ evidencia que esse importante espaço de produção e difusão cultural ainda atinge públicos reduzidos e apresenta graves dificuldades de sobrevivência devido à falta de políticas e linhas de fomento que possibilitem a sua manutenção. Ao envolver-se no universo da Rádio UFMG Educativa, o GEFuT, através do projeto de extensão “GEFuT no rádio – *Óbvio ululante*”, insere-se nesse debate que implica nos rumos não só dos conhecimentos produzidos pelo grupo e pela universidade, mas por indivíduos e grupos sociais diversos.

O programa *Óbvio ululante*, fruto desse projeto, possui uma hora de duração e vai ao ar às quintas-feiras, às 22h, com horário alternativo aos domingos, às 11h. Ele é produzido por um grupo de pesquisadores, em sua maioria membros do GEFuT, e é comandado por um âncora da rádio, estudante de Comunicação. Ele é dividido em quatro blocos, separados por anúncios institucionais e músicas.

Os quadros do programa podem, didaticamente, ser divididos em três grupos. Um primeiro, de caráter mais emocional, que inclui histórias pessoais contadas por quem as viveu e também conteúdos artísticos sobre futebol, como crônicas e poesias, ou sugestões de filmes e exposições. Um segundo é voltado à história e tradição, relatando lembranças marcantes e descrevendo momentos, personalidades, equipes e espaços célebres do universo futebolístico. Já o terceiro tem caráter mais argumentativo e factual, incluindo entrevistas, debates e discussões sobre assuntos que estão em voga.

Um cuidado importante que temos no tratamento dado às informações de cunho acadêmico que veiculamos é o processo que Veridiana Mello²⁵ chama de comunicação pública da ciência, caracterizada pela transformação do dado científico em notícia. Tal modificação do discurso é fundamental para que a discussão não se torne entediante ao assemelhar-se a uma aula.

Além disso, na construção dos quadros e de seu conteúdo, buscamos deixar clara a nossa visão sobre o futebol: um fenômeno cultural que se

relaciona com as diversas dimensões da sociedade, sejam política, social, econômica, educativa etc. Dessa forma, é fundamental que abordemos não só os aspectos técnicos e táticos do esporte, mas principalmente os desdobramentos dessa manifestação na sociedade. Isso sem deixar de lado o ponto primordial que move o futebol: a paixão. Valorizando a passionalidade desse fenômeno, queríamos que nosso programa fosse um “protesto contra a racionalidade limitada”, uma “aventura intelectual e passional, política e mágica, poética e onírica”,²⁶ indo na contramão dos “idiotas da objetividade”.²⁷ É por pensarmos por essa ótica que escolhemos nomeá-lo de *Óbvio ululante*, tendo como *slogan* os dizeres “Porque no futebol nada é tão óbvio assim”. Dessa forma, fazendo uma homenagem a Nelson Rodrigues, nos propomos a discutir, problematizar e pensar o futebol com o objetivo não de encontrar respostas, mas de provocar questionamentos e reflexões. Porque, como exposto no *slogan*, não acreditamos em uma única verdade sobre o futebol.

Para tal, a todo o momento buscamos dar espaço a múltiplas vozes, objetivando a construção de uma democracia radical, que visa não ao consenso (vitória da maioria), mas ao dissenso (coexistência de vozes e demandas múltiplas diferenciadas).²⁸ Essas múltiplas vozes partem tanto da exposição das divergentes opiniões dos membros do programa quanto de convidados e entrevistados que representam posições diferentes em um debate.

Essa ação corrobora com os pensamentos de Lyotard,²⁹ o qual coloca que, num mundo em que as informações encontram-se disponíveis em qualquer lugar a qualquer um, o intelectual perde sua função de detentor do conhecimento. Espera-se agora que esse intelectual seja um “articulador especializado” da informação disponível. Nesse sentido, nosso trabalho é selecionar, expor, questionar e refletir sobre saberes já acessíveis à sociedade. Nossa ação pode ser vista, assim, pela lógica da mediação.

Para compreender de que forma essa mediação pode constituir-se como uma ação educativa para vivências de lazer, no caso específico associadas ao futebol, nos amparamos nos estudos sobre animação cultural, definida por Victor Melo como

uma tecnologia educacional (uma proposta de intervenção pedagógica) pautada na ideia radical de mediação (que nunca deve significar imposição), que busca permitir compreensões mais aprofundadas acerca dos sentidos e significados culturais (considerando as tensões que nesse âmbito se estabelecem) que concedem concretude a nossa existência cotidiana, construída com base no princípio de estímulo às organizações comunitárias (que pressupõe a ideia de indivíduos fortes para que tenhamos realmente uma construção democrática), sempre tendo em vista provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a superação do *statu quo* e para a construção de uma sociedade mais justa.³⁰

Nessa mediação buscamos a ordem por meio da desordem, acreditando que desestabilizando assertivas podemos avançar nosso pensamento e contribuir para que nossos ouvintes também possam fazer o mesmo.

Considerações finais

O GEFuT vem desenvolvendo um trabalho sistemático em suas ações de extensão visando a sua ampliação, diversificação e qualificação. Neste texto apresentamos as duas grandes frentes do grupo: os projetos “Educação para/pelo futebol enquanto uma manifestação de lazer: o torcer em Belo Horizonte” e “GEFuT no rádio – *Óbvio ululante*”. Estes possibilitaram que o grupo atuasse preponderantemente em quatro direções:

- discussão, problematização e reflexão acerca do torcer, do futebol e de temas correlacionados com educandos de escolas públicas do ensino fundamental;
- debate, diálogo e proposição de diferentes possibilidades metodológicas do ensino do futebol e temas correlacionados a partir de referenciais teóricos nas ciências humanas a professores, funcionários e educadores;

- discussão que proponha a construção e desconstrução de conceitos e paradigmas relacionados à cultura futebolística brasileira, a partir de diferentes pontos de vista em um veículo midiático;
- reflexão acerca da relação futebol-mídia em uma ação empírica sistemática.

Como resultado, o grupo vem ocupando uma posição de destaque nos estudos relacionados ao futebol nas ciências humanas, participando de congressos, conferências, palestras, bem como buscando sediar eventos e produzindo livros, textos e artigos científicos sobre o tema.

Atualmente, os projetos de extensão têm quatro novas frentes de ações, em diferentes fases de desenvolvimento:

- A criação de uma espécie de escolinha de futebol fora do espaço escolar, voltada para crianças e adolescentes de comunidades próximas à UFMG, intitulada Futebol Total. Essa nova empreitada pretende funcionar como um momento de formação para aqueles que queiram aprender sobre técnica, história, economia, política, entre outros assuntos que fazem parte da cultura do futebol, em suma, conhecer esse esporte para além de sua prática. Em fase de organização e implementação, usará da estrutura oferecida pela própria universidade para desenvolver suas atividades.
- A produção de um material didático e a formulação de um curso de média duração sobre futebol e torcer, construído a partir do acervo de metodologias e práticas e de nossas experiências com educadores e educandos. Ambos serão voltados para professores e com o objetivo de atingirmos um público mais amplo.
- A mudança do programa *Óbvio ululante*, que é gravado, para um formato de programa ao vivo, com a inclusão, na equipe de produção, de novos bolsistas da área de Comunicação, qualificando e diversificando o conteúdo veiculado e ampliando as possibilidades de interação com o público ouvinte. Vale ressaltar, ainda, que a potência da Rádio UFMG Educativa irá ser ampliada no ano de 2012, possibilitando que um público mais amplo tenha acesso à sua programação pelo rádio.

- A inserção do GEFuT em novas mídias, disponibilizando, na internet, conteúdos produzidos pelo *Óbvio ululante* e criando outros, também, para a TV UFGM.

Buscamos, assim, por meio de diferentes ações, contribuir para a valorização do futebol como um bem cultural do Brasil e do mundo, para a reflexão sobre suas práticas relacionadas ao torcer de maneira mais crítica, tendo no lazer uma maneira de formação e de socialização que aproxime e construa, ao invés de segregar e destruir.

(Este texto é fruto do trabalho de alunos de graduação e pós-graduação em dois projetos de extensão coordenados pelo professor doutor Silvio Ricardo da Silva.)

Notas

- ¹ Arlei Sander Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores”, *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.
- ² Roberto DaMatta *et al.*, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- ³ Roberto DaMatta, “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro”, *Revista USP*, n. 22, p.10-17, 1994.
- ⁴ Jocimar Daolio, *Cultura: educação física e futebol*, 3. ed., Campinas, Editora Unicamp, 2006.
- ⁵ Luiz Henrique de Toledo, *No país do futebol*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000, p. 67.
- ⁶ Luiz Henrique de Toledo, “A cidade das torcidas”, em José Guilherme C. Magnani, Lilian de Lucca Torres (org.), *Na metrópole: textos de antropologia urbana*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996, p. 124-155.
- ⁷ Silvio Ricardo da Silva, *Tua imensa torcida é bem feliz... da relação torcedor com o clube*, tese (doutorado em Estudos do Lazer), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001; Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar”.
- ⁸ Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar”.
- ⁹ Priscila Augusta Ferreira Campos *et al.*, “As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 1, p.9-24, set. 2008.
- ¹⁰ Luiz Gustavo Nicácio *et al.*, “Campeonato Brasileiro de 2007: a relação do torcedor de futebol com o Estatuto de Defesa do Torcedor na cidade de Belo Horizonte”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 25-38, jan. 2009.

- ¹¹ Campos *et al.*, “As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo”.
- ¹² Luiz Gustavo Nicácio, *O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar*, dissertação (mestrado em Lazer), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- ¹³ *Ibidem*, p. 56.
- ¹⁴ Nelson Carvalho Marcellino, *Estudos do lazer: uma introdução*, Campinas, Autores Associados, 1996; Norbert Elias, Eric Dunning, *A busca da excitação*, Lisboa, Difel, 1992.
- ¹⁵ Nelson Carvalho Marcellino, *Lazer e educação*, 12. ed., Campinas, Papirus, 2007.
- ¹⁶ Paulo Freire, *Extensão ou comunicação?*, 7. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- ¹⁷ Sandra de Deus, “Rádios das universidades federais: compromisso com a sociedade e com a informação”, *Em Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul./dez. 2003.
- ¹⁸ *Ibidem*.
- ¹⁹ Veridiana P. Mello, “Em busca de uma política de programação diferenciada e de qualidade: o desafio para as rádios universitárias”, em Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., Rio de Janeiro, *Anais...*, São Paulo, Intercom, 2005.
- ²⁰ Informação obtida na sessão sobre extensão no sítio eletrônico da instituição. Disponível em <<http://www.ufmg.br/proex/aextensao.php>>, acesso em 9 jun. 2011.
- ²¹ Reformulado em 2000 e 2001. Disponível em <<http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2009/forun/Plano%20Nacional%20de%20Extens%20E3o.pdf>>, acesso em 9 jun. 2011.
- ²² Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras, *O currículo como expressão do projeto pedagógico: um processo flexível*, textos das oficinas do ForGRAD, Niterói, 2000.
- ²³ Manuel Castells, “A sociedade em rede: do conhecimento à política”, em Manuel Castells, Gustavo Cardoso (org.), *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005, p. 17-30.
- ²⁴ Jane Voisin, “Extensão e comunicação, anotações para um debate”, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 24, n. 2, p. 75-83, jul./dez. 2001.
- ²⁵ Mello, “Em busca de uma política de programação diferenciada e de qualidade”.
- ²⁶ Lowy *apud* Victor Andrade de Melo, *Animação cultural: conceitos e propostas*, Campinas, Papirus, 2006, p. 25.
- ²⁷ Expressão cunhada por Nelson Rodrigues que faz referência aos que tratam o futebol por uma lógica exclusivamente racional.
- ²⁸ Laclau *apud* Heloísa Buarque de Hollanda, “A contribuição dos estudos culturais para pensar a animação cultural”, *Licere*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 101-112, 2004.
- ²⁹ Lyotard *apud* Hollanda, “A contribuição dos estudos culturais para pensar a animação cultural”.
- ³⁰ Melo, *Animação cultural*, p. 25.

Parte 2 | HISTÓRIAS DO FUTEBOL
E DO TORCER
EM MINAS GERAIS

Marcelino Rodrigues da Silva

Picadinho de Raposa com sopa de Galo

SOLUÇÃO

O papagaio atleticano
não vai calar o gol do Galo,
e não é justo nenhum plano
que tenha em mira silenciá-lo.

Evitem, pois, brigas forenses.
Outro projeto, mais certo,
aqui proponho aos cruzeirenses:
É ensinar: “Gol do Cruzeiro”

a um papagaio de igual força.
Haja, entre os dois, uma peleja
em que cada mineiro torça,
e, entre foguetes e cerveja,

o papagaio vitorioso
proclamado seja campeão
desse grato esporte verboso
de que sente falta a nação.

Carlos Drummond de Andrade

Os torcedores do América que me desculpem, mas começo este ensaio lembrando uma série de charges publicadas por Mangabeira¹ no *Estado de Minas*, no início de 1968, a propósito da ideia, que circulava na ocasião, de se substituir o Coelho pelo Capitão América, como mascote

do clube. Embora tivessem essa motivação mais imediata, as charges são bastante explícitas como registro da decadência do América e da ascensão da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro ao primeiro plano da vida esportiva em Belo Horizonte e Minas Gerais. No jornal do dia 19 de janeiro, por exemplo, o desenho do funeral do “Super-Coelho”, com a presença de vários bichos representando as instituições esportivas, vem acompanhado de uma legenda que começa assim: “O enterro do Super-Coelho é uma espécie de tragédia em três atos. Ontem, a urna de pobre estava a caminho do cemitério. Hoje, ela já desce à cova rasa.” E, mais à frente, no final da legenda: “No fundo, o Espírito de Porco anuncia, ao som das trombetas, que o futebol mineiro nem está ligando para a morte do Super-Coelho, pois está mais preocupado com a festa que o Galo e a Raposa vão fazer no Mineirão, domingo.”

A morte do Coelho, é claro, foi diagnosticada prematuramente pelo chargista, como mostra sua volta à primeira divisão do Campeonato Brasileiro, em 2011. Mas o registro da supremacia de Atlético e Cruzeiro só reitera a versão mais difundida, segundo a qual a rivalidade entre os dois clubes se consolidou apenas na década de 1960, substituindo o antigo “clássico das multidões”, entre Atlético e América, como o principal confronto esportivo da cidade e do Estado. No entanto, se essa é a versão mais difundida, ela está longe de ser consensual. As divergências, naturalmente, partem em sua maioria dos cruzeirenses, que levantam objeções com base em resultados esportivos e estatísticas de público e número de torcedores, dois critérios em que seu clube já teria superado o América muito antes disso.

Diante desse debate, o mais sensato é reconhecer que há modos diversos de se avaliar a significação e a importância de uma rivalidade esportiva. Podemos fazê-lo considerando a trajetória e os resultados dos clubes; o tamanho das torcidas e sua inserção na comunidade; ou ainda colocando em foco não apenas esses aspectos quantitativos, mas a forma como a rivalidade é vivida, percebida e representada pelas pessoas que nela se engajam. Mais do que dados estatísticos, importariam os discursos sobre o futebol, pois são eles que fazem circular os signos esportivos e cristalizam suas significações. Meu propósito é pensar um

pouco sobre a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro, privilegiando este último critério, que poderíamos chamar de “simbólico” ou “cultural”.

A cidade e o esporte

Na historiografia de Belo Horizonte, o surgimento da cidade é narrado como o resultado de uma disputa entre as tradicionais oligarquias mineiras, que defendiam a permanência da capital do Estado em Ouro Preto, e os grupos com ideias e interesses modernizantes, que pretendiam que a cidade de Juiz de Fora assumisse esse lugar. Segundo Viscardi, ambos os projetos foram derrotados por um terceiro, “que advogava a construção de uma capital moderna em um espaço da tradição, ou seja, inserindo o futuro no passado”.² Num local escolhido por influência de forças políticas conservadoras, foi inaugurada em 1897 uma cidade totalmente nova, planejada e edificada conforme padrões urbanísticos modernos, de inspiração positivista e republicana, conciliando mineiramente posições e interesses por meio de uma solução de compromisso.

A mesma oposição, entre o tradicionalismo mineiro e a vocação moderna de Belo Horizonte, se desdobra nas narrativas e análises de inúmeros outros momentos da história da cidade. Nos trabalhos sobre os anos que se seguiram à inauguração, por exemplo, fala-se no descompasso entre a modernidade dos espaços públicos, das avenidas e dos imponentes edifícios em estilo eclético e o caráter provinciano da população, inicialmente formada em boa parte por funcionários públicos vindos da antiga capital. Do crescimento espacial e demográfico à literatura, passando pelo carnaval, pela arquitetura e pela imprensa, a historiografia de Belo Horizonte é fortemente marcada por esse conflito, que adquire diferentes configurações ao longo dos seus cento e poucos anos de existência.

De modo geral, os trabalhos acadêmicos que tomam como objeto a história do futebol na cidade seguem a mesma tendência. Boa parte deles se concentra nas primeiras décadas do século XX, quando os esportes integravam o conjunto de práticas por meio das quais se

buscava a realização do projeto de modernidade que inspirou o surgimento da nova capital mineira. É o caso das dissertações *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*, de Euclides de Freitas Couto (2003), e *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*, de Raphael Rajão Ribeiro (2007). Adotando recortes temporais semelhantes, os dois textos tratam da implantação e do desenvolvimento do futebol na cidade, convergindo na percepção de que o esporte funcionou, naquele contexto, como uma marca de distinção social e um instrumento das elites na tentativa de criação de uma vida pública moderna.

De modo semelhante ao que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, o futebol foi introduzido em Belo Horizonte por Victor Serpa, jovem de família abastada do Rio que havia estudado na Europa e se mudou para a cidade mineira em 1903. Por iniciativa de Serpa, foi fundado em 1904 o Sport Club Foot-ball, primeiro time de futebol da cidade, em pouco tempo seguido por outras agremiações compostas por jovens de posição social privilegiada. Segundo Ribeiro, essa primeira tentativa de inserir o futebol na vida dos belo-horizontinos não teve longa duração, esbarrando na apatia de uma população pouco afeita ao lazer público e às novidades trazidas do estrangeiro.³ Em 1908, no entanto, uma nova onda de interesse pelo esporte começou a se formar, com a fundação do Athletico Mineiro Football Club e do Sport Club Mineiro. Encontrando uma cidade que se transformava rapidamente, esse movimento foi se tornando mais consistente e, nos anos seguintes, um grande número de novos clubes apareceu, entre eles o America Foot-ball Club, fundado em 1912. Em 1914, foi disputado o primeiro torneio, a Taça Bueno Brandão, e no ano seguinte o primeiro campeonato oficial da cidade, embrião do atual Campeonato Mineiro.

O universo social em que essas atividades se realizavam, no entanto, ainda era bastante limitado, composto em sua maioria por jovens e adolescentes pertencentes às elites locais. Esse caráter restrito fica bem evidenciado no trabalho de Couto, que estuda as relações entre os clubes e as identidades sociais e dedica algumas páginas à primeira

grande rivalidade a se estabelecer na cidade, entre Atlético e América. Mostrando o ambiente refinado, as relações com os círculos de poder e as rixas que envolviam as duas agremiações, o autor conclui que aquela rivalidade não encarnava um antagonismo social, mas servia como ritual de distinção que aproximava esses dois grupos privilegiados, diferenciando-os de outros que gradativamente vinham se apropriando do esporte.⁴ O recorte temporal escolhido pelos trabalhos de Ribeiro e Couto encontra seu limite justamente na década de 1920, quando se torna evidente o processo de popularização do futebol na cidade. Desse modo, apenas esse período inicial recebe uma interpretação consistente, permanecendo na sombra todo o desenvolvimento posterior da história social e cultural desse esporte em Belo Horizonte.

O povo contra o povo

Os sinais da popularização do futebol na cidade começam a aparecer já no início da década de 1910, tornando-se cada vez mais fortes. O crescimento do interesse do público leva a um aumento da atenção jornalística pelo esporte, com a publicação constante de matérias, o surgimento de colunas fixas nos grandes jornais (como a “Seção Sportiva”, do *Estado de Minas*, iniciada em 1913) e até mesmo de periódicos especializados (como *O Foot-Ball*, de 1917). Ao mesmo tempo, as torcidas dos grandes clubes se ampliavam e surgiam novas agremiações, sediadas em bairros menos nobres e com associados de perfil mais humilde, como o Yale Athletic Club, sediado no Barro Preto e formado majoritariamente por operários. Aos poucos o ambiente refinado dos primeiros anos vinha sendo substituído por um clima de competição e revanchismo, que desembocaria, nos anos de 1920, no chamado “amadorismo marrom” ou “falso amadorismo”.⁵

Foi nesse contexto que, em 1921, surgiu o Società Sportiva Palestra Italia, clube que congregava os membros da numerosa colônia italiana de Belo Horizonte, formada com a importação de mão de obra estrangeira na época da construção da cidade. Os italianos e seus descendentes eram,

em sua maioria, comerciantes, artesãos, trabalhadores da construção civil e operários, embora alguns empresários e industriais da mesma origem também tivessem se estabelecido na cidade. Com a ajuda das famílias italianas mais ricas e a incorporação de alguns jogadores que atuavam no Yale, o clube se formou motivado pelo desejo de representação e integração dos membros da colônia italiana.

Do ponto de vista esportivo, os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte também foram marcados pela supremacia de Atlético e América. O Atlético foi o primeiro campeão da cidade, em 1915, e o América conquistou, entre 1916 e 1925, o tão festejado decacampeonato. Mas o Palestra já nasceu forte, tendência que se consolidou em 1925, com a abertura do clube aos atletas que não pertenciam à colônia italiana e, nos anos seguintes, com a conquista do tricampeonato, entre 1928 e 1930.

Na década posterior aconteceu no Brasil o processo de profissionalização do futebol, consequência das tensões provocadas por sua disseminação entre as diferentes classes e grupos sociais. Enquanto os defensores do amadorismo tentavam preservar o caráter elitista do esporte, os adeptos do regime profissional optavam por aderir às transformações motivadas pela popularização. Em Belo Horizonte, Atlético e Palestra faziam parte desse segundo grupo e se incorporaram imediatamente à liga profissional, criada em 1933, enquanto o América permaneceu amador até 1942, cedendo ao profissionalismo apenas em 1943.

Refletindo essas transformações, a supremacia esportiva local, em boa parte da década de 1930, foi do Villa Nova, clube de origens operárias da cidade de Nova Lima, que costumava abrigar jogadores de classe social mais baixa e conquistou os três primeiros campeonatos profissionais, de 1933 a 1935. O Atlético, então, passou a contratar atletas de origem mais humilde para reforçar seu time e fazer frente ao Villa. Em 1936, o clube venceu o Campeonato da Cidade e, no ano seguinte, sagrou-se “Campeão dos Campeões”, num torneio que reuniu os campeões de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. A conquista atleticana foi bastante festejada, despertando um intenso sentimento de orgulho regional pela vitória imposta a grandes clubes das principais

metrópoles brasileiras. Em 1937, outro clube de raízes operárias, o Siderurgia de Sabará, foi campeão.

O período que vai do final da década de 1920 ao início da década de 1940 é especialmente interessante não apenas pela implantação do profissionalismo e pela hegemonia de um clube de origens operárias. Ele também marca, na história de Belo Horizonte, uma fase de intenso crescimento urbanístico e populacional, com a superação, em diversos aspectos, da cidade provinciana das primeiras décadas do século XX. As consequências desse processo se fizeram presentes no universo esportivo, com uma significativa mudança no perfil sociocultural das torcidas. O Atlético reforçou sua escolha por uma imagem popular,⁶ e o Palestra selou definitivamente, em 1942, sua opção por deixar de ser um clube de colônia, adotando o nome Cruzeiro Esporte Clube após a publicação de um decreto-lei do governo federal que proibia referências aos países do Eixo.

No decênio de 1940, Atlético e Cruzeiro disputaram a liderança do futebol mineiro, dividindo todos os títulos, com a única exceção do de 1948, conquistado pelo América, após um grande esforço da comunidade americana para formar um bom time e voltar ao topo da cena esportiva local. Em 1950 foi inaugurado o estádio Independência, construído para sediar jogos da Copa do Mundo que se realizou no Brasil naquele ano. Sua capacidade inicial para mais de 30 mil pessoas sinalizava a grande popularidade que o futebol havia conquistado na cidade. Jogando no Independência, o Atlético exerceu a hegemonia esportiva na década que se iniciava, conquistando a maioria dos títulos e sendo amplamente reconhecido pelo público e pela imprensa como o maior clube do Estado.

No decênio seguinte, no entanto, o cetro passou às mãos do Cruzeiro, que conquistou o título estadual por cinco vezes seguidas (de 1965 a 1969). Seu grande palco foi o Mineirão, portentoso estádio para 130 mil pessoas, inaugurado em 1965. A inegável supremacia cruzeirense, com um time de craques como Tostão, Piazza e Dirceu Lopes, parece ter acirrado os ânimos atleticanos, dando formas definitivas à rivalidade entre os dois clubes. Em 14 de janeiro de 1968, nas páginas do *Estado*

de Minas, o jornalista Fernando Sasso comenta o clima de tensão que cercava o clássico, confirmando a visão de Mangabeira na charge citada na abertura deste texto:

Prefiro chamar de festa, em vez de guerra, o clássico Atlético e Cruzeiro de logo mais. Não sei por que, mas acho que este é um dos mais tranquilos destes últimos anos. (...) não se respira aquele clima de nervosismo que marca geralmente os dias que antecedem o Cruzeiro e Atlético.

Do ponto de vista que orienta esta reflexão, devemos reconhecer que a rivalidade entre Atlético e América ainda ocupava, nas décadas de 1940 e 1950, um lugar central no cenário futebolístico mineiro. A decadência do América se expressou, em termos esportivos, por um longo jejum de títulos, que começou em 1926 e só foi quebrado em 1948. Mas, provavelmente por sua forte inserção nas elites belo-horizontinas, o clube ainda era visto pela opinião pública como um dos “grandes” do futebol mineiro, como se pode ver por uma leitura panorâmica dos jornais daquela época. Essa percepção é ratificada pelo livro *Estádio Independência*, do jornalista Jairo Anatólio Lima, que afirma diversas vezes que, na década de 1950, o clássico entre Atlético e América ainda era o mais importante do futebol local, embora o Cruzeiro já disputasse com o América o posto de segundo clube mais importante da cidade e do Estado. Falando sobre a final do campeonato de 1954, por exemplo, o jornalista escreve que o Cruzeiro “já começava a tomar o lugar do América como dono da segunda maior torcida de Minas”, mas o “clássico das multidões” ainda “era o que proporcionava as maiores rendas”.⁷ A rivalidade entre Atlético e Cruzeiro, enfim, não surgiu de modo repentino, mas foi lentamente formada por meio de progressivos deslocamentos, que ampliaram o perfil sociocultural das torcidas e deram aos dois clubes uma identidade eminentemente popular.

Raça e paixão

Construída por esse longo processo, que se completa apenas nos anos de 1960, a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro não é um fenômeno de fácil interpretação. A realização dessa tarefa, contudo, pode começar por um exame mais cuidadoso de alguns momentos da tradição e da trajetória das duas agremiações. Como via de acesso a esses momentos, as publicações sobre a história dos clubes são objetos privilegiados de estudo, não apenas porque reúnem um amplo conjunto de informações, mas principalmente porque são abertamente parciais. Em grande medida, são elas que criam, fazem circular e cristalizam a tradição e a mitologia dos clubes, estabelecendo os lugares da memória, as referências comuns em que se baseiam os sentimentos de pertencimento que constituem as duas comunidades.⁸ Em meio a uma grande quantidade de livros, revistas, DVDs etc., destacam-se a *Enciclopédia do Atlético*, de Adelchi Ziller (1974), e o livro *Raça e amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*, de Ricardo Galuppo (2003), pelo lado do Atlético; e os livros *Páginas heroicas, onde a imagem do Cruzeiro resplandece*, de Jorge Santana (2003), e *De Palestra a Cruzeiro, uma trajetória de glórias*, de Plínio Barreto e Luiz Otávio Trópia Barreto (2000), pelo lado do Cruzeiro.

Importante observar que, nesses textos, a questão da rivalidade nunca é objeto de um olhar frontal. Pelo contrário, é caprichosamente dissimulada, algumas vezes pela simples omissão e outras por uma série de artifícios retóricos que visam desequilibrar a balança em favor do clube dileto do autor, obscurecendo ou menosprezando as glórias alheias. É particularmente interessante, nesse sentido, o livro de Ricardo Galuppo, que já nas primeiras páginas declara que, “em respeito à família atleticana, certas palavras não serão mencionadas (...) nem mesmo como referência a uma antiga moeda nacional”.⁹ Assim, fala-se ao longo do livro em “ex-Yale”, “ex-Palestra”, “turma do Barro Preto” etc., num esforço evidentemente vão para tentar esconder um rival que, no entanto, teima em aparecer, mesmo que renomeado. A rivalidade se faz presente nas publicações sobre os clubes sempre de uma forma oblíqua, imposta pela

necessidade ambígua de negar e, ao mesmo tempo, admitir a grandeza do outro para melhor enaltecer as suas próprias conquistas.

Na história do Atlético, assim como na do rival, a narrativa da origem, o momento da fundação do clube, ocupa um lugar privilegiado. O livro de Ziller, em sua maioria composto por fotos, placares e escalafões do time em diversas épocas, abre-se com o subtítulo “Nasce o gigante”, encabeçando um texto que conta o episódio. Num tom quase ficcional, a narrativa dá ao acontecimento um colorido de aventura inconsequente: o “grupo de meninos se reunia todas as tardes para as costumeiras peladas de bola de meia”, num “campo improvisado de chão duro, poeirento e enorme”. Para realizar o encontro em que o clube foi criado, os garotos “mataram as aulas e ficaram pela tarde toda no Parque Municipal”. Assim, “o clube nasceu numa tarde plena de sol, cheia de luz, irradiando felicidade e abrindo o roteiro glorioso do querido Galo”.¹⁰ Utilizada inúmeras vezes como referência sobre o surgimento do Atlético, a narrativa mitifica o acontecimento, emprestando a ele uma conotação de energia rebelde que reflete a imagem contemporânea do clube.

No livro de Galuppo, a história da fundação do Atlético é recheada com informações pitorescas sobre o cotidiano daquele grupo de garotos, como o mutirão para limpar o terreno do primeiro campo, o modo como foram conseguidas as primeiras bolas e o apoio que recebiam da mãe de um dos fundadores, Dona Alice Neves, que costurava os uniformes, oferecia sua casa para reuniões e liderava a torcida feminina: “Foi, sem dúvida, o primeiro exemplo de espírito atleticano na história.”¹¹ No final do capítulo, sem poder disfarçar a origem social daquele grupo de garotos, o texto faz a imagem maternal e acolhedora de Dona Alice Neves ecoar na reflexão sobre a popularização do clube: “O Atlético soube se abrir para o mundo: ele acolheu e foi generoso com os torcedores que bateram à sua porta. E os torcedores retribuíram esse gesto com uma paixão sem limites.”¹²

Como a maioria das outras publicações desse tipo, os livros de Ziller e Galuppo se concentram nos grandes triunfos e nos principais personagens da história do clube, representados por uma longa compilação de fotos e dados, em Ziller, ou expandidos em narrativas de jogos e casos

curiosos dos bastidores esportivos, em Galuppo. A transformação do Atlético em um clube de massa não recebe nenhuma atenção especial, aparecendo como um estado de fato que se naturaliza e se torna plenamente aceito, aparentemente com base apenas na imagem que o clube tem hoje. Mas alguns personagens e episódios, sobretudo aqueles que se repetem e se multiplicam em outros discursos (como o hino do clube, os cantos das torcidas, as narrativas jornalísticas etc.), são especialmente significativos.

Na galeria de craques do passado, por exemplo, ao lado de nomes como Mário de Castro (atacante elegante da década de 1920, que trocou o futebol pela medicina) e Zé do Monte (futuro arquiteto que jogou nos anos de 1940 e 1950 e frequentava o Minas Tênis Clube), Galuppo destaca a figura de Ubaldo, grande ídolo do time na década de 1950. Um “negro de corpo roliço”, famoso por seus “gols espíritas” e protagonista de um episódio de verdadeira comunhão do Atlético com o povo:

Foi naquele ano que a torcida começou a saudar Ubaldo com uma música especial. Sucesso do carnaval de 1955, a marcha *Tem nego bebo aí*, de Mirabeau e Ayrton Amorim, era tocada em todo o país. Dali em diante, sempre que o centroavante do Atlético entrava em campo, a massa cantava: “Tem nego Ubaldo aí! Tem nego Ubaldo aí!” (...) Num jogo contra o Ex, realizado em 7 de dezembro de 1958, Ubaldo fez um de seus gols inexplicáveis. A torcida invadiu o gramado, carregou seu ídolo e ganhou as ruas. O desfile seguiu pela avenida Silviano Brandão, subiu em direção à Floresta, passou pela praça da Estação e, sempre ao som de “Tem nego Ubaldo aí!”, foi parar na praça Sete, no coração de Belo Horizonte. Ubaldo jamais se referiu àquele fato com modéstia. “Naquele tempo, só duas pessoas eram carregadas nos ombros do povo. O presidente Juscelino Kubitschek e eu.” Orgulho legítimo de quem foi protagonista de uma cena extraordinária.¹³

A fama de “vingador” e a mitologia da “raça” são outros elementos da tradição atleticana que merecem atenção especial dos historiadores do clube. No livro de Ziller, um trecho encabeçado pelo subtítulo “Surge o vingador” atribui as origens dessa reputação a uma série de jogos contra

o Granbery, de Juiz de Fora, ainda em 1913, quando o clube dava seus primeiros passos.¹⁴ Em inúmeras oportunidades a fama de aguerrido e vingador tem sido lembrada para evocar uma capacidade especial de superação nos momentos mais difíceis. Essa ideia reverbera, por exemplo, na célebre máxima do escritor Roberto Drummond, torcedor do Atlético e cronista esportivo entre meados dos anos de 1960 e início dos anos de 2000: “Se houver uma camisa branca e preta pendurada no varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento.”¹⁵ Com a definitiva incorporação da imagem de popular pelo clube, o signo da raça acabou adquirindo certa ambiguidade, remetendo também à forte presença de negros e mulatos, como Ubaldo, no time e na torcida atleticana.

A essa mitologia de raça e superação, soma-se, nos anos de 1940, a simbologia do Galo, cristalizada pelo desenho de Mangabeira. Nas narrativas sobre a história do clube, a criação da mascote atleticana é sempre contada com prolongada ênfase na tradição guerreira que teria inspirado o chargista. Segundo Galuppo, o Atlético, que já era conhecido naquela época como “Carijô”, não podia ser representado por “um galo qualquer”, “tinha de ser forte, (...) expressão determinada, esporões afiados, peito estufado e crista alta”. “De todas as imagens, foi a única que já nasceu identificada com a voz do povo.”¹⁶ No livro de Ziller, a história é reconstituída a partir de uma reportagem de João Vianna de Oliveira, publicada por *O Debate* em 1956, encerrando-se com um significativo fragmento daquela matéria:

O Atlético é um time que vende caro uma derrota. A vantagem do adversário no placar não lhe tira a garra. Parece um galo de rinha. Um galo na rinha? Justamente: seu símbolo será o Galo, o Galo Carijô, entrando o adjetivo na história por obra e graça de suas cores tradicionais: preto e branco. E o Atlético surgiu nas charges de Mangabeira a caráter: raça de brigão, de sujeito mal-encarado, o bico adunco e sempre pronto para rasgar a carne antagonista.¹⁷

Muitos outros episódios da história do Atlético poderiam ser lembrados, para mostrar como os inúmeros livros, revistas e matérias jornalísticas

constroem a tradição do clube, de modo a convergir com uma imagem que se busca estabelecer dele no presente. No final dos anos de 1920, a presença do atacante Said justifica a simpatia dos imigrantes de origem árabe pelo clube; o contestado título simbólico de “Campeões do Gelo”, dado pela imprensa em razão de uma bem-sucedida excursão pela Europa em 1950, dissemina as marcas da grandeza atleticana pelo mundo; a conquista do Campeonato Brasileiro, em 1971, com um time mediano e um gol do folclórico Dario “Peito de Aço”, reforça a mística da raça e a ligação com as classes populares; e Sempre, o torcedor-símbolo do Atlético por tantas décadas, encarna uma esperança e um amor constantemente renovados. Em tempos mais recentes, essa imagem se atualiza no estilo inflamado da Galoucura, na mentalidade populista e dependente de líderes carismáticos que predomina na administração do clube e nos episódios do rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e da volta à primeira divisão, em 2005 e 2006, vividos dramaticamente como mais um lance de superação do “vingador”.

Evocados pelos discursos sobre o passado do clube, esses episódios constituem a tradição atleticana, estabelecendo os pontos de referência que sustentam sua imagem atual. Nos dias de hoje, o Atlético é amplamente reconhecido como um clube do povo, com uma personalidade instável e aguerrida e uma torcida fiel e apaixonada. Na “massa atleticana” se encontram representantes de todas as classes sociais, unidos pela paixão desmedida, capazes de empurrar o time e fazê-lo vencer obstáculos aparentemente intransponíveis e de recebê-lo de braços abertos e manter-se constantes no apoio, nos momentos de maior dificuldade. No livro de Galuppo, o mantra da raça, da paixão e da popularidade pode ser ouvido novamente:

O povo alvinegro é assim – apaixonado, fiel, generoso. (...) Esse é o mistério alvinegro: nenhum atleticano consegue ser não praticante, fleumático. Nosso time não tem simpatizantes. Tem torcedores apaixonados. Quem ama o Galo se considera o ser mais atleticano do mundo. E fim de papo.¹⁸

Na mística de raça e paixão que acompanha o Atlético, projeta-se a imagem do povo como uma massa heterogênea e irracional, que extrai suas energias e sua coesão de um equilíbrio instável entre mediação social e potencial de conflito. Uma imagem bem semelhante a que, segundo certa tradição cultural, define a identidade nacional brasileira, construída com base na hibridação étnica e cultural e na conciliação sempre tensa das diferenças.

Trabalho e astúcia

Como na história do rival, a narrativa da fundação do Cruzeiro também ocupa um lugar privilegiado nos textos que falam sobre o passado e a trajetória do clube. A atenção, naturalmente, se concentra sobre a colônia italiana de Belo Horizonte, no interior da qual a agremiação surgiu. No livro de Jorge Santana, que é em sua maioria composto por perfis de personagens da história do clube, um dos poucos textos que adotam outra abordagem é dedicado àquele momento. Depois de narrar a chegada dos italianos à cidade e suas primeiras tentativas de fazer do futebol um instrumento de integração social e afirmação identitária, Santana afirma:

O Palestra mineiro foi criado por trabalhadores e recebeu a adesão de comerciantes e industriais, todos italianos. Era uma *cosa nostra*, fechada às demais colônias e ao restante da população. Os italianos pobres queriam um clube para integração social, lazer e cultura física, e os ricos, um cartão de visitas para exibir à elite da capital. O Palestra, assim como a Beneficência Italiana, deveria espelhar a capacidade de realização que levava tantos deles ao sucesso.¹⁹

Enfatizando a importância dessa marca de origem, a seção termina assinalando a forte presença, na trajetória do clube, de valores relacionados à dura experiência dos imigrantes italianos em Belo Horizonte, muitos dos quais chegaram à cidade para exercer funções de pouco

prestígio e acabaram conquistando, com trabalho e perseverança, posições mais altas na hierarquia social:

É aí que se inicia a saga do Cruzeiro Esporte Clube, o qual, nas palavras de Luiz Carlos Rodrigues, “se fez grande sem lances de heroísmo pungentes e sem heróis miraculosos, cuja grandeza foi plasmada no cotidiano, na simplicidade de um trabalho constante e reiterado, quase anônimo, cuja somatória, ao correr do tempo, conferiu a dimensão grandiosa, internacional, universal, de um dos maiores clubes do mundo!”²⁰

No livro de Plínio Barreto e Luiz Otávio Trópia Barreto, as origens humildes e trabalhadoras do Palestra ganham contornos ainda mais nítidos. O texto ressalta “a contribuição dada pelo povo da península à cidade”, ajudando “no surgimento de Belo Horizonte com os braços dos operários da construção civil, com as mãos dos artesãos, com a inteligência dos arquitetos e o bom gosto pela música”.²¹ Encerrando o trecho dedicado à fundação do clube, o autor insiste na questão, lembrando outra vez o papel dos imigrantes no progresso da cidade e apontando para o desejo de efetiva integração da colônia italiana na comunidade belo-horizontina:

O Palestra nasceu como um clube do povo (...) era a agremiação dos que arregaçavam as mangas nas indústrias da panificação, nos andaimes das construções civis, nas oficinas de calçados, nas serrarias, marcenarias e serralherias, na condução de carroças. Onde houvesse um setor cuja mão de obra (...) fazia-se necessária, lá estava um palestrino – italianos e brasileiros – colaborando com o seu trabalho para o progresso da nova capital. Lado a lado, clube e cidade caminhavam rumo ao progresso.²²

De modo semelhante ao que acontece nos textos sobre o Atlético, após a narrativa da fundação, as atenções dos dois livros sobre o Cruzeiro se voltam para as grandes conquistas e os grandes times, os perfis e biografias de jogadores e dirigentes e os episódios pitorescos e dramáticos dos bastidores esportivos. É interessante observar que dois

momentos especialmente significativos da história do clube, marcos decisivos na superação da condição de “time de colônia”, recebem nesses e em outros textos um tratamento visivelmente tímido. A abertura para jogadores que não pertenciam à colônia italiana, em 1925, e a troca de nome de Palestra para Cruzeiro, em 1942, são relegadas a um segundo plano, aparecendo apenas em rápidas menções que não escondem certo desconforto. A exceção fica por conta do livro de Plínio Barreto e Luiz Otávio Trópia Barreto, que dedica duas páginas ao episódio da mudança de nome, dando a ele um tom quase trágico, que enfatiza a violência contra os italianos, na época da Segunda Guerra Mundial, e o firme propósito de integração manifesto na escolha do novo símbolo do clube. Pelo caráter excepcional desse texto, vale a pena transcrever um trecho mais longo:

Em 1941, a Segunda Guerra Mundial expandiu-se pela Europa, Ásia e pelos oceanos Pacífico e Atlântico. Um ano depois, o governo brasileiro declarava guerra aos países do Eixo. (...) Quem tinha alguma ligação com os países do Eixo foi incomodado. A ignorância de alguns extremistas e arruaceiros chegou mesmo a promover apedrejamento e saques a casas comerciais com nomes de italianos e alemães. (...) Um estado de terror foi criado em Belo Horizonte, durante 48 horas. Nesse período, várias casas comerciais foram quebradas e saqueadas. O estádio do Palestra sofreu a ameaça de ser incendiado e, não fosse a pronta intervenção da Polícia Militar (...) e a coragem de alguns palestrinos, a horda de arruaceiros (...) teria levado a barbaridade ao fim. (...) No início de 1942, um decreto-lei do governo federal estabeleceu a nacionalização dos nomes, e o Palestra trocou o Itália por Mineiro. (...) com a declaração de guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão, o debate interno tomou conta do Barro Preto. Era necessário nacionalizar ainda mais o nome do clube. (...) Sem consultar o Conselho Deliberativo, o presidente Enne Cyro Poni adotou o nome Ypiranga Esporte Clube, em homenagem à data máxima brasileira. Uma derrota frente ao Atlético por 2 a 1 foi definitiva para condenar a existência do Ypiranga. (...) O presidente do Conselho, Oswaldo Pinto Coelho, sugeriu o nome de Cruzeiro Esporte Clube. Era uma homenagem ao principal símbolo do país – a constelação do Cruzeiro do Sul.²³

O tratamento dado a esses acontecimentos na memória cruzeirense certamente se deve ao seu caráter traumático, ao seu potencial de trazer à tona os ressentimentos e as fronteiras simbólicas que dificultavam a integração completa dos italianos no Brasil. Na leitura dos jornais da época, é possível constatar que o mesmo constrangimento já estava presente, pois é pequeno o número de referências que se pode encontrar. Outra das raras exceções a tratar o tema de frente é, como seria de se esperar, o já citado trabalho acadêmico de Euclides de Freitas Couto, que explora um pouco a questão da “nacionalização” do Palestra. As tensões que esse processo provocou na vida do clube ficam evidentes, por exemplo, no depoimento de Carlos Ribeiro, do Departamento de História e Estatística do Cruzeiro, apresentado pelo pesquisador:

A ideia de se “abrasileirar” o Palestra surgiu ainda nos anos de 1920 com os irmãos Fantoni. (...). Entretanto uma ala “conservadora” da diretoria negava-se redundantemente a isto. Nos anos de 1930, os Fantoni chegaram a publicar manifestos em jornais comparando a diretoria palestrina a “um grupinho de alemães que querem comandar um país inteiro”, uma insinuação direta à situação da Tchecoslováquia.²⁴

Outro momento relevante na construção da tradição cruzeirense é o surgimento da Raposa como mascote do clube, também pelas mãos do chargista Mangabeira, nas páginas do jornal *Folha de Minas*, em 1945. Nos livros sobre a história do Cruzeiro, embora o símbolo esteja sempre presente, sua criação não merece tanta atenção quanto na bibliografia do Atlético, provavelmente em função da maior identificação da torcida atleticana com o Galo. O motivo da escolha do símbolo cruzeirense, no entanto, pode ser conhecido em outras publicações; como no livro *100 melhores do esporte em Belo Horizonte*, publicado no aniversário de 100 anos da cidade, que traz um verbete sobre Mangabeira, no qual se lê que, “ao idealizar a Raposa como símbolo do clube, ele teria se inspirado na astúcia e esperteza do então presidente do Cruzeiro, Mário Grosso, para fazer negócios”. Com a invenção da Raposa, cristaliza-se na mitologia cruzeirense o signo da astúcia, acrescido ao signo do trabalho

e igualmente herdado das ligações do clube com a experiência dos imigrantes italianos em Belo Horizonte e com a capacidade de realização que possibilitou a ascensão social de muitos deles.

Convergindo com esses valores, a coleção de personagens ilustres do Cruzeiro possui, entre as estrelas do gramado e uma notável quantidade de sobrenomes italianos (como Nininho, Ninão e Niginho, todos da família Fantoni e ídolos do time nas décadas de 1920 a 1940), um número considerável de dirigentes, tidos como responsáveis pelo crescimento constante e gradual da agremiação ao longo de sua história. Desde os pioneiros Aurélio Noce e Antonio Falci, passando por Mário Grosso, na década de 1940, até chegar a Felício Brandi e Carmine Furletti, que comandaram o clube durante longo tempo e lideraram sua ascensão definitiva nos anos de 1960.

Nas últimas décadas, o Cruzeiro acumulou uma série de triunfos importantes, como o bicampeonato da Copa Libertadores da América, em 1976 e 1997, e a “Tríplice Coroa” (Campeonato Mineiro, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro), em 2003. Motivada por essas “páginas heroicas” da história do clube, a torcida cruzeirense não parou de crescer, alcançando e, dependendo da fonte e do critério adotados, ultrapassando em número a torcida do Atlético. O cronista Roberto Drummond capturou esse crescimento, passando a chamar a torcida de “China Azul”, epíteto que sublinhava as proporções grandiosas que ela vinha adquirindo, mas não deixava de apontar também para o imaginário do trabalho, pela referência à China comunista. Acostumados aos triunfos, os cruzeirenses são tidos hoje como uma torcida exigente e ranzinza, que cobra implacavelmente o bom desempenho do time dirigido pelos irmãos Perrella, verdadeiras raposas quando se fala em negócios.

Nesse período vitorioso, o Cruzeiro consolidou uma imagem de profissionalismo, sucesso e poderio econômico, que estabelece uma clara relação de mútua dependência com os valores e significações presentes nas narrativas da origem. Trabalho e astúcia, portanto, sintetizam a mitologia cruzeirense, projetando a imagem heroica de um povo que marcha triunfalmente em direção ao futuro. Uma imagem que tem o potencial de sinalizar tanto para a promessa capitalista de ascensão

social pelo trabalho quanto para as utopias nacionalistas de progresso e os sonhos de uma revolução proletária.

O outro necessário

Em grande parte dos discursos acadêmicos, jornalísticos e artísticos sobre a história do futebol brasileiro, o conflito entre o povo e as elites ocupa um lugar preponderante, emulado muitas vezes por outras dicotomias análogas, como as que opõem negros e brancos, ricos e pobres, centro e subúrbio etc. Entre as razões desse predomínio, podemos certamente indicar a centralidade do tema da nação nas discussões sobre o futebol e a inegável importância do Rio de Janeiro como metrópole cultural geradora de símbolos da identidade brasileira. Contado a partir do que aconteceu naquela cidade, o processo que transformou o esporte bretão em expressão legítima da cultura brasileira domina amplamente as atenções, multiplicando-se em inúmeras versões que de alguma forma reproduzem a mesma estrutura narrativa.²⁵

Cumpramos observar, porém, que o imaginário do futebol no Brasil não se reduz a essas dicotomias e que as tradições esportivas das diferentes cidades e regiões do país nem sempre correspondem fielmente a essa configuração. A história do futebol em Belo Horizonte é um dos casos em que os limites dessa matriz interpretativa ficam evidentes, o que constitui, talvez, o maior desafio na busca por uma interpretação razoável de suas especificidades. Como vimos, as tradições de Atlético e Cruzeiro apontam para duas identidades que, embora sejam claramente distintas, reivindicam para si o atributo de “popular”. Podemos dizer, então, que a rivalidade entre os dois clubes não encarna o conflito clássico entre o povo e as elites, mas opõe duas formas diferentes de representar e construir a noção de popular.

É possível aproximar essas duas imagens de algumas ideias mais gerais sobre a cultura popular urbana, em suas relações com a modernidade e com os processos de modernização no Brasil, em Belo Horizonte e outros contextos periféricos. Com sua mitologia de raça e paixão, o

Atlético parece reafirmar as singularidades de um povo passional, intuitivo e sofredor, simbolizando as energias incontrolláveis da multidão heterogênea e sua capacidade de se opor à modernização ou assimilá-la de forma diferencial. O Cruzeiro, por sua vez, parece reforçar o vetor desse processo, por meio de uma narrativa que remete à ação dos próprios europeus como agentes modernizantes e reitera valores fundamentais da modernidade ocidental, como trabalho e perseverança, astúcia e racionalidade.

De modo enviesado, essas duas imagens se apoiam na oposição entre modernidade e tradição para oferecer à comunidade duas alternativas de solução simbólica do conflito entre o povo e as elites: a ideologia populista da mediação e do pacto social, investida no Atlético, e a ideologia liberal e racionalista da ascensão pelo trabalho, encarnada pelo Cruzeiro. Dessa ambiguidade constitutiva vem a necessidade de mitificar a origem, mascarar os antagonismos internos e selecionar no passado os pontos de referência que sustentam a memória coletiva. Para que essas narrativas possam incorporar a popularidade, é preciso dissimular a origem social daqueles garotos que “mataram aula” para fundar o Atlético e esquecer os ressentimentos e feridas que ameaçaram a integração dos imigrantes italianos na sociedade belo-horizontina.

Assim, a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro pode ser vista não apenas como um conflito entre duas formas de ser popular, mas também como uma relação de espelhamento e complementaridade. Uma relação que naturaliza e cristaliza a oposição entre tradição e modernidade, tão presente no imaginário e na historiografia de Belo Horizonte, deslocando e substituindo o conflito entre o povo e as elites. Enquanto o Atlético inveja a racionalidade e a astúcia cruzeirense, o Cruzeiro tem ciúmes da paixão e da fidelidade da torcida atleticana. A potência simbólica de um depende da força do outro, pois a sociedade precisa conciliar modernidade e tradição e superar os antagonismos entre povo e elite.²⁶

De modo bem particular, portanto, essa configuração local do imaginário esportivo expressa a complexidade e as ambivalências da cultura popular urbana, nas suas conexões com os diferentes projetos de modernização empreendidos pelas sociedades periféricas ao longo do século

XX. O caráter especular da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro coloca em pauta a relação contraditória dessas sociedades com os signos da modernidade, tomados ao mesmo tempo como objetos de desejo e resistência, de assimilação e transformação, resultando sempre em temporalidades múltiplas e formações híbridas, típicas do entrelugar.

Se considerarmos a cultura popular como “uma espécie de campo de batalha permanente”, uma “arena do consentimento e da resistência”, como definiu o crítico cultural jamaicano Stuart Hall, inspirado na noção gramsciana de hegemonia, as tensões projetadas nessa rivalidade podem ser vistas como parte de um jogo mais amplo. Nesse jogo, como nos lembra Hall, “o capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo (...) de reeducação no sentido mais amplo”.²⁷ Ao mesmo tempo, como afirma outro pensador da cultura popular urbana, o espanhol-colombiano Jesús Martín-Barbero, “incorporar culturalmente o popular é sempre perigoso para uma *intelligentsia* que nele vê uma permanente ameaça de confusão, com o apagamento das regras que delimitam as distâncias e as formas”.²⁸ É dessa ambivalência nunca completamente resolvida, enfim, que se alimenta a rivalidade ritual entre Atlético e Cruzeiro, metaforizada pela eterna luta entre o Galo e a Raposa pela hegemonia no “terreiro” esportivo de Belo Horizonte.

(Este ensaio apresenta os resultados de pesquisa de pós-doutorado realizada entre julho de 2008 e junho de 2009, com bolsa do CNPq, junto ao Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PACC-UFRJ), sob supervisão da professora doutora Heloisa Buarque de Hollanda. Por isso, ele recupera algumas análises e argumentos já expostos, de forma menos desenvolvida, em outros textos de minha autoria.)

Notas

- ¹ Mangabeira é o pseudônimo de Fernando Pierucetti, chargista que criou os bichos que simbolizam os clubes mineiros, no jornal *Folha de Minas*, em 1945 (cf. Marcelino Rodrigues da Silva, “A cidade dividida nas charges de Mangabeira”, *Z Cultural – Revista Virtual do PACC/UFRJ*, Rio de Janeiro, ano 6, v. 1, 2010, disponível em <<http://www.pacc.ufrj.br/z/ano6/1/marcelino.php>>, acesso em 7 jul. 2011). O trabalho desse artista, ligado ao grupo que introduziu as ideias modernistas nas artes plásticas de Belo Horizonte, é objeto de pesquisa que venho desenvolvendo atualmente, intitulada “Conexões modernistas nas charges de Mangabeira”.
- ² Cláudia Maria Ribeiro Viscardi, “A capital controversa”, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano XLIII, n. 2, p. 28-43, jul./dez. 2007.
- ³ Raphael Rajão Ribeiro, *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*, dissertação (mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 60.
- ⁴ Euclides de Freitas Couto, *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*, dissertação (mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003, p. 95-110.
- ⁵ Cf. Plínio Barreto, *Futebol no embalo da nostalgia*, Belo Horizonte, Editora Santa Edwiges, [s.d.].
- ⁶ Na década de 1940, essa imagem do Atlético como um clube popular já estava consolidada, como mostra um matéria publicada por *O Diário Esportivo*, em 2 de agosto de 1945: “O Atlético é o preferido pelas grandes massas do nosso futebol. Grêmio de ricas tradições esportivas, ‘campeão dos campeões’, ele arrasta para os nossos pobres estádios verdadeiras multidões, sedentas de emoções, loucas para delirar com as jogadas de seus prediletos. Os proletários em geral são todos atleticanos. Homens que vivem do labor cotidiano, e no descanso domingueiro vão para os nossos campos dar alegria e incentivo ao nosso esporte.”
- ⁷ Jairo Anatólio Lima, *Estádio Independência*, Belo Horizonte, Conceito, 2004, p. 19.
- ⁸ Cf. Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*, São Paulo, Vértice, 1990.
- ⁹ Ricardo Galuppo, *Raça e amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*, São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2003, p. 21.
- ¹⁰ Adelchi Ziller, *Enciclopédia do Atlético*, Belo Horizonte, Editora Lemi, 1974, p. 19.
- ¹¹ Galuppo, *Raça e amor*, p. 34.
- ¹² *Ibidem*, p. 41.
- ¹³ *Ibidem*, p. 94-95.
- ¹⁴ Ziller, *Enciclopédia do Atlético*, p. 21.
- ¹⁵ Roberto Drummond, *Uma paixão em preto e branco*, Belo Horizonte, Editora Leitura, 2007, p. 166.
- ¹⁶ Galuppo, *Raça e amor*, p. 78.
- ¹⁷ Ziller, *Enciclopédia do Atlético*, p. 223.

- ¹⁸ Galuppo, *Raça e amor*, p. 20.
- ¹⁹ Jorge Santana, *Páginas heroicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece*, São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2003, p. 30.
- ²⁰ *Ibidem*, p. 32.
- ²¹ Plínio Barreto, Luiz Otávio Tropa Barreto, *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*, Belo Horizonte, [s.n.], 2000, p. 16.
- ²² *Ibidem*, p. 25.
- ²³ *Ibidem*, p. 72-73.
- ²⁴ Couto, *Belo Horizonte e o futebol*, p. 56.
- ²⁵ Cf. Marcelino Rodrigues da Silva, *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006; Marcelino Rodrigues da Silva, “Quando é dia de clássico: das massas aos mitos”, em Alexandre Freire, *Preto no branco – ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*, Belo Horizonte, Edição do Autor, 2007, p. 55-67.
- ²⁶ É necessário reconhecer que este esforço de interpretação tem algo de abusivo e suplementar e que tende ao esquematismo qualquer tentativa de “explicar” o fenômeno do futebol pelo enquadramento muito rígido dos signos esportivos em oposições e sistemas de classificação. Como afirmou José Miguel Wisnik, “a divisão da população de uma cidade em times rivais (...) obedece, para além dos perfis sociológicos, a uma necessidade antropológica: a de se dividir em ‘clãs totêmicos’ mesmo no mundo moderno, e disputar ritualmente, num mercado de trocas agonísticas, o primado lúdico-guerreiro, como se não fosse possível ao grupo social existir sem suscitar por dentro a existência do outro – o rival cuja afirmação me nega me afirmando”. No entanto, acredito que parte importante do trabalho do crítico cultural é expandir e explorar as possibilidades de sentido sugeridas por seu objeto, tarefa que busco empreender aqui, a despeito das dificuldades e dos riscos que ela implica (José Miguel Wisnik, *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 51).
- ²⁷ Stuart Hall, *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003, p. 247-263.
- ²⁸ Jesús Martín-Barbero, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997, p. 241.

Raphael Rajão Ribeiro

O futebol em Belo Horizonte e a constituição do *campo esportivo* (1904-1921)

Introdução

Belo Horizonte é hoje um dos principais centros da prática do futebol no Brasil. Com três tradicionais clubes profissionais – América, Atlético e Cruzeiro – dispõe de dois importantes estádios – Mineirão e Independência –, os quais já foram e continuam sendo palco de grandes competições nacionais e internacionais. A própria capital mineira é referência como cidade, constituindo-se em uma das principais metrópoles do país.

Ao observar-se o quadro atual, é possível que esqueçamos que a situação da cidade era bem diferente há pouco mais de 100 anos. Belo Horizonte foi inaugurada no fim do século XIX, planejada e construída para ser capital do Estado de Minas Gerais. Ao longo dos seus primeiros 10 anos, alcançou população de cerca de 20 mil habitantes, uma localidade pequena se comparada a outros grandes centros brasileiros e mesmo mineiros.

Foi em tal contexto que se deu a introdução das práticas atléticas na nova capital de Minas Gerais. Uma cidade pequena, ainda em formação.

O caso belo-horizontino guarda algumas particularidades em relação ao processo de constituição de *campos esportivos* em capitais brasileiras,

já que, ao contrário de boa parte de suas coirmãs, deu-se em uma localidade sem tradição em outras modalidades.

Em Belo Horizonte, o futebol ocupou lugar de destaque no desdobramento desse fenômeno. Até a chegada de tal esporte, a cidade havia vivenciado experiências muito efêmeras no que diz respeito aos exercícios físicos, ao contrário do que se via em outros centros brasileiros, como o Rio de Janeiro, onde as modalidades atléticas estavam, há muito, estabelecidas. Nesse contexto, a trajetória da nova prática, introduzida em 1904, coincidiu com o processo de formação de um *campo esportivo* na capital mineira.

Sobre essa ideia, o presente texto evoca o conceito elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu em seus estudos. Em linhas gerais, o *campo* pode ser definido como setor específico do universo social, historicamente produzido,¹ espaço de relações objetivas² e produção de *capital social*, o qual envolve lógica própria de organização interna e de distribuição de prestígio entre seus integrantes, cujas delimitações de fronteiras e de critérios de atribuição de *capital simbólico* são objetos de constantes disputas.³

No que diz respeito ao esporte, para Bourdieu, ao constituir elementos particulares, dentre os quais critérios de decisão de quem é o melhor ou de quem tem a legitimidade de regulamentar as normas do jogo, a prática atlética passou a desenvolver trajetória singular em relação ao todo social. É possível identificar temporalidades próprias desse *campo*, que apenas parcialmente se ligam aos fenômenos históricos mais amplos.

Com o advento dos esportes modernos, na virada do século XVIII para o XIX, iniciou-se a formação de uma nova esfera do universo social. Essa prática corporal, que encerra seus sentidos em si mesma, constituiu, ao longo do tempo, uma série de elementos próprios, conquistando autonomia relativa frente ao todo social. Tal processo de conformação de um *campo* deu-se de forma histórica e se desenrolou, de maneiras variadas, em diferentes localidades.

A proposta deste texto é examinar o momento de introdução do futebol em Belo Horizonte, observando as relações entre a implantação

dessa modalidade atlética e a formação de um *campo esportivo* na cidade, atentando-se para as regularidades e as especificidades desse processo no caso da capital mineira.

Iniciativas pioneiras e implantação do futebol em Belo Horizonte

O esporte da capital mineira não vivenciou, até 1904, nenhum empreendimento que houvesse alcançado longa duração ou que tivesse contado com estrutura mais elaborada. O que havia sido visto, até então, eram algumas tentativas de implantar as atividades atléticas e quase nenhuma realização efetiva.

O plano da cidade, construída no final do século XIX para ser a nova capital de Minas Gerais, previa espaços esportivos, como uma área destinada à construção do hipódromo, na zona suburbana,⁴ e uma pista para corridas de bicicletas, dentro do Parque Municipal.⁵ Tais proposições da planta da cidade de Minas orientaram algumas experiências iniciais, como a tentativa de constituição de uma sociedade turfística⁶ e a efetiva formação de um clube ciclístico, o Velo Club, que realizou competições no velódromo do parque, na passagem do século XIX para o século XX.⁷

Apesar desses esforços iniciais, a população se mostrou refratária aos exercícios ao ar livre. As iniciativas esportivas, a exemplo de outras tentativas de implantação de divertimentos na cidade, não tiveram vida longa. Ao que parece, as visões de mundo dos habitantes, em boa parte originários do interior do Estado, não coincidiam com os preceitos relativos à prática atlética naquela época.

Mesmo que em pequeno número e de curta duração, as iniciativas esportivas que tiveram palco em Belo Horizonte antes de 1904 representaram experiências que não foram ignoradas pelos introdutores do futebol na capital mineira. Em suas diferentes constituições – clubes de ciclismo, de alpinismo, sociedades turfísticas –, as associações voltadas

para a prática atlética indicaram diferentes possibilidades de apropriação de tal ramo dos divertimentos modernos.

Quando o Sport Club Mineiro, primeiro clube de futebol da cidade, foi fundado, em 10 de julho de 1904,⁸ não havia nenhuma outra agremiação esportiva na cidade. Todas as iniciativas anteriores já estavam extintas.

O impulso dado pela entidade pioneira do futebol rapidamente apresentou desdobramentos. À sua criação seguiu-se o surgimento de outros clubes. Poucos meses depois, a partir de uma reunião realizada nas dependências do Gymnasio Mineiro,⁹ o Plinio Football Club foi fundado em 2 de outubro de 1904.¹⁰ Naquele mesmo ano aparecerem mais três associações: o Athletico Mineiro Football Club, o Mineiro Football Club e o Brazil Football Club.¹¹

Em sua organização inicial, os clubes pioneiros de Belo Horizonte contaram com um corpo de sócios oriundo das camadas mais privilegiadas da população local. Dos seus quadros faziam parte comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos e, principalmente, estudantes. Contudo, diferentemente de outros centros nacionais, a inserção dos brasileiros natos foi imediata e quase não se viam estrangeiros, especialmente ingleses e alemães, que eram em pequeno número na cidade.

A configuração do corpo de sócios não era aleatória, já que os clubes contavam com mecanismos de seleção, como indicação, aprovação por comissão de sindicância e pagamento de taxas, que por seus valores mais altos, inviabilizavam o ingresso de grande parte dos habitantes da capital mineira.

Para se ter uma ideia, o estatuto do Sport Club previa a cobrança de uma joia – espécie de cota de admissão – de 10\$000 e de mensalidades de 5\$000,¹² valores semelhantes aos praticados, em 1905, pelos cariocas Fluminense Football Club e Botafogo Football Club, reconhecidamente os clubes mais elegantes do Distrito Federal.¹³ O fato de a capital mineira ser, à época, povoada por pouco mais de 15 mil habitantes¹⁴ superdimensionava, ainda mais, o montante. Com esses mecanismos, tal associação futebolística tornava-se acessível a uma pequena parcela dos belo-horizontinos.

Como se via, a colocação social era, nesse momento, um fator importante para a participação nos clubes dedicados à prática esportiva na capital mineira. No entanto, outros parâmetros de distribuição de prestígio podiam ser observados, como no caso do Sport Club. A agremiação pioneira do futebol na cidade contava, na sua primeira diretoria eleita, com o dentista Oscar Americano, no cargo de presidente, e com Victor Serpa, no de *captain*.¹⁵ Este último, um carioca, estudante de direito, foi o principal incentivador, em Belo Horizonte, da introdução da modalidade atlética que havia conhecido quando estudava na Suíça.¹⁶

A distribuição de funções na diretoria do Sport Club evidencia o início da criação de parâmetros próprios ao esporte. Enquanto o cargo de presidente mostrava-se ligado a aspectos do universo social mais amplo, a definição de *captain* da agremiação parecia estar ligada à maior competência futebolística de Victor Serpa, reconhecidamente mais profundo conhecedor do jogo. Um entendimento de que a prática atlética possuía seus aspectos particulares já era demonstrado, apontando para o início da formação de um *campo*.

A introdução do futebol representou a possibilidade de seus adeptos e da população da cidade, os quais tinham conhecimentos prévios das atividades físicas devido à veiculação de notícias sobre o tema, de viverem na prática as modalidades atléticas. A efetivação de tal experiência significava que, a partir de então, eles poderiam se apropriar e construir suas próprias visões e atitudes frente àquele moderno divertimento. De tais realizações cotidianas surgiria a estruturação do novo *campo*, com suas instituições e elementos específicos.

Alguns aspectos que marcavam as especificidades do futebol e delimitavam as fronteiras entre os conhecedores ou não da nova prática estavam ligados às suas origens, como era o caso do vocabulário adotado, permeado por inúmeros termos em inglês. Em 1904, um jornal local noticiou da seguinte maneira a disputa de uma partida: “Anteontem foi disputado mais um *match* de *foot-ball* no campo desta novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distintos *sportsmen* e *gentis sportswomen*.”¹⁷

Na curta citação é possível notar diversos estrangeirismos. Dentre tais termos, um servia para designar o grupo entusiasta das modalidades atléticas: *sportsmen*, com a variação feminina, *sportswomen*. Ele se referia àqueles iniciados no meio, sejam praticantes ou aficionados.

A empolgação que cercou o futebol em seus primeiros anos rendeu maior estruturação institucional. Já em 1904, uma liga de clubes foi criada. Ela se baseava no modelo de centros como São Paulo e Rio de Janeiro, o que demonstrava o conhecimento dos atletas belo-horizontinos do que se passava em outras localidades.¹⁸ À fundação da entidade, se seguiu a realização de campeonato entre seus membros.¹⁹ A constituição de tal associação evidenciava o reconhecimento da necessidade de um organismo regulador e promotor do esporte.

Toda a movimentação em torno da nova modalidade atlética vista em 1904 levava a imprensa a falar numa “mania do *foot-ball*”.²⁰ Observava-se a existência de diversos clubes, com campos que ocupavam o espaço do Parque Municipal e os lotes vagos da cidade, a presença de uma liga, boa participação de público e espaço nos jornais para notícias sobre a atividade física. Surpreendentemente, os adeptos do esporte pareciam haver conseguido vencer a falta de interesse da população belo-horizontina.

Contudo, ao longo de 1905 e 1906, o entusiasmo foi arrefecendo e os clubes pioneiros entraram em crise. A morte de seu principal entusiasta, Victor Serpa,²¹ e a tendência da população local a tratar os divertimentos ao ar livre apenas como modismos parecem ter influenciado a diminuição das atividades dos clubes.

Medidas foram tomadas para evitar seu desaparecimento. A exclusividade vista no primeiro ano foi redimensionada, de modo a estimular o ingresso de novos sócios. Entre as resoluções tomadas, estava a diminuição do preço das mensalidades, que, a partir de então, seriam de 3\$000. Agremiações se fundiram.²² O que se via, em 1906, era uma maior presença dos estudantes,²³ que demonstravam ser os maiores entusiastas do futebol.

Apesar dos esforços, os clubes pioneiros desapareceram. Em 1907, não se viram notícias sobre agremiações de futebol em Belo Horizonte.

A prática desse esporte manteve-se apenas de maneira informal ou dentro de instituições, como a polícia.²⁴

Na capital mineira, a trajetória do futebol apresentou um caminho diverso do que se viu nas principais capitais do país. Se, naqueles centros, o desenvolvimento da modalidade atlética seguiu trajetória de crescimento desde sua implantação, em Belo Horizonte os clubes tiveram destino diferente. Em uma cidade sem tradição esportiva e mesmo hábitos de convívio público, um desafio maior se apresentava.

Mesmo assim, as experiências vivenciadas nos primeiros anos possibilitaram as definições de parâmetros retomados pela nova leva de entidades. Espaços esportivos, nomes de associações, perfil dos sócios, vários elementos se mostraram coincidentes. Contudo, outras tendências também surgiram, demonstrando que os caminhos a serem trilhados eram múltiplos.

Ressurgimento dos clubes e novos elementos do *campo esportivo* em formação

A criação do Athletico Mineiro, em 25 de março de 1908,²⁵ marcou a volta das agremiações futebolísticas à cidade. À sua fundação se seguiu a de outra entidade, o Sport Club.²⁶ Ambas possuíam a mesma denominação de clubes criados em 1904. A começar pelos nomes, as novas associações demonstravam se ligar ao passado do esporte na cidade. Inclusive, evidenciavam haver aprendido com os erros anteriores. Em seus estatutos, as duas lançaram mão de mecanismos para evitar o descompromisso dos membros, cobrando multas e definindo sanções para a não participação em reuniões e treinos.²⁷

O Athletico Mineiro Football Club, por exemplo, previa o seguinte:

Art. 36. Será multado em 2\$000 o sócio que não tomar parte em um *training* durante uma semana, salvo se alegar motivos justos.

Art. 37. A diretoria pode, conforme a gravidade da falta cometida pelo sócio, suspendê-lo de jogo, 15 dias no máximo.²⁸

Dessa forma, o clube precavia-se da pouca assiduidade de alguns jogadores. O Sport Club tomou medidas semelhantes, como demonstrou este anúncio:

Sport-Club

De ordem do sr. Presidente, convido os srs. sócios do “Sport Club” para uma reunião, hoje, às 12 horas, no salão do “Cinema Familiar”, à rua da Bahia. Será multado em 5\$000 o faltoso. – *Antonio Oliveira*, 1º secretário.²⁹

Mesmo nas reuniões da agremiação, realizadas num cinema da capital, já que a entidade ainda não possuía sede, medidas foram tomadas para se evitar a dispersão dos associados. Através da publicação da nota no diário oficial do Estado, o *Minas Geraes*, os dirigentes procuravam atingir a totalidade de seus quadros.

Na ocupação da cidade, os novos clubes mantinham a tendência apresentada por seus antecessores. Áreas destinadas aos divertimentos ao ar livre, como o Parque Municipal e lotes vagos da região central, eram convertidas em campos de jogo.³⁰ O contexto local favorecia essa situação. Apesar de inaugurada há uma década, Belo Horizonte ainda contava com inúmeros terrenos baldios, mesmo nos bairros centrais. Com a tolerância e até o apoio do poder público e dos proprietários, os clubes criavam ali seus espaços de treino.

No momento em que as agremiações de futebol voltaram à capital mineira, outras experiências esportivas também aconteciam. A de maior destaque foi a criação da sociedade turfística, que finalmente efetivou a construção de um hipódromo na cidade. O Prado Mineiro, que levava o nome da mesma entidade responsável pelo empreendimento, foi inaugurado em 1906 e, entre esse ano e 1912, recebeu, ainda que não regularmente, corridas de cavalo³¹ no espaço que dispunha, dentre outros melhoramentos, de arquibancada para aproximadamente 1.500 pessoas sentadas.³²

Aos poucos, os belo-horizontinos iam tomando conhecimento do futebol e dos esportes, sobre os quais, nem sempre, tinham opinião favorável. De todo modo, um discurso legitimador das práticas atléticas

alcançava, lentamente, penetração social, e as agremiações passavam a contar com crescente respaldo da população, através da presença nos jogos ou de auxílios materiais.

Sem o mesmo entusiasmo visto em 1904, as agremiações desse momento de retomada vivenciaram um desenvolvimento regular em seus primeiros anos. Novos clubes surgiram, com destaque para dois, o Yale Athletic Club, fundado em 1910,³³ e o America Foot-ball Club, de 1912.³⁴ O primeiro, contava, entre seus sócios, com experientes futebolistas que já haviam feito parte de outros clubes e operários moradores do Barro Preto. O segundo, com garotos, menores de 13 anos, filhos das classes mais privilegiadas da cidade. Ambos apontavam para a criação de identidades mais específicas para associações atléticas belo-horizontinas.

Os treinos internos, cada vez mais, alternavam-se com partidas, inclusive algumas interestaduais. Foi o caso, por exemplo, dos encontros que envolveram o Sport Club e o Riachuelo Football Club, do Rio de Janeiro,³⁵ o Yale e o América, também da capital federal, campeão carioca de 1911,³⁶ ou ainda o Scratch Mineiro e o mesmo América, em 1912.³⁷ Com isso, a competitividade se afirmava como parâmetro de avaliação dos atletas e passava a dividir espaço com valores como a conduta disciplinada e a cordialidade.

Evidenciando o interesse crescente pelo futebol e a constituição de uma especialização do *campo esportivo*, podia-se observar, nas notícias do início da década de 1910 sobre o tema, o desenvolvimento de formatos próprios de se tratar o assunto. Por exemplo, como as apresentações das escalações das equipes foram adotando novas estratégias gráficas. Em 1904, *A Folha Pequena* publicou este anúncio de um treinamento do Sport Club:

Os primeiros ficaram assim constituídos:

Dr. Americano's XI – Gonçalves (*goal-keeper*), Jepherson e Roque (*backs*), major Serpa, Avelino e Fabiano (*half-backs*), Brazil, Jordão, dr. Americano, Antonino e Claudionor (*forwards*). Reservas: Raul e Saturnino.

Mr. Victor Serpa's XI – De Jaegher (*goal-keeper*), Liebmann e Almeida (*backs*), Sales, Abel e Chagas (*half-backs*), Fr. Mascarenhas, Thomé, Norris, Viserpa e Viriatho (*forwards*). Reserva: Baptista.³⁸

Já em 1911, os times do América, do Rio de Janeiro, e do Yale foram apresentados da seguinte forma:

Pouco antes de duas horas, o *referee*, sr. Antonio Peres, do America, dá o sinal de posição, apresentando-se os dois *clubs* com os seguintes *teams*:

– America - Marcos, Belfort, Mottinha, Mendonça, Jonathas, Carneiro, Horacio, Peres, Elias, Gabriel, Sebastião.

– Yale - José Ferreira, Gumercindo, Romulo, Dopper, Netto, Pedro, Dante, Kent, Abdon, Vicente, Leopoldo.³⁹

Dois anos depois, assim eram anunciadas as equipes do Atlético e do Acadêmico, sendo este último um clube recém-criado pelos estudantes da cidade:

É este o *team* do Athletico:

Gondorcet
Moretzsohn-Camardel
Sigaud-Dopper-Saleziano
Morgan-Arthur-Meirelles-Djalma-Britto

Team Academico:

Ramiro
Lincoln-Gusmão
Machado-Octavio-Giordano
Jorge-Mattos-Jair-Gusmão-Zeca⁴⁰

Os diferentes formatos para a divulgação das escalações das equipes proporcionam algumas inferências. Na primeira diagramação, as posições são apresentadas à frente dos nomes dos jogadores. Naquele momento, o desconhecimento do público demandava melhor detalhamento da distribuição dos futebolistas em campo. Na segunda, vê-se apenas a publicação dos nomes, sendo que, através da ordem em que eles eram apresentados, percebia-se a organização do time. Na terceira, por meio de recurso gráfico, demonstrava-se de que maneira o conjunto ficava postado. Esses três modelos indicam a diversificação do repertório da imprensa, dentre a qual, cada vez mais, surgiam jornalistas identificados com o tema. Muitos dos envolvidos com a escrita acerca do assunto eram *sportmen* ativos,⁴¹ sua dupla atuação garantia o intenso diálogo entre os periódicos da época e o público entusiasta daquela modalidade. Dentro do processo de consolidação de um *campo esportivo*, algumas especializações começavam a surgir.

A necessidade de uma competição era sentida cada vez mais. Debates sobre qual seria o melhor time da cidade apontavam para o início da constituição de rivalidades e indicavam o desejo por um torneio que pudesse oferecer resposta para tal discussão.⁴²

Nessa medida, em 1914, foi realizado o primeiro torneio após o retorno das agremiações de futebol à cidade: a Taça Bueno Brandão. Um novo espaço para aquela modalidade esportiva se afirmava, o Prado Mineiro, que sem corridas de cavalo passava a receber os jogos de bola. A disputa contou com a participação de três equipes: América, Atlético e Yale.⁴³ Apesar da existência de mais agremiações na cidade, apenas essas tomaram parte na competição, o que evidenciava a constituição de distinções no meio esportivo local. Ao contrário do que se viu na fase inicial, aquela modalidade atlética vivenciou um amadurecimento mais lento, porém mais sólido. A “mania” dos primeiros anos foi substituída pelo maior comprometimento dos novos adeptos.

Consolidação do futebol na cidade e estruturação do *campo esportivo*

Enquanto os novos clubes se estruturavam em Belo Horizonte, ainda que mais isoladamente, outras modalidades esportivas eram vivenciadas ali. Sua prática foi organizada de variadas formas, através de sociedades compostas por acionistas de clubes, de iniciativas do poder público, de instituições de ensino ou de empreendimentos do ramo das diversões.⁴⁴ Nenhuma delas alcançou grande nível de estruturação, no entanto elas indicaram as múltiplas possibilidades para o desenvolvimento das atividades atléticas na cidade, deixando bem claro que a opção adotada pelos grêmios futebolísticos não era única.

Com a estabilidade conseguida pelos clubes e a identificação da necessidade de promoção de uma competição regular, as agremiações de mais destaque da capital mineira criaram, em 1915, a Liga Mineira de Sports Athleticos (LMSA).⁴⁵ Como o próprio nome da entidade indicava, havia a intenção de uma atuação para além do futebol, englobando-se outros esportes. Conforme visão da época, o jogo de bola praticamente resumia a prática atlética na cidade.⁴⁶

A LMSA tinha, em sua direção, reconhecidos *sportsmen*, os quais atuavam normalmente como *referees*, ou seja, como árbitros nos jogos. A escolha de tais indivíduos indicava a constituição de uma legitimidade particular daquele *campo*.

O surgimento da entidade significou, também, a criação do campeonato da liga, que passou a se realizar todo ano.⁴⁷ A partir daí, observou-se a estruturação de um calendário esportivo na cidade, o que incentivava ainda mais a cobertura da imprensa e a participação dos torcedores.

Com a legitimidade que o futebol alcançava em Belo Horizonte, as agremiações passaram a ter maiores facilidades para o estabelecimento de seus campos de jogo. Já em 1911, o Yale conseguiu a concessão de um terreno onde já havia estabelecido seu local de treinamento.⁴⁸ Em 1916, foi a vez do Atlético.⁴⁹ Com isso, os espaços esportivos conquistados na cidade se consolidavam ainda mais.

O crescimento da prática do futebol ressonava na imprensa, que, cada vez mais, dedicava espaço ao tema. Evidenciando a maior especialização desse setor, dois periódicos dedicados às modalidades atléticas foram criados entre 1917 e 1918: *O Foot-ball* e *O Treno*.⁵⁰ Nenhum deles conseguiu se manter, desaparecendo poucos números depois. Contudo, uma tendência de fortalecimento do ramo da crônica esportiva se apresentava.

A maior estruturação das agremiações e a realização das competições possibilitaram terreno fértil para que as paixões clubísticas fossem cultivadas. A rivalidade entre as entidades acirrava-se gradativamente. Atlético e América polarizavam a luta pelo posto de melhor time da cidade.⁵¹ Em meio a essa disputa, encontrava-se a LMSA, que ainda buscava consolidar sua legitimidade.

Depois de uma querela motivada por questionamento do América à autoridade do presidente da liga, uma cisão se deu e só foi solucionada pela intervenção da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade máxima do desporto no período.⁵² Com o incidente, a instituição dirigente foi reformulada e, a partir de 1917, passou a se chamar Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT).

Em seus estatutos, a nova entidade apresentava uma série de medidas restritivas à participação de clubes e de jogadores,⁵³ evidência de que a proliferação do futebol entre as diversas camadas sociais incomodava as agremiações mais tradicionais. Sobre esse ponto, vale ressaltar o grande número de clubes criados ao longo da década de 1910, muitos deles em bairros considerados periféricos ou com população mais pobre, a exemplo do Lagoinha, do Floresta e do Santa Efigênia.⁵⁴

Mesmo entre os clubes mais antigos, distinções foram criadas. Com a polarização entre Atlético e América, o Yale assumiu uma identidade cada vez mais operária. Inicialmente formado por sócios de perfil variado, o clube do Barro Preto assim se definia no momento de sua fundação:

No intuito de desenvolver em nosso meio os *sports* mais recomendáveis para a boa educação física da mocidade, numeroso grupo de rapazes, pertencentes na

maioria ao operariado desta Capital, fundou aqui o “Yale Athletic Club”, que vai realizando, com maiores sucessos, os seus *matches* de *foot-ball*.

Hoje realizará a simpática associação, às 3 horas da tarde, no seu *ground*, à avenida Paraopeba, nas proximidades da escola pública do Barro Preto, um animado *training* entre os *teams* branco e preto, deles fazendo parte moços que, apenas há três meses, se iniciaram no exercício desse esplendido *sport*, sob a direção dos valentes e conhecidos *footballers* Romulo Joviano, Agenor Nogueira, Eduardo Santos, E. Frieiro e Eugenio Ferreira.⁵⁵

Constituído por sócios como Romulo Joviano e Eduardo Frieiro, os quais eram bastante ligados aos clubes tradicionais, o Yale tinha a proposta de difundir entre os jovens operários do Barro Preto o esporte então considerado nobre e útil à civilização e à formação do caráter. Contudo, com o passar do tempo, a entidade foi se associando cada vez mais à população do bairro que ocupava e perdendo o vínculo com as agremiações mais elitizadas.

Em fins da década de 1910, a divergência entre esse e os demais fundadores da LMSA era tamanha que sua torcida hostilizou o selecionado da LMDT em jogo amistoso realizado no Barro Preto, no estádio da agremiação.⁵⁶

A participação apaixonada das torcidas já se afirmava como tendência importante no final da década de 1910. A exaltação dos entusiastas das equipes e, principalmente, as reclamações contra os árbitros eram motivo de reprovações por parte da imprensa.⁵⁷ Competitividade e rompimento do equilíbrio do *autocontrole*, cada vez mais, marcavam a vivência da atividade atlética.

As especializações se consolidavam, a cada dia, no meio futebolístico local. As acumulações de funções, como as de jogador, dirigente, árbitro e jornalista, eram bem menos comuns do que se via antes. O *campo* mostrava-se já bem estruturado na virada da década de 1910 para a de 1920. Tal tendência era evidenciada, por exemplo, pela criação de uma Associação dos Cronistas Sportivos.⁵⁸

Os principais clubes estavam definitivamente consolidados e novas forças surgiam no início da década de 1920, como foi o caso do Società

Sportiva Palestra Italia.⁵⁹ O crescimento do futebol demandava novos espaços, já que os antigos passavam a ser considerados inadequados.

Isso se evidenciou, por exemplo, no debate sobre a necessidade de um novo estádio, já que o Prado Mineiro passava a ser classificado como “longínqua e incômoda praça esportiva”.⁶⁰ Frente a tal demanda, o América, com recursos próprios, empreendeu uma grande construção no terreno que lhe havia sido concedido pela prefeitura.

A obra, reconhecida como “urgente e necessária”,⁶¹ era orçada em, aproximadamente, 40:000\$000,⁶² montante significativo⁶³ que seria utilizado na instalação do pavilhão de arquibancadas, já que existia campo de jogo no local. Contando com a participação dos sócios, com toda a reserva dos seus caixas para o projeto e com o reconhecimento de que gozava no meio social, não só belo-horizontino, mas também mineiro, o que lhe valeu grandes somas em doações, assim como cessão de equipamentos, o América pode iniciar os trabalhos em abril de 1921. A capacidade do clube de empreender tamanha iniciativa demonstrou a força que não só a entidade, mas também o futebol havia alcançado na cidade. Nesse momento, em torno da modalidade, toda uma estrutura institucional havia sido elaborada.

Conclusão

A trajetória inicial do esporte em Belo Horizonte em muito se confundiu com a do futebol. Ao longo do processo de consolidação dessa modalidade atlética, uma nova esfera da realidade social local começou a se desenhar: um *campo esportivo*, com elementos singulares e parâmetros próprios de distribuição de prestígio e de legitimidade entre seus integrantes.

Tais aspectos particulares foram elaborados em meio às experiências cotidianas, sendo fruto de escolhas e disputas dos diversos atores envolvidos. As possibilidades eram múltiplas no momento em que o processo se desenrolava, e muitas das definições efetivadas durante a formação

do *campo esportivo* na cidade acabaram por orientar o desenvolvimento futuro das atividades atléticas ali.

Quando as primeiras experiências em torno da prática do futebol se iniciaram na capital mineira, esta era uma cidade em construção. Ao contrário de suas congêneres, não havia ali qualquer tradição esportiva, seja na prática do turfe, do remo, do ciclismo ou de outra modalidade atlética. Sua população tinha perfil singular, com visão provinciana e pequena presença de estrangeiros, especialmente de ingleses.

Uma dicotomia estava colocada em Belo Horizonte: de um lado, uma cidade planejada sob a moderna teoria do urbanismo; de outro, uma população refratária à convivência pública característica dos grandes centros nacionais e internacionais.

Em meio a todo esse cenário se deram a implantação da prática do futebol e, atrelada a isso, a formação de um *campo esportivo* local. Muitas das definições apresentadas nesses primeiros tempos orientaram o desenvolvimento posterior das atividades atléticas na cidade. Espaços de jogos, um calendário, modelo clubístico, diferenciação entre as agremiações, hegemonia do futebol sobre as demais modalidades, grupos dirigentes vinculados às elites locais.

Outros processos históricos interferiram nos rumos futuros da prática futebolística e esportiva belo-horizontina, mas inegavelmente as bases lançadas nesses primeiros anos orientaram o desenvolvimento posterior das atividades atléticas na capital mineira.

Notas

¹ Cf. Pierre Bourdieu, *Coisas ditas*, São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 128.

² Cf. Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, p. 64.

³ Cf. Roger Chartier, “O mundo econômico ao contrário”, em Pierre Encrevé, Rose-Marie Lagrave (coord.), *Trabalhar com Bourdieu*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005, p. 255.

⁴ Cf. *Planta Geral da Cidade de Minas, organizada sobre a planta geodésica, topográfica e cadastral de Belo Horizonte*.

- ⁵ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto, ABPi 4/012, *Os Desportes Antigos na Capital*.
- ⁶ *Ibidem*.
- ⁷ Cf. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 6 maio 1900, seção “Festas do Centenário”, p. 1; *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 8 maio 1900, seção “Festas do Centenário”, p. 1; *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, p. 1, 10 maio 1900; e Arquivo Privado Abílio Barreto, ABPi 4/012, *Os Desportes Antigos na Capital*.
- ⁸ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 jul. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ⁹ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, p. 6, 3-4 out. 1904.
- ¹⁰ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, nov. 1904, seção “Alheia”, p. 34.
- ¹¹ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 out. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 7; *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 out. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 7; *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19-20 dez. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 8.
- ¹² Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 set. 1904, seção “Alheia”, p. 15.
- ¹³ Cf. Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 34.
- ¹⁴ Cf. Nelson C. de Senna, *O cinquentenário de Belo Horizonte*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1948, p. 41.
- ¹⁵ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 jul. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ¹⁶ Cf. Leandro Ferreira Simões, “O jornal e a bola: para onde foi a torcida?”, em Maria Céres Pimenta Spínola Castro *et al.*, *Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte, 1895-1926*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais/Associação Mineira de Imprensa/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997, p. 183; e *A Epoca*, Belo Horizonte, 16 out. 1904, seção “Fagulhas”, p. 2.
- ¹⁷ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3-4 out. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ¹⁸ Cf. *A Folha Pequena*, Belo Horizonte, p. 1, 10 out. 1904.
- ¹⁹ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 out. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 7.
- ²⁰ *A Epoca*, Belo Horizonte, 30 out. 1904, seção “Fagulhas”, p. 2.
- ²¹ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 jan. 1905, seção “Falecimento”, p. 5.
- ²² Cf. *A Epoca*, Belo Horizonte, 24 set. 1905, seção “Foot ball”, p. 1.
- ²³ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10-11 set. 1906, seção “Festas e Diversões”, p. 2-3.
- ²⁴ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 nov. 1907, seção “15 de Novembro”, p. 6; e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 16-17 nov. 1907, seção “15 de Novembro”, p. 2-3.
- ²⁵ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 23 jul. 1913, seção “Alheia”, p. 10.
- ²⁶ Cf. *A Gazeta*, Belo Horizonte, 1º abr. 1908, seção “Sport Club”, p. 3.
- ²⁷ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 23 jul. 1913, seção “Alheia”, p. 10; *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 18 jul. 1909, seção “Alheia”, p. 8.

- ²⁸ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 23 jul. 1913, seção “Alheia”, p. 10.
- ²⁹ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 18 jul. 1909, seção “Alheia”, p. 8.
- ³⁰ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto, ABPi 4/007; e Ricardo Galuppo, *Raça e amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*, São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2003, p. 39.
- ³¹ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9-10 jul. 1906, seção “Prado Mineiro”, p. 2; *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8-9 abr. 1907, seção “Festas e Diversões”, p. 4; e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5-6 abr. 1909, seção “Prado Mineiro”, p. 5.
- ³² Cf. *Vida Mineira*, Belo Horizonte, 8 maio 1906, seção “Prado Mineiro”, p. 2.
- ³³ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 ago. 1910, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ³⁴ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto, ABPi 7/061, *De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grande cousas*.
- ³⁵ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12-13 set. 1910, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ³⁶ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 17 nov. 1911, seção “Festas e Diversões”, p. 7; *O Estado*, Belo Horizonte, 17 nov. 1911, seção “Match de Foot-ball”, p. 2; e *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 nov. 1911, seção “Match de Foot-ball”, p. 2.
- ³⁷ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 4-5 nov. 1912, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ³⁸ *A Folha Pequena*, Belo Horizonte, p. 1, 24 set. 1904.
- ³⁹ *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 nov. 1911, seção “Match de Foot-ball”, p. 2.
- ⁴⁰ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 30 mar. 1913, seção “Festas e Diversões”, p. 13.
- ⁴¹ Não apenas jornalistas, mas outros membros da imprensa faziam parte das agremiações futebolísticas. Exemplo disso é a presença do fotógrafo da revista *Vita*, Henrique Den Dopfer, nos quadros do Athletico. Cf. *Vita*, Belo Horizonte, p. 37, 11 out. 1913, seção “Notas Sportivas”, p. 37; e *Vita*, Belo Horizonte, 31 dez. 1913, 15 jan. 1914, seção “Nos Quoque...”, p. 9.
- ⁴² Cf. *Vita*, Belo Horizonte, 15 fev. 1914, seção “Sports”, p. 27.
- ⁴³ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 jul. 1914, seção “Festas e Diversões”, p. 10; *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 jul. 1914, seção “Festas e Diversões”, p. 13; e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20-21 jul. 1914, seção “Festas e Diversões”, p. 10.
- ⁴⁴ Cf. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 1, 16 maio 1912; *O Estado*, Belo Horizonte, p. 1, 24 abr. 1913; *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 maio 1913, seção “Sportiva”, p. 3; *A Tarde*, Belo Horizonte, 24 maio 1913, seção “Luca Romana”, p. 1; e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 jul. 1913, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ⁴⁵ Cf. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1915, seção “Sport”, p. 56.
- ⁴⁶ Cf. *Radium*, Belo Horizonte, set. 1920, seção “Radium Desportivo”, p. 31.
- ⁴⁷ Cf. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, 15 jul. 1915, seção “Sport”, p. 38.
- ⁴⁸ Cf. Belo Horizonte, Lei nº 53, 30 set. 1911.
- ⁴⁹ Cf. Belo Horizonte, Lei nº 121, 18 out. 1916.

- ⁵⁰ Cf. *O Foot-ball*, Belo Horizonte, p. 1, 13 set. 1917; e *O Treno*, Belo Horizonte, 30 mar. 1918, seção “O Treno”, p. 1.
- ⁵¹ Cf. *Correio da Tarde*, Belo Horizonte, 5 dez. 1917, seção “Sport”, p. 2.
- ⁵² Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, p. 7, 5 set. 1917; e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 set. 1917, seção “Alheia”, p. 7-8.
- ⁵³ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 jan. 1918, seção “Alheia”, p. 10-12.
- ⁵⁴ Cf. *A Tarde*, Belo Horizonte, 10 jun. 1913, seção “Foot-ball”, p. 1; *O Estado*, Belo Horizonte, 17 maio 1913, seção “Diversões Diversas”, p. 2; e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 fev. 1921, seção “Alheia”, p. 10-11.
- ⁵⁵ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 ago. 1910, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ⁵⁶ Cf. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 ago. 1919, seção “Sportiva”, p. 4; *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 ago. 1919, seção “Sportiva”, p. 3; e *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 ago. 1919, Seção “Sportiva”, p. 4.
- ⁵⁷ Cf. “Aos torcedores inconvenientes”, *O Foot-ball*, Belo Horizonte, p. 2, 21 set. 1917; e “Coisas do desporto”, *Footing*, Belo Horizonte, p. 5, 31 jul. 1921.
- ⁵⁸ Cf. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 ago. 1919, seção “Sportiva”, p. 4.
- ⁵⁹ Cf. Jorge Santana, *Páginas heroicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece*, São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2003.
- ⁶⁰ *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 jul. 1919, seção “Sport”, p. 3.
- ⁶¹ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 30-31 maio 1921, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ⁶² Cf. *A Capital*, Belo Horizonte, 9 mar. 1921, seção “Vida Sportiva”, p. 2.
- ⁶³ Para se ter uma ideia do que significava tal valor, no ano anterior de 1920, a despesa total da prefeitura municipal com obras públicas havia sido de 325:399\$419. Cf. *Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da capital pelo prefeito Dr. Affonso Vaz de Melo*, Belo Horizonte, p. 33, set. 1921.

Euclides de Freitas Couto

Os primórdios do futebol em Belo Horizonte Aspectos do pertencimento clubístico (1908-1927)

Nas três primeiras décadas de vida de Belo Horizonte, o futebol ofereceu aos seus praticantes e espectadores novas formas de representações e a chance de se inserirem em um novo universo, até então desconhecido pelos habitantes da cidade. Para os atletas, era a oportunidade de serem reconhecidos como modelos-vivos de saúde e estética corporal, anunciadores de uma nova era; para o público, homens e mulheres, simbolizava o status decorrente da participação em um evento requintado, que traduzia o sentido de utilidade difundido pelas concepções higienistas e o cosmopolitismo, traço marcante da transformação sociocultural das classes dominantes daquele período. Dessa maneira, o futebol se constituía em algo novo, vinculado à expectativa de inclusão na modernidade.

A despeito do caráter elitista assumido pelo futebol em seu período embrionário, a adesão dos moradores ao esporte permitiu não apenas a afirmação de suas individualidades, mas também sua participação em um fenômeno coletivo. Por isso, mais que o resgate de identidades construídas no passado, os depoimentos concedidos pelos personagens que efetivamente vivenciaram os primeiros anos de Belo Horizonte e

o nascimento do esporte bretão na cidade contribuíram para o reavivamento da própria dinâmica sociocultural da nova capital mineira.

Dadas as inúmeras possibilidades de investigações sociológicas oferecidas pelo período embrionário do futebol, para o itinerário proposto neste texto, tornou-se necessária a eleição de alguns grupos que, por se mostrarem protagonistas das relações socioclubísticas estabelecidas na época, mereceram uma maior atenção. Nesse sentido, direcionamos nosso foco no grupo composto pelos dirigentes, jogadores e torcedores do Clube Atlético Mineiro e do América Futebol Clube, entre os anos de 1908 e 1927.¹ Como o corte cronológico estabelecido comporta apenas o período de introdução e formação do futebol belo-horizontino (1908-1927), nossas atenções se concentraram sobre os grupos que efetivamente deram o “pontapé inicial” e estabeleceram o jogo da bola na cidade. Por isso, mereceram menor atenção as camadas populares, já que, nesse período, ainda eram meros coadjuvantes que, vez ou outra, contracenavam com os atores principais. Entretanto, tais seguimentos paulatinamente entraram em cena, assumindo aos poucos o papel de protagonistas do espetáculo dentro e fora dos campos. Sua inserção definitiva nas arquibancadas e nos gramados só se deu a partir da década de 1920, por motivações intrínsecas ao próprio desenvolvimento técnico do jogo e pela extensão do futebol à comunidade italiana da cidade, que, até então, não possuía nenhum clube que a representasse.

Simultaneamente à construção das novas identidades, já que um novo modo de vida aflorava na cidade, também se construía a memória coletiva de seus moradores, recordações que se transformaram em verdadeiros documentos vivos de uma história recente. Afinal, o próprio exercício de rememoração contribui para a reconstrução de identidades que foram esquecidas ao longo do tempo.² Assim, a reconstrução de identidades individuais por meio da memória permitiu observar os traços mais sutis, porém marcantes, de uma determinada narrativa de vida e, por extensão, das representações coletivas cristalizadas no espaço da cidade, já que a memória individual está inevitavelmente relacionada à inserção histórica do indivíduo, que se dá sempre no coletivo.³

O futebol e a modernização dos hábitos: a questão das identidades sociais

A história do futebol brasileiro mostra que as representações criadas em torno do esporte e encontradas na sociedade nem sempre trilharam o caminho da identificação popular. De forma antagônica, a representação da identidade nacional atualmente circunscrita ao futebol, a sociogênese desse esporte no país, se deu a partir das elites dos centros urbanos. Se hoje o futebol possui uma enorme penetração nas esferas sociais menos favorecidas, nos primeiros anos ele representava um gosto aristocrático, um estilo de vida europeu digno de ser copiado pelas mais tradicionais famílias brasileiras. Em Belo Horizonte, sua disseminação entre os jovens ricos fomentou a construção de uma identidade própria que lhes conferia mais status e prestígio e os diferenciava de outros grupos.

Na capital mineira o desenvolvimento do futebol se deu a partir de uma multiplicidade de fatores que, reunidos em um mesmo ambiente cultural, propiciou as condições necessárias para o desenvolvimento das práticas esportivas. Sem embargo, é possível observar que as práticas introduzidas em Belo Horizonte no primeiro decênio do século passado coincidiam com aquelas desenvolvidas pelas elites da antiga capital federal (Rio de Janeiro) e de São Paulo. É importante destacar que as semelhanças entre as trajetórias de Victor Serpa, Oscar Cox e Charles Miller, respectivamente os precursores do jogo da bola nas capitais citadas, indicam mais do que uma simples coincidência entre os processos de introdução do esporte nas principais cidades do país. Sem nenhuma intenção de condicionar a gênese do futebol brasileiro ao “heroísmo” dessas figuras, é relevante o fato de que o pertencimento às mesmas classes sociais e as trajetórias comuns de educação na Europa propiciaram aos três rapazes o contato com um novo modo de vida, no qual o futebol, esporte emergente na época, se inseria como parte integrante do conjunto de hábitos que constituíam a formação sociocultural do “novo homem”. Isso fica evidente quando se observa, na Europa, a importância atribuída ao esporte para a formação das novas classes governantes, que se baseava no “modelo do *gentleman* britânico burguês”.⁴

Com efeito, a modernização dos costumes na Europa se deu *pari passu* à ascensão da burguesia, no período pós-revolução industrial. Os novos padrões culturais desenvolvidos pela classe emergente inglesa rapidamente chegariam ao restante do continente europeu e, também, ao continente americano. No caso brasileiro, os novos hábitos desembarcaram junto com os imigrantes e estudantes brasileiros, que traziam em suas bagagens os apetrechos necessários para se praticarem as novas modalidades esportivas aprendidas no Velho Mundo. Logo depois, nas primeiras décadas do século XX, como consequência da expansão do capitalismo no Brasil, as empresas inglesas que se instalaram no Rio de Janeiro e em São Paulo adotaram o futebol como forma de lazer e de controle social dos seus empregados.⁵

Atleticanos e americanos: a identidade de distinção

Desde seus primórdios em Belo Horizonte, o futebol despontou como um esporte seletivo. As primeiras partidas disputadas no Parque Municipal, lugar frequentado pelas elites locais, já demonstravam o caráter restritivo de sua prática. Entre os anos de 1904 e 1915, o futebol, paralelamente ao ciclismo, conquistou praticantes e espectadores. As partidas realizadas nos finais de semana eram acompanhadas por uma assistência bem vestida e comportada, que aplaudia de forma comedida os lances mais emocionantes. Entretanto, esses primeiros jogos eram eventos isolados, restritos aos frequentadores do parque.⁶

Assim, fica claro que a implantação do futebol não se deu por meio de nenhum tipo de imposição institucional, como foi o caso da ginástica sueca, difundida nas primeiras escolas da capital.⁷ Na verdade, o discurso higienista, tão bem assimilado pela burguesia belo-horizontina no início do século XX, acabou por influenciar de forma marcante a vida dos moradores da cidade. A noção de que o cultivo da civilização estava diretamente relacionado ao conjunto de hábitos desenvolvidos na Europa tornava as elites locais verdadeiras “cópias vivas” da burguesia europeia: numa espécie de “mitificação” do progresso, roupas, práticas

esportivas, inovações pedagógicas e estilos literários europeus eram adotados e, muitas vezes, grotescamente exagerados, numa tentativa, por parte dos imitadores, de superar os progressistas imitados.⁸

Nesse contexto, o futebol surgia como um modismo, uma prática europeia digna de ser transplantada para as principais cidades brasileiras. O desenvolvimento do esporte bretão não era, portanto, uma obrigação a ser cumprida pelos cidadãos, mas uma forma de convívio social que possibilitava o desenvolvimento de suas potencialidades individuais. Se a sociedade moderna possibilitou a ampliação dos contatos sociais, tornando os indivíduos mais solidários e dependentes uns dos outros, o futebol constituiu-se como uma das múltiplas práticas coletivas que promoviam a solidariedade social no meio urbano.⁹

Na capital mineira, o esporte não aproximava as pessoas apenas pelo seu caráter lúdico e competitivo, mas também por permitir a inserção em um grupo que, ao mesmo tempo, se distinguia dos outros e aproximava seus componentes. A prática do futebol permitia aos jovens ingressar no restrito grupo dos *sportmen* da cidade; e, naquela época, ser um esportista não significava apenas praticar uma modalidade, mas estar inserido em uma atividade elegante e cosmopolita, já que as mudanças no modo de vida da sociedade reivindicavam também a emersão de um novo modelo de homem: o intelectual magro, sem cor, de olhos fundos e mãos lisas dos séculos anteriores deveria ceder o lugar ao homem saudável, com músculos definidos e pele bronzeada pelo sol.¹⁰

Elevado à condição de um verdadeiro “estilo de vida”, a adesão de um determinado grupo ao mundo do futebol era reconhecida como um gesto de distinção em relação aos demais. Mesmo que esse processo ocorresse de forma inconsciente, a linguagem utilizada entre os jogadores de futebol os diferenciava dos demais membros da sociedade local, inclusive com a atribuição de certos traços de superioridade, visto que a língua constitui um poderoso mecanismo de identidade e, conseqüentemente, de diferenciação.¹¹ Ao adotar e utilizar termos como *referee*, *match*, *corner*, *penalty*, *off-side*¹² e tantos outros que compunham o extenso vocabulário futebolístico, as pessoas sentiam-se envolvidas numa

atmosfera elegante e cosmopolita, em uma posição social hierarquicamente superior à daqueles que não participavam do esporte.

Os novos hábitos incorporados pelas elites, juntamente com o sentimento de superioridade e cosmopolitismo deles derivados, foram denominados de *high-life*.¹³ O *footing*, os bares, cafés, teatros e cinemas eram componentes desse novo estilo de vida que sinalizava o surgimento de uma nova civilização. Entre esses hábitos, o futebol se apresentava como um símbolo dos novos tempos, respaldado pelo discurso higienista e entusiasticamente apoiado pelas elites, já que era visto não só como um entretenimento, mas também como um importante meio de formação física e espiritual da juventude.¹⁴

A partir de então, o cotidiano da cidade passou a ser permeado por novas formas de sociabilidade. O Parque Municipal continuou abrigo para a prática do ciclismo, do futebol e da natação. Porém, o jogo da bola também conquistou outros espaços para a sua prática. O Atlético, que iniciou sua vida esportiva no parque, em 1908, um ano após sua fundação, já realizava jogos em um campo situado na rua dos Guajajaras, entre as ruas Rio de Janeiro e São Paulo. Relatos informam que, ainda naquela época, apesar da inexistência de arquibancadas e do pequeno período de funcionamento do campo, diversos frequentadores assistiam às partidas, o que tornou os garotos que ali jogavam conhecidos em toda a cidade.¹⁵

Em 1912, nas esquinas da rua da Bahia com a rua dos Timbiras, um grupo de garotos, filhos de políticos, altos funcionários públicos, renomados profissionais liberais e comerciantes, fundaram o America Football Club. A proximidade entre os campos e o ciclo comum de amigos indica que os americanos se inspiraram nos atleticanos para fundar seu próprio time, já que, por serem mais jovens – tinham em média 13 anos de idade –, não conseguiam jogar com os garotos da rua dos Guajajaras – que eram mais velhos – em pé de igualdade. Na verdade, apesar de amigos, vários garotos saíram do Atlético para fundar o América.¹⁶ Mesmo com a pouca idade, os americanos conseguiram se organizar rapidamente e, em poucos anos, montaram uma equipe invejável. Para tanto, contribuíram algumas “facilidades” encontradas pelo clube desde o

seu início: um dos fundadores, Francisco Bueno Brandão Filho, era filho do então governador do Estado, doutor Bueno Brandão, e outro, Afonso Silviano Brandão, era sobrinho. A grande influência política de alguns de seus membros abriu as portas dos campos da cidade ao América, já que ninguém se oporia à presença do “time do filho do governador”. Um exemplo dessa influência se deu em 1913, quando, em troca da possibilidade de jogar pelo América, os jogadores do Minas Gerais, equipe patrocinada pelo então prefeito da capital, Olinto Meireles, cederam o seu campo na avenida Paraopeba ao time americano.¹⁷

Episódios como esse revelam como o apoio do poder público foi decisivo para a implantação do futebol na cidade. O Atlético e, sobretudo, o América receberam vários incentivos para o desenvolvimento de suas equipes. Em 1914, no Prado Mineiro, local até então reservado às corridas de cavalo, a prefeitura construiu um estádio para abrigar os primeiros “grandes jogos” da cidade. Logo após a construção, foi estendida até o local uma linha de bonde que facilitou o acesso dos torcedores aos jogos. No mesmo ano, com o apoio dos poderes municipal e estadual, realizou-se o primeiro torneio da cidade, denominado Taça Bueno Brandão, em homenagem ao governador do Estado. Em 1915, novamente contando com o apoio dos poderes públicos, foi fundada a Liga Mineira de Sports Athleticos (LMSA) e realizado o primeiro campeonato oficial da cidade, para o qual se inscreveram cinco times: Atlético, América, Yale, Higiênicos e Cristovão Colombo. No final, depois de disputar sete partidas, o Atlético sagrou-se campeão, com cinco vitórias, um empate e uma derrota.¹⁸ A conquista dos dois primeiros títulos pelo Atlético – Taça Bueno Brandão e o Campeonato de 1915 – e a péssima campanha do América fizeram com que os alviverdes se mobilizassem em torno da preparação de uma equipe mais competitiva.

A essa altura, o futebol na cidade já ampliava o seu universo social. Não somente os familiares e amigos dos atletas acompanhavam os jogos, mas também elementos da população em geral. Estima-se, por meio de dados colhidos em entrevistas, que nos campos do Atlético e do América, situados na avenida Paraopeba e no Prado Mineiro, respectivamente, cerca de 1.000 a 1.500 pessoas em média assistiam aos jogos entre os anos de

1914 e 1920. O espetáculo promovido pelo futebol passou a ser um ponto de encontro da elite belo-horizontina, e os jogos realizados nas tardes de sábado ou domingo passaram a ser esperados com ansiedade pelos torcedores. Em 1913, o futebol já era reconhecido pela crônica esportiva como o esporte mais prestigiado na cidade, ofuscando e desestimulando a prática de outros esportes, como a natação, o turfê e o tênis.¹⁹

Antes mesmo da criação dos torneios oficiais em Belo Horizonte, já se podia observar o clima de rivalidade entre atleticanos e americanos. Em janeiro de 1914, a revista *Vita*, na época um dos principais veículos de comunicação da elite mineira, veiculou, respaldada nas doutrinas higienistas então em voga, uma matéria enaltecendo a prática do futebol na cidade e solicitando aos poderes públicos apoio financeiro ao Atlético Mineiro, segundo a publicação o clube mais organizado da cidade.

É tempo, pois, de, quem tem a responsabilidade da instrução de nossos filhos, futuros senhores da Pátria, vir em auxílio das sociedades esportivas da nossa terra, de preferência ao Athletic Mineiro Football Club, que, sem contestação, é o *club* mais organizado, dando-lhe um terreno onde possa se estabelecer, definitivamente, o seu campo de jogo, ministrando-lhe, ainda, um auxílio pecuniário para a construção de um indispensável pavilhão. Assim terá reunido o útil ao agradável, pois não há negar que, além de tudo, o jogo de *foot-ball* constitui, para a maioria da população da capital, tão balda de diversões, um verdadeiro atrativo.²⁰

Na mesma edição, a revista ainda publicou uma tabela mostrando os resultados dos jogos realizados em 1913, que indicavam a superioridade do Atlético em relação às demais equipes (cf. Tabela 1).

A reação dos americanos foi imediata. Na edição seguinte, a mesma revista publicou uma carta assinada por um torcedor do América, indignado com a afirmação da superioridade atleticana. Apresentando números e questionando a precisão das informações divulgadas pela revista na edição anterior, o torcedor insistia que o América deveria ser considerado o campeão da temporada de 1913, já que realizara, naquele ano, mais partidas que seu rival (cf. Tabelas 2 e 3):

Andou mal informado o nosso cronista esportivo ao publicar, no último número de *Vita*, a lista dos matches de *foot-ball* aqui realizados. O America F. B. Club figura aí com três jogos apenas, quando neste último ano ele disputou nada menos que 16 matches, como poderá v. s. verificar pelo quadro abaixo, que, além disto, mostra bem a vida intensa desta sociedade. Dano era o domingo em que uma equipe americana não entrava em campo para conquistar mais um triunfo para o seu pavilhão verde-branco.²¹

O indignado americano solicitava ainda uma retificação quanto à afirmação de que o Atlético era o clube mais organizado de Belo Horizonte, “título” que, segundo ele, deveria ser concedido ao clube alviverde:

Ainda sobre a crônica a respeito do *foot-ball* aqui praticado, merece uma pequena ratificação o trecho que diz: “o Athletico M. F. B. Club que, sem contestação é o *club* mais bem organizado...” É o mais antigo, pode ser o mais rico e de maior nome mas melhor organizado, não. Tem um bom 1º *team* e um 2º – completamente desorganizado – como se exprimiu o seu secretário quando, respondendo ao convite do América para o match de 15 de novembro, se desculpava de não aceitar para o 2º *team*, fazendo-o então, somente para o 1º. Teve, entretanto, o América nessa temporada 4 *teams* cujos jogos e resultados poderá v. s. ver na relação abaixo.²²

Tabela 1

Atlético campeão de Belo Horizonte em 1913.

Campeão de Minas Gerais: Morro Velho. Campeão da capital mineira:

Athletico Mineiro Clube

(continua)

<i>CLUBS</i>	<i>Matches</i>	Ganhos	Empatados	Perdidos	Pontos	<i>Goals</i>
Athletico	9	5	3	1	13	32
America	3	1	1	1	3	5
Yale	4	0	1	3	1	4

(conclusão)

Resultado dos <i>matches</i> :		
Athletico – Granbery	7-0	3 Maio 1913
Athletico – Morro Velho	2-3	11 Maio 1913
Athletico – Alfredo Baeta O.P.	10-0	7 Maio 1913
Athletico – Yale	6-1	Junho 1913
Athletico – Yale	2-0	12 Out. 1913
Athletico – Yale	1-1	19 Out. 1913
Athletico – America	1-1	15 Nov. 1913
Athletico – América	3-0	23 Nov. 1913
Athletico – Morro Velho	0-0	14 Nov. 1913

Fonte: *Vita*, n. 7-8, [s.p.], dez. 1913-jan.1914.

Tabela 2
America, o melhor de Belo Horizonte em 1913

<i>CLUBS</i>	<i>Machs</i>	Ganhos	Perdidos	Empatados	<i>Goals</i> Pró	<i>Goals</i> Contra	Pontos
America <i>versus</i> Americano	1	1	0	0	4	0	2
America vs. 1º <i>team</i> Athletico	2	0	1	1	1	4	1
America vs. 2º <i>team</i> Athletico	6	2	1	3	12	10	7
America vs. Guanabara	1	1	0	0	6	1	2
America vs. Minas Gerais	2	2	0	0	7	4	4
America vs. Ourepretano	1	1	0	0	3	2	2
America vs. Santa Cruz	2	2	0	0	7	3	4
America vs. Yale	1	1	0	0	4	2	2
TOTAL							24

Fonte: *Vita*, n. 9, [s.p.], fev. 1914.

Tabela 3
Jogos dos quadros inferiores do America

<i>CLUBS</i>	<i>Matches</i>	<i>Ganhos</i>	<i>Perdidos</i>	<i>Empatados</i>	<i>Goals Pró</i>	<i>Goals Contra</i>	<i>Pontos</i>
America – 2º <i>team</i>	6	6	0	0	20	3	12
America – 3º <i>team</i>	5	2	2	1	11	15	5
America – 4º <i>team</i>	3	2	1	0	7	2	4

Fonte: *Vita*, n. 9, [s.p.], fev. 1914.

O futebol foi assim se imiscuindo no imaginário e no cotidiano da sociedade belo-horizontina ao promover, de uma só vez, a autoestima e a rivalidade entre os torcedores. A partir de 1914, com a criação dos torneios oficiais, o esporte passou a integrar decisivamente as práticas sociais das elites. Enquanto o antagonismo entre os dois principais times da capital ganhava proporções cada vez maiores, o interesse da população e as reações provocadas pelo jogo atraíam a atenção da imprensa. As partidas passaram então a ser acompanhadas de perto pelos jornalistas – os principais jornais da cidade dedicavam em média duas colunas semanais ao noticiário futebolístico, e as crônicas da época deixavam transparecer o clima de rivalidade entre Atlético e América.

Este relato, assinado por um certo “Arthpin”, descreve uma vitória dos atleticanos sobre os americanos, em 6 de outubro de 1915:

Os hurrahs, e entusiásticos vivas com que os athleticanos nos celebram sua vitória, servem também para realçar o americano, pois se este Club é o causador das alegrias dos vitoriosos é porque ele é um adversário terrível, valoroso e que infunde respeito. (...) Atualmente Belo Horizonte já possui vida esportiva e ora a derrota do Athletico, infligida pelo Christovam Colombo, embora notável mas resistente, ora a do America imposta por aquele *club*, sacode a fibra ao mais fleumático torcedor dos *clubs* que digladiam no presente campeonato.²³

Notadamente o confronto entre alvinegros e alviverdes tornou-se o principal clássico da cidade. O clima que envolvia o futebol ultrapassava os estádios, e o tema era um dos assuntos prediletos nos cafés e bares belo-horizontinos.²⁴ Neles, jogadores e torcedores se encontravam para discutir os resultados dos jogos e fazer prognósticos sobre os próximos confrontos: os atleticanos, no Paládio e no Iris; e os americanos, no Bar do Ponto e no Trianon.²⁵

De fato, a rivalidade é um componente estrutural dos esportes modernos.²⁶ O processo de divisão do trabalho fortalecido a partir do século 19 fomentou novas formas de interação social entre os grupos e, simultaneamente, elevou os níveis de tensão e antagonismo entre eles. Na esteira desse processo, tais conflitos, que permeiam a vida de qualquer comunidade, foram transferidos para o universo das práticas esportivas. Entretanto, essa rivalidade se manifestou de forma “mais ou menos” amistosa, na medida em que o futebol foi sendo apropriado pelo processo civilizador – nas modernas sociedades civilizadas, como as emoções e a agressividade deviam ser comedidas e atenuadas, os esportes considerados violentos perderam espaço para práticas mais moderadas, o que ajuda a explicar a rápida difusão e popularização do futebol em diversas partes do mundo no início do século XX.²⁷

Tanto o futebol quanto o rúgbi se originaram das primitivas formas europeias de jogo com a bola. No entanto, a partir da unificação das regras ocorrida no final do século XIX, na Inglaterra, a maioria dos países incentivou a prática do futebol no estilo inglês. Atribui-se a esse fato a diminuição da violência nos campos britânicos: enquanto o rúgbi permitia agarrões, chutes e socos entre os adversários, o futebol os aboliu, enquadrando-se nos padrões burgueses de práticas esportivas, que exigiam que a tensão e as emoções fossem controladas, submetendo, gradualmente, forças que, em princípio, pareciam incontroláveis.²⁸

Partindo também do princípio de que a competição possui uma função socializadora e civilizadora, sustenta-se a ideia de que alguns tipos promovem a aproximação e a interação entre os membros de uma comunidade.²⁹ Diferentemente das corridas, em que cada atleta corre por si só, sem usar diretamente a força contra um concorrente, no futebol o objetivo principal do jogo não é eliminar o oponente, mas

medir forças com ele. Essa dinâmica, apesar de conflituosa, fomenta a aproximação dos adversários, pois só conhecendo a fundo suas virtudes e fraquezas se pode montar uma estratégia adequada para vencê-los. Em princípio, isso explica o processo de interação social ocorrido entre atleticanos e americanos no início das práticas futebolísticas em Belo Horizonte. Mesmo com o clima de rivalidade, tanto no campo quanto nas arquibancadas, os dois grupos se encontravam em eventos sociais promovidos exatamente para o seu conagraamento. A partir de 1915, tornaram-se comuns os bailes promovidos pelos clubes de futebol, realizados sempre após os jogos e com a participação dos jogadores, seus familiares e muitos torcedores, dentre eles personalidades influentes da capital e do Estado.³⁰ Tais eventos podem ser inseridos na relação de rivalidade amistosa construída em torno do futebol.

A partir da constatação de que a construção das identidades individuais ou coletivas se dá através do “reconhecimento das similitudes” e da “afirmação das diferenças” que integram o indivíduo ao meio social,³¹ torna-se ainda mais compreensível o processo de formação das identidades futebolísticas em Belo Horizonte. A clara separação de dois grupos principais ligados à elite reforça a ideia da existência de um fator de distinção em relação aos demais, tanto daqueles que não se envolviam com o futebol como também de outros grupos futebolísticos formados nas camadas menos favorecidas da população.³² A noção de pertencimento clubístico³³ se ligava à possibilidade de ampliação do convívio social. Ser atleticano ou americano era uma condição tal que, *a priori*, abria as portas dos círculos de convivência mais refinados da cidade. Pode-se dizer, inclusive, que os bailes e as festividades promovidos por esses clubes auxiliaram na construção de um vínculo de pertencimento privilegiado, motivo de orgulho para os torcedores de Atlético e América em relação aos torcedores dos demais clubes que, por sua vez, não contavam com acontecimentos sociais tão requintados. Com isso, pode-se observar a formação de uma identidade elitista entre jogadores e torcedores atleticanos e americanos.

Após 1915, com a disseminação do esporte na periferia, clubes como o Fluminense da Lagoinha, o Calafate, o Carlos Prates e outros contribuíram decisivamente para a popularização do futebol na cidade. A

formação desses clubes se dava a partir das estreitas relações de amizades estabelecidas nos bairros. Muitas vezes, um time de futebol era formado por jogadores de uma mesma família, já que, nessa época, era comum famílias numerosas. Apesar de não agregarem torcedores e sócios como o Atlético e o América, tais clubes permitiram a introdução do futebol entre as classes menos favorecidas.

Palavras finais

Notadamente são muitos os significados atribuídos ao futebol no período de sua introdução em Belo Horizonte. Afinal, o jogo britânico constituía um espetáculo esportivo inserido nas propostas ideológicas da época. Na década de 1920, a mistura de esporte, virilidade e romantismo que tomava conta dos estádios fez do jogo da bola o esporte mais popular do Brasil: novos estádios foram construídos, muitos com o apoio do Estado, e outros ampliaram sua capacidade; reduziu-se o preço dos ingressos; os clubes se profissionalizaram e construíram vultuosas sedes sociais, que passaram a abrigar outros esportes, como o basquetebol e o voleibol. É verdade que, com o processo de popularização do futebol e o gradual aumento da violência, os jogos foram gradativamente perdendo prestígio entre as famílias e as mulheres.

Embora seja inquestionável a importância do futebol no processo de transformação dos costumes na nova capital, não se pode creditar somente a ele essa responsabilidade. É notório que, na mesma época, outras atividades, como o *footing*, o cinema, o teatro e outros esportes (como a patinação realizada na praça da Liberdade), também integraram o conjunto de “novidades” que promoveram tais mudanças. No entanto, não se pode deixar de incluir o futebol no que podemos chamar de “hábitos civilizadores”, já que a presença das famílias nos eventos futebolísticos contribuiu para a ampliação da convivência social e, também, para a transformação dos valores sociais.

Notas

- ¹ Esse recorte temporal compreende o nascimento do Athletic Mineiro Football Club e do America Football Club, nos anos de 1908 e 1912, respectivamente, como também o início da rivalidade entre os torcedores das duas agremiações que dominaram o futebol mineiro até o ano de 1927.
- ² Pierre Nora, *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, trad. Yara Aun Khoury, São Paulo, Educ, 1993 (Projeto História, 10).
- ³ Maurice Halbwacs, *A memória coletiva*, São Paulo, Vértice, 1990.
- ⁴ Eric J. Hobsbawm, *A era dos impérios: 1875-1914*, 7. ed., trad. Sieni Maria Campos, Yolanda Steidel de Toledo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002, p. 256-257.
- ⁵ Margareth Rago, *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p.178.
- ⁶ Adelchi Ziller descreve essas primeiras partidas: “O campo do parque era improvisado, não havia arquibancadas, ninguém se preocupava com a organização do jogo. Era comum os garotos se reunirem ali na hora mesmo e jogarem a sua pelada. Quem estivesse por perto iria assistir.”
- ⁷ Conforme matéria publicada na revista *Vita*, n. 1, [s.p.], jul. 1913.
- ⁸ Gilberto Freyre, 1974, p. 61 *apud* Ricardo de Figueiredo Lucena, *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*, Campinas, Autores Associados, 2001, p. 138.
- ⁹ Simmel desenvolve uma análise que se aproxima da visão durkheimiana da solidariedade orgânica. Ao comparar a vida das pequenas comunidades com o mundo metropolitano, o autor aponta para a ampliação do convívio social nas cidades através do que ele denomina de “formas abstratas de coesão”. Essas formas, nas quais se inserem os símbolos da vida em grupo, também podem ser encontrados no futebol. Cf. Georg Simmel, “A determinação quantitativa dos grupos sociais”, em Filho Moraes (org.), *Georg Simmel: Sociologia*, São Paulo, Ática, 1983, p. 99 (coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 34).
- ¹⁰ Exemplar é este comentário do escritor Olavo Bilac: “O espetáculo do Prado – as arquibancadas, como o vasto canteiro de flores humanas, pompeando ao sol, o esplendor das claras toaletes de verão num delírio de cores, num embaralhamento deslumbrante de fitas, de plumas, de rendas, o recinto de paisagem, cheio de força dos *sportmen* suados e ofegantes, discutindo, rixando e berrando” (*apud* Lucena, *O esporte na cidade*, p. 45).
- ¹¹ “Os grupos se investem inteiramente, com tudo o que os opõem aos outros grupos, nas palavras comuns onde se exprime a sua identidade, quer dizer sua diferença.” Cf. Pierre Bourdieu, “Gostos de classe e estilos de vida”, em Renato Ortiz (org.), *Pierre Bourdieu: Sociologia*, São Paulo, Ática, 1983, p. 86 (coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39).
- ¹² Os termos pertencem ao vocabulário futebolístico e significam, respectivamente, juiz, jogo, escanteio, pênalti e impedimento.
- ¹³ Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 73.

- ¹⁴ A crônica a seguir ilustra muito bem essa percepção: “Já se vai introduzindo em Belo Horizonte o gosto pelo salutar jogo de *foot-ball* (...) E nem se diga que este esporte consiste somente um passatempo, sabendo-se que em toda a parte lhe é dedicado verdadeiro culto como um dos mais poderosos fatores da cultura física da mocidade. (...) De fato, o espírito ser forte e perfeitamente equilibrado reclama um corpo também forte, uma vez que este é o instrumento de ação” (*Vita*, n. 7-8, [s.p.], dez. 1913/jan. 1914).
- ¹⁵ Adelchi Ziller confirma a história: “Este campo funcionou por pouco tempo. Acho que porque ficava em um lote vago. Logo que precisaram dele os garotos tiveram que sair dali. Mas foi ali que os garotos passaram a ficar conhecidos na cidade. Muita gente ia para lá vê-los jogar.”
- ¹⁶ O americano Salim Salum confirma em depoimento essa versão.
- ¹⁷ Estes fatos foram confirmados pelo depoimento de Carlos Paiva.
- ¹⁸ Adelchi Leonello Ziller, *Enciclopédia Atlético de todos os tempos: a vida, as lutas, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais*, Belo Horizonte, [s.n.], 1997, p. 36.
- ¹⁹ Esta crônica da época explicita tal reconhecimento: “É deveras difícil a tarefa de escrever sobre esporte em Belo Horizonte. O turfe não existe; a natação e o *rowing* não podem existir, o tênis é desconhecido. Aqui, desde que fale em esporte, entende-se que se quer dizer *foot-ball*” (*Vita*, n. 1, [s.p.], jul. 1913).
- ²⁰ *Vita*, n. 7-8, [s.p.], dez. 1913/jan. 1914.
- ²¹ *Vita*, n. 9, [s.p.], fev. 1914.
- ²² *Ibidem*.
- ²³ *Diário de Minas*, [s.p.], 8 out. 1915.
- ²⁴ Anny Jackeline Torres Silveira, “O sonho de uma *petite* Paris: os cafês no cotidiano da capital”, em Eliana Regina de Freitas Dutra (org.), *BH: horizontes históricos*, Belo Horizonte, C/Arte, 1997.
- ²⁵ Delso Renault, *Chão e alma de Minas*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988, p. 183.
- ²⁶ Elias e Dunning argumentam que a divisão das funções sociais não levaria apenas à solidariedade dos seus membros da comunidade, mas também às relações de tensão e conflito. Cf. Norbert Elias, Eric Dunning, *Deporto y ocio en el proceso de la civilización*, México, Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 249.
- ²⁷ *Ibidem*, p. 236.
- ²⁸ *Ibidem*, p. 237.
- ²⁹ Georg Simmel, “A competição”, em *Sociologia*, trad. Carlos Alberto Pavanelli, São Paulo, Ática, 1983, p. 135-149.
- ³⁰ Paulina Lodi relembra esses eventos: “Não importava o resultado, quando acabava o jogo era certo que todos os jogadores e alguns convidados iam ao baile. Todos iam muito bonitos, não só aos bailes, mas nos estádios também. Era gente muito chique. O presidente do Estado, o prefeito da cidade, os homens mais ricos... todos eles gostavam do futebol.”
- ³¹ Lucília de Almeida Neves, “Memória, história e sujeito: substratos da identidade”, *História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo, n. 3, p. 113, jun. 2000.

- ³² Segundo Salim Salum: “No início existia o Yale, o Cristovão Colombo e o Higienicos. Na década de 1920, surgiram muitos outros como o Sete de Setembro, o Calafate, o Carlos Prates, o Fluminense da Lagoinha, o Sírio, o Lusitano.”
- ³³ O conceito de pertencimento clubístico, discutido por Damo, refere-se à identificação social promovida pelas relações de fidelidade, companheirismo e diferenciação que são construídas pela ligação à determinado clube de futebol (Arlei Sander Damo, *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores*, dissertação (mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998).

Fontes orais

Adelchi Leonello Ziller nasceu em Cataguases-MG, em 1918. Contador, jornalista e cronista esportivo, foi conselheiro do Clube Atlético Mineiro, prestou inúmeros serviços ao clube durante mais de 50 anos. É autor das duas edições de *Enciclopédia do Atlético...* Concedeu entrevista em 4 de novembro de 1998.

Carlos Eduardo Paiva de Oliveira nasceu em Belo Horizonte, em 9 de janeiro de 1958. Formado em biblioteconomia, iniciou, em 1977, uma ampla pesquisa histórica sobre o América Futebol Clube. Seu trabalho será publicado nos próximos meses com o título de *Enciclopédia do América*. Concedeu entrevista em 28 de agosto de 2002.

Paulina Lodi nasceu em Belo Horizonte, em 5 de julho de 1903. Administradora de indústrias, frequentou desde criança as escolas italianas da cidade. Conviveu diretamente com pessoas que participaram da fundação do Palestra Itália. Concedeu entrevista em 2 maio de 2003.

Salim Salum nasceu em Betim-MG, em 15 de maio de 1918. Empresário, torcedor e conselheiro do América Futebol Clube há mais de 50 anos, ocupou diversos cargos na diretoria do clube. Participou assiduamente das atividades esportivas e sociais do clube desde o final da década de 1920. Concedeu entrevista em 5 agosto de 2002.

Georgino Jorge S. Neto

A invenção do torcer
em Belo Horizonte
Da assistência ao
pertencimento clubístico
(1904-1930)

Este texto trata de uma investigação historiográfica, que tencionou construir uma narrativa sobre a constituição das torcidas de futebol na cidade de Belo Horizonte, no período que compreende os anos de 1904 a 1930. Por se tratar de uma abordagem histórica, cabe reconhecer que as representações construídas ao longo da pesquisa não constituem senão os indícios contidos nas fontes acessadas. Não se pretendeu, em nenhum momento (ainda que os sinais tivessem uma importante consistência), a elaboração de uma “teoria” da constituição do torcer, mas sim o emergir de elementos que permitissem o lapidar de questões pertinentes à lógica propositiva da investigação.

Assim, cabe apontar que a estruturação deste ensaio se deu em categorias estabelecidas a partir dos desdobramentos que as fontes permitiram construir. No entanto, uma breve introdução, que trate do lugar (Belo Horizonte) e do tempo (primeiras décadas do século XX), se torna necessária, no sentido de revelar uma ambiência singular do objeto investigado.

Preliminar: “avia-te e vamos assistir à partida de *foot-ball*: nunca vi tal cousa”

Do *foot-ball* ao futebol, do *sport* ao esporte, da assistência à torcida, o jogo bretão percorre um caminho particularmente singular na cidade de Belo Horizonte. Uma multiplicidade de objetos poderia ser o prisma condutor de um trabalho que se propusesse a investigar a história do futebol (e dos seus significados) na recém-inaugurada capital do Estado de Minas Gerais. No entanto, este estudo objetivou analisar o movimento que permitiu a inauguração de uma nova prática social: o torcer.

Como indicado por diversos estudos, a construção planejada da cidade de Belo Horizonte representou a tentativa de instauração de uma nova mentalidade, menos provinciana e atrelada a aspectos da modernidade. Conforme apontado por Anny Silveira, Belo Horizonte deveria ser a síntese de uma “capital dos sonhos”. No entendimento da autora, a construção da capital indicava a vitória do progresso, da razão e da inteligência – uma grande cidade com grandes possibilidades, voltada para o futuro, o desenvolvimento, o moderno, o cosmopolita.¹

Dentre o rol de transformações que a inauguração da pretensa cidade moderna promovia estava o surgimento de um espaço favorável à apropriação do esporte. Nas memórias de Paulo Mendes Campos, “a mudança da capital foi muito proveitosa quanto aos esportes, pois Ouro Preto não se harmonizava bem com outras práticas atléticas além do truco, a cachaça e o violão”.²

Esses novos modos de viver a vida se davam em múltiplos espectros da dinâmica social, mas é notadamente no tempo destinado à vivência das festas e diversões que o “moderno” vai se estabelecendo. Convém apontar para uma compreensão da modernidade que pretendemos demarcar ao longo da narrativa; assim, é necessário indicar que

a modernidade é aqui pensada como uma “consciência moderna”, resultante e estruturante de uma nova política, de uma nova estética, de uma nova ética. Mais que transformações das bases materiais das sociedades, é uma espécie de

projeto utópico em que o trabalho, a ordem, o tempo e o espaço, transformados por novos saberes, novas tecnologias e uma nova ordem normativa, produziram o homem moderno.³

O jornal oficial do Estado, *Minas Geraes*, noticiava (dentre outros periódicos), a fundação do primeiro *team* de futebol da cidade, o Sport Club Foot-ball, no mês de julho do ano de 1904. A pequena nota que tratava da referida notícia se espremia entre outras manifestações festivas, na seção “Festas e Diversões” do jornal. Não por acaso, referia-se à nova prática como uma “útil diversão”,⁴ obviamente restrita às elites belo-horizontinas.

Certamente a “útil diversão” estava posta na adesão às práticas esportivas, no caso o recente jogo do futebol, mas rapidamente se ampliaria para o lado de fora dos campos, se tornando também um divertimento a assistência aos jogos e os exercícios práticos do novo esporte.

Se estudos que abordam a história do futebol na capital mineira, como os de Raphael Rajão Ribeiro e Marilita Aparecida Rodrigues,⁵ apontam para a direção de uma apropriação dessa prática esportiva nos seus primeiros anos pela elite social e econômica da cidade, as fontes nos indicam que é também essa mesma elite que incorpora o hábito da assistência. No cenário das partidas de futebol, passava a ser cada vez mais comum a ocorrência de um público assistente, inicialmente constituído sem nenhuma vinculação afetiva com um ou outro clube de futebol.

Refletir um estilo de vida alinhado com uma fremente e inédita possibilidade, habitada na modernidade, seduzia (e induzia) as pessoas imersas na cultura urbana da nova cidade. O esporte se constituiu no propício espaço para o desenvolvimento de novas condutas, a apropriação de novos hábitos, inspirados em uma realidade vivenciada nas principais cidades europeias, sobretudo Paris. Esse debate é instigado pelo pesquisador Gilmar Mascarenhas de Jesus, ao afirmar:

Não podemos deixar de frisar o caráter elitista que todo esse movimento assumiu inicialmente: a imposição de uma nova atitude corporal, através da

assimilação de esportes importados, se inseriu plenamente no projeto *civilizador* da classe dominante, refletindo a intolerância de nossa *Belle Époque* para com a cultura popular, e não apenas para com o passado colonial. Índios, ciganos, imigrantes nordestinos e negros foram elementos que o projeto de “cidade moderna”, a princípio, foi incapaz de absorver.⁶

Belo Horizonte, ainda que preservando aspectos singulares da sua formação, não fugiu à tentativa de instituição de hábitos que fossem condizentes com o padrão civilizatório da modernidade; e, nesse sentido, os usos do tempo eram distintivos de um status, bem como se tornavam indicativos de pertencimento. Eric Hobsbawm, em *A era dos impérios*, indica como um dos critérios identificáveis de um status burguês, ou de pertencimento a essa classe, a apropriação de uma atividade ociosa, especialmente a nova invenção, o esporte.⁷

À parte da singularidade de inserção da prática do futebol e da assistência na capital mineira, outras cidades brasileiras – especialmente as metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo – apresentavam um processo bastante similar. Como expõe José Miguel Wisnik,

esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita, e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social. Pondo-se como esporte vocacionado congenitamente para gente fina, seja na plateia ou no gramado, o futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro (...) e de São Paulo (...) consolida-se como moda elegante ao longo já da primeira década do século.⁸

A associação de uma vida social mais intensa e pública (possibilitada no futebol) com um incremento das relações pessoais acabava por legitimar o discurso do esporte como um elemento social desejável. Assim, jogar futebol e assistir às partidas em Belo Horizonte se tornavam, cada vez mais, um hábito incorporado socialmente, chegando a ser rotulado como a “mania do *foot-ball*”.⁹

Iniciava-se, assim, a formação de um novo grupo social: a dos sujeitos que rumavam para os *grounds* horizontinos com o intuito de

assistir às partidas de *foot-ball*. Sujeitos que logo se transformariam no que convencionamos chamar simplesmente de torcedores.

Da “extraordinária afluência de admiradores dos contendores”: assistência, pertencimento e paixão clubística

A passagem de uma assistência desprovida de um sentimento afetivo por um clube de futebol para a sedimentação de uma paixão clubística, marcada pela ideia central de pertencimento (*meu time*), não se deu de forma linear, mas assentada em uma circunstância plural e dinâmica. Às primeiras manifestações mais consistentes da prática do futebol em Belo Horizonte nota-se a formação de um público seletivo (assim como os praticantes), marcado pela noção de distinção e status social.

Entre os anos de 1904 e 1910, o futebol passa por um oscilatório momento de afirmação e traz consigo uma plateia mais voltada para uma notória prática social do que propriamente para um posicionamento a favor deste ou daquele clube. Nesse período, os sujeitos que participavam desse processo (jogadores ou assistentes) preocupavam-se notadamente com o desenvolvimento do espírito esportivo e focavam suas ações no intuito de fazer do jogo uma importante vivência social. Denominados de *sportmen* e *sportwomen*, constituíam, na primeira década do século passado, uma minoria advinda da elite belo-horizontina, caracteristicamente jovens e apegados aos novos valores, do progresso e da modernidade. Após se efetivar como prática esportiva preferencial (depois de concorrer com esportes como o ciclismo e o turfe), o futebol entra na segunda década do século XX com importantes transformações. Uma delas, que diz respeito à assistência, estava na maior participação, com um aumento significativo do público. Embora mais pessoas tivessem acesso ao entorno dos campos, o controle da estrutura do futebol ainda se atinha a poucos sujeitos.

Entre 1910 e 1915 foi possível encontrar as primeiras referências de um comportamento diferenciado por parte da concorrência às partidas.

A fundação de clubes com um vínculo mais destacado a setores sociais específicos (caso do Atlético com os estudantes, do Yale com os operários e do América com a elite) fez com que os sentimentos de afeição e pertencimento começassem a brotar, ainda que de maneira insipiente e localizada. De mero assistente a admirador de uma equipe, vislumbrou-se uma nova forma de participação da plateia. Coexistindo em meados da década de 1910, o assistir e o admirar possibilitaram a gênese do torcer, que foi se configurando a partir da organização de campeonatos sob os cuidados de uma liga representativa (como a Taça Bueno Brandão, em 1914, e o Campeonato Mineiro, de 1915) e a inserção de pessoas originárias de classes sociais diversas, o que permitiu o início da transformação daquilo que se configuraria mais consistentemente nos anos posteriores. Assim, cabe a consideração de que

formada por pessoas influentes, a Liga Mineira de Sports Athleticos foi um grande passo na institucionalização do esporte que assumia cada vez mais a sua característica moderna, pois a partir daí o que se pode observar na cidade são atletas agrupados em sociedades ou clubes, cujos dirigentes eram eleitos por eles, e a presença da liga regional composta de membros eleitos pelo clube, que instituiu um calendário com encontros planejados, institucionalizando, assim, as competições, que deveriam ser democraticamente organizadas.¹⁰

Com o advento mais sistemático das competições, o futebol começou a gerar um sentimento até então pouco percebido: a rivalidade entre os clubes da capital. O campeonato anual da Liga Mineira de Sports Athleticos (LMSA) colocava frente a frente, em disputas cada vez mais acirradas pelo título de campeão (uma invenção da modernidade), os principais times da cidade. A conquista do posto de primeiro colocado elevava a condição da necessidade de vencer a todo custo. Os admiradores passavam então a incorporar a rivalidade nascida nos campos, e a admiração cedia lugar a um sentimento mais intenso e elevado de paixão, que vinha a reboque da lógica do pertencimento. Uma nota publicada no jornal *O Bello Horizonte* evidenciava essa nova postura dos assistentes, influenciados fortemente pelo nascimento de um sentimento

mais apaixonado por um dos clubes da capital. A matéria jornalística, intitulada “Um grande escândalo no Prado Mineiro”, descrevia o seguinte fato:

Deu-se ontem no Prado Mineiro, por ocasião do *match* ali realizado, um grande escândalo, provocado por um *sportman*. (...) No descanso, o sr. Moacyr, tendo forte alteração com um dos seus adversários de jogo, deu-lhe uns pescocões, estabelecendo entre ambos um grande escândalo, sendo necessária a intervenção de populares. Os espectadores indignaram-se com o procedimento desse moço e vaiaram-no. Ao terminar o jogo os assistentes do *match* quiseram apedrejá-lo, no que a polícia não consentiu. Acompanhou-o pois, até a sua residência, uma escolta de cavalaria, composta de quatro soldados.¹¹

De 1916 a 1925 uma original forma de estar à beira dos gramados se sedimentaria, com a invenção, inclusive, de uma palavra para designar tal condição: torcedor(a) – aquele ou aquela que torce, aflitadamente, os seus adereços de vestuário (lenços e chapéus) no sofrimento de acompanhar o time predileto, ou ainda, os que investem em uma torção corporal intensa, torcendo e retorcendo o tronco, os dedos e as pernas na busca de incentivar o *seu* clube favorito.

Juntamente com os torcedores e as torcidas (grupos de torcedores), ocorria o surgimento de acontecimentos singulares: a inauguração da violência e seu posterior crescimento, a participação de grupos sociais específicos (políticos e mulheres, por exemplo), o estabelecimento de locais próprios para a torcida (geral e arquibancadas), dentre outros. Esse período também foi marcado pela conquista do decacampeonato mineiro pelo America Foot-ball Club, fato que contribuiu sobremaneira para o arrebanhar de um considerável número de adeptos. Na posição de maior rival americano, o Athletico Mineiro Football Club também se popularizava, principalmente por não impor condições restritivas de participação na vida do clube aos seus torcedores, diferentemente do América, que se distinguia pela elite e pelo fator econômico e social, ou o Palestra Italia, que estabelecia aos seus sócios e jogadores a necessidade da nacionalidade ou da descendência italiana.

Se a rivalidade construída entre América e Atlético centralizava as atenções da vida esportiva na capital, o ano de 1926 demarcaria uma importante mudança. A presença constante do Palestra Italia entre os primeiros colocados nos principais campeonatos instituiria a determinação de uma terceira força rival. Entre 1926 e 1930 todos os títulos conservaram-se nas mãos dos novos adversários: Atlético (1926, 1927) e Palestra (1928, 1929, 1930). Nesse período, a torcida palestrina passou a ocupar relevante espaço no cenário do futebol em Belo Horizonte, dividindo, com atleticanos e americanos, o simbólico status de “melhor e maior torcida”.

“Uma festa nova e brilhante para Belo Horizonte”: diversão, espetáculo esportivo e consumo

Desde os seus primeiros momentos, o futebol em Belo Horizonte estabelece-se como uma prática de “divertimento ao ar livre”, sendo uma das vivências possibilitadas pela recente introdução de um ideário esportivo na cidade. A diversão que, em princípio, se restringia aos grupos de praticantes, estende-se para uma plateia assistente, que começava a se formar em torno das partidas disputadas nos *grounds* horizontinos, na primeira década do século XX.

A distintiva diversão de assistir aos jogos de futebol percorre uma trilha singular, marcada por transformações importantes ao longo do seu percurso. Até o ano de 1910, não foi possível encontrar referências sobre cobranças de ingressos, nem sequer de divisão de público nos acanhados campos da capital. Isso sugere uma participação bastante restrita na assistência, que enxergava naquele acontecimento muito mais uma “festa social” do que um evento esportivo propriamente dito. O fato de as notícias sobre as partidas de futebol estarem inseridas na seção “Festas e Diversões”, do periódico oficial *Minas Geraes*, é bastante emblemático nesse sentido. Nesse período também não foram encontradas fontes que indicassem um comportamento hostil do público presente aos jogos, denotando uma postura fidalga e polida, característica de um

grupo social aristocrático e elitista. Ao contrário, era muito comum que a assistência aplaudisse ambas as equipes, tendo suas emoções guiadas pelo desenrolar dos lances da partida e vibrando com as jogadas feitas por qualquer um dos times. Dessa forma, não ficou evidenciado, até o ano de 1910, um sentimento de pertencimento e paixão clubística mais característico por parte dos assistentes.

O divertimento atrelado à assistência pôde ser notado em diversas situações. Desde o princípio, os indícios apontavam na direção de uma configuração de espetáculo para além da diversão. A presença de bandas de música nos jogos já fazia parte das práticas que cercavam a vivência do futebol, logo nos primeiros anos. Outros elementos também colaboraram para a constituição de uma lógica espetacularizada. O crescimento do esporte na cidade acabou embutindo a necessidade de uma organização mais sistemática, o que levou os clubes a adotarem algumas medidas, como a cobrança de ingressos para as partidas e a definição de lugares distintos para o público, dentre outras. O encontro do Athletico Mineiro, da capital, com o Grambery, da cidade de Juiz de Fora, é bastante representativo dessa lógica. Na imprensa, esse embate esportivo foi assim apresentado:

Conforme estava anunciado, realizou-se anteontem, no *ground* do Prado Mineiro, o *match* de *foot-ball*, entre as “equipes” do “Athletico Mineiro” e a do “Sport Club Gramberyense”, de Juiz de Fora. Foi um dos encontros mais concorridos a que temos assistido nesta capital, calculando-se, sem exagero, em cerca de mil pessoas que presenciaram o jogo, sobressaindo-se inúmeras senhoras e senhorinhas da nossa elite (...).¹²

As evidências da popularidade (“cerca de mil pessoas” – Belo Horizonte ainda não atingira 40 mil habitantes em 1915) conviviam com as demonstrações de um divertimento ainda restrito (“senhoras e senhorinhas da nossa elite”). A revista *Vida de Minas*, que refletia a vida do *high society* mineiro, na sua seção “Vida Sportiva”, ilustrava a representação construída acerca desse acontecimento (Figura 1). É emblemática a atenção dada, nas imagens, não apenas aos jogadores e ao campo, mas

também no “aspecto das arquibancadas”, reforçando a ideia da festa, da exposição pública e do espetáculo, não apenas esportivo, mas também e principalmente social.

Os últimos anos da década de 1920 exacerbavam a experiência espetacularizada do futebol, que refletia ocorrências singulares dos torcedores e das torcidas, como a construção de estádios grandiosos, o consumo de marcas e símbolos instituídos em concursos, a exemplo da eleição da “Rainha dos Sports” e o “Concurso Monroe”, a constituição de símbolos identitários (como o hino e as mascotes), e ainda a enorme massa de sujeitos que vivia intensamente o dia a dia desse esporte. Foi possível notar um desdobramento do torcer, que surge como um divertimento, se transforma em espetáculo e possibilita o desenvolvimento do consumo.



Figura 1 - Seção “Vida Sportiva”, revista *Vida de Minas*

Fonte - *Vida de Minas*, ano 1, n. 5-6, 30 set. 1915.

“As arquibancadas serão pequenas para conter a assistência”: sujeitos e atores da torcida

A participação social permitida pelo futebol em Belo Horizonte tem momentos caracteristicamente distintos. Nos primeiros anos, os que tinham acesso à assistência das partidas representavam a elite social e econômica da cidade, constituída primordialmente por funcionários públicos, estudantes e comerciantes, que enxergavam no jogo bretão um espaço de vivência social distintiva. Após 1910, com a crescente afirmação do esporte na capital, a presença de políticos começava a se tornar cada vez mais comum, certamente condicionada à percepção do aumento do número de pessoas em volta dos campos belo-horizontinos. A fundação do Yale, em 1910, acentuava o caráter de importante evento social, com a promoção de verdadeiras festas esportivas que atraíam a classe política.

Porém, em meados da década de 1910, com a criação da LMSA, que passou a organizar os primeiros campeonatos oficiais, a popularização do futebol passava a ser inevitável. Essa popularização permitia a inserção de elementos sociais não pertencentes às classes elitistas. A presença de sujeitos do além-contorno periférico da cidade iria gerar um remodelamento das condutas e comportamentos da assistência. Separados pela geral e pela arquibancada, poucas práticas possibilitavam a coexistência espacial de pessoas tão distantes. Não existia, por exemplo, nos cinemas da capital, lugares reservados à elite e a populares. Todo o cinema era da elite, ou todo o cinema era popular. A cidade moderna e burguesa explorava a diversão de todos indistintamente, mas apenas no futebol os “de baixo” ficavam tão próximos dos “de cima”. O confronto América X Queluziano, da cidade mineira de Queluz, expunha, imagetivamente, tal condição. Na foto, que estampa em plano geral o aspecto das arquibancadas (Figura 2),¹³ é possível distinguir dois tipos bem diferentes de público: no estádio americano, bastante cheio, a geral e as arquibancadas compunham dois universos em separado.



Figura 2 - Foto da partida entre o América e o Queluziano, notando-se a geral e as arquibancadas
Fonte - *Semana Illustrada*, ano 1, n. 14, 4 set. 1927.

A constituição de grupos que tinham em comum a paixão por um mesmo clube, ou seja, as torcidas, fez com que, nos últimos anos da década de 1920, Belo Horizonte assistisse à construção da maior diversão ao ar livre já vista na cidade, tornando os jogos de futebol um espetáculo em que se era possível presenciar praticamente todos os tipos de pessoas na plateia, torcendo ardorosamente pelo seu time do coração.

Por fim, cabe destacar a presença e a participação feminina nos campos e estádios da capital mineira. Integrada ao movimento de penetração do futebol na cidade desde os seus primeiros movimentos, a mulher se constituiu como o mais importante elemento da assistência e das torcidas, no período pesquisado. Primeiramente parte de uma iniciativa de atração do público assistente, as “senhoras e senhorinhas” representavam o aspecto decorativo do espetáculo esportivo e eram vistas como peças que ornavam as partidas. Na partida realizada entre o Estrada and Athletic Club e o Sport Club, em 1905, a presença das senhoras no campo não passava sem a devida atenção:

O campo apresentava um aspecto garrido, todo circundado de galhardetes e bandeirolas. Que este gênero de esporte já se introduziu definitivamente

entre nós, prova-o a grande concorrência de espectadores, e principalmente de senhoras, que afluíram, anteontem, ao Campo Novo, emprestando, por alguns momentos, àquele lugar quase sempre ermo, o brilho das suas ricas *toilettes* e da sua graça.¹⁴

Após 1915, assumiam, de forma crescente, um papel mais ativo, reivindicando uma participação legitimada de torcedora, seja por um clube ou por um jogador. Os relatos que trazem à superfície a presença feminina nos *grounds* da cidade são recorrentes e representaram uma parte considerável das fontes levantadas pelo estudo, chegando mesmo a serem encontradas seções específicas para esse público, intituladas, via de regra, de “As Torcedoras”. Embora poucos registros imagéticos nesse período possam ser encontrados, a revista *Vida de Minas* publica uma foto, lendo-se no rodapé o seguinte texto: “Nota de reportagem – Saindo do Prado Mineiro, depois do último *match* de *foot-ball*” (Figura 3). No entorno do *ground* do Prado Mineiro, contrastando com a poeira advinda da falta de calçamento, as senhoras e senhorinhas desfilavam com elegância e pose, confirmando a presença feminina nas festas esportivas, notadamente nas partidas de futebol.



Figura 3 - “Nota de reportagem: Saindo do Prado Mineiro, depois do último *match* de *foot-ball*”

Fonte - *Vida de Minas*, ano 1, n. 5 e 6, p. 21, 30 set. 1915.

O auge dessa participação ocorreria em 1927, quando da eleição da “Rainha dos Sports”, promovido pelo periódico *Correio Mineiro*. Ter uma torcedora símbolo, com o emblemático título de rainha, fazia com que cada clube projetasse nas suas torcedoras um elemento de identidade e de pertencimento. Foi a mulher, portanto, a mais significativa personagem dos sujeitos e atores que compuseram a assistência belo-horizontina nas primeiras décadas do século XX.

“Deveras numerosa é a classe dos elementos desordeiros”: violência, comportamentos desviantes e educação para o torcer

Certamente entendido como um dos principais indícios da existência de um pertencimento e de uma paixão clubística, os comportamentos hostis marcaram o entendimento de uma passagem mais explícita da assistência para o torcer. As primeiras referências a pequenas atitudes tidas como desviantes à época, como as vaias, só foram encontradas em 1914. A partir de 1915, no entanto, é que os relatos sobre as brigas e os insultos (chamados de *sururus*) ocorridos no entorno dos campos se tornam mais contundentes. Embora ainda não representassem uma prática comum, os *sururus* começavam a habitar mais recorrentemente o ambiente das partidas de futebol em Belo Horizonte, em fins da década de 1910. Por coincidir com o momento de massificação do esporte, atribuiu-se à presença dos populares o aumento dos casos de violência por parte dos assistentes. Certamente o crescimento do público representou um fator contribuinte, mas apontar exclusivamente para os não pertencentes à elite como responsáveis diretos pelo incremento das condutas hostis representa um exagero.

O América foi o primeiro time a estabelecer o seu próprio policiamento, uma espécie de segurança privada, formado pelos próprios sócios do clube e que, juntamente com a força policial pública e oficial, garantiria a boa ordem no seu *stadium*. O fato foi assim noticiado pela imprensa:

No intuito de bem servir ao público que frequenta, aos domingos, o seu *stadium*, resolveu o “America F. C.”, em sua última reunião da diretoria, designar uma comissão de sócios encarregada de fazer o policiamento interno de sua praça de desportos. Essa comissão, que terá como distintivo uma braçadeira verde e branca, agirá de comum acordo com as autoridades policiais presentes, no sentido, principalmente, de ser mantido todo o respeito no campo, para inteira garantia das exmas. famílias que ali comparecem e perfeito desenvolvimento dos jogos.¹⁵

A década de 1920 abriga, assim, um movimento mais regular no desenvolvimento de condutas desviantes, ocasionando intervenções da força policial pública e gerando a instituição de uma “educação para o torcer”, em que a adequada postura deveria prevalecer, aos olhos daqueles que controlavam o espetáculo. Vários clubes (sendo o primeiro o América) criaram um “policiamento interno”, composto por sócios e que tinham como intuito apoiar o policiamento público. Em várias notas recomendava-se que os torcedores conservassem uma postura correta, sob pena de serem expulsos dos campos.

A existência de uma crescente rivalidade entre os clubes acentuava o caráter de pertencimento e paixão, e estes, por sua vez, inflamavam os torcedores, que acabavam se exaltando no afã de verem o seu clube vencedor. Dessa forma, é possível estabelecer uma direta relação entre a existência e crescimento da violência e hostilidade com o aumento da noção de pertencimento e da paixão clubística.

Últimos apontamentos

Mesmo com a compreensão de que toda inferência feita esteja sobre a necessária determinação das fontes analisadas, chegar a uma *verdade* é algo demasiadamente pretensioso. Nesse sentido, toda a construção deste estudo permitiu no máximo apontamentos, pistas a serem interpretadas.

Assim, a proximidade do torcer com aspectos particularmente ligados à lógica da modernidade, como a diversão espetacularizada, o consumo e a fundação de um espaço público de catarse coletiva perpassaram uma das mais significativas considerações a serem demarcadas pela investigação.

Por outro lado, o nascimento de um “estado de espírito”, colocado pelo sentimento de pertencimento do torcedor, se revelou teimosamente inapreensível. Apenas nos foi possível a apropriação dos indícios (e foram muitos) que conduziram os rumos da narrativa tecida pela trama. Indícios estes que reforçam a importância do torcer como uma das mais significativas práticas culturais do povo brasileiro, em geral, e do belo-horizontino, especificamente.

Por fim, a prudência sensata nos obriga a generosa compreensão de que este estudo representa o primeiro passo de um longo caminho a ser percorrido. Primeiro passo que denota um grande e sincero esforço da construção de um conhecimento que possa ser apreendido por outras investigações e que possibilite o alinhar de outras representações que o objeto permite, quer pela sua riqueza de elementos histórico-sociais, quer pela necessidade de desdobramentos a partir dos indícios emergidos.

Notas

- ¹ Anny Jackeline Torres Silveira, “O sonho de uma *petite* Paris: os cafés no cotidiano da capital”, em Eliana de Freitas Dutra (org.), *BH: horizontes históricos*, Belo Horizonte, C/Arte, 1996, p. 132.
- ² Paulo Mendes Campos, “Os tempos olímpicos”, em *Homenzinho na ventania*, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962, p. 73.
- ³ José Márcio Barros, Cidade e identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte, em Regina Medeiros (org.), *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*, Belo Horizonte, Editora PUC Minas/Autêntica, 2001, p. 23.
- ⁴ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 jul. 1904, seção “Festas e Diversões”, p. 6.

- ⁵ Cf. Raphael Rajão Ribeiro, *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*, dissertação (mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007; Marilita Aparecida Rodrigues, *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*, tese (doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- ⁶ Gilmar Mascarenhas de Jesus, *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*, texto elaborado a partir de pesquisa desenvolvida para a disciplina Geografia da Cidade do Rio de Janeiro, em curso realizado no segundo semestre de 1997 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- ⁷ Eric J. Hobsbawm, *A era dos impérios: 1875-1914*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, p. 245.
- ⁸ José Miguel Wisnik, *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 200.
- ⁹ *A Época*, Belo Horizonte, p. 2, 30 out. 1904.
- ¹⁰ Rodrigues, *Constituição e enraizamento do esporte na cidade*, p. 261.
- ¹¹ *O Bello Horizonte*, Belo Horizonte, p. 2, 2 ago. 1915.
- ¹² *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 set. 1915, seção “Festas e Diversões”, p. 6.
- ¹³ *Semana Illustrada*, Belo Horizonte, n. 14, 4 set. 1927.
- ¹⁴ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9-10 jan. 1905, seção “Festas e Diversões”, p. 4.
- ¹⁵ *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 ago. 1923, seção “Desportos”, p. 12.

Rodrigo C. B. Moura

O amadorismo, o
profissionalismo, os
sururus e outras tramas
O futebol em Belo Horizonte
na década de 1930

Introdução

Neste texto narrarei o movimento empreendido em 1933 pela afirmação do profissionalismo no futebol em Belo Horizonte. As declarações sobre o profissionalismo deixam transparecer os entraves à implantação do profissionalismo na cidade, bem como as visões moralistas e conservadoras assumidas pelos pertencentes a esse campo esportivo. O estudo indicou que o futebol em Belo Horizonte, nas décadas de 1920 e 1930, deve ser compreendido a partir das suas particularidades. Constatei que, por aqui, houve um amadorismo bem diferente daquele vivenciado no Rio de Janeiro e em São Paulo, e um profissionalismo que não estava totalmente configurado. A especulação sobre o êxodo de jogadores para as capitais que instituíram primeiramente o profissionalismo no futebol brasileiro contribuiu para o movimento deflagrado por alguns clubes mineiros para a proclamação do profissionalismo em Minas Gerais. Acompanhando mais detidamente as tramas, que desencadearam conflitos na realidade belo-horizontina, identifiquei vários aspectos que impactaram as experiências dos envolvidos com o futebol

na cidade, como os sururus, as crônicas sobre o esporte, os debates sobre o profissionalismo, a Liga Mineira e os diversos representantes dos clubes que exerceram influência nesse período.

Um tempo que antecedeu o profissionalismo no futebol brasileiro

O ano de 1933 chegou trazendo novas perspectivas para os jogadores de futebol em Belo Horizonte. Os jornais na capital do Estado traziam estampadas nas suas páginas o movimento que ocorria pelo “profissionalismo no futebol na metrópole carioca”.¹ Apesar das fortes resistências, as notícias² demonstravam que o amadorismo já não era uma preferência absoluta entre dirigentes dos clubes e atletas. Os argumentos pelo profissionalismo foram diversificando-se, ampliando-se, ganhando novos entusiastas e aumentando a adesão dos clubes.

O panorama descrito pelo jornal *Estado de Minas*, na euforia e no calor dos acontecimentos, deixava transparecer que uma “grande transição” era almejada pelos clubes no Rio de Janeiro. Acompanhando o desenrolar da matéria, o cronista colocava-se numa posição de passividade “aguardando a solução”. Naquele contexto muitos idealizavam uma ruptura completa com os ideais amadores, o que não ocorreu pelas contingências, devido à força dos princípios amadores e à grande paixão que o futebol despertava nos mais diferentes segmentos da sociedade.

As informações anunciavam que, depois de uma importante reunião entre os grandes clubes de São Paulo, se definiu que o profissionalismo não seria implantado na capital paulista. Contudo, essa decisão poderia ser revogada, e “o profissionalismo ser aceito, como defesa, isto é, no caso dele vir a ser implantado no Rio; pois dessa forma será evitado o êxodo, de jogadores paulistas”.³

A repercussão e a abrangência das notícias sobre o possível êxodo de jogadores em São Paulo, com a decantada proeminência do profissionalismo no Rio de Janeiro, adquiriam uma conotação de defesa por parte

dos Estados que não pretendiam implantar a perspectiva do contrato e da remuneração dos jogadores.

Em Belo Horizonte a reação não demorou a acontecer. De forma contundente, o novo diretor de futebol do América, José de Souza,⁴ externou seu ponto de vista quando indagado sobre o advento do profissionalismo:

Não acho digna a profissão, já várias vezes quando atuava fui ofertado para pertencer a quadros cariocas com boa remuneração. Recusei com altivez, pois creio uma indignidade ombrear com um profissionalismo encoberto, com amadores de verdade e pessoa de elevada categoria. E ainda tenho a opinião de afastar-me para sempre do futebol, quando formos invadidos pela onda do dinheiro.

Devo ressaltar o desfecho da declaração de Souza, a quem o cronista apresenta como “defensor abnegado, por longos anos, do grêmio alvi-verde” ou “como um dos mais perfeitos *sportmen* que a cidade conheceu”, pois no teor da sua entrevista é possível perceber o posicionamento da diretoria do América perante a polêmica questão. “Acreditaria ainda, mas para os outros, num profissionalismo que abraçasse todos os clubes, igualando todos os seus defensores. A mistura é que me enjoa!”

A tradicional sociedade mineira não poderia aceitar que o profissionalismo no futebol fosse concretizado. O América, que era formado por jovens da elite, deixou claro, desde o início, qual seria o seu posicionamento.

Os primeiros anúncios de profissionalismo no futebol brasileiro e as resistências a esse movimento

O profissionalismo foi implantado no Rio de Janeiro “com a fundação da Liga Carioca de Futebol”.⁵ Depois de uma votação apertada, conduzida pelo senhor Arnaldo Quinle, “verificou-se num pró-movimento

os *clubs* Fluminense, Bangu, Vasco e América, negando o seu apoio o S. Christovão, o Botafogo e o Flamengo”.

Em São Paulo, segundo o jornal *Estado de Minas*, a notícia da implantação do profissionalismo “foi recebida como geral alegria”.⁶ Os cariocas passaram a ser denominados de os “pioneiros da campanha moralizadora no nosso futebol”, numa clara evidência do apoio que os setores mais progressistas da imprensa mineira dariam a essa causa em Belo Horizonte. Numa tentativa de resumir os acontecimentos, o cronista apresentou o movimento metaforicamente a partir de analogias, para ele “o profissionalismo está grassando como epidemia. Os cariocas fizeram uma liga de profissionais, os paulistas acompanharam e começou a pegar nos Estados mais próximos.”⁷

Essa “epidemia” que assolou os centros onde o futebol teve maior penetração e desencadeou mais paixão pelo esporte no Brasil também estremeceu e devastou relações que, em outros momentos, haviam sido cordiais e respeitadas. O “contágio dessa epidemia” estava condicionado às peculiaridades locais. Na capital de Minas Gerais as resistências foram constituindo-se num entrave à disseminação do profissionalismo, a tal ponto de o cronista indagar: “Quando sobrará para as alterosas um pouco do assunto?”

Paradoxalmente ao movimento que ocorria no Rio e em São Paulo, foi fundada, em Belo Horizonte, a Liga de Amadores de Futebol.⁸ Esse fato confirmava um estigma que atribuiu ao mineiro um estereótipo de ser conservador. Na reunião de fundação da nova entidade, o Atlético, representado pelo seu presidente, doutor Thomaz Naves, sugeriu que a “novel agremiação” tivesse o nome de Associação Mineira de Esportes, enquanto o América, também representado pelo seu presidente, doutor Clóvis Pinto, defendeu o nome de Liga de Amadores de Futebol, o qual, depois de submetido à aprovação pelos clubes, foi contemplado com a maioria dos votos.⁹

A partir dessa reunião, as divergências entre os presidentes de Atlético e América ficaram ainda mais visíveis e foram explicitadas pelos jornais. As desavenças não eram meramente pessoais, pois o que estava em jogo eram pontos de vistas antagônicos sobre os rumos do futebol no Estado.

O Atlético passou a trabalhar “pela implantação do profissionalismo no futebol das montanhas”,¹⁰ pois para o seu presidente “o nosso meio comporta o profissionalismo: o Atlético propõe-se a promover a sua implantação aqui e já traçou o seu plano de ação, que de qualquer forma será executado”.

O plano do presidente do Atlético, Thomaz Naves, era buscar a filiação do seu clube à Liga Carioca e, numa declaração apressada, chegou até a fixar a data para a realização desse objetivo: “Teremos em maio o nosso primeiro jogo de profissionais.”

As especulações, que começaram a surgir muito antes do acirramento das discordâncias, ganhavam contornos mais nítidos. “Em Minas pretende-se um *club* de Belo Horizonte e um de Juiz de Fora. Indagamos, agora: qual será o clube da capital que adotará o profissionalismo, que se baterá, enfim, pela causa moralizadora do nosso futebol?”¹¹

O que parecia ir contra a moral era a indefinição que perpetuava, na visão de alguns setores da imprensa e da sociedade, a exploração dos jogadores e era geradora de opiniões infundadas, preconceituosas e tradicionalistas. O problema, para muitos, estava na mistura, na indefinição, ser profissional ou ser amador?

Nesse sentido, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) deu o seu veredito: “Os amadores e os profissionais devem formar em conjuntos, separados sem qualquer ligação.”¹² Àqueles que insistissem na mistura podiam ser punidos com a suspensão dos campos.

Enquanto as incertezas e as indefinições perduravam no seio do futebol belo-horizontino, a realidade era implacável e “a cidade na iminência de perder os seus *cracks*”¹³ assistiu atônita aos assédios aos seus jogadores de destaque.

Uma vez implantado no Rio de Janeiro o profissionalismo, os emissários dos clubes que adotaram o futebol remunerado começaram a olhar com interesse para os *players* de renome em Belo Horizonte, fazendo-lhes boas propostas. Assim é que a dias estive na capital um representante do Fluminense, do Rio, que, segundo soubemos, convidou Mario Gomes e Mario de Castro para ingresarem como profissionais no clube tricolor.

Os rumores da saída dos jogadores mineiros para os times do Rio de Janeiro cresciam a cada dia. A imprensa, que investigava a veracidade das informações, afirmava que “Brant e Nariz receberam proposta para jogar pelo tricolor”.¹⁴ O Fluminense, nesse primeiro momento da implantação do profissionalismo, foi o clube carioca que mais sondou e interessou-se pelos jogadores de destaque em Belo Horizonte.

As notícias sobre a contratação dos jogadores dos times da capital mineira pelos clubes do Rio de Janeiro tornaram-se rotineiras, tais como: “Said estreará como profissional pelo Fluminense no jogo que o tricolor realizará com o River Plate, de Buenos Aires.”¹⁵ As manchetes dos jornais demonstravam que novos tempos começavam para os jogadores, os times e para todos os envolvidos com o futebol.

Alguns jogadores que concederam entrevista para os jornais explicitaram seus pontos de vista sobre a situação que passariam a sujeitar-se. Said, analisando as circunstâncias, comentou a proposta que havia recebido:

Não estão ainda assentadas as bases do contrato, mas creio que tudo correrá bem. Voltarei dentro de poucos dias para o Rio. Não com a ambição de me tornar rico com o futebol. Não me iludo. Quero estudar no Rio, e se o Fluminense me oferecer o conforto que tenho aqui não hesitarei de assinar a proposta.¹⁶

Por sua vez, Brant afirmou que “se tiver o mesmo emprego e garantias serei profissional pelo Fluminense!”¹⁷ Não ficou claro a qual emprego o jogador referiu-se. Possivelmente, Brant referia-se a um emprego de “fachada”, ou a alguma facilitação, por parte do clube que pretendia tê-lo no seu quadro de atletas, para conseguir um trabalho. O jogador, no seu depoimento, deixou transparecer uma incompreensão do que representava aquela proposta, pois a conduta que o jogador parecia esperar que o clube adotasse era típica de um momento anterior do futebol no Rio de Janeiro.

Enquanto Brant decidia o seu futuro, o cronista escrevia sobre o sentimento de “todos os esportistas da capital”, pois, segundo o seu

relato, a decisão “se ele abraçará ou não o futebol remunerado”¹⁸ deixava todos na cidade “ansiosos”.

O principal argumento presente nos discursos dos jogadores e dirigentes, dos mais céticos aos mais otimistas, era que a renda dos jogos em Belo Horizonte era pequena – consequência do pouco público presente nos jogos na cidade – e, dessa forma, “a manutenção do *regimen* profissional torna-se impossível”.¹⁹

O *Estado de Minas*, que se mostrou favorável à implantação do profissionalismo, pois acreditava “ser muito interessante”, imbuído do desejo de ampliar a discussão sobre o profissionalismo no “*association montanhês*”, lançou uma “enquete entre os nossos esportistas”, a partir da seguinte indagação: “Praticável a implantação do profissionalismo no nosso futebol?”²⁰

O primeiro a responder a enquete foi o presidente americano, Clóvis Pinto, que categoricamente respondeu a Marcello Linhares:

Não temos renda para profissionais, não temos ardor pelo profissionalismo e por fim não temos necessidade de profissionais. Um *team* de profissionais, somente nos grandes centros e com elementos que para manterem seu estado físico têm necessidade de uma alimentação e modo de vida adequado ao esporte que se dedicavam.²¹

Outro a responder a enquete do *Estado de Minas* foi o ex-presidente do Atlético, Affonso Paulino, que também se manifestou contrário à implantação do profissionalismo no futebol na cidade. “Belo Horizonte ainda não tem um público numeroso que possa acorrer às despesas do profissionalismo. As rendas dos jogos realizados em nossos campos são pequenas, quase insignificantes para manter o futebol remunerado.”²²

Mesmo um jogador que se declarava favorável à implantação do profissionalismo não conseguia visualizá-lo em Belo Horizonte. Outros jogadores continuaram a ser entrevistados nessa enquete, como Alcides Lemos,²³ o “mingnon”, extrema-esquerda do Palestra Italia; Humberto de Oliveira,²⁴ “o guarda redes do Athletico”; Chaffyr Ferreira,²⁵ “o jovem

atacante do Athletico”, dentre outros; todos disseram que eram contrários à implantação do profissionalismo em Belo Horizonte. Não acreditavam na implementação dessa medida, pois não havia público nos campos capaz de gerar uma renda para os clubes manterem os jogadores profissionais.

Já para o “atleticano” Fabio Brant, “Belo Horizonte não poderá sustentar clubes profissionalistas”.²⁶ Seus argumentos basearam-se também na “escassez de espectadores” e “na falta de recursos necessários para manter quadros de jogadores profissionais”. No entanto, o jogador foi mais longe, ao afirmar: “Não sou completamente refratário ao profissionalismo, mas penso que o amadorismo tem finalidades mais elevadas.”²⁷

Paralelamente ao crescimento exponencial dos depoimentos sobre a “praticável” ou “impraticável” implantação do profissionalismo em Belo Horizonte, a perspectiva do ano de 1933 era apontada como “grandiosa”, pois três novas instituições: Federação de Acadêmicos Mineiros Amadores (FAMA), Liga de Amadores de Futebol (LAF) e Associação Mineira de Esportes Gerais (AMEG) prometiam “dar um grande desenvolvimento aos esportes já incrementados e a criar e fomentar os que ainda não se praticam regularmente entre nós”.²⁸

Entretanto, os desentendimentos continuavam constantes na LAF. O futebol, denominado de “a doença da cidade”,²⁹ fez com que as discordâncias entre os presidentes do América e do Atlético ficassem insustentáveis, a tal ponto de Thomaz Naves renunciar aos cargos que ocupava na LAF e no Atlético.³⁰

Porém, Thomaz Naves não conseguiu abandonar o esporte, como havia declarado que faria, e retornou a presidência do Atlético depois de ser aclamado pela diretoria e pelos torcedores do alvinegro, para tentar conduzir o clube rumo ao profissionalismo, através da solicitação de “filiação à Liga Carioca de Futebol”.³¹

Só podem ter dúvida quanto à vitória integral do profissionalismo em nosso país, aqueles que cegos por um ideal fictício em interesses particulares, não quiseram observar o surto do progresso e as adesões valiosas, que, dia a dia,

adquire a regeneradora medida (...). Como se vê, a ser confirmada a sensacional notícia é mais um golpe de morte vibrado na falsidade do amadorismo mascarado e hipócrita.³²

Contrário às medidas articuladas pelo presidente do Atlético, Clóvis Pinto promoveu uma reunião entre representantes dos “clubes para combater a ideia do profissionalismo no nosso futebol”.³³ O dirigente assegurou ainda que o América “não adotaria o *regimen* profissional”.

Nos bastidores do futebol em Belo Horizonte não eram novidades as disputas entre o presidente do Atlético e o presidente do América. As posições assumidas por eles e amplamente divulgadas nos jornais mostravam que os clubes pretendiam seguir caminhos deliberadamente opostos, segundo crenças e ideais assumidos por sócios, dirigentes e pessoas que se declaravam guiadas por princípios.

Posições mais confiantes pela vitória do profissionalismo começaram a ser emitidas em Belo Horizonte, tal como a análise feita pelo presidente do Atlético sobre a situação vivida no campo esportivo e sobre os costumes³⁴ na capital do Estado de Minas Gerais.

No profissionalismo não faltará a disciplina: a apresentação de quadros melhores torna-se uma necessidade; o incentivo em prol da vitória traz compensação ao *sportman* e tem o condão de entusiasmar o torcedor. Verifiquei que aqui mesmo em Belo Horizonte a assistência tem diminuído, o que prova a decadência do amadorismo... ou do futebol (...). O profissionalismo renovará o entusiasmo pelo melhor esporte que há no mundo e criará uma nova legião de adeptos; aparecerá o interesse pela conservação das energias musculares e veremos *footballers* praticarem o esporte até aos 40 anos, afrontando impavidamente a decadência. O nosso meio comportará o profissionalismo, em proporções menores, é verdade, mas a altura de manter quadros que se nivelem aos do Rio e de S. Paulo.³⁵

Alguns clubes começaram a manifestar abertamente apoio ao Atlético para a implantação do profissionalismo em Minas Gerais, como o foi o

caso do Tupy,³⁶ de Juiz de Fora, do Retiro,³⁷ de Nova Lima, do Palestra,³⁸ de Belo Horizonte, e do Siderúrgica,³⁹ de Sabará.

Com a adesão desses clubes ao movimento pelo profissionalismo na cidade e com o conseqüente esvaziamento das equipes participantes no campeonato da LAF, coube a essa entidade anunciar o adiamento do “certame”⁴⁰ até a situação ser normalizada.

A instituição do profissionalismo no futebol mineiro e a permanência do futebol amador

Embora o presidente do América mantivesse as esperanças que a situação seria contornada e que o amadorismo perduraria em Belo Horizonte, a notícia que chegava era de que “a Liga Carioca teria autorizado a implantação do profissionalismo no nosso futebol”.⁴¹ Informação que não tardou a ser confirmada, aclamada e comemorada pela imprensa.

Com a vitória integral da campanha pela implantação do profissionalismo no futebol mineiro, as transformações no conselho superior da LAF eram inevitáveis. Uma das primeiras mudanças propostas tinha como alvo o nome da entidade, pois não fazia mais sentido continuar denominando-a de Liga de Amadores de Futebol, em virtude da perspectiva emergente da remuneração e do contrato.

Outras importantes resoluções, como “os juizes remunerados”, “as condições estabelecidas aos clubes que quiserem figurar na divisão de profissionais” e “a situação dos atuais amadores pertencentes aos clubes que adotaram o profissionalismo”,⁴² passaram a ser minuciosamente pensadas, negociadas e formuladas.

O receio de muitas pessoas naquele momento de transição era de que “a união esportiva de Minas”⁴³ se rompesse mais uma vez, tal como ocorrera no decorrer dos anos de 1931 e 1932. Pelas posições assumidas pelo América e pelo Villa Nova havia um grande temor que a resistência dos dirigentes desses clubes colocasse entraves à concretização

do futebol profissional em Minas Gerais. No entanto, “o Villa apoiou o profissionalismo”⁴⁴ e o presidente do América, sem deixar de demarcar a sua posição, rendeu-se a medida.

O dr. Clovis Pinto, presidente e representante do América na reunião, reiterando embora as suas convicções amadoristas, não quis perturbar a boa ordem dos trabalhos com uma oposição sistemática que, em última análise, colocaria unicamente o seu clube em oposição aos outros.⁴⁵

O posicionamento dos dirigentes do América, ao aderir rapidamente ao profissionalismo, era incoerente com o discurso que o clube sustentou por muito tempo em Belo Horizonte. A pressão sofrida pelos diretores do alviverde fez com que a renúncia da diretoria do América fosse inevitável. Assim, Clovis Pinto, presidente renunciante, expôs ao *Estado de Minas* os motivos desse gesto:

O América, por seus diretores que acabam de renunciar, manteve-se até a última hora francamente contrário à implantação do profissionalismo no futebol daqui. À vista dos fatos que se desenrolaram e que acabaram impondo a adoção da medida, equivaleria tornar a quebrar a harmonia do esporte a manutenção do nosso ponto de vista, isto é, a recusa da nossa parte de acompanharmos os demais clubes. Foi, assim, tendo em vista apenas a nossa união esportiva que o América se converteu em clube profissionalista. Torna-se escusado frisar, conseqüentemente, que continuamos condenando o novo *regimen*. E por isso, depois do cumprimento da nossa obrigação, e convencidos de termos agido com acerto, abandonamos os nossos cargos. O conselho deliberativo, em sua reunião de sábado vai julgar o nosso gesto, e agirá da forma que melhor lhe parecer.⁴⁶

Como se não bastasse o que ocorria com a dissolução da LAF e com o advento do profissionalismo, os americanos ainda ficaram na eminência de perderem os seus diretores. No entanto, esse pedido de renúncia não demorou a ser retirado.

As estratégias elaboradas pelos integrantes da diretoria do América revelam um movimento arquitetado com base em muita astúcia:

O sr. Clovis Pinto, no próprio nome e dos companheiros, impôs então uma condição; a de apenas para efeito externo, conservar o América o título de clube profissionalista, revestindo-se as suas atividades internas de caráter que patenteie o mais puro amadorista. Prometida a satisfação dessa exigência, desapareceram os motivos da renúncia que foi retirada. Logo após, foi encerrada a sessão, com contentamento geral pelo desfecho que teve.⁴⁷

Para manter o América como um clube adepto do amadorismo, sua diretoria não poupou esforços. Com esse intuito, reuniu seus jogadores e anunciou uma proposta para que os mesmos defendessem as cores do clube sem a necessidade de remuneração e contratos, “mantendo assim a primitiva fórmula amadorista no profissionalismo”.⁴⁸ Porém, o pequeno número de interessados presentes na reunião não chegaram a uma resolução que viabilizasse os objetivos da cúpula americana.

Ao conduzir suas ações com esse propósito, Clovis Pinto e demais integrantes, que estavam a frente das ações do América, passaram a ser atacados pelos mais diferentes setores. A estratégia americana não foi aceita pelos demais clubes e a normalidade do início da temporada profissional estava sendo ameaçada pelo propósito do América de não realizar contrato com seus jogadores.⁴⁹

Essa história de o América não querer pagar os seus jogadores, fugir à primeira e mais direta finalidade de clube profissionalista, é o principal fato que está dando origem a essa descrença, espécie de previsão, talvez pessimista, acerca da normalidade do desenvolvimento do primeiro campeonato profissional de Minas.⁵⁰

Os fatos que emperravam a consecução do profissionalismo, já implantado oficialmente no Estado de Minas Gerais, deixavam transparecer que as resistências ao novo modelo na capital do Estado não

parariam por aí. Opiniões, ora infundadas, ora acertadas, esquentavam as discussões também entre jogadores e torcida. Alguns afirmavam que “registrou-se aqui uma transição quase súbita. O terreno não foi preparado, aplainado convenientemente de modo tal que, quando se tomasse a providência, as coisas estivessem mais ou menos adaptadas.”⁵¹

Todavia, se a polêmica questão do profissionalismo não foi mais discutida para ser implantado em Minas Gerais, esse problema deu-se pela própria atitude conservadora e incrédula adotada pelas mesmas pessoas que se recusaram a debatê-la no momento oportuno e agora proferiam suas críticas e impropérios aos quatro cantos da cidade.

A estratégia do América foi duramente combatida pelo presidente do Atlético e pelos representantes dos demais clubes que desejavam o início do primeiro campeonato profissional de Minas Gerais:

Todas as pessoas presentes à reunião para a implantação do profissionalismo sabem que ficou estabelecido do modo mais claro, e sem discussão, que os clubes apenas resolveriam internamente o modo de remunerar os seus jogadores. Donde, pois, a asserção da ignorância dessa disposição de ordem precípua?⁵²

O América encontrava-se acuado, mas procurava de todas as formas defender-se dos ataques que sofria e ameaçou levar o caso aos tribunais, pois, segundo o parecer da sua diretoria, “o conselho administrativo não podia determinar obrigatoriamente a realização de contratos entre clubes e jogadores”.⁵³

Os representantes do América sustentavam suas posições embasando-se nos estatutos da LAF, entidade que passou por reformulações e deixou de existir com a emergência da Associação Mineira de Esportes (AME). Entretanto, com o decorrer dos dias e “em prol da união esportiva de Minas”,⁵⁴ os diretores do América desistiram de levar em frente essa ação. Propuseram-se a “atender ao apelo que lhe formularam o presidente da AME e dos clubes profissionalistas no sentido de integrar-se no novo regime do futebol realizando contrato com seus jogadores”.⁵⁵

Com a anuência do América, o prazo para os clubes apresentarem os contratos dos jogadores foi prorrogado até o dia 8 de julho de 1933 e o campeonato da AME começou com muito entusiasmo por parte dos jogadores e de todos os envolvidos com o futebol em Minas Gerais.

Apesar de mais uma página ter sido virada nessa trama, alguns jogadores e a sociedade belo-horizontina permaneceram com sérias suspeitas, restrições ou até mesmo indiferença com relação ao profissionalismo, fato que não abalou a paixão pelo futebol na cidade.

A profusão de opiniões diversificadas sobre o profissionalismo, sustentada pelos interesses dos diferentes personagens presentes no campo esportivo em Belo Horizonte, impactou e alterou as experiências dos envolvidos com esse esporte na capital de Minas Gerais.

Considerações finais

As notícias sobre o futebol em outros estados frequentaram os jornais mineiros com muita recorrência na década de 1930, principalmente dos clubes e das ligas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esse fato ocasionou uma estreita relação com essas diferentes realidades e uma conseqüente problematização da realidade mineira.

A passagem do amadorismo para o profissionalismo começou a ser debatida no Brasil em decorrência do grande êxodo de jogadores para o exterior, sobretudo para a Itália e para a Espanha, no início da década de 1930, e posteriormente para a Argentina e para o Uruguai, que profissionalizaram o futebol e começaram a atrair aqueles jogadores que se destacavam e queriam ser remunerados.

Em Belo Horizonte, os fatos impactaram as experiências dos envolvidos com o esporte na cidade. Embora as fontes consultadas não me permitiram afirmar que os clubes da capital mineira remunerassem os seus jogadores ou concedessem incentivos financeiros aos mesmos, os debates empreendidos em 1931 e 1932 foram de extrema relevância e começaram a formar opinião, através de pontos de vistas divergentes,

que na maioria das vezes fizeram-me vislumbrar o caráter conservador e tradicionalista da sociedade mineira como um entrave para a ampliação dos rumos que o futebol possibilitaria nas décadas posteriores.

Entretanto, ao ser declarado o profissionalismo no futebol carioca, e com as manchetes dos jornais especulando sobre a possível transferência dos jogadores mineiros para o Rio de Janeiro, reabriram-se as discussões em torno do profissionalismo no futebol mineiro. Alguns dirigentes, e até mesmo alguns jogadores, tinham muitas restrições ao profissionalismo. O principal argumento utilizado era de que a baixa presença de público nos jogos e as pequenas rendas que os mesmos proporcionavam eram incompatíveis com as demandas que os clubes teriam.

Contudo, o movimento deflagrado pelo presidente do Atlético e o receio que houvesse novos conflitos no futebol mineiro fizeram com que o profissionalismo fosse instituído, alguns meses depois do Rio de Janeiro, também em 1933, culminando no primeiro campeonato de futebol profissional realizado em Minas Gerais.

Notas

- ¹ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 1º jan. 1933.
- ² Não pretendi abordar o profissionalismo no futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. Porém, durante toda a pesquisa, fui deparando-me com as comparações feitas pela imprensa mineira entre as realidades dessas capitais com a realidade belo-horizontina, o que me estimulou a tentar compreender como aconteceu a afirmação do profissionalismo nessas cidades e como a imprensa mineira absorveu as informações que chegaram. A partir daí, foi muito revelador observar os artifícios utilizados pela imprensa mineira. Veja sobre o profissionalismo no Rio de Janeiro e em São Paulo principalmente os trabalhos de: Waldenyr Caldas, *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*, São Paulo, Ibrasa, 1990; André Ricardo Maciel Botelho, *Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894-1919)*, dissertação (mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005; Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000; Mário Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro*, 4. ed., Rio de Janeiro, Mauad, 2003; José Geraldo do Carmo Salles, *Entre a paixão e o interesse: o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro*, tese (doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004, p. 123; e Joel Rufino Santos, *História política do futebol brasileiro*, Rio de Janeiro, Brasiliense, 1981 (coleção Tudo é História, 20).

- ³ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 22 jan. 1933.
- ⁴ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 15 jan. 1933.
- ⁵ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 25 jan. 1933.
- ⁶ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 26 jan. 1933.
- ⁷ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 27 jan. 1933.
- ⁸ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 29 jan. 1933.
- ⁹ Os clubes Comercial, Retiro, Calafate, Carlos Prates, Villa, Sete, América e Santa Cruz votaram no nome apresentado pelo presidente do América: Liga de Amadores de Futebol. Os clubes Esperança, Fluminense, Atlético, Tupy e Palmeiras votaram no nome sugerido pelo presidente do Atlético: Associação Mineira de Esportes.
- ¹⁰ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 23 abr. 1933.
- ¹¹ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 8 fev. 1933.
- ¹² Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 9 fev. 1933.
- ¹³ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 10 fev. 1933.
- ¹⁴ *Ibidem.*
- ¹⁵ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 11 fev. 1933.
- ¹⁶ *Ibidem.*
- ¹⁷ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 11 fev. 1933.
- ¹⁸ Os vestígios e as evidências encontradas reafirmam a postura assumida nesta investigação de não comparar as relações profissionais que temos hoje no futebol com aquelas empreendidas pelos clubes na passagem do amadorismo para o profissionalismo e, assim, não assumir uma visão anacrônica.
- ¹⁹ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 10, 22 fev. 1933.
- ²⁰ *Ibidem.*
- ²¹ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 23 fev. 1933.
- ²² *Ibidem.*
- ²³ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 2 mar. 1933.
- ²⁴ *Ibidem.*
- ²⁵ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 3 mar. 1933.
- ²⁶ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 10, 9 mar. 1933.
- ²⁷ *Ibidem.*
- ²⁸ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 4 mar. 1933.
- ²⁹ *Ibidem.*

- ³⁰ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 16 mar. 1933.
- ³¹ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 20 abr. 1933.
- ³² *Ibidem*.
- ³³ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 27 abr. 1933.
- ³⁴ Meily Assbú Linhales (*A escola, o esporte e a “energização do caráter”: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)*), tese (doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, p. 12-13), ao operar com as noções de “costume” e “cultura”, referenciando-se nas contribuições de E. P. Thompson (*Costumes em comum*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 16-17), escreveu: “O costume, diferentemente da tradição, constitui um campo para permanentes disputas entre interesses e reivindicações conflitantes e também a cultura, mesmo quando ‘assume a forma de um sistema’, ou a ‘inovação confortável de um consenso’, não deixa de incluir em seu conjunto as contradições, as fraturas e as oposições existentes.”
- ³⁵ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 23 abr. 1933.
- ³⁶ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 20 abril de 1933.
- ³⁷ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 27 abr. 1933.
- ³⁸ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 26 maio 1933.
- ³⁹ *Ibidem*.
- ⁴⁰ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 27 maio 1933.
- ⁴¹ *Ibidem*.
- ⁴² Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 9, 31 maio 1933.
- ⁴³ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 30 maio 1933.
- ⁴⁴ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 31 maio 1933.
- ⁴⁵ *Ibidem*.
- ⁴⁶ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 2 jun. 1933.
- ⁴⁷ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 7 jun. 1933.
- ⁴⁸ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 13 jun. 1933.
- ⁴⁹ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 14 jun. 1933.
- ⁵⁰ *Ibidem*.
- ⁵¹ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 15 jun. 1933.
- ⁵² Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 6, 17 jun. 1933.
- ⁵³ *Ibidem*.
- ⁵⁴ Hemeroteca Pública, *Estado de Minas*, p. 8, 28 jun. 1933.
- ⁵⁵ *Ibidem*.

Parte 3 | TORCER, EDUCAÇÃO
E REDES DE
SOCIABILIDADE

Priscila Augusta F. Campos

As mulheres torcedoras
do Cruzeiro Esporte
Clube presentes no
Mineirão
Suas características e
relações com o clube e com
o estádio

Ao longo dos tempos, as diferentes comunidades, por meio de suas instituições e práticas, construíram modos diversos de conceber, lidar e ocupar o tempo e o espaço. Essas concepções e práticas foram e são apreendidas e interiorizadas, tornando-se, aparentemente, *naturais*.¹

A *naturalização* do dia a dia se dá pelo fato de os sujeitos incorporarem uma determinada estrutura social, influenciando em seu modo de sentir, pensar e agir, de tal forma que se tornem propensos a confirmá-la e reproduzi-la, mesmo que nem sempre de modo consciente. Tal incorporação, repetida de forma indefinida, faz com que o passado se perpetue.

No Brasil, no período entre o final do século XIX e início de século XX, no qual predominava o pensamento higienista,² o futebol foi considerado uma prática saudável, responsável pela formação da vitalidade física e moral da juventude: disciplina, decisão, iniciativa, coragem e solidariedade. Além disso, privilegiava a coordenação do movimento em detrimento da força. Assim, logo se transformou em uma atividade nobre, útil na promoção da higiene e da saúde sendo incorporada às aulas de educação física dos meninos nas escolas da elite.³

Nesse universo masculino, as mulheres ficaram limitadas à assistência. Aliás, apoiar nos bastidores sempre se constituiu como prática legitimamente feminina. Assim, contribuir para a exacerbação emocional do jogo é um campo do qual as mulheres nunca foram dispensadas.⁴ No espaço concedido às mulheres, as arquibancadas, a sua presença, embora vá se reconfigurando ao longo do tempo, se manteve regular e constante.

Verificamos, por meio dos discursos ao longo dos anos, que o papel social atribuído à mulher no contexto do futebol foi o de incentivadoras dos clubes e dos jogadores de sua preferência, além de serem consideradas ornamentos da prática esportiva masculina com sua assistência.

Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, presentes no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte-MG. Especificamente, tentou-se traçar o perfil socioeconômico das mulheres torcedoras do Cruzeiro que frequentam o Mineirão. E, por fim, compreender a relação estabelecida por essas torcedoras com o Mineirão e com o seu clube.

A presença da mulher no futebol está marcada em vários espaços. Entre eles, nas crônicas de Coelho Neto⁵ e de Nelson Rodrigues;⁶ na poesia da torcedora Anna Amélia;⁷ nas fontes iconográficas; no cinema; nos noticiários; e nos artigos em *blogs*. Contudo, no campo acadêmico, percebe-se que ainda são poucos os trabalhos que investigam a presença ou a ausência das mulheres na história dos esportes. Entre os que fazem, grande parte refere-se à mulher enquanto esportista de modo geral ou, especificamente, como atleta de futebol, sendo poucos os que procuram compreender a mulher na qualidade de torcedora e as relações e tensões que se estabelecem por trás disso.

Embora haja um discurso vinculado por parte da mídia de que a presença da mulher no estádio aumentou, pouco se sabe sobre quem são essas mulheres. Dessa forma, torna-se mais difícil realizar ações e/ou políticas públicas que as contemplem, bem como incluí-las como consumidoras desse espetáculo esportivo chamado futebol.

Assim, esta pesquisa definiu-se como exploratória descritiva. Esse tipo de estudo tem como objetivo descrever de forma mais ampla determinado fenômeno, enunciando questões para investigações futuras. Para isso, uma variedade de procedimentos pode ser usada para a coleta de informações sobre o fenômeno estudado, recorrendo tanto às descrições quantitativas quanto às qualitativas.⁸

No que tange às descrições quantitativas, elaboramos um formulário levando em consideração três eixos de análise: perfil sociológico da torcedora, relação da torcedora com o Mineirão e relação da torcedora com o Cruzeiro. Já as descrições qualitativas foram feitas por meio de entrevistas semiestruturadas, com as perguntas elaboradas visando ao aprofundamento das questões propostas no formulário, de modo que conseguíssemos captar os detalhes da relação da torcedora com o estádio e com o clube.

Em nenhum momento tivemos a intenção de homogeneizar e/ou estratificar estatisticamente as torcedoras, mas sim conhecer esse conjunto heterogêneo de mulheres presentes nesse espaço e ouvi-las, localizando-as socialmente.

Sendo assim, participaram dessa pesquisa mulheres cruzeirenses, com idade acima de 18 anos, presentes no Mineirão nos dias de jogos da equipe do Cruzeiro, na cidade de Belo Horizonte, no período de março a agosto de 2009. Para a tentativa de se traçar um perfil sociológico dessas torcedoras, aplicamos o formulário a 443 mulheres presentes no Mineirão. Posteriormente, do grupo que respondeu estar sempre presente no estádio nos dias de jogos do Cruzeiro, agendamos entrevista semiestruturada com 14 mulheres, escolhidas aleatoriamente.

Nesse sentido, ao procurarmos traçar o perfil das torcedoras cruzeirenses presentes no Mineirão, a análise dos itens do formulário foi feita em dois blocos: parâmetros socioeconômicos e relação com o Cruzeiro e o Mineirão.

Parâmetros socioeconômicos

Depois de tabularmos os formulários, para melhor visualização dos dados e auxiliar em outras análises, as idades das torcedoras foram agrupadas por faixa etária, ficando assim distribuídas: 18-39 anos; 40-59 anos; e acima de 60 anos.

Em relação à faixa etária das cruzeirenses participantes da pesquisa, observamos que houve uma predominância de mulheres com idade variando entre 18-39 anos (60%), seguida por 40-59 anos (31,4%). O grupo menos presente no estádio foi o acima de 60 anos (8,6%). Com isso, podemos aferir que a presença da mulher no estádio é constante e que não há uma idade específica para adotar a ida ao Mineirão como uma opção de lazer.

Sobre o estado civil, os dados apontaram que a maioria das torcedoras (44,8%) era solteira. Comparando o estado civil dentro de cada faixa etária, notamos que o maior percentual de mulheres solteiras (65,3%) encontrava-se na faixa de 18-39 anos; na faixa dos 40-59 anos, o que predominava eram as mulheres casadas (63,3%) e, na faixa etária acima dos 60 anos, havia uma maior quantidade de mulheres viúvas (42,1%).

O nível de escolarização das torcedoras era alto, uma vez que 32,7% tinham o ensino superior completo; 28,9%, o ensino médio completo; e 16,5% estavam em curso no ensino superior.

Todavia, analisando o nível de escolaridade em função da faixa etária, observamos como o grau de instrução das mulheres aumentou ao longo dos tempos. Tal processo foi fruto da inserção das mulheres no mercado de trabalho, o que lhes exigia certa qualificação, via maior escolaridade.⁹ Segundo os dados, somente 0,8% das mulheres entre 18-39 anos tinham apenas o ensino fundamental completo, valor ínfimo se comparado aos 23,7% das mulheres acima de 60 anos, que só tinham essa escolaridade, consequência de uma época em que estudar era para poucos e que a escolarização das mulheres não era bem-vista.

Das torcedoras que estavam cursando ou já concluíram o ensino superior, as especialidades elencadas foram muito amplas. Ao todo,

foram cadastrados 50 cursos. A maior parte (5,4%) pertencia ao curso de Pedagogia, modalidade historicamente feminina; em seguida, Administração (5,2%) e Direito (5%).

Do total de torcedoras, 69,1% tinham ocupação profissional, sendo que, em todas as faixas etárias, havia maior porcentagem de mulheres ocupadas do que desocupadas. As ocupações relatadas foram as mais diversas. Chama-nos a atenção, no entanto, que as maiores concentrações de ocupações foram assim representadas: 7,4% exerciam a função de secretária ou auxiliar administrativo; 7,2% eram professoras; 5,4% eram funcionárias públicas; 4,3% exerciam a função de vendedora/auxiliar de vendas/balconista; e apenas 3,3% responderam que eram proprietárias de algum estabelecimento ou comerciantes. O que percebemos com esses dados é que, embora estejam no mercado de trabalho e com alta escolaridade, suas profissões situam-se no setor de serviços e são poucas as mulheres empregadoras.

Em relação à renda, observamos que, no total de formulários, a maioria das mulheres (19,9%) tinha uma renda média entre um e dois salários mínimos,¹⁰ seguido por 16,9% que tinham uma renda entre dois e três salários mínimos. Apenas 2,3% das mulheres ganhavam mais do que 20 salários mínimos.

Quando os valores de rendimento foram distribuídos pela faixa etária, observamos que o período de vida dos 18-39 anos correspondia ao início de carreira profissional, pois a maioria (35%) recebia até dois salários mínimos e apenas 8,3% ganhavam entre cinco e 10 salários mínimos. A faixa 40-59 anos apresentava o ápice da vida financeira dessas torcedoras, já que reduzia pela metade o percentual das que viviam com até dois salários mínimos (16,5%) e a maioria (23%) se encontrava na faixa de rendimento entre cinco a 10 salários mínimos. Na faixa etária acima de 60 anos, observamos um decréscimo no rendimento, uma vez que aumentou o percentual das que viviam com até dois salários mínimos (31,6%) e diminuiu o das que viviam com 5 a 10 salários mínimos (7,9%). Nessa faixa de idade, a maior concentração de mulheres encontrava-se na faixa de rendimento entre dois e três salários mínimos.

Relação com o Cruzeiro e com o Mineirão

Ao serem perguntadas sobre a frequência com que costumavam ir ao Mineirão para assistir aos jogos do Cruzeiro, 31% afirmou ir frequentemente; 27,6% iam raramente; 26,5% iam sempre; e 14,9% estavam indo ao Mineirão pela primeira vez. Realizando o somatório entre as que vão frequentemente e as que sempre vão, houve um elevado número de mulheres que adotam a ida ao estádio como uma opção de lazer.

Observando essa distribuição por faixa etária, verificamos que, embora no estádio houvesse predomínio das mulheres entre 18-39 anos, elas são as que mais raramente vão ao estádio, o que indica uma rotatividade muito grande desse público. As que pertencem à faixa etária 40-59 anos afirmaram ir mais frequentemente ao estádio. No entanto, é na faixa etária acima de 60 anos que se encontra o público mais fiel ao Cruzeiro, com 31,6% garantindo estar sempre presente no estádio quando o Cruzeiro está jogando.

Quando perguntadas sobre qual o tipo de jogo a que costumavam ir, no total de formulários, 45,9% disseram ir a qualquer jogo, bastava o Cruzeiro estar em campo para que fossem ao Mineirão; 18% afirmaram só ir a jogos que não são muito cheios; 12,5% relataram ir aos mais importantes da temporada; 17,8% elegeram outros motivos para ir ao Mineirão e 5,8% relataram ir a todos os jogos do Cruzeiro, exceto o clássico.

Com efeito, tal preocupação com o clássico ocorre devido ao fato de o jogo ser classificado de alto risco, por comumente haver um grande número de espectadores e, principalmente, por causa da rivalidade hostil entre as duas torcidas.¹¹

A sensação de segurança no estádio foi um dos motivos de escolha de determinado jogo para ser a estreia da torcedora no Mineirão. Afinal, uma boa estreia possibilita outras idas e uma má pode causar uma sensação ruim. As 14,9% das cruzeirenses que estavam indo ao Mineirão pela primeira vez escolheram tal jogo porque esse não estaria muito cheio (43,3%); 20,9% por ter companhia e 26,9% por outros motivos.

No que se refere à ida da mulher ao estádio, somente 5,4% iam sozinhas. Habitualmente, as mulheres estavam acompanhadas, majoritariamente, das figuras masculinas, entre pai, parceiro afetivo, irmão etc. E poucas estavam acompanhadas das figuras femininas, sendo mais comum a mãe, a filha e a amiga.

Ao serem perguntadas com que idade foram pela primeira vez ao Mineirão, a maioria das mulheres (38,6%) teve acesso a esse espaço quando adultas, na faixa etária dos 18-39 anos; 29,7% conheceram o Mineirão em sua adolescência e 21,7%, quando crianças. Na categoria de gênero, esses dados corroboram a bibliografia, uma vez que historicamente o estádio de futebol não foi considerado um espaço para mulher, não havia uma preocupação de fazer com que as meninas se familiarizassem com o local, pois ele não faria parte de sua formação. À medida que as mulheres vão ganhando idade, há um ganho de autonomia e, com isso, há a possibilidade de poder frequentar esse espaço que outrora lhes fora restringido.

Os dados indicam que, desde quando o Mineirão foi inaugurado, houve um aumento constante, ao longo das décadas, do número de mulheres que iam ao estádio pela primeira vez; na década de 1960, 9% indo pela primeira vez e, nos anos de 2000, 42%.

Os maiores responsáveis por levar a mulher pela primeira vez ao estádio foram os seus parceiros afetivos, com 32,1%; em seguida vem a figura do pai, 27,1%; os amigos, com 12,9%; a mãe só esteve presente nesse momento na vida de 8,4% das torcedoras e somente 1,6% foi sozinha ao Mineirão. Esses dados reforçam que os responsáveis pela entrada da mulher nesse espaço foram os homens. Foram eles que abriram uma concessão para que suas mães, esposas, namoradas e filhas frequentassem esse local, desde que acompanhadas por eles. A entrada da mulher nesse espaço masculino não foi marcada pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelece na sociedade. As mulheres levaram incentivadas à prática do torcer, recebendo apoio velado ou aberto dos homens, a partir do momento em que eles as levaram para o estádio pela primeira vez e as acompanhavam em outras idas.¹²

Entretanto, uma vez apresentada a esse espaço, cada uma das torcedoras dele se apropria de forma diferente, umas reproduzindo a ordem das coisas e outras tentando mudá-la. Umaz fazem a opção de ir ao estádio apenas quando têm companhia e outras procuram ir sempre, independentemente se têm ou não companhia, se o jogo é à tarde ou à noite. Cada uma busca a sua forma de expressar o seu pertencimento clubístico e de se legitimar dentro desse espaço, pois, “[embora] as mulheres (e também os homens que não compartilham da masculinidade hegemônica) tenham, mais frequente e fortemente, sofrido manobras de poder que os constituem como o *outro*, geralmente subordinado ou submetido, tais manobras não as/os anularam como sujeitos”.¹³ Dessa forma, acreditamos que haja durante o momento do jogo negociações, alianças, revoltas, silenciamentos, resistências para que homens e mulheres frequentem o estádio.

Por fim, no que se refere ao principal meio de comunicação para essas mulheres terem notícias do Cruzeiro, 37% afirmaram ser a televisão o principal veículo de informação. O *site* do Cruzeiro foi consultado por 12,4% das mulheres e 11,3% obtiveram informações conversando com outras pessoas: namorado, marido e filho, respectivamente.

As entrevistadas

Na busca por uma melhor compreensão da relação das torcedoras com o Cruzeiro e com o Mineirão, no que tange conhecer a origem do ato de torcer pelo Cruzeiro, a construção da identidade cruzeirense e como elas percebem o estádio, utilizamos entrevistas semiestruturadas. As entrevistadas variaram em idade, formação profissional, local de residência, condições econômicas e formas de se relacionar com o clube.

Relação com o Cruzeiro

Durante as entrevistas, percebemos que a influência familiar foi preponderante na escolha pelo Cruzeiro. Em sua maioria, a *escolha* foi

feita durante a infância e a opção, geralmente, foi pelo time do pai, como descreve a fala a seguir:

Eu era menina, eu torço porque meu pai era cruzeirense. Então eu o vi torcendo, aí eu fiquei sendo cruzeirense. Foi pouco tempo de convivência com ele também, ele faleceu rápido, mas eu lembro dele torcendo pelo Cruzeiro, falando dos jogadores do Cruzeiro, do Palestra, dos primeiros jogadores do Cruzeiro. (Torcedora 76)

Torcer por um time é ter uma identidade social e corresponde a códigos e valores que dizem muito acerca de quem somos.¹⁴ Para vivermos em sociedade, é necessário confiar. O primeiro sistema de confiança com o qual temos contato é com o parentesco. Embora haja tensão e conflito nessa relação, esse sistema fornece condições para que os vínculos sejam amigáveis, íntimos e resistentes ao tempo, havendo um compromisso com os valores e princípios imbuídos nesse contexto.¹⁵

Assim, pela admiração, pelo respeito ou por uma forma de estabelecer vínculos afetivos mais próximos com a figura paterna, a imagem do pai tende a ser respeitada pela maioria das torcedoras e junto dela seus gostos. Sua forma de pensar e agir tende a ser seguida, muitas vezes, sem questionamentos.

Entretanto, partindo da premissa de que o espaço público foi construído para o masculino, cabia ao homem, na figura do pai, trazer as notícias da rua para dentro de casa, bem como seus feitos, criando uma identidade e uma normalização dos fatos. Assim, algumas meninas (e vários meninos) cresceram ouvindo seus pais contando *causos* sobre futebol: o clube, o estádio, os jogadores e suas jogadas, as viagens, enfim fatos marcantes, sublimes ou não.

Já no que se refere à participação da mulher no estádio, durante muito tempo ela foi vista como uma figura coadjuvante. Assim, mesmo estando presente no estádio, a representação da torcedora foi sendo pautada na figura de acompanhante, incentivadora dos clubes e dos jogadores e não em um sujeito que tem os seus conhecimentos sobre futebol legitimados ou o espaço e o público necessários para contar

seus *causos*. Embora essa concepção esteja mudando, ainda são muitos os lugares que continuam vendo a mulher como coadjuvante, de tal modo que não soa estranho que muitas deixem essa parte da socialização dos meninos e das meninas sob a responsabilidade do pai ou de outra figura masculina de convívio próximo, como o tio ou o avô.

Todavia, algumas entrevistas mostraram que essa preponderância tem exceções. Para algumas torcedoras, a figura materna foi a principal responsável pela escolha do Cruzeiro:

Ela gostava, mas hoje até que ela não vai, não [ao Mineirão]. Nessa época ela era nova, aí ela ia. Eu era criança e a acompanhava. Meu pai viajava; quando ele estava aqui, nos levava, mas ele não ia, ele não entrava no estádio. Então eu falo com ela, eu conto a ela que essa paixão que eu tenho pelo Cruzeiro aprendi de mãe para filha. E aí vai... É de família, vai passando. (Torcedora 331)

Talvez pela admiração, pelo respeito, por uma forma de estabelecer vínculos afetivos mais próximos com a figura materna ou por ter uma figura paterna ausente, o que observamos na construção dessa relação é que também há o compromisso com os valores e princípios imbuídos no contexto familiar.

Outro fator que apresentou grande influência na escolha do time foi a descendência. Muitas torcedoras são cruzeirenses por serem filhas ou netas de italianos, o que gera uma identidade italiana por parte dessas mulheres.

Aspectos apontados que também influenciaram na escolha pelo Cruzeiro, mas não tão mencionados quanto os demais, foram: a boa fase pela qual o time estava passando no momento da escolha, o patrimônio acumulado e a presença de um ídolo.

Entretanto, para além desses fatores, o relato de algumas torcedoras indicou que, se, por um lado, a família exerce influência positiva na escolha de um clube, por outro, pode causar repúdio. Assim, algumas mulheres tornaram-se cruzeirenses pelo desejo de romper com os princípios que lhes foram apresentados, não se simpatizando com o time escolhido pelo pai e/ou mãe.

No conjunto das entrevistas foi apresentado que o ser cruzeirense é sinal de credibilidade. Assim, os valores da identidade são tidos como referência e classificados como positivos. Atribuir valores a um grupo faz parte da construção de sua identidade que está inserida em um processo de produção simbólica e discursiva em oposição ao diferente, isto é, o *outro*.¹⁶

No futebol não é diferente. Cada clube tem o seu *outro*. Assim, torcer por um clube é reforçar ou ganhar certa identidade por oposição a outra.¹⁷ Dessa forma, na relação entre as torcedoras e a identidade cruzeirense, o *outro* foi lembrado. E, como não podia deixar de ser, o *outro*, em oposição, é negativo em qualquer circunstância, como foi dito pelas torcedoras.

Durante as entrevistas, as torcedoras não mencionaram se tinham ou não o hábito de ir à missa, porém três delas afirmaram participar da missa de aniversário do Cruzeiro realizada todo dia 2 de janeiro, na Igreja de São Sebastião ou na Sede Urbana do Clube. Para além disso, todas costumavam estar religiosamente presentes no Mineirão em dias de jogos do time principal do Cruzeiro e algumas ainda acompanhavam os jogos das divisões de base. De acordo com Hobsbawn,¹⁸ o futebol pode ser visto como a “(...) religião laica da classe operária”.

Em dias de jogo, os rituais a serem cumpridos pelas torcedoras são muito vastos e se misturam com as práticas supersticiosas. Elas faziam e pagavam promessa para que o time ganhasse, renunciando a algo de que gostavam; algumas usavam a mesma roupa todos os jogos (blusa, calça, tênis, calcinha); outras tinham uma rotina especial para o dia do jogo (não comer muito, chegar cedo ao estádio, sentar no mesmo lugar); faziam figa; rezavam; convocavam todos os santos, enfim, tudo isso para que o time não perdesse o jogo e nem o campeonato.

É fato que o futebol não estimula o pensamento supersticioso, ele simplesmente expressa uma visão de mundo da população brasileira que busca explicações para os fenômenos imprevisíveis que ocorrem durante o jogo. Essa visão de mundo está pautada no senso comum com base nos conceitos de sorte ou azar, destino, milagre etc.¹⁹

Dessa forma, verificamos que aquilo que foi feito uma vez e deu certo é repetido até o final e, se em algum momento o resultado não for satisfatório, foi porque não se realizou da maneira adequada ou com a fé necessária. “A crença numa tradição ou num hábito se autoconfirma devido a sua eficácia simbólica, e o mecanismo se perpetua.”²⁰

Por meio das falas, verificamos que o principal sentimento atribuído pelas torcedoras ao fato de torcerem pelo Cruzeiro foi a paixão. Algumas complementaram justificando que era um ardor que resultava em emoção, amor, felicidade, fidelidade, vontade de estar viva, energia, abrir mão de outros compromissos. Algo que não podia ser explicado, apenas sentido e vivido, como é a paixão.

Relação com o Mineirão

As entrevistas apontaram que ir ao estádio é um referencial de lazer e que experiências boas e más marcaram suas trajetórias no instante da estreia no Mineirão. Entretanto, algo comumente narrado entre as torcedoras que têm filhos e/ou filhas foi que a ida ao estádio não constitui em um processo contínuo entre a primeira vez até os dias atuais, devido ao casamento e à maternidade. Elas relataram que foi apenas quando seus filhos e/ou suas filhas cresceram que elas voltaram a frequentar o estádio, pois antes não tinham com quem deixá-los/las.

Como indicado pelos estudos feministas e de gênero,²¹ a maternidade, os cuidados com a família e com a casa foram associados ao papel social da mulher e, mesmo tendo acesso ao espaço público, à educação e ao mercado de trabalho, a dupla jornada ainda lhe é colocada, o que limita o seu tempo disponível para o lazer. Entretanto, mesmo aquelas que *só* têm o trabalho doméstico, também contam com o seu tempo disponível para o lazer limitado, pois essas tarefas exigem muita demanda, não sobrando tempo para as mulheres cuidarem de si mesmas.²²

Comumente, as torcedoras afirmaram que o Mineirão é visto como um local bonito e imponente pela sua arquitetura e pela região da cidade onde está situado: a Pampulha.²³ Além disso, para muitas dessas torcedoras representava um local para desestressar, vibrar e expressar o amor ao time.

Desse modo, muitas torcedoras disseram que cantavam, pulavam e falavam palavrão. Fato que chamou a nossa atenção durante as entrevistas foi que muitas das que assumiram falar palavrão no estádio não conseguiram reproduzir os cânticos e nem os xingamentos durante as falas em um contexto fora do estádio.

O estádio de futebol tornou-se um espaço de permissividade para certo tipo de violência simbólica. Com isso, algumas atitudes reprováveis dentro da sociedade são admitidas nesse espaço,²⁴ como, por exemplo, o uso de palavrão pelas mulheres. Algumas entrevistadas, por sofrerem com o constrangimento simbólico ou com o peso na consciência, preferem não manifestá-los, mas a maioria se sentia livre no Mineirão para expressar a sua revolta com o juiz, com os jogadores e com a própria torcida. Em meio à multidão, o anonimato foi o principal conforto para o uso dos palavrões, conforme mostram os seguintes trechos.

Eu acho bacana [ir ao estádio], é um jeito de dar uma desestressada. De falar palavrão, porque mulher não pode falar palavrão que é feio. Eles falam, a sociedade não deixa a gente ficar falando palavrão. E lá a gente pode falar [risos]. Que ninguém vai ficar olhando proê “nossa, você está falando palavrão” [risos]. Lá você pode dar uma desestressada. (Torcedora 66)

Se na vida em sociedade o cotidiano exige que as pessoas tenham o controle de suas emoções, no estádio de futebol, durante o momento de lazer, é permitido que haja a fruição dessas emoções, o que gera excitação, prazer, alívio e catarse.²⁵

Nesse equipamento de lazer, o estádio de futebol, embora as entrevistadas tenham como hábito estar ali em dias de jogos do Cruzeiro, elas reconheceram que o Mineirão apresenta alguns problemas e isso, de certa forma, influencia na sua relação com o estádio.

Todas as entrevistadas foram unânimes ao considerar a falta de higiene e de cuidados dos banheiros um dos principais problemas existentes no Mineirão, com a ressalva de que antigamente era pior. Os bares e lanchonetes também foram alvo de críticas em relação as suas condições de higiene e qualidade dos alimentos.

Outro problema indicado foi a falta de segurança do estádio, principalmente na bilheteria e na saída do jogo. Essas falas corroboram os dados apontados por Campos e colaboradores, os quais constataram que a sensação de segurança dos torcedores era maior dentro do estádio do que em seu arredor, devido a um maior policiamento, o que não ocorre na saída do estádio e nem na bilheteria.²⁶

Entretanto, contrariando os dados supracitados que foram coletados majoritariamente com os homens presentes no estádio, a torcedora 177 não se sentiu insegura na bilheteria somente pelo fato de estar cheia, com pouco policiamento ou pelo risco de assalto, conforme demonstram os resultados da referida pesquisa, mas por ter seu corpo abusado, uma forma de violência contra a mulher:

Eu entrei na fila [da bilheteria], só tinha homem, mas aquilo eles me passaram a mão pra tudo quanto foi lado, mas eu estava ali, eu estava sujeita àquilo. E estou na fila, aquela confusão, aquela multidão, aí quando olhei minha irmã em cima da árvore, chorando. Ela viu o tumulto que estava ali. Eu saí da bilheteria, parecia que eu estava debaixo de um chuveiro. Eu saí molhada de suor, mas comprei meu ingresso e o dela. Ela falou: “Não vou ficar aqui; não vou entrar.” Eu falei: “Vai. Depois de tudo o que eu sofri?! Que isso?!” Deveria ter um guichê só para mulheres. Porque hoje a gente tem facilidade da internet e tal, mas antes eu enfrentava fila, sabe, preconceito nunca assim de xingar e de falar, não. Mas, assim, corre a mão na gente, a gente está sujeita a cair..., os outros dar um tapa e sobrar pra gente, e nem por isso eu deixava de ir, não, tá? Mas eu acho que deveria de ter um espaço para a mulher. (Torcedora 177)

O sofrimento e o sacrifício pelos quais os torcedores e as torcedoras passam pelo seu time faz com que eles e elas sejam glorificados. “O sofrimento, sentido pelo corpo e marcado na memória, filia ainda mais o torcedor ao seu clube.”²⁷ Dentro desse contexto, podemos notar uma ambiguidade na fala. Ao mesmo tempo que a torcedora exaltava o seu feito, isto é, a compra do seu ingresso sob as mais hostis das condições, ela solicitava melhores condições para as mulheres. É como se o feito e o amor ao clube diminuíssem o sofrimento e a tornasse mais torcedora dos que as torcedoras que não se sujeitam a essas condições.

Diante da concepção de que o estádio é um espaço para a vivência do masculino e que, desde a inserção das mulheres nesse local, elas deveriam estar acompanhadas de homens – pais, maridos ou irmãos – para serem respeitadas perante a sociedade, tais valores ainda são conservados pela sociedade. Dentro do estádio há um código velado dos espaços onde e como as mulheres podem ir. Nos locais impróprios à sua presença, elas ficam vulneráveis.

Nos estádios, os homens tendem a proteger as mulheres, desde que elas não descumpram os códigos de conduta preestabelecidos tacitamente. E completa afirmando que a assiduidade ao estádio faz com que elas reconheçam os espaços mais ou menos adequados à sua presença.²⁸

Esse fato também está atrelado à presença da violência física e simbólica presente no estádio. A maioria das entrevistadas percebeu a violência no estádio associando-a a arrastões e brigas entre torcedores organizados, dessa forma reconheceram a presença da violência física. Elas confirmaram e reforçaram esse discurso alegando que perto das torcidas organizadas há mais bagunça e mais tumulto.

Analisando as entrevistas, foram poucas as torcedoras que consideraram a violência simbólica como uma das formas de violência sofridas no estádio ou fora dele. Quando perguntadas se elas sofriam algum tipo de preconceito no estádio, uma das manifestações da violência simbólica, a maioria respondeu que não. Ao explicar o que estava sendo considerado preconceito, tanto as formas explícitas quanto as veladas, elas afirmaram que sim.

O lócus do preconceito é o mais diverso e ocupa vários ambientes. É praticado por ambos os sexos, a partir do momento em que não reconhecem a ida ao estádio como um lazer também pertencente à mulher. Algumas torcedoras levavam na brincadeira e outras nem reconheciam que foram vítimas de preconceito. Aliás, deixar de reconhecer as violências sofridas tratando-as como *normais* e *naturais* faz com que elas sobrevivam nesse espaço. Poucas são as torcedoras que reconhecem o preconceito e o retruca, como indica o depoimento a seguir.

[Às vezes me perguntam:] “Nossa, você vai ao Mineirão?! Isso é coisa de homem.” “Isso é coisa de homem, não é coisa de mulher” [respondo]. Isso aí acontece sim, muito, não é uma nem duas. “Vamos sair hoje?” “Ah, eu não vou, não”. “Por quê?” “Porque hoje eu vou no Mineirão.” “Você ao Mineirão?” “Eu vou! Vou ao Mineirão, sim.” O preconceito é dos dois. Ainda mais quando o homem não gosta de futebol, aí é muito pior... “Nossa! Você vai ao Mi-nei-rão? Que isso...” Eu falo: “Uai gente, eu vou... eu gosto, eu quero. Eu vou, eu posso, deixa eu ir.” Então isso assim... Fora tem muito, muito preconceito mesmo. E é geral. (Torcedora 50)

Como observado em algumas entrevistas e demonstrado na fala acima, ainda é visto com estranhamento a mulher deixar de sair com as/os amigas/os, familiares e namorados para ir ao estádio, como opção de lazer. Fato que não ocorre com o público masculino, já que, em nossa sociedade, sair com os amigos, jogar uma pelada, reservar a tarde de sábado ou o domingo para ir ao estádio é um comportamento *natural dos homens*, faz parte da sociabilidade masculina, como deixou escapar a mãe da torcedora 179: “Nesse aspecto ela puxou o pai, que podia ter o que fosse na família que ele não abria mão. Qualquer evento que tivesse. Ele ia para o jogo” (Mãe da torcedora 179). Nota-se que mais uma vez a questão do que é referente ao homem e à mulher aparece na fala das torcedoras.

Outro fato marcante na fala de uma das torcedoras foi o fato de ela ser chamada de maria-chuteira²⁹ quando estava no *hall* do estádio pleiteando autógrafa dos jogadores. Há, por parte de muitas pessoas, uma associação entre a presença da mulher no estádio e sua atração sexual por um jogador, o que enaltece a masculinidade e virilidade dos jogadores e, por identificação, a dos torcedores. Em um espaço onde há a necessidade de identificar, isolar e conter a homossexualidade masculina,³⁰ em nenhum momento cogita-se que também pode haver homens no estádio que prestam atenção não só no jogo, mas também nos atributos físicos e econômicos (por que não?) dos jogadores.

Por fim, outra tensão enfrentada pelas mulheres que frequentam o estádio foi em relação à roupa utilizada. Ir de sandália, calça jeans apertada ou uma blusa que não seja a do time e expresse uma feminilidade hegemônica é algo visto com estranhamento, já que isso implica

diretamente a representação social do tipo de torcedora que pretende ser reconhecida ou da imagem que não se pretende demonstrar. Às mulheres é permitida certa dose de feminilidade, expressadas em acessórios, bijuterias ou maquiagens discretas, de modo que possam ser mais respeitadas ou camufladas em meio à multidão. Com isso, ampliam o seu acesso e o direito de pertencer a esse local. As que estão mais próximas aos padrões de feminilidade hegemônica, por opção ou por não conhecerem os códigos locais, recebem o constrangimento verbal e simbólico tanto dos homens como das próprias mulheres. Talvez essa violência somada à dificuldade de assimilar os códigos locais fazendo-as abrir mão da sua performatividade faça com que muitas não voltem mais ao estádio.

Ao adotar como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unívoca do que é ser uma torcedora, dificultando a sua apropriação e inserção legítima nesse espaço e desconsiderando que existem várias formas de torcer e de manifestar o pertencimento clubístico.

Como podemos observar, as falas das torcedoras bem como as análises ajudam a demonstrar o tão (in)tensa é a relação das mulheres com o estádio. Ao mesmo tempo que buscam o seu espaço, acabam reforçando normas sociais existentes.

Assim, ao estudarmos as torcedoras frequentes no Mineirão, buscamos dar notoriedade e representatividade a esse grupo social que, desde o surgimento do futebol, está presente na torcida. Pouco se sabe sobre suas características, pois não entram nas estatísticas oficiais dos clubes, dos/as jornalistas esportivos/as, dos/as gestores/as públicos e de alguns e algumas estudiosos/as do futebol, sendo tratadas no conjunto *dos torcedores do clube*.

(Texto elaborado com base na dissertação de mestrado em Lazer de minha autoria, defendida na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, em maio de 2010, sob orientação do professor doutor Silvano Ricardo da Silva.)

Notas

- ¹ Guacira L. Louro, *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, 11. ed., Petrópolis, Vozes, 2010.
- ² O pensamento higienista expressou-se no Brasil no século XIX e perdurou até início do século XX, sendo um dos responsáveis pela mudança na mentalidade das pessoas e nas suas práticas. Legitimado pelo conhecimento anátomo-fisiológico e seguindo alguns preceitos médicos, reconhecia um “(...) novo estilo de vida ‘atlético’ (...), ‘espontaneamente disciplinado’ e ‘saúdável’” (Fernanda S. L. de Paiva, “A constituição do campo da Educação Física no Brasil: ponderações acerca da sua especificidade e autonomia”, em Valter Bracht, Ricardo Crisório, *A Educação Física no Brasil e na Argentina: desafios e perspectivas*, Campinas, Autores Associados, 2003, p. 69).
- ³ Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- ⁴ Inês Brasão, “Improváveis simetrias: um retrato do futebol feminino”, em José Neves, Nuno Domingos (org.), *A época do futebol: o jogo visto pelas ciências sociais*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 375-387.
- ⁵ Coelho Neto foi um dos primeiros cronistas a utilizar o termo “torcedoras” e a descrever essa presença no estádio de futebol.
- ⁶ Nelson Rodrigues, ao longo dos seus livros *A sombra das chuteiras imortais* e *A pátria em chuteiras*, apresenta a memorável personagem da *narina de cadáver*.
- ⁷ Anna Amélia era uma torcedora, frequentadora do Estádio das Laranjeiras e que nutria um amor por um goleiro do Fluminense, Marcos Carneiro de Mendonça, para ela, um deus grego. Dessa admiração, nasceu o poema “O salto”. Para a leitura do poema, consultar: Cláudia Mattos, *Cem anos de paixão: uma mitologia do carioca no futebol*, Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- ⁸ T. Tripodi, P. Fellin, H. Meyer, *Análise da pesquisa social*, trad. Geni Hirata, Rio de Janeiro, F. Alves, 1975.
- ⁹ Carla Bassanezi, “Mulheres dos anos dourados”, em Mary del Priori (org.), *História das mulheres no Brasil*, 9. ed., São Paulo, Contexto, 2007, p. 607-639.
- ¹⁰ Computou-se o valor de referência do salário mínimo equivalente a R\$ 450,00.
- ¹¹ Heloísa H. B. Reis, *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*, tese (doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- ¹² Ludmila Mourão, *A representação social da mulher brasileira na atividade física desportiva: da segregação à democratização*, tese (doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.
- ¹³ Louro, *Gênero, sexualidade e educação*, p. 40.
- ¹⁴ Arlei Sander Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores”, *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.
- ¹⁵ Anthony Giddens, *As consequências da modernidade*, 5. ed., São Paulo, Editora Unesp, 1991.

- ¹⁶ Silvio Ricardo da Silva, *Tua imensa torcida é bem feliz: da relação do torcedor com o clube*, tese (doutorado em Estudos do Lazer), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- ¹⁷ Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar”; Hilário Franco Júnior, *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- ¹⁸ Citado por Franco Júnior, *A dança dos deuses*, p. 259.
- ¹⁹ Jocimar Daólio (org.), *Futebol, cultura e sociedade*, Campinas, Autores Associados, 2005.
- ²⁰ *Ibidem*, p. 13.
- ²¹ Para mais esclarecimentos, conferir: Louro, *Gênero, sexualidade e educação*.
- ²² Silvana V. Goellner *et al.*, “Lazer e gênero: considerações iniciais a partir da experiência do Programa Esporte e Lazer na Cidade”, em Alex B. Fraga (org.), *Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos*, Porto Alegre, Gênese, 2009, p. 53-61.
- ²³ A Pampulha é considerada um ícone da modernidade arquitetônica em Belo Horizonte nos anos de 1940. A região foi idealizada por Juscelino Kubitschek. O conjunto arquitetônico que compõe a região foi projetado por Oscar Niemeyer. Em meio a ruas arborizadas, nela está situada a Lagoa da Pampulha, o Mineirão e a Igreja São Francisco de Assis.
- ²⁴ Jocimar Daólio, *Cultura, educação física e futebol*, Campinas, Editora Unicamp, 1997; Carlos A. M. Pimenta, *Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação*, Taubaté, Vogal, 1997.
- ²⁵ Norbert Elias, Erik Dunning (org.), *A busca da excitação*, Lisboa, Difel, 1992.
- ²⁶ Priscila A. F. Campos *et al.*, “As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 1, p. 9-24, set. 2008.
- ²⁷ Silva, *Tua imensa torcida é bem feliz*, p. 112.
- ²⁸ Lara T. Stahlberg, “Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero”, em Luiz H. Toledo, Carlos E. Costa (org.), *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*, São Paulo, Terceiro Nome, 2009, p. 141-66.
- ²⁹ No imaginário popular, as marias-chuteiras são representadas por aquelas mulheres que, *a priori*, não têm interesse pelo jogo, apenas pelos jogadores, tornando-se uma figura malvista e não digna de respeito perante a população.
- ³⁰ Marcos A. Souza, “Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro”, *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 6, n. 7, p. 109-152, 1996.

Luiz Gustavo Nicácio

O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar

Refletindo sobre a pertinência do torcer na escola

Pensar como as atividades corporais se relacionavam com as pessoas e qual o papel da escola, representada pela disciplina Educação Física, tornou-se algo que me instigava e ainda instiga profundamente. Isso me levou, a partir da minha formação, a pensar os conteúdos da educação física e seu diálogo com a cultura na qual ela está inserida. Esse é um tema relevante para a escola, por entender que ela é um espaço de transmissão cultural e que a cultura é um elemento central no trato da educação física.

Refletir sobre elementos da cultura remete ao próprio conceito de cultura. Ao conceituar, corre-se o risco de encaixotar ideias que podem acabar sendo tomadas como verdades inquestionáveis. É importante lembrarmos que todo texto se trai ao cristalizar-se.¹ Dessa forma, os conceitos construídos ontem precisam ser avaliados e só então serem utilizados como anteriormente propostos ou mesmo serem revistos. O conceito de cultura que permeia a antropologia já passou por várias revisões e, assim como outros conceitos, possui diferentes olhares. Os antropólogos, de fato, sabem o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar esse conhecimento.² A partir da leitura dos referenciais lidos,³ o entendimento de cultura deste texto é um conjunto de símbolos

partilhados por um mesmo grupo. Estudar algo referente à cultura seria, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

Observamos que

a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Esse fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e idade.⁴

Tal afirmação possibilita entender que determinados símbolos de uma cultura podem não ser interpretados da mesma maneira, ou aproximada, por indivíduos de uma mesma cultura. Além disso, por vezes há um exercício de tentar transferir a lógica de uma cultura para outra, promovendo o etnocentrismo.

Ao pensar sobre a relação entre cultura e educação no âmbito das escolas, há que se entender o sentido atribuído à palavra cultura, tendo claro que, assim como nas demais esferas da sociedade, existem entendimentos diferentes acerca desse tema. Dentre as formas de se tratar de cultura, existem dois polos que se destacam. Em um deles, cultura é entendida como um conjunto de qualidades e saberes, ou seja, deter um leque de conhecimentos e competências cognitivas; no outro polo, entende-se cultura como “conjunto de traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo”.⁵ O autor utiliza a expressão “transmissão cultural” e diz que se tratando desse tema, no que se refere à escola, é preciso uma definição de cultura que seja, ao mesmo tempo, menos restritiva que o primeiro polo e menos ampla que o segundo.

A transmissão cultural não ocorre exclusivamente no sentido do professor para o estudante, mas sim em vários sentidos, do professor para os estudantes, dos estudantes para o professor, de estudantes para estudantes. Assim, ao incorporar um dado elemento da cultura à sua aula, o

professor deve estar ciente de que ele não estará simplesmente ensinando algo, os estudantes já trazem consigo entendimentos sobre aquilo de que se trata. De alguma forma, aquilo já possui significados para eles, mesmo que seja o desconhecimento. Como definir que elementos devem ser trazidos ou não para a escola? A ação docente não é desprovida de valores, e estes são parte da trajetória de vida dos professores, um professor não tem suas aulas pautadas exclusivamente em sua formação acadêmica, aquilo que viveu antes e depois desse período também será significativo para definir a postura ao elaborar suas aulas.

Nessa perspectiva, a instituição escolar seria resultado de um confronto de interesses entre o sistema educativo e os sujeitos da escola.⁶ Sendo estes os docentes, os funcionários e os estudantes, caberia, portanto, aos professores buscar aproximações entre os conteúdos propostos pelo sistema escolar e os elementos da cultura pertinentes àquela escola. Em cada uma das diferentes disciplinas há maior ou menor pressão quanto ao conteúdo que é apontado como os interesses desse sistema. Dentre as disciplinas escolares, este texto foca na Educação Física, nas diferentes produções que tomam a cultura como elemento central para essa disciplina. Há grandes aproximações ao entender que os elementos da cultura corporal que dizem respeito à Educação Física são os jogos, as danças, os esportes, as lutas, as ginásticas, as brincadeiras e algumas variantes. Se entendidos como construídos culturalmente, cada um desses conteúdos pode ser transposto para a escola e abordado de diversas formas, uma vez que, como elementos da cultura, eles recebem variadas apropriações e múltiplas significações. Nas várias esferas da vida, cada um desses conteúdos pode assumir um ou vários significados.

Uma das esferas da vida é o lazer, que também é construído culturalmente. Aqui o entendimento de lazer caminha junto ao conceito de lazer:

Uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.⁷

Ao questionar alguém sobre a cultura brasileira, rapidamente alguns elementos dela nos serão primeiramente apontados, como carnaval, capoeira e futebol. Esses três ajudam a exemplificar manifestações culturais que podem ser transmitidas através do lazer. Dentre estas, há o destaque neste texto para o futebol. Mundialmente conhecido como o país do futebol, esse esporte ganhou, no Brasil, um caráter de fenômeno sociocultural.⁸

O futebol é, no Brasil, referencial de lazer, tanto para as classes menos favorecidas, quanto para as mais, seja na possibilidade de prática⁹ ou como torcedor.¹⁰ Os brasileiros não só gostam de futebol, mas o faz a partir de um referencial: “os clubes do coração”.¹¹ Esse gostar de um clube remete ao torcer por um clube. No contexto brasileiro, a familiaridade das pessoas com o futebol é tão grande que gera algumas dificuldades ao abordar o tema. Uma reflexão a ser feita é a relação dessa familiaridade do futebol com o povo brasileiro, ao se “deparar com o fato de que o futebol acontece (ou se produz) cotidianamente na escola independentemente das práticas de ensino”.¹² Não somente na escola, o futebol acontece independente de ensino, nas próprias transmissões dos jogos, seja de rádio ou de televisão; não são incomuns jargões como “esse cara tem o dom”, “nasceu pra isso”, “feito para o futebol”, todos remetem à ideia de “dom”.¹³ Se sobre o jogar em si existe a ideia do dom, no que diz respeito a torcer por um clube, o imaginário dos brasileiros também está permeado por elementos de naturalização. Para o torcedor, ele não se tornou atleticano, cruzeirense, vascaíno, colorado, ele nasceu torcendo por este ou aquele clube. No Brasil a relação com o futebol vem desde o nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol.¹⁴ Esse time é aquele que ele aprenderá a gostar, que torcerá na maioria das vezes, até o fim de sua vida. Como no caso da culinária e do vestuário, em que se afirma que “somos o que comemos e vestimos”, no futebol “somos o clube para o qual torcemos”.¹⁵ Toda essa relação gera uma dificuldade de intervenção, já que o futebol enquanto jogado não precisa ser ensinado, brasileiro já nasce com o “dom”, e, no que tange ao torcer, o indivíduo já nasce atleticano, cruzeirense ou torcedor de outro determinado clube.

O futebol como conteúdo escolar e, especificamente, da Educação Física não pode ser visto apenas no âmbito da prática. Dentre aqueles jovens pesquisados em um trabalho, o torcer era uma forma de engajamento unânime no universo do futebol. Eliene Lopes Faria traz a possibilidade de se pensar na prática do futebol como torcedor.¹⁶ Essa ideia é interessante, ao pensá-la associada à discussão de passividade e atividade apresentada no livro *Estudos do lazer: uma introdução*.¹⁷ Assim, a inserção no meio futebolístico não depende exclusivamente de praticar o esporte em si. O engajamento no universo futebolístico é possível enquanto torcedor.

As relações criadas por meio do futebol permeiam toda a sociedade. É possível pensar a construção de “pedaços”¹⁸ de determinadas torcidas, como bares, de acordo com pesquisa recente.¹⁹ As torcidas organizadas que já foram e são ainda fruto de vários trabalhos²⁰ envolvem muitas pessoas e são constante alvo de debate na mídia. A televisão que faz parte das vivências de lazer de grande parte da população brasileira é recheada de futebol em sua programação. Além dessas, outras relações podem ser lidas no contexto brasileiro, mesmo aquelas pessoas que não gostam do futebol são afetadas no seu cotidiano por essa íntima relação entre futebol e Brasil, especialmente em grandes centros urbanos que possuem clubes nas principais competições nacionais. Em Belo Horizonte, por exemplo, em dias de jogos do Clube Atlético Mineiro ou do Cruzeiro Esporte Clube, são visíveis as alterações na cidade, sejam em questões funcionais, como trânsito, vendedores ambulantes espalhados pela cidade ou em mudanças que vou chamar de o “clima” da cidade, com maior número de torcedores circulando com as camisas de seus clubes, buzinaços, algumas pessoas mudando seus itinerários habituais para evitar o contato direto com o clima do jogo, entre outros. O que busco explicitar com isso é que o futebol mobiliza mais do que apenas os torcedores do clube que está jogando, envolve a sociedade. Além disso, as relações não se restringem ao dia do jogo, elas se estendem ao “cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, em que se ‘discute futebol’”.²¹ A escola não está alheia ao torcer, o estudante e os professores não “removem sua identidade de torcedor” ao entrar na escola, eles trazem consigo os signos atribuídos àquelas relações.

Se o torcer faz parte da vida das pessoas de forma tão expressiva, o que pode ser observado como parte de um fenômeno sociocultural, ele pode ser entendido como tema pertinente à escola, reconhecida como um espaço de formação sociocultural. O torcer está ligado a um tema da cultura corporal e sua pertinência na Educação Física está ligada especificamente ao saber sobre o fazer corporal, pois o torcer estende o objeto de ensino dessa disciplina ao saber dos significados de um determinado conteúdo em relação ao mundo.

Os estudos que se referem ao torcer são em geral direcionados aos torcedores que frequentam os estádios, às questões relativas à violência relacionada a esses grupos, às formação de identidades ligadas ao futebol/torcer, ao torcer como um mercado de consumo. As demandas por uma educação para o torcer já foram apontadas em outro trabalho.²² Recentes pesquisas²³ expõem um grande desconhecimento dos torcedores em relação ao Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), lei que regulamenta os direitos do torcedor na assistência às várias modalidades esportivas e que poderia, em tese, proporcionar melhores condições na fruição dessa vivência de lazer. Tais informações apontam para a necessidade de intervenção no que diz respeito à educação para o torcer e, mais que isso, à demanda por formas de fazê-lo, e aqui há a indicação de caminhos para esse fazer.

Possíveis temas e formas para o trato do torcer

Em minha dissertação, foi feita uma pesquisa com 66 professores de escolas públicas na cidade de Belo Horizonte-MG. É a partir desses dados que serão indicados alguns caminhos para o trato do torcer na escola. Em breve análise de alguns documentos norteadores da Educação Física escolar, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Médio,²⁴ os Conteúdos Básicos Comuns (CBC) para o Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais²⁵ e as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte (PC),²⁶ percebi que, à exceção dos CBC, os documentos não fazem referência direta a

nenhuma possibilidade de tratar o torcer, ainda que o discurso que os outros dois documentos trazem abra a possibilidade de compreender este como um tema a ser trabalhado, mesmo que de uma maneira não direta como no caso dos CBC. Nos CBC, a referência ao torcer aparece no tópico “Esporte, lazer e sociedade” e aponta como “habilidade” a ser tratada o “conhecer o Estatuto do Torcedor”, sendo assinalado como tema obrigatório a ser tratado.²⁷ É interessante observar a relação feita entre esporte e lazer neste caso, pois claramente concebe o torcer como uma possibilidade de lazer ligada ao esporte. Quanto à “habilidade” específica elencada pelo documento, essa vai diretamente ao encontro de uma necessidade mostrada por vários trabalhos.²⁸ Nessas pesquisas é mostrado que o torcedor desconhece o conteúdo do EDT,²⁹ documento que objetiva resguardá-lo nessa possível vivência de lazer.

Tendo como único tema presente nos documentos que norteiam a Educação Física na escola o EDT, percebi que outras possibilidades de abordagem ficam condicionadas à sensibilidade do professor para ver a necessidade de se tratar o torcer nas escolas. Proximidade a sedes de torcidas organizadas, estudantes integrantes dessas torcidas, filhos de jogadores de futebol, escândalos envolvendo a mídia, estudantes atletas, questões que ganhem projeção ligadas ao torcer e que tenham repercussão nos assuntos dos estudantes na escola, entre outros, podem ser motivadores para tratar determinados temas ligados ao torcer. Um tema tenderá a ser trabalhado por um professor caso sua formação permita que este o entenda como pertinente, também podendo ser motivado por fatos que ocorram no dia a dia.

A pesquisa de campo indicou, a partir dos diálogos com os professores, alguns temas que já vêm sendo tratados nas escolas de Belo Horizonte. O primeiro citado e que ganhou maior destaque foi o das torcidas organizadas, diretamente ligado ao discurso da violência. Entendendo que o futebol pode ser analisado como um espelho para a sociedade e que ao mesmo tempo a reflete.³⁰ Assim sendo, não é surpresa que uma questão central na sociedade também seja central ao se pensar o futebol. O que merece destaque aqui é a ausência de materiais de característica pedagógica para se tratar tal temática, bem como as demais que serão

citadas aqui. Para trabalhar o tema, recorreu-se a artigos acadêmicos, de jornais, *sites* e revistas. Há dois problemas mais diretos, o primeiro ligado à complexidade da linguagem e o outro, à parcialidade dos fatos. A linguagem apresentada nesses textos encontra-se, por vezes, distante da realidade dos estudantes, e, em alguns casos mais extremos, como encontrado na pesquisa de campo, mesmo estando cursando o ensino médio, vários estudantes têm habilidades de leitura muito básicas. Uma possível solução seria a reelaboração dos textos pelos próprios professores. Outro recurso citado foi o uso de vídeos, o que remete a outro importante tema apontado pelos professores que participaram dessa pesquisa: o papel da mídia. Num diálogo direto com o tema das torcidas organizadas, a mídia que utiliza as imagens dessas torcidas, cantos, bandeiras, coreografias, é a mesma que em seguida aponta para um possível fim das mesmas. Essas relações dúbias podem e já são foco de interesse das aulas na escola.

Outro tema bastante citado é o da rivalidade. Uma experiência relatada durante a pesquisa foi de uma professora que, no intuito de problematizar as questões da rivalidade, realizou, ao fim dos jogos escolares, uma partida de futsal entre Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube, representados por estudantes da própria escola. E, em momento posterior, trocando os estudantes de lado. No caso, as questões que surgiam não envolviam somente os estudantes, mas o contexto do bairro, da família, dos amigos. Pensamos que “a condição de torcedor de futebol no Brasil extrapola a simplicidade da predileção por um clube para nos trazer um ‘mar’ de significados de nossa própria cultura”.³¹ Ao fazer com que os estudantes trocassem de lado na torcida, há um conflito que vai além do torcer por outro clube, nesse caso é o torcer pelo arquirrival, aquele que é visto como o “anti-eu”. A ideia de “anti-eu” dialoga diretamente com outro tema muito interessante a ser tratado, a identidade. No Brasil, a relação com o futebol vem desde o nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol.³² Esse time é aquele que ele aprenderá a gostar, que torcerá na maioria das vezes, até o fim de sua vida. Ser torcedor representa determinada identidade; ser atleticano, cruzeirense, vascaíno, colorado carrega uma série de significados. Os professores, ao trabalharem o torcer, devem estar

atentos a essas questões para que não incorram em equívocos e estejam sensíveis ao problematizar as questões que surgirão.

Existe uma teia que relaciona os diversos temas ligados ao torcer, dificilmente se consegue tratar um sem passar por outros. Outro objeto de interesse para as aulas é o consumo, que aqui opto por inserir em um grande tema ao qual chamo de “espetáculo esportivo”. É aqui que o único assunto indicado nos documentos norteadores se encaixa. O EDT serviu como recurso para orientar um processo de busca por maior transparência e organização da gestão no futebol brasileiro. Além disso, segundo seu próprio texto, o EDT visa proteger e defender os torcedores e tem em seu conteúdo grande preocupação com os elementos que visam prover segurança ao torcedor e inibir atos violentos. A preocupação com a gestão do esporte me remete primeiramente a duas questões, que podem se relacionar. Primeiro, a visão do mercado, que tem o torcedor como um consumidor e a organização da gestão dos clubes e campeonatos seria uma forma de valorizar o produto futebol. Segundo, o torcedor que não vê seu clube como um produto, mas sim como algo significativo afetivamente e que por isso deseja a melhor gestão possível para ele. Essas não são as duas únicas questões relativas à gestão do futebol. Além disso, não são dicotômicas, elas se relacionam e ocorrem simultaneamente, cabe refletir como isso pode ser inserido e problematizado na escola.

Como uma grande empresa, os clubes vivem a partir de suas arrecadações, e, se hoje grande parte destas vem dos direitos de transmissão, a valorização e venda da imagem do clube é de grande importância. Ser o clube que mais vende camisas gera determinada valorização da marca, estádio cheio, entre outros fatores. Todos eles ligados ao consumo.

Outro importante tema a ser pensado no trato do torcer é a questão artística. E “quando falamos das relações entre futebol e cinema, estamos certamente narrando os encontros e desencontros entre duas paixões universais”.³³ Esses encontros e desencontros expostos pelo autor não se restringem ao cinema. Eles estão presentes nas diversas vertentes das artes: fotografia, música, pintura, teatro. Em todas essas e em outras é possível verificar a presença da relação entre futebol/torcidas e arte.

Procurando exemplificar de forma sucinta, artistas de grande representação na música já retrataram o futebol e, mais especificamente, o torcer em seus trabalhos: Chico Buarque, Skank, Vander Lee, Jorge Ben Jor, Gabriel o Pensador, Marcelo D2, Noel Rosa são exemplos de músicos que já trataram o futebol em suas composições.

Outro exemplo interessante para o trabalho do torcer é a literatura. Um sem-número de livros, crônicas, *blogs* bem elaborados e outras formas literárias estão disponíveis e dialogam diretamente com o torcer. Nelson Rodrigues e Roberto Drummond são apenas dois exemplos mais icônicos de grandes escritores que têm marcado em suas trajetórias a produção de belos textos em que há explicitamente a presença de suas paixões clubísticas, me arrisco a dizer que não há um torcedor do Clube Atlético Mineiro que não conheça a expressão criada por Drummond: “Se houver uma camisa branco e preta pendurada no varal, o atleticano torce contra o vento.” Neste momento caberia um trabalho com docentes das letras.

Agora faço uma pausa para inserir um adendo acerca do trato do torcer na escola. Este texto direciona seu foco à Educação Física escolar, contudo não cabe somente a ela estabelecer esse diálogo. Os temas anteriores podem ser pontos de partida para refletirmos isso. O campo das artes, que na escola normalmente está representado pelas artes plásticas e em situações mais privilegiadas também possui diálogos com música, teatro e dança, é um exemplo de assuntos ligados ao torcer que podem ser mais bem desenvolvidos em outras disciplinas ou em trabalhos multidisciplinares/interdisciplinares.

Mais uma vez, reforço que tratar o torcer ou qualquer outro tema passa por uma escolha do/a professor/a. Em uma das escolas em que foi feita uma das entrevistas da pesquisa de mestrado que subsidia este texto, há o exemplo de uma professora de Geografia, que, ao deparar-se com uma questão problema em sua aula ligada ao torcer, optou por trazer tal temática para a sala. O episódio em questão foi gerado pelo fato de a professora ter ido ao trabalho com um agasalho do clube pelo qual torce, e isso criou uma situação de grande euforia nas turmas em que daria aula, praticamente inviabilizando suas aulas. Não tive contato

com essa professora, mas, no relato da professora de Educação Física entrevistada, a intervenção consistiu no uso de balões azuis e pretos, em alusão aos dois maiores clubes de futebol de Belo Horizonte, com perguntas dentro que geravam um debate posterior.

Uma reflexão de um trabalho anterior nos leva a pensar se as outras disciplinas escolares abraçariam esse tema individualmente.³⁴ Os autores afirmam que outras disciplinas sofrem tanto quanto a Educação Física com a necessidade do quê se legitimar nas escolas, e um dos elementos dessa legitimação seria a seleção de seus conteúdos. Portanto, a que ponto poderia um professor de outra disciplina trabalhar com um tema que aparentemente estaria ligado diretamente à Educação Física sem ser colocada sob suspeita a significância daquele conteúdo à sua disciplina? A resposta a essa pergunta está no sentido que é dado à escola. Se a escola é meramente reprodutora de um saber e os estudantes devem absorver um determinado leque de conhecimentos e competências cognitivas que são valorizados *a priori* na sociedade, então torna-se uma opção complexa para o professor escolher trabalhar esse tema. Já numa perspectiva em que a escola é entendida como espaço de transmissão cultural, em que o conceito de cultura não se restringe tanto e permite uma ampliação para as experiências significativas do ser humano, a possibilidade de que os/as professores/as consigam maior abertura para trabalhar temáticas como o torcer ganha força.

Na pesquisa de mestrado homônima ao título deste texto, a presença do torcer nas escolas é explicitada ao longo dos capítulos e é percebido que os professores estão atentos a isso. Contudo, o número de professores que declara já ter preparado ao menos uma aula com foco nesse tema não representa 10% dos 66 entrevistados. Neste momento cabe uma reflexão proposta por um excelente artigo publicado na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*.³⁵ Os autores do referido artigo indicam que, a partir da década de 1980, houve uma hipertrofia das discussões pedagógicas e uma atrofia das discussões da didática da Educação Física escolar. É provável que nos cursos de formação se tenham professores mais capacitados em responder qual é o papel da Educação Física na escola do que em propriamente exercer esse papel, em decorrência desse

quadro apontado pelos autores. Sabe-se o que deve ser feito, todavia não se conhecem as formas de fazê-lo.

Os professores têm dificuldades em transformar em aula as reflexões sobre o futebol, em especial aquelas que não são relacionadas à prática deste. Em um trabalho de levantamento de fontes, é mostrado que existem produções acerca da temática futebol sob os mais variados enfoques.³⁶ Contudo, toda essa produção levantada pelos autores trata de reflexões que ajudam mais no campo das reflexões pedagógicas e menos nas questões didáticas. Não estou aqui defendendo o uso de manuais, apontar “receitas” de como dar uma aula; entretanto, entendo que se faz necessário indicar caminhos para que os professores possam ser sujeitos de sua própria prática ao construí-la e reconstruí-la a partir de ações, reflexões e teorias.

Os modos para se trabalhar são tão vastos quanto possa ser a criatividade dos professores que optem por explorar o torcer em suas aulas. O uso de textos (livros, artigos, *blogs*), vídeos (filmes, documentários, desenhos), jogos (júri simulado, partidas com rivalidade, mímica), aulas expositivas, presença de convidados, entre outros, são apenas exemplos que podem contribuir para que os docentes sejam autores de suas aulas.

Aguardando a prorrogação

Este texto teve a intenção de despertar e instigar o interesse pelo trato do torcer, indicando de forma resumida os porquês da relevância desse tema, além de apresentar algumas das possibilidades para trabalhá-lo. A partir dos dados da pesquisa de mestrado, é possível afirmar que os professores, ao menos na cidade de Belo Horizonte, entendem que esse é um tema importante para ser tratado, que, todavia, como outros, não possui tantos recursos acessíveis que tenham ligação com o universo escolar, estando mais próximo da realidade das universidades. Além disso, mesmo não sendo objeto de aulas elaboradas especificamente para tratá-lo, o torcer não passa despercebido para a maioria dos docentes.

Há ainda a reflexão de que o tema não possui maior representatividade em termos de número de professores que o tratam, porque estes não possuem um ponto de partida mais sólido que possa norteá-los para abordar a temática. Cabem ações no intuito de fornecer elementos aos professores para que possam iniciar o trato com o torcer, ampliar as questões já abordadas ou para que possuam um referencial, caso entendam que é necessário abordá-lo nas escolas em que trabalham. Os CBC, da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, afirmam que um dos temas correlatos ao torcer, o EDT, é um tema obrigatório a ser trabalhado. Contudo, não são dados aos professores subsídios para saber como tratar esse tema, como ocorre com outros conteúdos. No Centro de Referência Virtual do Professor (CRV) de Minas Gerais, vários planos de aula que podem ser pontos de partida para se trabalhar um determinado assunto são disponibilizados para os professores, todavia lá não é encontrado nenhum plano de aula relativo a alguma das possibilidades de se pensar o torcer. *Sites* como esse poderiam concentrar elementos para subsidiar esse alicerce para o início desse trabalho.

A pesquisa que norteia este texto foi realizada na cidade de Belo Horizonte. Mesmo num universo menor, foi possível perceber diferentes potencialidades de temas correlatos ao torcer. A rivalidade, que é um tema amplamente comentado pelos professores pesquisados, teria outros vieses para se tratar em localidades diferentes do país. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, conta com quatro grandes clubes de futebol, o que acarreta diferenças para se pensar e problematizar a rivalidade. Mesmo a cidade de Porto Alegre, que conta também com dois grandes clubes, possui características próprias que só fazem sentido se forem abordadas naquela cidade. Para além disso, o tratamento fora dos grandes centros urbanos também merece destaque, o torcer no interior também ocorre de maneira diferente do das grandes cidades. Da mesma forma, os sentidos que são atribuídos, por exemplo, ao futebol amador.

A vastidão de possibilidades e de diferenças ao se trabalhar esse tema reforça o quanto o torcer está presente no cotidiano das pessoas e sua relevância como tema para as aulas, não só de Educação Física. É esperando que possa haver uma contribuição nas reflexões sobre o trato

desse tema na escola que o subtítulo desta parte ganha tal nome, que a prorrogação venha em ações tanto de produção de subsídios para a abordagem do torcer como de materialização dessas aulas.

Notas

- ¹ Jurimir Machado da Silva, “Em busca da complexidade esquecida II”, em Edgar Morin, Joaquim Clotet, Jurimir Machado da Silva, *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente*, 3. ed., Porto Alegre, Sulina/EDIPUCRS, 2007.
- ² Roque de Barros Laraia, *Cultura um conceito antropológico*, 22. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- ³ Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, 13. reimp., Rio de Janeiro, LTC, 2008.
- ⁴ *Ibidem*.
- ⁵ Jean-Claude Forquin, *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- ⁶ Juarez Dayrell, “A escola como espaço sociocultural” (1996), disponível em <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ESCOLA%20ESPACO%20SOCIOCULTURAL.pdf>>, acesso em 20 ago. 2009.
- ⁷ Christianne Luce Gomes, “Lazer: concepções”, em Christianne Luce Gomes (org.), *Dicionário crítico do lazer*, Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- ⁸ Roberto DaMatta *et al.*, *Universo do futebol*, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982; Jocimar Daólio, “O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica”, em *Cultura: educação física e futebol*, Campinas, Editora Unicamp, 1997.
- ⁹ Ainda que eu entenda o torcer como uma possibilidade de prática, para caráter funcional da escrita seguirei distinguindo a ação de se jogar futebol como prática.
- ¹⁰ José Geraldo do Carmo Salles, “Futebol: um lazer mágico da cultura brasileira”, *Motus Corporis*, v. 5, n. 1, p. 42-56, maio 1998.
- ¹¹ Arlei Sander Damo, *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*, Porto Alegre, Editora UFRGS, 2002.
- ¹² Eliene Lopes Faria, “Aprendizagem *da e na* prática social: contribuições da antropologia para o estudo do futebol”, em Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 15./Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2., *Anais...*, disponível em <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/071.pdf>>, acesso em 10 ago. 2009.
- ¹³ Para mais conhecimento sobre a questão do “dom” no futebol, recomendo a leitura de Arlei Sander Damo, *Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, Porto Alegre, Hucitec, 2007.
- ¹⁴ Jocimar Daólio, “As contradições do futebol brasileiro”, em Paulo César Rodrigues Carrano (org.), *Futebol: paixão e política*, Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

- ¹⁵ Arlei Sander Damo, “Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores”, *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.
- ¹⁶ Eliene Lopes Faria, *A aprendizagem da e na prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte*, tese (doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- ¹⁷ Nelson Carvalho Marcellino, *Estudos do lazer: uma introdução*, Campinas, Autores Associados, 1996.
- ¹⁸ Remeto-me aqui à categoria “pedaço” proposta por Magnani, no livro *Festa no pedaço*, entendida como um espaço intermediário entre o privado e o público, em que se desenvolve uma sociabilidade básica, que é mais densa que as relações formais e individualizadas das impostas na sociedade.
- ¹⁹ Daniel Santos, Aldo Antônio de Azevedo, “Os torcedores nos bares do DF: secundarização, identificação e sociabilidade na capital”, em Aldo Antonio de Azevedo (org.), *Torcedores, mídia e políticas públicas de esporte e lazer no Distrito Federal*, Brasília, Thesaurus, 2008.
- ²⁰ Luiz Henrique de Toledo, *Torcidas organizadas de futebol*, Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996; Carlos Alberto Máximo Pimenta, *Torcidas organizadas de futebol – violência e autoafirmação: aspectos da construção das novas relações societárias*, Taubaté, Vogal, 1997; Rafael Rangel Soffredi, Aldo Antônio de Azevedo, “Violência entre torcidas organizadas no Distrito Federal: conflitos intrínsecos e ações do poder público”, em Aldo Antonio de Azevedo (org.), *Torcedores, mídia e políticas públicas de esporte e lazer no Distrito Federal*, Brasília, Thesaurus, 2008.
- ²¹ Arlei Sander Damo, “Futebol e estética”, *Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, jul./set. 2001.
- ²² Silvio Ricardo Silva *et al.*, “Futebol e lazer: refletindo sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor no Campeonato Brasileiro de 2006 em Belo Horizonte”, em Seminário Lazer em Debate, 8., Rio de Janeiro, 2007, *Anais...*, Rio de Janeiro, [s.n.], 2007, p. 201-209.
- ²³ Luiz Gustavo Nicácio *et al.*, “Campeonato Brasileiro de 2007: a relação do torcedor de futebol com o Estatuto de Defesa do Torcedor na cidade de Belo Horizonte”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 2, p. 25-38, jan. 2009; Martin Curi *et al.*, “Observatório do torcedor: o estatuto”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 1, p. 25-40, set. 2008; Silvio Ricardo Silva *et al.*, “Futebol e lazer”, p. 201-209.
- ²⁴ Brasil, *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*, Brasília, Ministério da Educação, 2009, disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>, acesso em 10 ago. 2009.
- ²⁵ Minas Gerais, *Conteúdos Básicos Comuns: Educação Física no ensino médio*, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2005, disponível em <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B922DC580-837C-4CD5-B5D4-B49F9FEB4533%7D_educacao%20fisica.pdf>, acesso em 10 ago. 2009.
- ²⁶ Eustáquia Salvadora de Sousa *et al.*, *Proposições Curriculares: ensino fundamental, 3º ciclo – Educação Física*, Belo Horizonte, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2009, disponível em <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B922DC580-837C-4CD5-B5D4-B49F9FEB4533%7D_educacao%20fisica.pdf>, acesso em 10 ago 2009. As *Proposições Curriculares* são referentes ao 3º ciclo do ensino fundamental, uma vez que não há disponível tal documento referente ao ensino médio.

- ²⁷ Nos CBC, os temas são mostrados em dois grupos: os obrigatórios e os complementares, sendo conhecer o Estatuto do Torcedor apontado como um tema obrigatório.
- ²⁸ Luiz Gustavo Nicácio *et al.*, “Campeonato Brasileiro de 2007”; Martin Curi, “Observatório do torcedor”; Silvio Ricardo Silva *et al.*, “Futebol e lazer”.
- ²⁹ Brasil, Lei nº 10.671, de 15 maio 2003, *Estatuto de Defesa do Torcedor*, disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/LEIS/2003/L10.671.htm>, acesso em 10 ago. 2009.
- ³⁰ DaMatta *et al.*, *Universo do futebol*.
- ³¹ Márcio Pereira Mourato, “A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos”, em Jocimar Daólio (org.), *Futebol, cultura e sociedade*, Campinas, Autores Associados, 2005.
- ³² Daólio, “As contradições do futebol brasileiro”.
- ³³ Victor Andrade de Melo, “Futebol e cinema: duas paixões, um planeta”, em Victor Andrade de Melo, Marcos Alvito (org.), *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- ³⁴ Márcilio Souza Júnior, Maria Eliete Santiago, “A constituição dos saberes escolares na educação básica: confrontando a Educação Física com outras disciplinas curriculares”, em Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 15./Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2., 2007, *Anais...*, disponível em <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/140.pdf>>, acesso em nov. 2009.
- ³⁵ Francisco Eduardo Caparroz, Valter Bracht, “O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.
- ³⁶ Silvio Ricardo Silva *et al.*, *Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007*, Belo Horizonte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFGM, 2009.

Tiago Felipe da Silva

O futebol em
uma cidade do interior de
Minas Gerais
Os significados do torcer pelo
Esporte Clube Democrata

Considerações iniciais

O futebol possui uma representatividade única para o povo brasileiro, seja praticando, torcendo, participando da organização ou em meras discussões cotidianas engendradas a partir de rivalidades. Poderíamos afirmar que grande parcela da sociedade brasileira, se não toda ela, já vivenciou de alguma maneira o futebol. O calibre financeiro envolvido, o número de espectadores e o espaço midiático ocupado por esse esporte são provas disso. Também se destacam os vínculos mais profundos daqueles que se aproximam mais do esporte, a partir do sentimento de pertença a um clube ou a uma torcida. Nesse sentido, o futebol se apresenta como um espaço privilegiado de representação do próprio povo brasileiro. Sob esse aspecto, revela-se como parte da cultura, um lugar de participação na sociedade.

Visto por esse prisma, o futebol se apresenta como um campo promissor para a investigação social. Sua presença na vida cotidiana representa uma importante via de acesso à constituição de noções básicas de temporalidade e espacialidade, além de permitir que se visualizem esquemas e práticas normativas e valorativas estruturantes da vida

social.¹ Dentro desse universo, destacam-se diversos atores: jogadores, dirigentes, torcedores, torcedores organizados, dentre outros.

Na variedade de grupos que fazem parte da complexa dinâmica que compõe o futebol, empreende-se uma reflexão sobre os torcedores nesse contexto, partindo do caso específico dos torcedores do Esporte Clube Democrata, time da cidade de Governador Valadares, no interior do Estado de Minas Gerais.

O torcer como uma manifestação marcante na cultura do brasileiro encontra vários estudos centrados principalmente no eixo Rio-São Paulo. Usualmente, esses estudos abordam investigações sobre times e torcidas, abordando a rivalidade entre os grandes clubes das capitais e seus numerosos torcedores. Essa gama de pesquisas foi observada no trabalho desenvolvido em um levantamento bibliográfico de teses, dissertações, periódicos, anais e livros que tratam do conhecimento relativo ao futebol nas ciências humanas e sociais, durante o período de 1980 a 2007.²

Diferentemente de ensaios que tratam de grandes clubes e grandes torcidas, este texto privilegia um grupo de torcedores composto por “sujeitos desconhecidos”, se comparados às grandes torcidas no Brasil. Postas de lado as proporções, os torcedores do Esporte Clube Democrata se mostram tanto quanto apaixonados por futebol e pelo seu time do coração, dando mostras de que um time “pequeno” do interior de Minas Gerais não deixa de ser “grande” em sua capacidade de suscitar emoções e excitações.³

Em vista dessas considerações, esse texto é fruto de um estudo que buscou analisar como se configuram as relações e os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata da cidade de Governador Valadares-MG. Os objetivos que compuseram o trajeto da investigação foram: analisar por que os torcedores se tornaram democratenses; analisar como os torcedores exercem o torcer; e compreender os significados que os torcedores atribuem ao “ser democratense”.

A escolha pela cidade de Governador Valadares e pelo Esporte Clube Democrata como objetos de estudo se deu por dois motivos: o primeiro, mais pessoal, diz respeito à minha própria história e à história do clube

de futebol com o qual me identifico desde criança. O segundo, pelo fato de investigações sobre clubes de futebol do interior ainda serem escassas e, portanto, representarem um terreno fértil para a pesquisa.

A partir da realização de entrevistas semiestruturadas, anotações de campo e acompanhamento do time no ano de 2010, foi possível perceber que as configurações dos significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata na cidade de Governador Valadares se dão por três aspectos principais, que foram recorrentes no estudo. São eles: 1) a relação com a cidade; 2) o pertencimento clubístico; e 3) a relação com o lazer.⁴

No presente texto serão tratados os aspectos que envolvem a relação dos torcedores com a cidade – um ponto recorrente nas entrevistas e percepções. São abordados os significados construídos, partilhados e negociados pelos torcedores do Democrata. Apresento também as características de pertencimento à cidade manifestadas pelos torcedores e o modo como eles associam o torcer pelo Democrata ao torcer pela cidade. Torcer pelo Democrata implica torcer pelas coisas que existem na cidade, numa relação amalgamada, em que se expressam os desejos de crescimento e de avanço tanto do time quanto da cidade, perante outras cidades, times e histórias.

O futebol, a cidade e o Esporte Clube Democrata

O futebol não seria a paixão do povo, se o povo não se identificasse com um time, o seu time, com uma bandeira e uma camisa. Quem torce no futebol está inevitavelmente ligado ao seu time, para a felicidade ou para a desgraça, para o bem ou para o mal. No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador o representa, representa seu clube, a sua cidade, o seu Estado, a sua pátria.

Mário Filho

Governador Valadares,⁵ com aproximadamente 280 mil habitantes, possui uma infraestrutura urbana razoavelmente moderna e é o centro polarizador de uma microrregião composta por vários municípios. Segundo a regionalização vigente, a região do Vale do Rio Doce

é composta ainda pelas cidades de Aimorés, Caratinga, Guanhães, Ipatinga, Mantena e Peçanha. Marcada por diversos ciclos ao longo de sua história, ainda são presentes na região as atividades que envolvem o agronegócio e a comercialização de pedras preciosas.

A cidade surgiu com a subida do rio Doce pelos bandeirantes e comerciantes canoieiros que vinham do Espírito Santo, no início do século XIX. Dois pontos geográficos já marcavam a região bem antes disso: o Rio Doce e o Pico da Ibituruna. Esses dois elementos já influenciaram, na segunda metade do século XVI, a criação do distrito de Santo Antônio da Figueira. Reconhecida tanto pelo acesso ao litoral por meio do rio Doce, quanto pela referência de localização representada pela “Pedra Negra” (Ibituruna), essa região passou a ser um local de convergência e difusão comercial.⁶

Mais recentemente em sua história, a cidade se tornou um polo para o esporte (principalmente o voo livre) e também para o turismo. O futebol já chamava a atenção desde a época em que a cidade se chamava Figueira do Rio Doce, tendo sido “batizada” de Governador Valadares na década de 1930.⁷

Figueira do Rio Doce pertencia ao município de Peçanha. Era um lugarejo caracterizado por muita mata e burros que se deslocavam pela zona rural com os moradores da região. No dia 15 de agosto de 1910, o lugarejo ganhou uma estação da Estrada de Ferro Vitória a Minas, que vinha desde a capital capixaba a caminho da cidade de Diamantina-MG. Posteriormente, a “serpente de ferro” mudou seu trajeto para a cidade de Itabira-MG, o que não impediu uma contribuição significativa para que Figueira do Rio Doce se transformasse em um importante ponto comercial, capaz de justificar a implantação de uma Coletoria Federal de Impostos, o que teve um papel importante para o desenvolvimento do futebol na cidade.⁸

Introduzido no Brasil por imigrantes europeus e jovens que traziam da Europa as novidades do admirável esporte, os primeiros anos do futebol no país receberam a marca de um jogo da elite, um “fidalgo esporte”. O próprio Charles Miller, “pai do futebol brasileiro”,⁹ era também de origem nobre e, durante boa parte de sua vida, morou e

foi educado na Inglaterra. À medida que se difundia pelo Brasil, não demorou muito para que a competitividade do futebol aumentasse e o esporte alcançasse as classes populares. E daqui para frente a história do futebol segue como em boa parte das cidades de nosso país, ou seja, marcada por alguém que organiza e ajuda na difusão do esporte na cidade e também por rivalidades que vão surgindo à proporção que histórias são construídas e tradições são criadas.

Em Figueira do Rio Doce não foi diferente. Com a chegada da Coletoria de Impostos, chega também o coletor de impostos Manso de Andrade, em 1920. Ele foi “o nosso Charles Miller”. Quem conta a história é o jornalista Tim Filho, que buscou, por meio de fontes orais imagéticas e entrevistas com pessoas que viveram em Figueira nessa época e seus parentes, “desembolar” tanto a história do futebol na cidade, quanto principalmente a história da Pantera Cor-de-Raça, primeira torcida organizada do Democrata.

A partir dos relatos e de alguns escritos da época, segundo o jornalista, antes da chegada do coletor de impostos, o futebol era jogado no meio da rua, um bate-bola primitivo, no qual a bola de couro, redondinha, era substituída por bexiga de boi ou bola de borracha, cujo formato estava bem longe de ser semelhante a uma esfera. Com a chegada do coletor Manso de Andrade, as regras “oficiais” foram difundidas e começaram-se organizar jogos no campo que ficava em um terreno confinado próximo à linha férrea.

Relatos de pioneiros de Figueira do Rio Doce dizem que o futebol se espalhou como uma “febre”. A semelhança era com a febre “pela-macaco” que atingia a região na época.¹⁰

A virose acometeu a criançada de tal forma que, nos recreios das escolas, a diversão era correr atrás da bola ou de qualquer objeto esférico que rolasse pela poeira. Mesmo sem luz elétrica, havia muitos moleques que praticavam o futebol à noite, quando a luz azulada da lua iluminava Figueira. Ao menor descuido dos pais, os infames desapareciam, iam para a rua jogar bola, elevando poeira nas noites claras de luar.¹¹

Nesse período, ainda não existiam times específicos, apenas a divisão entre os que jogavam de vermelho e branco e os que jogavam de preto e branco, no campo onde os boleiros que seguiam Manso de Andrade disputavam as partidas. Isso se deu até o surgimento do Flamengo Foot-ball Club, primeiro time de Figueira, pouco antes de 1930, que reuniu os torcedores do time de vermelho e branco e do time de preto e branco numa só torcida. O time jogava contra times de povoados vizinhos.

Em 1931, tanto a cidade quanto o futebol cresciam espetacularmente e, em 1º de janeiro do referido ano, foi inaugurada a primeira agência bancária na cidade, o Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais. E com tanta gente jogando futebol em Figueira e com mais pessoas chegando à cidade, era necessário criar um novo time. Diante disso, o Flamengo Foot-ball Club se dividiu, dando origem a um novo time, o Ibituruna Foot-ball Club, formado em sua maioria pelos bancários que chegaram à cidade. Tim Filho¹² afirma que a rivalidade foi intensificada e, de maneira incrível, levava muita gente ao campo.

Em meio a jogos e histórias, o futebol ia se consolidando na região. É preciso lembrar que, na época, jogava-se muito mais do que futebol. Os povoados disputavam poder econômico e emancipação. Nesse sentido, os times serviam como canais para “dramatizar” esses conflitos.

A história do Ibituruna Foot-ball Club não foi longa. Em 1932, após uma trágica derrota de 5 a 0 para o Palestra de Cachoeirinha,¹³ houve uma dissidência como consequência desse jogo, que, segundo relatos, começou dentro do trem na viagem de volta. E em 1932, quando o Ibituruna se dissolveu, alguns jogadores e parentes de jogadores que jogavam no time resolveram fundar o Sport Club Democrata, que tinha as iniciais SCD.¹⁴

A rivalidade era então entre o time mais antigo, o Flamengo Foot-ball Club, e agora o Sport Club Democrata, formado em sua maioria pelos antigos jogadores do Ibituruna Foot-ball Club. Em 1940, após uma vitória sobre o Democrata, o Flamengo se dissolveu. Foram duas partidas: na primeira, o Democrata venceu por 2 a 1. Com a derrota, o Flamengo “convocou” três jogadores do Espírito Santo para reforçar o time e, na segunda partida, venceu por 6 a 2. Segundo relatos de pessoas

que atuaram e observaram na época o ocorrido, os reforços causaram uma insatisfação no grupo, pois a vitória no segundo jogo foi atribuída a eles pelos diretores, já que o Democrata havia vencido a primeira partida.¹⁵ Assim termina a história do Flamengo Foot-ball Club e segue a do Democrata que, desde então até os dias atuais, não estabeleceu nenhuma rivalidade “histórica” com outro time.¹⁶

Valadarenses e democratenses: amálgama de sentimentos e significados em jogo

Falar sobre a paixão e a relação dos torcedores com o time pressupõe também contar a história da própria cidade de Governador Valadares e de como os torcedores se envolvem com a paixão pelo time e pela cidade. A mobilização e a expectativa das pessoas para o campeonato e para os dias de jogos são perceptíveis. O que me permite fazer uso da metáfora do “amálgama”¹⁷ para buscar uma relação com a fusão entre os torcedores e a cidade, quando o assunto é torcer pelo Democrata. É quase impossível dissociar o time da cidade quando se fala sobre os significados desse torcer. Quando questionados sobre os motivos pelos quais torcem pelo time, os entrevistados indicam a cidade como uma potente justificativa dentro dos significados partilhados e negociados entre eles.

Em relação aos significados de torcer pelo time, é importante ressaltar que, para que um indivíduo ou grupo possa dar sentido à sua participação numa ação social, ele tem que reconhecer o significado do que está nela em termos de conteúdo das mensagens implícitas, observar quem é o emissor e o receptor, que universos simbólicos contemplam, que valores defendem ou rejeitam.¹⁸ Sentido é a direção, orientação, diretriz, rumo, é destino que conduz a desdobramentos. Mas antes que produza desdobramentos, ele passa por um processo subjetivo, à medida que os atores sociais compartilham o significado das coisas e fenômenos com que se defrontam. Significado é o conceito de algo, como ele se define e é para os sujeitos que participam das ações coletivas, por exemplo. “Os significados são aprendidos e apreendidos, são

socializados, identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro.”¹⁹

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Esses sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas” e contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, nesse sentido, são práticas de significação.²⁰

O significado é que coloca as manifestações sociais no plano da cultura. Diante disso, a cultura pode ser pensada como uma tentativa incessante de aprendizagem sobre como viver nesse mundo que criamos e recriamos, uma criação pelo caminho do sentimento, do sentido, do significado e das relações sociais.²¹

Diante desse universo em que se dá a produção de significados, foi possível perceber que a relação com a cidade é uma clara característica da produção de significados no torcer pelo Democrata. A inestimável paixão pela cidade se confunde com a paixão pelo time e com a história das pessoas na cidade. Dona Clara, por exemplo, tem 84 anos e mora na cidade há aproximadamente 70 anos. Um de seus filhos foi atleta do clube. Ela mora atrás do campo e hoje acompanha todos os jogos da varanda de seu apartamento com visão “privilegiada”. Os radinhos também ficam posicionados por toda parte, para que ela não perca um só lance. Quando questionada sobre por que torce pelo Democrata, ela afirma:

Por que torço? Porque gosto. Um é porque é nosso, é de casa aqui, todo mundo é conhecido. Tem essa vantagem, você não gosta quando é uma pessoa sua que está lá? Ah, vou ver se fulano vai fazer gol hoje, e coisa e tal e tal.

E assim a gente vai panhando amizade, torcendo para aquele, fulano hoje tá melhor. Quem é que mora aqui e não vai gostar do Democrata, menino? Num tem jeito não, tem que gostar. Os baúzinho mesmo capricha mesmo, faz força pra fazer o melhor, então todo mundo gosta. Um lugar que não é grandes coisa, que não é grande, com um time desse aqui?! Muito bom! Se você vier pra qui, também você vai torcer. Valadares é bom, viu?! O povo todo amigo, você conhece todo mundo, num é igual Belo Horizonte, Vitória, esses lugar grande. Você conhece pouca gente, né? Mora, mora lá, já morei em Belo Horizonte, e quando acaba conhece pouca gente. Agora, aqui não, todo mundo é conhecido, muito bom aqui! Eu gosto deles é por isso. Se eles fossem lá de Belo Horizonte, eu não queria nem ver. Eu gosto dos nossos, das coisas nossas. Nós temos um time que pode aparecer.

Abraão tem 18 anos e acompanha os jogos do time desde criança com o pai e os amigos:

Por que me tornei torcedor? Ah, cara, eu acho que é a relação minha com Valadares. Eu gosto muito daqui e eu acho que o Democrata representa muito isso aqui. Tanto é que, lá fora, eu adoro falar que a torcida do Democrata é a maior do interior, que o pau quebra, que para ganhar aqui dentro é difícil, o cara não consegue. Então, isso demonstra muito a minha relação com a cidade. Paixão por onde você vive, por onde você foi criado, acho que esse é o principal motivo.

As afirmações dos torcedores permitem perceber a conexão do torcer com a proximidade em relação ao time, às pessoas, aos lugares e às histórias construídas ao longo de anos. Isso me remete às reflexões desenvolvidas no trabalho de Pierre Mayol.²² Em seu texto o autor expõe a dinâmica de bairros franceses, argumentando a respeito de como “micro-histórias” do tipo “práticas singulares” (a cozinha e as artes da alimentação) passaram da esfera particular para a esfera pública, se estendendo ao bairro (um espaço operário). O autor fala de astúcias, formas de resistência à sociedade do consumo e como acontecem essas relações no espaço restrito de um bairro.

Tais abordagens e reflexões me ajudaram a pensar em como se dá a produção de significados no espectro do torcer pelo Democrata, entendendo essa dinâmica em uma cidade do interior também em sua “micro-história”. “O bairro é o espaço de uma relação com o outro ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua é efetuar de todo um ato cultural.”²³ O bairro surge como domínio onde a relação de tempo e espaço é a mais favorável para alguém que deseja deslocar-se a pé saindo de sua casa. É o pedaço de cidade contornado por um limite que separa o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sequência de passos numa calçada, aos poucos significada pelo seu vínculo orgânico com a residência.

A caminhada de quem passeia pelo bairro é portadora de diversos sentidos: sonho de viajar diante de certa vitrine, breve sobressalto sensual, excitação do olfato sob as árvores do parque, lembranças de itinerários enterrados no chão desde a infância, considerações alegres, serenas ou amargas sobre o seu próprio destino, inúmeros “segmentos de sentido” que podem ir um tomando o lugar do outro, conforme se vai caminhando, sem ordem e sem regra, despertados ao acaso dos encontros, suscitados pela atenção flutuante aos “acontecimentos” que, sem cessar, vão-se produzindo na rua.²⁴

Pensar essa caminhada para além dos aspectos da vida cotidiana no bairro foi como percebi o desafio a que as pessoas se lançavam para falar sobre o time e, conseqüentemente, sobre sua relação com a cidade. Não necessariamente uma caminhada pela rua e pelas vitrines da cidade, mas uma caminhada pelos momentos, sensações, desejos e sentidos escritos e inscritos em suas trajetórias e experiências nos lugares, esquinas, estádio e jogos.

Semelhantemente à caminhada para além dos aspectos da vida cotidiana no bairro, discutida por Mayol, os trajetos espaçotemporais que as pessoas estabelecem na relação com um time se apresentam entrecruzados com as relações estabelecidas com a cidade. Os elementos concretos experimentados nos episódios ligados ao torcer – ruas, esquinas, estádio, clubes, bares, casas, pessoas, músicas, bandeiras – recobrem-se, ao longo

do tempo, de significações simbólicas cada vez mais intrincadas com vários aspectos que os sujeitos atribuem às relações constituídas nos espaços da cidade. Nesse processo de significação, os valores simbólicos tomam a frente dos elementos concretos e os sujeitos passam a fruir a torcida e o torcer, movidos por sentidos mais profundos, como os sentimentos de pertença à cidade, ao lar, às histórias e memórias construídas.

Os relatos dos torcedores sempre expressam uma relação entre as pessoas e o mundo físico-social da cidade. A padaria; a casa velha onde jogavam “pelada”; o amigo jogador que morava perto da escola; os encontros, os bares, esquinas e todos os locais em que o futebol se realiza para além do campo e se concebe nas extensões da cidade. O indivíduo se inscreve numa rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares) e imprime suas características dentro de um processo de negociação constante. A prática do bairro (e, acrescento, da cidade)

é desde a infância uma técnica do reconhecimento do espaço enquanto social; deve-se, então, tomar aí o seu lugar: uma pessoa mora na Croix-Rousse ou à Rue Vercingétorix, assim como pode chamar-se Pedro ou Paulo. A assinatura que atesta uma origem, o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública.²⁵

A intenção é propor uma relação em que essa assinatura que atesta uma origem e que se inscreve na história dos sujeitos exposta pelo autor falando do bairro francês, pode compor um conjunto de elementos de significação social do qual o ato de torcer por um time também faz parte. No caso específico dos valadarenses, torcer pelo Democrata é assumir-se como parte desse processo de apropriação do espaço e dos lugares. É afirmar-se dentro de uma história da cidade e de seus “bens culturais”. É parte da vida “cotidiana”. O sentimento que emerge no torcer pelo clube denota um engajamento social provocado pela produção de significados, em que caminhos e sentidos diferentes percorrem as trajetórias das vidas

das pessoas. No entanto, convergem em um objetivo comum no que diz respeito ao desejo, às emoções e à arte de realizar-se com parceiros conectados pelo sentimento de amor ao time e à cidade. É o que fica claro nas palavras de outro entrevistado, Roberto.

Olha, eu acho que torcer pro Democrata é ser valadarense, porque o torcedor do Democrata, antes de tudo, ele é valadarense. Ele tem ali implícito nessa relação o amor pela cidade. Uma coisa que eu acho assim muito interessante, por exemplo, eu percebi isso em vários momentos, é que torcer pelo Democrata seria assim uma declaração de amor a Valadares. Só que a forma como essa declaração é exposta é que é diferente. Então às vezes você pode pegar um torcedor que ele verbaliza uma coisa, mas ali está implícito uma declaração de amor a Valadares, uma declaração de respeito a Valadares, mesmo que não seja: “Eu te amo, Vivi”, por exemplo, né? Até mesmo esse sentimento de pertencimento está muito implícito. Tipo quando a imprensa fala “o Democrata de Governador Valadares”... Ah... “O time de Governador Valadares vai bem...” “Democrata de Governador Valadares...”, tal, “A cidade mineira...”. Esse tipo de coisa vem realçando o sentimento. Então eu acho que é por aí.

Cada torcedor expressa seu sentimento de uma forma, por palavras e ações. Para Pierre Mayol, manifestações dessa natureza representam o que ele denomina “conveniência”, um compromisso pelo qual cada pessoa, “renunciando a anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos, necessariamente protelados”.²⁶

Para fazer perdurar a história e a tradição da cidade e do time, o indivíduo adere a um contrato social que negocia um engajamento emocional diversificado, fazendo, a partir de sentidos pessoais, uma doação de si mesmo ao coletivo “socializado”, em que os benefícios simbólicos protelados seriam justamente o anseio por ver o crescimento do time e da cidade.

A cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a fabricou para o seu uso próprio, desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe

à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço. O bairro é, por conseguinte, no sentido forte do termo, um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo da privatização do espaço público. Aí se acham todas as condições para favorecer esse exercício: conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política), relações com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem e, mais tarde, organizam o dispositivo social e cultural, segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento.²⁷

A cidade é o local de encontro. Na cidade as histórias se encontram. Nas histórias o time se faz presente. Os sujeitos/torcedores, como agentes sociais, entram em contato com outros sujeitos sociais, e há o encontro que gera conflitos, permanências, tradições, trocas e reproduções. Isso gera transposições e impactos sobre a cidade, estabelecendo-se outra lógica que não é a do cotidiano. Durante três ou quatro meses, período em que o time disputa o Campeonato Mineiro de Futebol, a cidade é “poetizada” pelas emoções, memórias e motivações presentes nas vidas dos valadarenses. Reconhecer-se e expressar-se como torcedor do Democrata é declarar-se membro da cidade e convocar os demais à mesma conjunção. Para muitos torcedores, o time é símbolo da cidade e a representa, como expresso na fala de Alex:

Eu acho que ser democratense é você ser valadarenses, é você gostar da sua cidade e gostar das coisas que tem na sua cidade. É o patrimônio da cidade, voltado para o esporte, especificamente. Mas é isso, o ser democratense é você ser valadarenses, é você gostar da sua cidade, do futebol que é praticado dentro da sua cidade, que o Democrata é referência. Isso eu acho que é ser democratense. A gente tem até exemplo de amigos que não são de Valadares, mas vêm morar em Valadares e criam essa identidade com o time. Porque é a atração da cidade. É difícil você vir para Valadares, ou ser de Valadares e não torcer para o Democrata. Você pode torcer para outro time, como eu já te falei, mas você que

reside aqui em Valadares, você vai ser democratense. Você indo ao estádio, você que gosta de ver o futebol, você vai torcer para o Democrata.

Nesse campo das manifestações simbólicas e dos significados, as pessoas criam, desconstroem, produzem e perpetuam a cultura e as tradições. Fica claro, na fala dos torcedores, que eles consideram o time como um símbolo da cidade. Nele, eles se afirmam e se revelam democratenses a partir dessa relação.

Podemos entender o cotidiano como aquilo que nos é dado a cada dia ou o que nos cabe partilhar. Aquilo que assumimos ao despertar. O que nos prende intimamente, a partir do interior, um “mundo de memória”. Um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, do corpo, dos gestos e lugares da infância, dos prazeres. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível.”²⁸ A rua é a estrutura formigante das atividades ritmadas por espaços e relações. Linguagem plural de histórias estratificadas, de relações múltiplas entre desfrutar e manipular, de linguagens fundamentais soletradas em detalhes cotidianos.²⁹

Chamo a atenção, porém, para percebermos um cotidiano que ultrapassa os quatro meses de competição na cidade e reverbera durante os meses e os anos fazendo com que o “sentimento não pare”. O cotidiano das emoções. Um cotidiano que talvez não envolva necessariamente uma necessidade “prática” (no sentido de comportamentos específicos, atividades previamente determinadas) de doação das pessoas para que a existência aconteça nessa perspectiva prática, mas que nem por isso deixa de ser essencial nos anseios humanos.

Essa é uma dimensão também fundamental para a existência/sobrevivência das paixões na cidade, onde empreender uma “caminhada” pelo bairro/cidade seria antes de tudo empreender uma viagem pelas histórias arquitetadas nos lugares e momentos, implícitas em espaços de lembranças que jamais poderão ser descritas ou compreendidas por completo. Um cotidiano que se faz necessário e presente para a perpetuação dos sentimentos e das emoções. Algo gerado, inscrito e concebido nas estruturas, espaços e ruas da cidade de forma “invisível”, mas que sobrevive nas memórias, histórias e “linguagens soletradas” ao longo dos anos.

Considerações finais

A proposta dessas breves reflexões foi apresentar uma característica marcante dentro das análises que buscaram compreender as configurações dos significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata na cidade de Governador Valadares. Seria demasiadamente pretensioso afirmar que cheguei a uma *verdade*. Diante de descobertas, desconstruções e alguns desencontros, foi possível perceber, em meio à complexidade de elementos que por vezes estavam “invisíveis” no palco em que o “jogo” acontece na cidade, alguns apontamentos para responder às perguntas propostas no trabalho.

A relação dos torcedores com a cidade dentro dos aspectos que envolvem os significados de torcer pelo time é uma das significativas considerações a ser demarcada pela investigação. Torcer pelo time implica “torcer pela cidade”. Tornar-se democratense é antes de tudo ser valadarense e valorizar as coisas que existem na cidade. Uma relação de pertencimento que se articula de maneira tão “amalgamada” que chega a parecer “óbvia” para os torcedores. Ser democratense é ser valadarense. É falar da relação dos torcedores com o time e contar a história de suas próprias vidas na cidade.

A cidade é um elemento preponderante na produção desses significados do torcer. Essa condição de pertencimento está diretamente ligada à relação que os torcedores estabeleceram acompanhando o time. Alguns torcedores não nasceram na cidade, se mudaram para Valadares ainda crianças e começaram a acompanhar os jogos do time, momentos, histórias e, a partir daí, tornaram-se torcedores do Democrata. Ser torcedor é acompanhar a vida do clube. Ir aos jogos, conhecer o cotidiano do clube, acompanhar notícias, reportagens e participar dos momentos construídos ao longo dos anos.

Torcer pelo Democrata sugere, portanto, ser torcedor daquilo que existe na cidade. Gostar das coisas que acompanham desde criança é perceber como as histórias e momentos do clube se cruzam com as histórias e momentos de suas próprias vidas. Lembranças de idas ao

estádio com parentes e amigos; situações que se desdobram para além dos dias de jogos; na escola, intervalo de aulas regado a brincadeiras e ocasiões que aconteceram “no jogo de ontem à noite”; o compartilhar de momentos vividos pelo avô, pai e amigos; a primeira vez que a mãe foi ao estádio; a entrada do filho mais novo com os jogadores no campo; a resenha no “Gauchão”³⁰ antes e após os jogos; lembranças do amigo que jogava no time, dentre outras diversas práticas que, tecidas entre décadas, caracterizam a produção dos significados do torcer pelo Democrata.

A incerteza, o risco, o contrato voluntário de lançar-se ao desconhecido, a contar com a vitória ou a derrota em medidas equiparadas, talvez sejam o que impulse a constante busca pela emoção possibilitada pelo futebol na cidade. Tal relação é marcada também pelas histórias das pessoas, não de suas histórias com o time ou sobre o time, mas a história e a trajetória de suas próprias vidas. Falar sobre os motivos pelos quais torcem, como exercem esse torcer e o que significa ser democrata perpassa a história de suas vidas e, principalmente, a história de suas vidas na cidade. Tal imbricação leva a uma percepção de que torcer pelo Democrata pressupõe torcer pela cidade, numa relação de pertença quase indissociável, claramente presente e constante.

(Texto elaborado com base em estudo de mestrado em Lazer, de minha autoria, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011, sob orientação do professor doutor Silvio Ricardo da Silva.)

Notas

- ¹ Julián Gaston Gil, *Hinchas en tránsito: violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior*, Mar Del Plata, Eudem, 2007.
- ² Silvio Ricardo Silva *et al.*, *Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007*, Belo Horizonte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional -UFMG, 2009. Este trabalho foi realizado em parceria com o Ministério do Esporte, representado pela Secretaria Nacional do Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL). Foi feito um

levantamento da produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Ao todo, nesse levantamento, foram catalogados 626 trabalhos, sendo 258 teses e dissertações, o que equivale a 41,21% do total; 235 são livros (37,54%) e 133 são artigos (21,25%).

- ³ Arlei Sander Damo, *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, São Paulo, Hucitec/Anpocs, 2007. O autor se refere ao *ranking* das torcidas dos “grandes” clubes, utilizando principalmente fontes das revistas *Placar* e do jornal *Folha de S. Paulo*, indicando que, com exceção do Bahia, fundado em 1931, e do São Paulo, fundado em 1935, todos surgiram antes dos anos de 1930, o que não implica uma relação entre ser antigo e ter destaque nos *rankings*. O autor ainda destaca que um clube não é “grande” pelo fato de ter uma torcida numerosa; entretanto, são “grandes”, porque fascinam multidões e acumulam títulos. “Grande”, para o torcedor, representa uma noção simbólica: “grande” é um predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar “grandes” emoções, tradições e excitações. Para o *ranking* proposto pelo autor, ver: Damo, *Do dom à profissão*, p. 59.
- ⁴ Para mais informações acerca do estudo, consultar: Tiago Felipe da Silva, *O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata*, dissertação (mestrado em Lazer), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- ⁵ Vou me referir à cidade de Governador Valadares apenas como Valadares e ao Esporte Clube Democrata como Democrata no decorrer do trabalho.
- ⁶ Diva Silva Almeida, *Os meios de comunicação na educação rural a distância em Governador Valadares*, dissertação (mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.
- ⁷ Tim Filho, *Democrata: a Pantera Cor-de-Raça*, Governador Valadares, Edição do Autor, 2010. O autor afirma que a cidade ganhou esse nome por causa de Benedito Valladares Ribeiro, nomeado interventor do Estado de Minas Gerais em 1933 por Getúlio Vargas; Valladares era o único interventor chamado por Getúlio de “governador” (Filho, *Democrata*, p. 61).
- ⁸ *Ibidem*.
- ⁹ José Moraes dos Santos Neto, *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*, São Paulo, Cosac Naify, 2002. A principal referência da chegada do futebol ao Brasil é atribuída a Charles Miller, que desembarcou em São Paulo em 1894 trazendo um livro de regras, camisas das escolas em que jogava, chuteiras, duas bolas e bomba para enchê-las. Sobretudo, alguns autores apresentam dados que comprovam a existência do futebol no Brasil antes da chegada de Miller, nas escolas religiosas, por exemplo. O pioneirismo de Miller, no que diz respeito à paternidade do futebol brasileiro, consiste no fato de ter sido ele o iniciador da prática do futebol dentro de um clube, incentivando outros a praticá-lo também (Santos Neto, *Visão do jogo*).
- ¹⁰ A febre recebeu esse nome porque afetava também os macacos, que perdiam o pelo. Daí o nome “pela-macaco”.
- ¹¹ Filho, *Democrata*, p. 28.
- ¹² Filho, *Democrata*.
- ¹³ Cachoeirinha era um povoado no interior de Minas Gerais, onde hoje se localiza a cidade de Tumiritinga. A partir de informações de pessoas que jogaram a partida entre o time de Cachoeirinha e o Ibituruna Foot-ball Club, registradas no texto de Tim Filho (*Democrata*),

tem-se que o nome do time de Cachoeirinha era Palestra Itália e que o time de Figueira do Rio Doce levou uma goleada por 5 a 0.

- ¹⁴ A grafia do nome do Democrata continuou assim, com termos ingleses, até o início dos anos de 1940, quando *foot-ball* passou a ser grafado como *football* e, posteriormente, como futebol; outros termos ingleses foram sendo abrigados, como *goal-keeper* ou *keeper*, passando a goleiro, e *midfielders*, sendo substituído por meios-campistas. Assim, de Sport Club Democrata passou-se a Esporte Clube Democrata (Filho, *Democrata*).
- ¹⁵ Filho, *Democrata*.
- ¹⁶ Nas décadas de 1940 e 1950, o Democrata rivalizou com o time Pastoril, formado por trabalhadores de uma grande fábrica que se instalou em Valadares. Poucos são os registros escritos dessa história, mas muitas pessoas que viveram na época relatam o fato. Dizem até que se o Pastoril ainda existisse, o Democrata não seria o primeiro time da cidade. Fotos em alguns estabelecimentos, como bares e sorveterias, também registram essa rivalidade. O time do Pastoril se dissolveu também logo que a fábrica faliu, entre as décadas de 1950 e 1960.
- ¹⁷ Metáfora usada para perceber uma liga entre elementos de naturezas diferentes. Trata-se de diferentes pessoas, vidas, histórias e trajetórias que se unem como uma liga condutora quando se trata do torcer pelo Democrata.
- ¹⁸ Maria da Glória Gohn, *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*, São Paulo, Cortez, 2008.
- ¹⁹ *Ibidem*, p. 31.
- ²⁰ Stuart Hall, “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- ²¹ Carlos Rodrigues Brandão, *A educação como cultura*, Campinas, Mercado das Letras, 2002.
- ²² Pierre Mayol, “A conveniência”, em Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol, *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*, 9. ed., Petrópolis, Vozes, 2009.
- ²³ *Ibidem*, p. 43.
- ²⁴ *Ibidem*, p. 44.
- ²⁵ *Ibidem*, p. 44.
- ²⁶ *Ibidem*, p. 39.
- ²⁷ *Ibidem*, p. 45.
- ²⁸ Michel de Certeau, “Anais do cotidiano”, em Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol, *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*, 9. ed., Petrópolis, Vozes, 2009.
- ²⁹ *Ibidem*.
- ³⁰ Na cidade existe o “Gauchão do Democrata”, um local de lanches em frente ao estádio do time onde muitas pessoas se encontram, antes ou depois dos jogos, para conversas, expectativas e brincadeiras acerca dos jogos e do time.

Mariana Alves Rodrigues

À sombra das chuteiras virtuais

Sobre as possíveis relações
entre o futebol
virtual e o não virtual

Esporte, jogo, espetáculo são palavras facilmente associadas ao futebol.¹ Fenômeno na contemporaneidade, o futebol não se resume a nenhuma das três palavras. Pensemos nas milhares de pessoas que saem de suas casas, muitas vezes viajam horas para ir ao estádio assistir ao jogo e torcer pelo seu time; nas milhares de pessoas que se sentam em frente à televisão, sozinhas ou com os amigos, para assistir a partidas de futebol, mesmo que não seja seu time preferido que esteja jogando. Atentemos para a quantidade de pessoas que vestem os uniformes e/ou usam acessórios dos seus times pelas ruas, especialmente em dias próximos aos jogos. *Peladas* na rua, nos campos de várzea, nos estádios monumentais, no intervalo na escola, no fim do expediente de trabalho, o futebol ganhou espaço e acabou extrapolando o campo. É conhecido em praticamente todos os cantos do planeta. Existem mais países ligados à Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) do que às Organizações das Nações Unidas (ONU).² No Brasil, especialmente, o futebol criou raízes e é capaz de estabelecer uma dialética social que o torna característico na cultura brasileira:

(...) o futebol brasileiro, como qualquer outro fenômeno nacional, é e sempre será aquilo que a sociedade fizer dele, aquilo que os atores envolvidos – torcedores, dirigentes, imprensa etc. – forem constantemente atualizando nele e com ele.³

Nesse sentido, o Brasil incorporou o futebol às suas tradições, a seus costumes e fez com que esse fenômeno, ultrapassando as quatro linhas do gramado, se tornasse adjetivo para caracterizá-lo. São diversos clubes, milhares de torcedores, um calendário de campeonatos que dura, praticamente, o ano todo, peladas por todo canto, conversas sobre futebol, como a seguir:

Me pareceu ser o jogo dos contra-ataques... Quem encaixa um contra-ataque bem organizado quase sempre chega dentro do gol... As enfiadas de bola em velocidade e as inversões de lado deixam as zagas paralisadas e os atacantes sempre levam vantagem... (Jogador 1)

Esse fragmento poderia ser um trecho do comentário de um grande clássico como Cruzeiro e Atlético, em Minas Gerais, ou Internacional e Grêmio, no Rio Grande do Sul, todavia trata-se de um comentário sobre um jogo virtual de futebol. E é sobre essa manifestação do futebol que trata este texto.

As ideias que serão apresentadas têm origem em trabalho desenvolvido por mim no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, que investigou as relações que emergem do futebol no contexto do jogo virtual a partir de uma aproximação com a Federação Luziense de Futebol Digital (FLFD).⁴ Para tanto, durante nove meses, realizou-se uma imersão na comunidade virtual da referida federação e visitas à sede em Santa Luzia-MG, a Copa Sudeste de Futebol Digital e o Campeonato Mineiro de Futebol Virtual, eventos acontecidos em 2010 e que contou com a participação dos membros da FLFD. Portanto, a pesquisa foi realizada com base no acompanhamento de jogos esporádicos, treinamentos, trocas de

experiência na comunidade virtual, contato com os membros da federação, bem como em eventos organizados por essa instituição e participação em outros. Enfim, as mais diversas experiências compartilhadas entre os possíveis atores da rede da FLFD constituíram-se como fontes de produção de dados.

Este texto, portanto, trata do futebol que todos conhecem, aquele esporte tradicionalmente disputado por dois times de 11 jogadores nos gramados dos estádios e que prolifera por nossa sociedade em vivências diversas. No entanto, o olhar parte de um lugar distinto, que é o contexto virtual, em especial o jogo eletrônico. Ressalto que o futebol virtual só existe porque existe o futebol nos estádios, na televisão, nas discussões de botequim, na pelada na rua, na rádio, nos campos de várzea, no sentimento nacionalista em época de Copa do Mundo, nos álbuns de figurinhas, nas manifestações das torcidas, enfim, na nossa cultura. Desse modo, o jogo eletrônico de futebol é entendido como uma forma de se vivenciar o futebol. Esse mesmo futebol que vemos por toda parte é o futebol ressignificado e presente no jogo eletrônico. Não há dúvidas de que “(...) o futebol constitui-se numa das principais manifestações brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores”.⁵ Assim sendo, este ensaio pretende apresentar algumas ideias acerca do futebol no contexto do jogo virtual, buscando relações entre esse contexto e o futebol não virtual.

Para tanto, algumas reflexões são pertinentes. No mundo contemporâneo, “um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência”.⁶ Refletindo sobre essas ideias, não é preciso muito esforço para lembrarmos de uma época em que, para se comunicarem, as pessoas utilizavam, sobretudo, cartas. A velocidade presente nos dias de hoje faz parecer que esse tempo ficou distante muitos anos, mais do que realmente está. No entanto, essa rapidez das mudanças é característica da contemporaneidade e, apesar de parecer mais facilmente observada no que se refere à tecnologia, ela está presente em todas as outras esferas.⁷

Pensando nisso, é inegável que as tecnologias, de uma forma ou de outra, acabaram por se infiltrar em nossas vidas, dando margem a novas interpretações da cultura, da sociedade, da humanidade nos dias de hoje.

Aqui estamos. Nós. Os planetários. Conduzimos os mesmos veículos, tomamos os mesmos aviões, utilizamos os mesmos hotéis, temos as mesmas casas, as mesmas televisões, os mesmos telefones, os mesmos computadores, os mesmos cartões de crédito.⁸

A conectividade, a interação, a facilidade da informação fazem pensar que as tecnologias acabaram por criar a possibilidade de aproximação das culturas. Sem muito esforço, é possível encontrar vários exemplos de como a informática e a tecnologia contribuíram, e contribuem, para transformar as relações interpessoais e culturais contemporâneas: não é preciso sair de casa para visitar um museu, cursar uma faculdade, trabalhar, pagar contas, conversar com os amigos ou fazer compras. Práticas inimagináveis ainda no século passado se tornaram cotidianas, como conversar em *chats* pela internet, usar o *e-mail* e o celular, jogar jogos virtuais, criar *sites* ou *blogs*...

Pesquisas recentes indicam que, no Brasil, 58% da população faz uso diário do computador, enquanto apenas 45% dos brasileiros já acessaram a internet. Da população que acessa a internet, 58% acessam diariamente e 90% declararam usar a internet para se comunicar.⁹ Esses são apenas alguns dados da pesquisa, mas que revelam a expressividade da tecnologia na sociedade em que vivemos hoje. “É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica (...)”,¹⁰ mas nesse contexto muitas manifestações sociais são ressignificadas em função das tecnologias. Destaca-se a cibercultura:

(...) podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 1970.¹¹

Essa configuração social é terreno fértil para dar novos significados a diversas manifestações já enraizadas na sociedade. Dentre essas ressignificações, os jogos passaram a ser, também, digitalizados, resultando nos conhecidos jogos eletrônicos, *softwares* que funcionam necessariamente por meio de um *hardware*,¹² ou seja, os *softwares* são os jogos e os *hardwares* são as plataformas usadas para jogar, como os PCs,¹³ *video games*, celulares etc., que acompanharam os avanços tecnológicos e sociais.

No Brasil, o futebol está impregnado na sociedade.¹⁴ Talvez por isso, a prática dos jogos eletrônicos de futebol tenha crescido nos últimos anos. O jogo eletrônico de futebol vem ganhando expressividade entre os jogos digitais praticados no país. O número de jogadores federados saltou de 4 mil, no primeiro campeonato no ano de 2006, para 10 mil, em 2008. O número de Estados da federação representados no campeonato brasileiro também aumentou, passando de 15, em 2006, para todas as 27 unidades federativas, em 2008.¹⁵ Apesar de os dados relatarem apenas o número de jogadores ligados à confederação, é possível observar que a quantidade de ciberatletas,¹⁶ como se autodenominam muitos jogadores, cresce a cada ano, e, se isso acontece, um dos fatores é, certamente, a popularização do jogo eletrônico de futebol.

O futebol digital, ou virtual, “(...) é a prática de jogar futebol em qualquer equipamento eletrônico de forma virtual, onde o atleta controla todo seu time através do comando eletrônico sem ter contato físico com seu adversário”.¹⁷ Essa prática é uma atividade regulamentada no país pela Confederação Brasileira de Futebol Digital e Virtual (CBFDV), que organiza anualmente, desde 2006, o Campeonato Brasileiro de Futebol Digital.

No jogo eletrônico de futebol, o jogador joga contra o jogo ou contra seu adversário que está sentado, normalmente, ao lado. As ações no jogo são virtualmente transmitidas na tela, e o jogador, sentado em frente à tela, com um *joystick*¹⁸ na mão, comanda seu time dentro de campo, controla as ações de seus jogadores: se vão chutar ao gol, cruzar a bola na área, dar um passe curto ao companheiro de equipe, marcar o adversário,

se vão jogar mais à frente ou mais recuados, a formação tática da equipe etc. Tem-se a opção de escolher o que os jogadores farão em campo.

E os jogadores no jogo eletrônico de futebol não são simples avatares¹⁹ virtuais que são programados para seguir o comando no *video game*. Eles são representações similares, para não dizer idênticas, dos jogadores da atualidade, aqueles que vemos jogar nos principais clubes, disputar os campeonatos defendendo sua equipe e seu país nas mais famosas seleções do mundo. Essas representações virtuais dos jogadores não apresentam apenas o corpo e os traços do rosto, além das camisas dos clubes, como características semelhantes aos jogadores não virtuais, mas também as características do jogo de cada um e até mesmo a maneira própria de comemorar as emoções vivenciadas durante uma partida, como o gol marcado ou perdido.

O jogo eletrônico de futebol normalmente é jogado *off-line*,²⁰ apesar de que muitas plataformas e algumas versões dos jogos eletrônicos de futebol permitirem que se jogue *on-line*.²¹ Muitas vezes, o adversário nos gramados virtuais é o próprio jogo, uma vez que não é necessário jogar com outras pessoas. Então, o *software* pode se tornar o oponente. No caso específico da FLFD, o futebol virtual é jogado *off-line*, os jogadores encontram-se para treinar, jogar uns contra os outros e se divertir nos rachões.²² Vivenciam essa prática, portanto, lado a lado, dividindo o *video game*, a televisão, o espaço, um terreno fértil para se estabelecer relações diversas.

O jogo eletrônico ilustra virtualmente a realidade não virtual de uma partida de futebol: o estádio, o gramado, os campeonatos, os jogadores, os sons que ouvimos ao assistir uma partida no estádio ou na televisão, os patrocínios e propagandas, as comemorações características de cada jogador. Nessa virtualização há, porém, a possibilidade de interação, uma vez que as ações dos jogadores em campo podem ser controladas e, dessa forma, o sujeito do lado de cá do *joystick* é protagonista. É esse jogo de futebol que ganha a cena aqui.

Diante dessas peculiaridades do jogo virtual de futebol, quem joga futebol no *video game* mantém uma relação, de alguma maneira, com o contexto do futebol não virtual. Uma das primeiras constatações

que fiz ao conhecer o jogo eletrônico de futebol foi a de que os jogadores conhecem futebol e dele entendem, especialmente do futebol no contexto contemporâneo. O formato do jogo, que possibilita caracterização da equipe quanto à formação tática e escalação, além do esforço da empresa criadora do jogo em fazer com que as representações virtuais dos jogadores sejam, extremamente, parecidas com os jogadores que vemos jogando no estádio, ajuda a criar uma aproximação com a atualidade do futebol.

Outro fato que contribui para essa constatação é que o Pro Evolution Soccer (PES),²³ jogo preferido da FLFD e de muitos ciberatletas, lança uma versão atualizada a cada ano, de acordo com a presente conjuntura do futebol no que diz respeito aos clubes e aos seus respectivos jogadores naquela temporada que disputaram os torneios virtualizados que esse jogo apresenta. O PES, produzido pela Konami Corporation, é um dos jogos de futebol mais populares do mundo, sucesso absoluto de vendas e popularidade entre os interessados nesse segmento dos jogos. Está entre os mais famosos jogos de futebol virtual dos últimos tempos e foi o jogo eletrônico mais vendido no ano de 2009 no Brasil.²⁴

Agora me parece que a Konami se preocupou menos com a diversão e colocou o jogo o mais perto da realidade, o que, no final, se converte em diversão do mesmo jeito... O jogo é mais simulador do que qualquer outro do gênero e isso dividirá os atletas virtuais em duas categorias: os que conhecem de futebol e que por isso irão desenvolver as habilidades baseadas em coisas lógicas e que tendem a dar certo e aqueles que irão tentar de toda maneira se prender ao estilo antigo de manhas e *bugs* como em versões anteriores... (Jogador 1)

Como o jogador deixa claro no trecho acima, em tópico na comunidade virtual acerca do lançamento do PES 2010, a intimidade com o futebol é imprescindível para o jogo virtual. O fato desse jogo buscar uma proximidade com a atualidade do futebol, tentando representar os jogadores na tela de forma fiel às suas características de jogar no campo não virtual, por exemplo, faz com que os ciberatletas da FLFD considerem ser necessário conhecer de futebol para jogar de forma coerente

o jogo virtual, uma vez que foi comparado a um “simulador” na fala anterior. Outros dados ajudam a revelar a intimidade dos jogadores com o futebol contemporâneo, como o fato de assistirem a jogos, algumas vezes juntos, a criação de uma liga no Cartola²⁵ e a linguagem que apresenta expressões evidenciadas pelo futebol dentre outros, que serão explorados à frente.

Durante a imersão na comunidade, observei vários momentos em que os jogadores combinaram ou deixaram clara a necessidade de assistir a determinado jogo. Em algumas situações, eles se reuniram para assistir juntos aos jogos, em outras deixaram transparecer que assistiram ou que desejaram assistir ao jogo. Durante um dos rachões de 2010, que aconteceu no período da Copa do Mundo de Futebol (FIFA),²⁶ houve uma interrupção para que os jogadores da FLFD pudessem assistir ao jogo que aconteceria no mesmo horário. Outro rachão, em 2010, aconteceu em um domingo de clássico do futebol em Minas Gerais, Cruzeiro e Atlético, e o responsável pela FLFD, que organiza os rachões, mostrou na comunidade a preocupação com o horário para assistir ao jogo.

Antes que alguém diga que é no mesmo dia do clássico, um recado... Do lado da minha loja tem um restaurante com uma TV LCD de 52”. Se o rachão se estender até o horário do jogo, faremos uma pausa pra poder assistir e depois retornaremos ao rachão. (Dirigente)

Destaco outro aspecto percebido, de forma mais específica, na comunidade virtual e que reafirma a relação dos membros da FLFD com o futebol não virtual: a linguagem. “O futebol elicia a produção metafórica e de outras figuras de linguagem na fala ordinária e na cultura erudita.”²⁷ Comumente, expressões como *gol de letra*, *bater na trave*, *correr para o abraço* e outros signos verbais oriundos do mundo futebolístico estão presentes na fala cotidiana.²⁸ Diante disso, a intimidade dos membros da FLFD com o futebol também se revela na linguagem dos jogadores. Eles utilizam várias expressões cunhadas pelo futebol não virtual ao longo dos anos na comunicação realizada no ambiente virtual, expressões que, muitas vezes, foram adaptadas ao contexto do jogo eletrônico.

Em muitos momentos, se não fosse dito aqui que este texto trata do jogo eletrônico de futebol, as falas poderiam retratar situações do futebol não virtual:

Porque se for isso pode aposentar as chuteiras... (Dirigente)

Ontem, estreando no rachão, tivemos o Cláudio, atleta do Tupi que apresentou um futebol de alto nível. (Dirigente)

Ainda atribuo o término da rivalidade no gramado ali, quando a “Underground” não participou do último campeonato, dali pra frente o que se viu foi a rivalidade extracampo que acabou por findar tudo. (Dirigente)

Mais uma vez ficou comprovado que não damos chance a forasteiros e que quando o mando de campo é nosso o prêmio também é nosso. (Jogador 3)

Meu passe está livre. (Jogador 4)

Além das expressões que acabam sendo incorporadas ao contexto do jogo virtual, outro elemento que aparece no contexto da FLFD é uma relativa profissionalização, ou uma tentativa de profissionalização, uma vez que o retorno financeiro e/ou benefícios de vários tipos estão sempre presentes nas premiações dos campeonatos, nos rachões e nas discussões entre os jogadores: “Futebol digital hoje não é mais brincadeira de fim de semana e sim oportunidade de sucesso financeiro.” (Dirigente)

No contexto não virtual, especialmente no Brasil, muitas são as pessoas que praticam futebol com o objetivo de se tornarem profissionais desse esporte e de alcançarem uma elite minoritária de jogadores bem pagos por clubes e patrocinadores. No entanto, a realidade de profissionais bem pagos no futebol é recente. Na primeira metade do século XX, observava-se no Brasil um amadorismo no futebol, pois havia uma proibição, por meio de estatutos das associações e federações pioneiras, que impedia os jogadores de receberem qualquer tipo de benefício que caracterizasse remuneração para jogar.²⁹ Essa fase do futebol brasileiro é também conhecida como *profissionalismo marrom*.

Pensando em uma esfera infinitamente menor, na FLFD, muitos jogadores objetivam o patrocínio da federação, que garante ao jogador, durante o período de um ano, se o patrocínio não for renovado, uma série

de benefícios, como passagem, alimentação e estadia para o Campeonato Brasileiro de Futebol Digital, além da filiação à FLFD e a participação nos eventos organizados por ela. Dessa forma, talvez seja possível pensar em um profissionalismo marrom de alguns jogadores de futebol virtual, pois, mesmo não existindo restrições por meio de estatutos ou qualquer instituição, observa-se uma série de benefícios para alguns jogadores no contexto da FLFD: chamados patrocinados. Muitos desses jogadores, porém, têm suas profissões e seus meios de geração de renda: alguns já são pais de família; outros, estudantes construindo suas carreiras. Isso faz pensar que jogar futebol virtual, dedicar-se a essa prática para a maioria deles, então, é uma vivência prazerosa, uma vez que não existem muitas perspectivas de se sustentar ou *ganhar a vida* jogando futebol virtual na FLFD e o que, portanto, tal atividade não os caracteriza como jogadores profissionais.

Como é de conhecimento de todos desde 2008 que, de acordo com minha avaliação de desempenho dos atletas de PES nos campeonatos, que escolho um deles para poder patrociná-lo pra o BR. Esse patrocínio inclui passagem para Brasília, alimentação, estadia, filiação e todo o suporte necessário para que esse atleta possa desenvolver o seu melhor na competição, além da minha torcida é claro (kkkkkkkkkk). (...) e pra 2010 não mais patrocinarei atleta de outro Estado, vou priorizar os atletas mineiros até como incentivo para que todos voltem a treinar, mas treinar forte (...). (Dirigente)

No trecho acima, outro elemento que aproxima o futebol virtual ao não virtual começa a surgir: é o ato de torcer.

Todo brasileiro ganha um time de coração ao nascer.³⁰ Essa ideia se confirma no âmbito da FLFD, pois os jogadores de futebol virtual são também torcedores nas suas vidas extracampo virtual, protagonistas do pertencimento clubístico,³¹ termo que surge com o intuito de abarcar as particularidades do fenômeno torcer, observado no Brasil, especificamente para o futebol.

Pertencimento clubístico fora um neologismo forjado para dar conta de uma modalidade de vínculo identitário próprio à esfera do futebol, ao menos no caso do Brasil. A noção prestou-se não apenas a produzir um distanciamento em relação às noções nativas correspondentes – torcer, gostar, amar, ser apaixonado etc. –, mas para especificar, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas emocionalmente engajados a ponto de estenderem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele.³²

Ainda de acordo com o autor, torcer e pertencer, embora muitas vezes tratados como sinônimos, guardam suas peculiaridades. Pertencer revela um envolvimento plenamente intenso, tal qual o dos chamados torcedores fanáticos ou *doentes*, enquanto o termo torcer pode referir-se tanto a um envolvimento duradouro quanto eventual. Posso, por exemplo, torcer para que determinado time vença uma partida específica, ou seja, de forma ocasional, o que não caracteriza o pertencimento clubístico.

Torcer por um clube ou para o time que o representa é muito mais do que assistir aos jogos, ir ao estádio ou vestir o uniforme. De forma particular e tendo em vista que a relação entre os torcedores e seus clubes pode ser compreendida a partir de diversas formas interpretativas,³³ arrisco-me a dizer que torcer é: “Não posso, hoje tem jogo do meu time”; é não poder assistir ao jogo e se remoer de angústia para saber o resultado; é sofrer com a bola na trave (de qualquer lado do campo), com cada segundo de prorrogação; é se irritar ao ouvir falarem mal do seu clube, assim como se estivessem falando de alguém da sua família; é um sentimento, uma história construída ou qualquer outra *coisa* intensa capaz de embasar uma relação torcedor-clube que ultrapassa o jogo e permanece na vida. Dessa forma, a identidade sujeito/torcedor não se distingue, essa identidade é construída por meio de experiências, de momentos de alegrias e tristezas vivenciados ao longo do tempo.³⁴

O povo brasileiro acostumou-se a vivenciar grandes experiências/emoções com o futebol, seja a partir de clubes ou da seleção que representa a nação. Como dito, o futebol tomou conta do país de tal forma

que poucas manifestações conseguiram, tornando-o tão peculiar à cultura brasileira. Talvez, por isso, não seja demasiado dizer que todo brasileiro que se preze tem um clube de coração. No contexto da FLFD não é diferente.

No campo de pesquisa, vi de perto a identidade dos jogadores da FLFD com os clubes de futebol, muitos dos mais tradicionalmente conhecidos no Brasil. Na minha primeira visita, logo que cheguei à sede, lá estavam 12 jogadores se preparando para disputar o rachão. O primeiro fato que me chamou a atenção foi que muitos deles vestiam uniformes de clubes, representando os seus times de coração. Os uniformes, assim como as cores das torcidas, saudações, hinos e outros aspectos do futebol, caracterizam-no como um ritual.³⁵ Esses aspectos, distintivos de cada time ou seleção, são tidos como “(...) símbolos que carregam uma história e relações de significação”.³⁶

Naquele momento da minha primeira visita à FLFD, em 2009, o Brasil assistia às últimas rodadas de um dos mais famosos e disputados campeonatos de futebol do mundo: o Campeonato Brasileiro de Futebol. Diante disso, outro elemento observado: durante os jogos no *video game*, as conversas giravam em torno do futebol. Naquela situação, o Campeonato Brasileiro e os últimos resultados da rodada acontecida no dia anterior eram o principal assunto, destacando que, de forma menos recorrente, a jogabilidade, as características de cada jogador e a formação tática das equipes no jogo eletrônico também eram ponto de pauta.

Além da emoção própria dos últimos momentos de um campeonato nacional, prestes a revelar o mais novo campeão brasileiro e os donos das vagas para outros campeonatos, existia ainda um envolvimento estadual, uma vez que os dois times mais famosos e no topo da lista dos mais tradicionais de Minas Gerais, o Cruzeiro Esporte Clube e o Clube Atlético Mineiro, disputavam pontos e a consequente classificação no campeonato. Os dois clubes representam as maiores torcidas do estado e são arquirrivais. Essa rivalidade entre times, a existência de um arquirrival, é característica marcante do pertencimento clubístico não apenas de Atlético e Cruzeiro, mas de muitos outros clubes pelo Brasil e mundo

afora. Por exemplo, ser vascaíno significa ser antiFlamengo, ser gremista significa ser anti-Internacional, assim como ser cruzeirense é ser antiAtlético, e a recíproca é verdadeira em todos os casos.

As maiores torcidas de Minas Gerais são representadas no âmbito da FLFD. Na ocasião da primeira visita, presenciei várias conversas, brincadeiras e gozações entre cruzeirenses e atleticanos, principalmente em função do Campeonato Brasileiro. Esse tipo de manifestação, as relações jocosas futebolísticas,³⁷ também aparece de forma clara na comunidade virtual. Diversos *posts* foram criados com o intuito de fazer chacota com os rivais no futebol, por exemplo, por ocasião da desclassificação do Cruzeiro do Campeonato Mineiro, em 2010. Esse fato deixou muitos mineiros, não só os cruzeirenses, desapontados, por não terem o seu clássico mais famoso na final do campeonato. O tópico, que se iniciou com provocações dos atleticanos, teve a participação de cruzeirenses defendendo seu time e atacando o rival:

TCHAU, NÃO VAI PRA FINAL, NÃO VAI PRA FINALLLLL
TCHAU... (Dirigente)

SABE QUE O ATLETICANO FEZ QUANDO ATLÉTICO FOI
CAMPEÃO DA LIBERTADORES? DESLIGOU O *VIDEO GAME* E
FOI DORMIR! GAYLO CAMPEÃO DA LIBERTADORES, NUNCA
SERÃOOOOOOOO, NUNCAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA! (Jogador 6)

Dias depois, surge outro *post* a partir de uma reportagem sobre dois animais: um galo e uma raposa. Uma reportagem de cunho científico da biologia foi suficiente para criar novas provocações entre os torcedores dos dois times, que têm como mascotes os referidos animais, e mais um tópico de troca de gozações entre os torcedores de ambos os times: “Galo vira fêmea após ataque de raposa.” (Jogador 7)

Essa rivalidade estabelecida entre os torcedores dos times mineiros se estende a todo o futebol, virtual ou não. A rivalidade existe porque há por quem torcer e por quem não torcer. A existência do outro, do adversário, é um elemento fundamental na configuração do esporte e da

competição. Em especial, no caso do futebol, a rivalidade, a existência de um arquirrival é essencial para o clubismo, o torcer.

Em um país onde o futebol faz parte da cultura, não seria de todo incoerente, apesar de insensato, dizer que o futebol não virtual é causa do interesse pelo jogo eletrônico de futebol. No entanto, ressalto que não se pode perder de vista que cada indivíduo constrói sua relação com o futebol, seja ele virtual ou não, a partir de vivências particulares. Uma das falas dos jogadores na comunidade virtual chama a atenção para a complexidade do fenômeno estudado e ressalta que a relação dos jogadores da FLFD com o futebol não virtual é extremamente singular para cada jogador.

Minha relação com o futebol real é bastante influenciada pelo futebol virtual, afinal, comecei a torcer pela Seleção Alemã devido ao jogo e devido ao meu fascínio pela Seleção Alemã comecei a acompanhar o que hoje é (e sempre será) minha maior paixão: FC Bayern München, o gigante da Baviera. Sou extremamente fanático pelo meu time e recentemente tive a oportunidade de vê-los jogando ao vivo no estádio. Foi uma oportunidade (que tomara que não seja) única e confesso que quando saí do metrô e avistei o estádio, não me contive e chorei (podem me zuar, hehe, to nem aí!!!). E pra minha alegria meu time ganhou com um gol no último minuto do meu jogador predileto! E agora, felizmente, após dois anos de ausência, meu glorioso time está de volta ao jogo PES, onde certamente jogarei vários campeonatos devidamente uniformizado. (Jogador 2)

Diante de todo o exposto, faz-se necessário ressaltar que os jogadores da FLFD estabelecem relações com o contexto do futebol não virtual que se expressa nas situações aqui reveladas. Essas relações ganham contornos nítidos, ao considerar que o futebol “(...) é uma atividade dotada de uma notável multidimensionalidade: uma densidade semântica complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente por meio de muitos planos, realidades e pontos de vista”.³⁸ Nesse sentido, o jogo eletrônico possibilita vivenciar o futebol, este entendido na sua pluralidade de significações e ressignificações.

Todas as ideias apresentadas em vista das possibilidades de aproximação com o objeto estudado permitem apontamentos para o fenômeno do futebol virtual, considerando o jogo eletrônico, que pode se manifestar de diferentes maneiras, em momentos e contextos distintos. Espera-se, nesse sentido, despertar para novos olhares, a fim de se conhecer melhor essa vivência virtualizada de uma das mais singulares manifestações brasileiras: o futebol.

Notas

- ¹ Marcos Alves Souza, *A "nação em chuteiras": raça e masculinidade no futebol brasileiro*, dissertação (mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.
- ² Victor Andrade Melo, "Futebol e cinema: duas paixões, um planeta", em Victor Andrade Melo, Marcos Alvito (org.), *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006, p. 9-26.
- ³ Jocimar Daólio, "As contradições do futebol brasileiro", *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 3, n. 10, [s.p.], 1998, disponível em <<http://www.efdeportes.com>>, acesso em 23 out. 2010.
- ⁴ A FLFD, sediada em Santa Luzia, Região Metropolitana de Belo Horizonte, tem uma atuação relevante no contexto do futebol virtual, promovendo regularmente campeonatos, além de participar dos mais diversos campeonatos de futebol virtual no Sudeste do país e de ter tido representação em todos os campeonatos nacionais. A federação também conta com uma comunidade virtual que serve, também, como ferramenta para a comunicação dos membros.
- ⁵ Jocimar Daólio, "A superstição no futebol brasileiro", em Jocimar Daólio (org.), *Futebol, cultura e sociedade*, Campinas, Autores Associados, 2005, p. 6.
- ⁶ Pierre Lévy, *O que é o virtual?*, São Paulo, Editora 34, 1996, p. 11.
- ⁷ Anthony Giddens, *As consequências da modernidade*, São Paulo, Editora Unesp, 1991.
- ⁸ Pierre Lévy, *Filosofia world: o mercado, o ciberespaço, a consciência*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, p. 15.
- ⁹ Comitê Gestor da Internet no Brasil, *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2009*, São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010, disponível em <<http://www.cetic.br/tic/2009/index.htm>>, acesso em 6 out. 2010.
- ¹⁰ Manuel Castells, *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*, São Paulo, Paz e Terra, 1999, p. 43.

- ¹¹ André Lemos, “Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época”, em André Lemos, Paulo Cunha (org.), *Olhares sobre a cibercultura*, Porto Alegre, Sulina, 2003, p. 11.
- ¹² Cláudio Lúcio Mendes, *Jogos eletrônicos: diversão, poder e subjetivação*, Campinas, Papirus, 2006.
- ¹³ *Personal computer*, ou computador pessoal, nome dado ao primeiro microcomputador, em 1981, e que acabou se tornando um nome genérico para os microcomputadores.
- ¹⁴ Jocimar Daólio, *Cultura: educação física e futebol*, Campinas, Editora Unicamp, 1997.
- ¹⁵ CBF DV – Confederação Brasileira de Futebol Digital e Virtual, *Campeonato Brasileiro de Futebol Digital*, 3., Projeto de Mídia, Brasília, 2008. Dados obtidos do projeto de mídia do III Campeonato Brasileiro de Futebol Digital, 2008, fornecido pelos dirigentes da CBF DV.
- ¹⁶ Comumente, os jogadores de futebol virtual se autodenominam *atletas* ou, por vezes, *ciberatletas*, que é um termo utilizado para referir-se aos jogadores de jogos virtuais. Neste texto, esses termos, assim como o termo *jogador*, referem-se a quem joga futebol virtual.
- ¹⁷ CBF DV – Confederação Brasileira de Futebol Digital e Virtual, *A Confederação: histórico*, disponível em <<http://www.cbfdv.com.br/index.php?pid=32>>, acesso em set. 2008.
- ¹⁸ Os *joysticks*, manetes ou simplesmente controles, são periféricos para *video games* ou computadores que funcionam como um dispositivo para controlar as ações no jogo eletrônico. Os *joysticks* são ainda utilizados para controlar algumas máquinas.
- ¹⁹ Avatar é a representação visual de um utilizador em um ambiente virtual, como um jogo eletrônico, por exemplo.
- ²⁰ O termo *off-line* indica a indisponibilidade de acesso ou de conexão à internet (rede mundial de computadores).
- ²¹ Jogar *on-line* significa jogar conectado à internet.
- ²² O rachão é uma competição organizada pela própria FLFD para seus associados e convidados, com o intuito de se reunirem para jogarem juntos. Acontece muitas vezes por ano, normalmente aos domingos, tradicionalmente um dia de futebol no Brasil, e oferece como prêmio para o ganhador uma quantia em dinheiro, arrecadada com a taxa de inscrição.
- ²³ O Pro Evolution Soccer (PES) também é conhecido como Winning Eleven, abreviado para W11.
- ²⁴ “MSN Jogos: conheça os games que mais venderam em 2009”, disponível em <<http://jogos.br.msn.com/noticias/artigo.aspx?cp-documentid=23373356>>, acesso em 22 out. 2010.
- ²⁵ O Cartola FC é um tipo de Fantasy Game ou Sport Fantasy, estilo de jogo eletrônico *on-line* que possibilita montar um time fictício com os jogadores da atualidade do esporte em questão, e o desempenho do time é medido de acordo com o desempenho dos jogadores escolhidos a cada rodada do campeonato não virtual. Um time no Cartola FC pode ter qualquer jogador inscrito oficialmente na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol, dos mais diversos clubes, por exemplo, e a cada rodada do Campeonato Brasileiro o desempenho dos atletas é computado no Cartola FC. Fica no topo do *ranking* do Cartola FC aqueles times compostos pelos jogadores de melhor desempenho no Campeonato Brasileiro. Inspirado nos Fantasy Games das ligas americanas de basquete e de futebol americano (National Basketball Association, NBA, e National Football League, NFL), o Cartola FC utiliza os *scouts* oficiais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para gerar os resultados de desempenho de cada jogador.

- ²⁶ A Copa do Mundo de 2010 aconteceu no período de 11 de junho a 11 de julho.
- ²⁷ Francisco Martins, “Futebol e psicanálise em jogo”, *Trivium*, v. 2, n. 1, 1º sem. 2010, disponível em <<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-ii/artigos-tematicos/ar-tem4-futebol-e-psicanalise-em-jogo.pdf>>, acesso em 23 fev. 2011.
- ²⁸ Antônio Risério, *A utopia brasileira e os movimentos negros*, São Paulo, Editora 34, 2007.
- ²⁹ Luiz Henrique de Toledo, *No país do futebol*, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- ³⁰ Daólio, *Cultura*.
- ³¹ Arlei Sander Damo, *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores*, dissertação (mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- ³² Arlei Sander Damo, *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, tese (doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p. 66.
- ³³ *Ibidem*.
- ³⁴ Silvio Ricardo da Silva, *Tua imensa torcida é bem feliz: da relação do torcedor com o clube*, tese (doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- ³⁵ Souza, *A “nação em chuteiras”*.
- ³⁶ Homero G. Andrade, “A princesa e os touros: futebol, signos, símbolos e identidades culturais”, *Revista Homem, Espaço e Tempo*, Acaraú, v. 2, n. 2, p. 57, set. 2008, disponível em <http://www.uvanet.br/rhet/artSet2008/princesa_touros.pdf>, acesso em dez. 2010.
- ³⁷ Édison Gastaldo, “O complô da torcida: futebol e *performances* masculinas em bares”, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123, 2005.
- ³⁸ Roberto DaMatta, “Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro”, em Roberto DaMatta, *A bola corre mais que os homens*, Rio de Janeiro, Rocco, 2006, p. 145.

Marina de Mattos Dantas

Futebol e psicologia A instrumentalização do atleta e alguns indícios de uma especialidade emergente

O presente ensaio resulta dos estudos realizados na construção de uma cartografia dos modos de fazer psicologia em centros de treinamento (CTs) de categorias de base, bem como das relações da psicologia do esporte com outros saberes/poderes e de seus possíveis efeitos na formação do jogador de futebol.

A breve história das Copas do Mundo de Futebol de 1958, 1966 e 1970 ajuda-nos a entender como a gradual instrumentalização do corpo-atleta culmina no conceito de formação de jogadores na contemporaneidade. Concomitantemente, nos fornece pistas de como, em meio aos especialistas que progressivamente se juntam aos espaços dos CTs, os psicólogos ocupam esses espaços.

Alguns autores nos contam sobre a história do futebol no Brasil e seus atravessamentos por questões raciais, de gênero, de classe, bem como por outras instituições que o permeiam e o constituem; também sobre acontecimentos e discussões que movimentam esse esporte. Interessam diretamente a este ensaio as nuances dessa história, que dizem respeito às mudanças na forma de se fazer/jogar futebol no Brasil durante o período que compreende os anos de 1950 aos de 1970, quando ganha força um processo ao longo do qual o futebol e o discurso científico aproximam-se e “o corpo do jogador passa a ser objeto de um novo investimento político”.¹ Tais mudanças ajudam-nos a entender como se

foram construindo os atuais modos de formação do atleta jogador de futebol.

Em 1953, o profissionalismo no futebol brasileiro, oficializado pela legislação social e trabalhista do governo Vargas, completava 20 anos, e os torcedores, bem como alguns escritores do jornalismo esportivo, como Nelson Rodrigues, ainda esperavam que os jogadores conservassem um “espírito amadorista”.² Apesar disso, algumas mudanças na forma de se fazer futebol, no sentido de sua instrumentalização, já se faziam notar. A profissionalização do jogador de futebol impulsionava, gradualmente, a profissionalização de outros envolvidos na prática desse esporte, em um processo no qual se começava a entendê-lo, assim como a seus praticantes, como objetos de uma “especialidade”. Sendo assim, vários especialistas adentraram o mundo do treinamento de jogadores. Os primeiros, talvez, tenham sido os médicos e os preparadores físicos.

Naquela época, o Botafogo Futebol e Regatas, por exemplo, já contava com o trabalho de um preparador físico e de dois médicos, sendo estes um clínico geral e um ortopedista. O clube era equipado para submeter os jogadores a uma bateria de exames antes da contratação. Porém tais exames não eram condição absoluta para tal.

Apesar de alguns serem fortes e atléticos, o estado clínico dos jogadores brasileiros não era invejável. Muitas vezes apresentavam-se subnutridos e anêmicos, habitados por parasitas diversos; em alguns outros casos, sífilíticos e tuberculosos. Eram comuns também as “infecções dentárias que levavam a problemas circulatórios e musculares, facilitando entorses e distensões”.³

Garrincha era um desses jogadores e, talvez, o melhor exemplo de antiatleta dentre os que habitavam o futebol brasileiro quando este apenas começava a disciplinar os corpos de seus boleiros. Chegou ao Botafogo em 1953 e logo foi submetido à examinação, como nos conta Ruy Castro:

Eles o pesaram, mediram e auscultaram. (...) Mandaram-no subir numa mesa e examinaram suas pernas: Garrincha tinha o joelho direito em varo, virado para dentro, e o esquerdo em valgo, virado para fora, além de um

deslocamento da bacia. Pelos cálculos, sua perna esquerda era seis centímetros mais curta que a direita. Dependendo do ângulo, via-se que ele era também ligeiramente estrábico. Talvez não despertasse admirações na antiga Grécia, mas nada disso o impedia de jogar futebol.⁴

Não só não o impedia como, inexplicavelmente, não o atrapalhava. O autor ainda conta que Paulo Amaral – preparador físico do Botafogo à época –, em relatório sobre a primeira excursão em que Garrincha jogou pelo alvinegro carioca, menciona: “O jogador demonstrou qualidades excepcionais. Tem um único defeito, facilmente corrigível, que é o de driblar demais.”⁵

Assim como as avaliações médicas, a preparação física daquela época, apesar de já especializada em alguns clubes, não era prática predominante no treinamento. Na maioria dos clubes, essa função de comandar o exercício físico era ainda desempenhada pelo técnico. Sobre a rotina dos treinamentos, Ruy Castro escreve:

Os jogadores treinavam de manhã ou de tarde, nunca em tempo integral. (...) Limitava-se a comandá-los nos exercícios do chamado “Regimento n. 7”. Era um programa criado pelo exército francês na Primeira Guerra, adotado pelo exército brasileiro e usado nas aulas de Educação Física dos colégios. Consistia em correr, esticar os braços, bater palmas sobre a cabeça, fazer algumas flexões e pular carniça, tudo isso aos gritos de “um, dois, três, quatro” do preparador. Era mole. Os jogadores faziam aquilo assoviando, aproveitando para bater papo e combinar a saída daquela noite.⁶

Ainda nos anos de 1950, os modelos políticos em competição, norte-americano e soviético, além de travarem uma disputa armamentista e aeroespacial, disputavam os avanços no campo da medicina/saúde para, dessa forma, provar a superioridade de um povo sobre o outro. Cumpre lembrar, nesse sentido, que a preparação física e o desenvolvimento da medicina estavam, à época, ligados à necessidade de exércitos fortes, com os militares mais bem preparados fisicamente para resistir às guerras iminentes e outros conflitos do mundo do pós-guerra. Não à toa, são

oriundos das forças armadas os principais exercícios praticados em aulas de Educação Física e na preparação de atletas, como o “Regimento n. 7”, citado por Castro.⁷

Ao contrário do que vemos nos esportes dos dias de hoje, não havia restrições ao fumo. Aliás, não era raro, então, os jogadores aparecerem em fotografias com um cigarro na mão. A bebida alcoólica tampouco era malvista, desde que não atrapalhasse os treinamentos. A atividade sexual dos jogadores, sim, era encarada como um problema. A concentração, por exemplo, surge como dispositivo para evitar o dispêndio de energia com sexo. Começava três dias antes da partida e, a partir desse momento, nenhum esforço físico era permitido.⁸

Em 1958, essas e outras mudanças nas formas de se fazer futebol adquirem notoriedade. Pela primeira vez em uma Copa do Mundo, há uma organização detalhista da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), e uma equipe técnica é formada para a preparação dos brasileiros para a competição. O plano de trabalho desenvolvido pelo presidente da CBD, João Havelange, previa o que deveria acontecer ao longo de todos os dias em que a seleção estaria na Suécia. Um ano antes da competição, o médico da seleção visitara todas as cidades-sede para escolher os hotéis mais adequados. Procurara inclusive saber a previsão de temperatura para os dias e horários nos quais aconteceriam os jogos.⁹

Dois meses antes do início da competição, os jogadores convocados foram chamados a se apresentarem na Santa Casa de Misericórdia, na cidade do Rio de Janeiro, para passarem por uma série de exames físicos e análises clínicas. “Durante uma semana eles foram virados pelo avesso por clínicos, traumatologistas, neurologistas, radiologistas, cardiologistas, dentistas, oftalmologistas, otorrinos e até calistas.”¹⁰ Os resultados dos exames impressionaram os doutores pela quantidade de jogadores anêmicos, com problemas crônicos de digestão e circulação, dentes podres, infestação por parasitas etc.

Os exames de Garrincha paralisaram o serviço na Santa Casa: os médicos saíam de todas as salas para vir admirar suas pernas. “Estou me sentindo a

Lollobrigida...”, ele disse, referindo-se à italiana Gina Lollobrigida, dona de um dos imortais pares de pernas do cinema.¹¹

Quarenta dias antes da Copa, a seleção reuniu-se para a preparação física no Rio de Janeiro, passando também por Poços de Caldas e Araxá, ambas em Minas Gerais. As duas últimas cidades foram propositalmente escolhidas pela altitude similar à das cidades onde as partidas da competição seriam disputadas. O governo de Juscelino investira 80 mil dólares nessa preparação, que também serviria para a CBD arrecadar o dinheiro necessário para custear a ida e a permanência da equipe na Suécia – incluindo-se nesse montante os salários e os “bichos”, adicional em dinheiro pago aos jogadores em caso de vitórias.

Dois anos antes da Copa da Suécia, uma viagem de estudos à Europa foi realizada pela Seleção Brasileira, que disputou partidas amistosas com outras seleções. O objetivo era não somente observar e aprender com o futebol “gringo”, como também observar o comportamento dos brasileiros dentro e fora de campo. Em relatório dirigido à CBD pela comissão técnica, constava a “falta de compostura” dos jogadores em terras estrangeiras. Os jogadores também foram considerados “emocionalmente imaturos”: emotivos, instáveis, ciclotímicos e impressionáveis – características que foram atribuídas a uma questão racial.¹²

Mesmo que as disputas internacionais já contabilizassem meio século e as excursões de clubes brasileiros pela Europa fossem comuns, não havia transmissões televisivas e o futebol ainda não era uma atividade globalizada. Descobrir os modos de jogo e os esquemas táticos das seleções adversárias era uma tarefa árdua para os “espiões” da Seleção Brasileira. Neste caso, as Copas do Mundo adquiriam o papel de uma grande feira de futebol, uma vitrine dos diferentes “tipos de jogo” praticados ao redor do mundo.

As observações então efetuadas deram origem a um regulamento que dispunha regras e proibições aos jogadores durante o período da Copa de 1958. Todos eles foram obrigados a ler e a assinar o documento, no qual constavam como proibições, entre outras: descer para o café da manhã sem estar barbeado; andar de cueca, toalha, pijama, sandália

ou tamanco pelos corredores dos hotéis; fumar trajando uniforme de atleta; trajar outras roupas que não os uniformes de passeio e de jogo; usar camisa para fora do calção em treinos e jogos; falar com a imprensa sobre assuntos da seleção; falar com a imprensa fora dos horários estipulados. Naquela ocasião, o sexo não foi proibido, se praticado durante o período da folga: de uma da tarde às sete e meia da noite.¹³

Essas exigências vinham ao encontro de um esporte que já lidava com a paixão de multidões de torcedores, também os principais financiadores da maioria dos grandes clubes através dos ingressos comprados para as partidas. Em decorrência disso, aquela seleção contou com o incentivo e a divulgação de uma imprensa esportiva que também se especializava, cobrindo os campeonatos pelos jornais e em transmissões radiofônicas que publicizavam a rotina dos clubes e a vida dos jogadores.

Em 1958, a Seleção Brasileira conquistou o seu primeiro título mundial, e o seu estilo de jogar futebol tornou-se conhecido e admirado pela estética dos dribles desconcertantes para muitas seleções oponentes. Para a Copa de 1962, no Chile, não houve mudanças significativas na preparação dos jogadores, consagrando-se o Brasil, naquele ano, bicampeão mundial.

No que tange à Copa de 1966, Florenzano¹⁴ nos conta que a derrota da Seleção Brasileira inaugurou a necessidade de reinvenção do modelo de produção de jogador de futebol. Naquele momento, os jogadores ditos “vindos de outro planeta”, que brilharam nas Copas de 1958 e 1962, demonstraram não corresponder ao esperado padrão “extraterrestre”.

Tal acontecimento acabou por legitimar a forma inglesa – seleção campeã em 1966 – de jogar futebol, pois paralisara a Seleção Canarinho naquele ano. Tal forma foi traduzida por Wisnik nas seguintes palavras:

Estaria na base do gênero uma ênfase defensiva (...) ou, no mínimo, um consolidado senso de responsabilidade tática, associado à “execução racionalizada do código”. Essa tendência praticamente naturalizada no futebol exclusivamente branco da Europa Ocidental levava a desprezar o impulso ao drible em nome da “prosa coletiva” tendo como único arroubo o momento do contra-ataque. O gol despontaria idealmente como a “conclusão” de um raciocínio visível derivado

da organização coletiva, e, no limite, como o silogismo geométrico com o qual podemos resumir a jogada característica dos ingleses: bola erguida na área é cabeçada do atacante; cabeçada do atacante é gol; logo (ou *ergo*), bola erguida na área é gol. Em outras palavras, o gol tenderia a aparecer, dentro dessa cultura futebolística, como a consequência pragmática de ações dominadas muitas vezes por uma causalidade previsível e, ainda assim, efetiva.¹⁵

Esse “futebol prosa”, como Wisnik o denomina, baseava-se na fórmula “força + velocidade + resistência = gol”, modo de se fazer futebol que tinha por foco a preparação física e a tática. Estas confeririam aos jogadores a possibilidade de ocupar melhor as partes do campo e durante o maior tempo possível, impedindo, assim, os adversários de concretizarem seus passes.¹⁶

Além de força, velocidade e resistência, outra palavra que entraria em voga no futebol brasileiro após 1966 seria *coletivismo*. Os discursos, por parte dos técnicos e preparadores físicos adeptos do *futebol-força*, ressaltavam que não haveria mais espaço para talentos individuais, valorizando-se “(...) mais o grupo do que o indivíduo, o qual se via relegado à condição de peça de uma engrenagem cujo funcionamento era posto em movimento pelo técnico de futebol”.¹⁷ O jogador passava, com isso, a servir ao técnico e à bola, não havendo mais espaço para o lúdico, ou seja, para o *futebol-arte*.

Para falar do futebol-arte, ou *futebol-poesia* – como prefere Wisnik –, opta-se aqui por recorrer a uma crônica de Nelson Rodrigues.¹⁸ Ao narrar uma jogada de Garrincha – em um amistoso contra a Seleção Italiana, às vésperas da Copa de 1958 –, ele a explica melhor do que qualquer descrição conceitual:

Eis como tudo se passou: – Garrincha apanha a bola no meio de campo. Podia ter passado de primeira. Ora, passar de primeira seria um sinal de primarismo total. De mais a mais, Mané era grande pelo seu primarismo. Ele não largava a bola sem, primeiro, driblar uns cinco. E nesse dia ele estava particularmente inspirado. Driblou o primeiro italiano. Este caiu espetacularmente sentado. Veio outro que, com igual facilidade, o nosso comeu. O público estava

deslumbrado. E Garrincha continuou. Os outros italianos vinham e eram ceifados. A plateia imaginava que Mané queria entrar com bola e tudo. No fim, restou apenas o goleiro, que foi também driblado, sem maiores problemas. Era a hora de dar um toque para o fundo das redes. Garrincha achou, porém, que seria simples demais. Voltou para driblar, novamente, o goleiro e a zaga. Só depois de tal devastação é que veio o gol.¹⁹

Nelson Rodrigues, defensor enérgico da tese de que a culpa pelo Brasil ter perdido a Copa de 1966 devia ser atribuída à parcialidade do juiz, não poupava críticas àqueles que queriam reduzir o futebol à “sistematização de um sem-número de técnicas específicas”²⁰ e o jogador a uma peça a ser moldada conforme tais técnicas. Em uma de suas crônicas publicadas após a Copa de 1966, o escritor exercita a imaginação projetando um possível futebol futuro, fruto da objetivação do esporte e da homogeneização das formas de se fazer futebol:

Imaginemos um futebol órfão de pelés e de manés. Uma docilidade unânime, e repito: docilidade de focas amestradas. Os dois times não fazem a menor concessão à originalidade, nenhuma concessão à arte, nenhuma concessão à beleza. Se alguém esboçar um esgar de autonomia, será expulso, a pauladas. Em campo, as hordas adversárias varando o campo em correrias brutais. Ora, para impor tal jogo, seria necessário fazer duas coisas: primeiro, mudar o brasileiro por dentro; segundo, mudar o brasileiro por fora.²¹

E seria essa, de certa forma, a empreitada dos anos subsequentes à Copa de 1966: mudar o jogador brasileiro por dentro e por fora. A objetivação do futebol tinha como principal meio a construção de uma equipe-máquina, a qual exigia, para seu pleno funcionamento, o jogador-peça, também objetivado.²² Dessa forma, o futebol perde a liberdade dos movimentos aprendidos empiricamente nos campos de várzea. Em pouco tempo, talento e criatividade com a bola passariam de protagonistas a coadjuvantes no futebol brasileiro. A espontaneidade que antecede a esse período passa a ganhar contornos de problema, como afirma Florenzano.²³

O futebol-força se caracterizaria pelo excepcional preparo físico dos jogadores, estrita disciplina tática e pelo coletivismo. Nesse processo, o técnico, o preparador físico e os outros especialistas do esporte assumiram papel fundamental na correção dos “vícios”, passando a ter destaque nos modos hegemônicos de fazer futebol que se desenvolveriam nos anos seguintes. Florenzano diz que o técnico disciplinador começa a ocupar esse lugar na máquina do futebol moderno, à medida que “as exigências da objetividade, funcionalidade e busca da eficácia que regem as equipes organizadas como máquinas-disciplinares de jogar futebol”²⁴ tornam-se dominantes. O autor ainda acrescenta que aquilo que Admildo de Abreu Chirol – à época técnico do Botafogo e que viria a ser preparador físico das seleções de 1970, 1974 e 1978 – chamava de coletivismo pode ser entendido como a homogeneização e massificação da forma de se jogar e produzir futebol. O coletivismo não implicava a construção de um coletivo, mas uma sequência de jogadas programadas, na qual a bola passaria de um pé ao outro, o mais rápido possível, em direção ao gol. A “prosa coletiva”²⁵ via-se assim construída mediante uma forma de produção de jogadores extremamente individualizada e massificadora, ou seja, sem que necessariamente houvesse uma criação coletiva e sem que se criasse um comum. Instaurava-se, isso sim, uma linha de montagem dentro de campo, que teria como produto final o gol.

Nelson Rodrigues argumenta que, em 1966, os *entendidos* e os *idiotas da objetividade* – estes últimos agentes da objetivação do futebol – teriam passado a acreditar no mito que o próprio futebol brasileiro havia derrotado em 1958, na Suécia, quando a Seleção Brasileira vencera a misteriosa Seleção Russa, conhecida pelo seu “futebol científico”.²⁶ Ao mesmo tempo, popularmente se ignorava que certos aspectos do futebol-força já estavam presentes no Brasil, ainda que não em formas hegemônicas, tempos antes de a Seleção Inglesa ser campeã na Copa por ela sediada.

No futebol-força, produto da docilização dos corpos, não há espaço para criatividade, improviso, autonomia e movimentos que não visem à defesa, ataque e resultados. A ludicidade não entra em campo. Os

“vícios” decorrentes do aprendizado nos campos de várzea teriam de ser, portanto, corrigidos. Nesse processo, o técnico, antes um mero escalador, passa a exibir contornos mais nítidos: o de um disciplinário que deve cuidar para que seus atletas não se desviem do planejado, para a equipe, em termos de preparação física, tática e conduta.

Em 1970, na Copa do México, a Seleção Brasileira, ainda contando em seu elenco com jogadores não formados nessa nova escola, já funcionava hegemonicamente no paradigma do futebol-força. Inclusive foi considerada, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como a mais bem preparada fisicamente²⁷ – ao mesmo tempo que eternizada pela estética de suas jogadas.

Em *Visão técnica do futebol moderno*, livro escrito pelo técnico e preparador físico Aureliano Beltrão,²⁸ os argumentos do autor centralizavam-se na justificativa e defesa dos registros estatísticos a respeito dos atletas nos treinos e partidas de futebol. Beltrão alertava sobre o valor da preparação física na conquista do tricampeonato, ao mesmo tempo que explicitava a presença da lógica das ciências positivistas na preparação para a Copa de 1970.

Em prefácio do mesmo livro, Ernesto dos Santos, ex-jogador e professor de Beltrão na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ), anunciava a importância adquirida pelas ciências aplicadas ao futebol, em detrimento da empiria dos jogadores:

O futebol que entre nós se encara de uma forma inconsequente, que aqui foi, por muito tempo, domínio de curiosos, começa a transcender do campo do empirismo para entrar no da ciência aplicada. (...) A Fisiologia, a Cinesiologia, a Ortopedia e a Psicologia, entre outras, têm dado nos últimos anos alta contribuição de conhecimentos e, agora, a Estatística chega também para mostrar aos estudiosos que o campo é vasto e que a vivência, não obstante seu grande valor, não é tudo em futebol nem em qualquer desporto. O futebol clássico, o futebol habilidade pura somente, já está superado. Hoje quer-se FUTEBOL RENDIMENTO, e para isto, para que o jogador esteja em condições de o praticar, precisamos trabalhar intensamente sua máquina humana, conhecer seus problemas

psíquicos, seu comportamento – quer como homem, quer como atleta. Sem isso nunca poderemos solicitá-lo no máximo de suas potencialidades.²⁹

A ideia de formação, assim, fazia-se necessária à produção de jogadores aspirantes. Na mesma época em que o livro de Beltrão foi publicado, Zico, por exemplo, já era atleta confeccionado em laboratório no Clube de Regatas do Flamengo Futebol e Regatas. Tal ideia de formação também é produto da instrumentalização do futebol, ou seja, de seu entendimento como algo dividido em um conjunto de partes as quais podem e devem ser isoladas para estudo, visando ao aperfeiçoamento da sua aplicação prática. Separa-se, no futebol, aquilo que pode ser mensurado, estudado, aplicado e repetido constantemente para que o atleta atinja a finalidade do rendimento esportivo. O futebol é entendido como composto por técnicas que transformarão o jogador em atleta, isto é, em corpo disciplinado.

Nesse sentido, as ciências aplicadas ao esporte auxiliariam, a partir de então, no alcance do desempenho desejado – o que tem como base a força, a velocidade e a resistência – através da manipulação desse corpo-atleta, educando-o desde cedo, modelando-o e corrigindo os vícios adquiridos nos campos de várzea. A categoria vício também é criada para dizer de tudo aquilo que se aprendia empiricamente e torna-se disfuncional ao novo futebol.

Eitel Seixas, na época (1968) preparador físico do Flamengo, já falava sobre o novo projeto de formação de atletas: “Devemos, desde cedo, despertar na criança, isto é, no futuro dela, a consciência de que o treinamento físico é indispensável ao sucesso futuro.”³⁰

Assim, as categorias de base dos clubes, ao longo das décadas de 1960 e 1970, tornam-se o lugar privilegiado de formação do atleta. Junto a isso, construía-se uma idade ideal para se iniciar a formação, bem como uma idade ideal para se aposentar na carreira de jogador de futebol. Em 1968, garotos com mais de 20 anos, sem histórico de trabalho em outros clubes, não eram mais aceitos por técnicos como Zagallo, que, no Botafogo, já dizia: “O principal objetivo é treinar o garoto tirando-lhe os defeitos, dando-lhe educação e instruções técnicas.”³¹ Anteriormente

a essa mudança, o quadro de aspirantes dos clubes era formado por jogadores advindos de lugares e histórias de vida diversas. A vinda dos jogadores do interior e periferias já era característica, mas não importava muito o histórico em outros clubes: bastava ser “bom de bola”.

No novo modelo de formação/produção de jogadores, contudo, garotos mais velhos não tinham vez. Com o trabalho dos especialistas, o jogador brasileiro já não “nascia feito”, como se costumava dizer. Com as categorias de base se constrói também um futebol no qual fica mais difícil não privilegiar a força. Próxima à previsibilidade, a ideia de formação/produção do jogador começa a se desenvolver. O futebol deixa de ser, predominantemente, criação para se tornar repetição.

(...) Havia contudo um órgão na máquina natural que poderia colocar tudo a perder caso fosse negligenciada. A ênfase com que se mencionam os cuidados a serem dispensados ao fator psicológico do jogador, presente no discurso dos preparadores físicos, indica o campo de atuação que se abria para o saber da alma, a psicologia, que na verdade viria a ser ocupado pelos técnicos de futebol, além dos próprios preparadores físicos.³²

Através do resgate das experiências de João Carvalhaes e Athayde Ribeiro da Silva, algumas pistas sobre como os especialistas psicólogos integraram-se a esse processo de mudanças assinaladas podem ser seguidas.

O primeiro psicólogo atuando junto ao futebol talvez tenha sido João Carvalhaes. Em artigo escrito por Waeny e Azevedo,³³ a partir do acervo pessoal da família e depoimentos de pessoas próximas, podemos entender um pouco a aproximação de Carvalhaes ao esporte. Sua formação inicial fora em Ciências Políticas pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, vindo mais tarde a participar de cursos de formação em testes psicológicos de inteligência e personalidade diversos. Na década de 1950, Carvalhaes atuava como jornalista esportivo e publicou artigos sobre boxe, utilizando o pseudônimo João do Ringue.

Segundo as autoras, Carvalhaes trabalhava com psicologia aplicada ao esporte e com psicotécnica desde o início da década de 1950, aproximadamente. Seu trabalho com o futebol iniciou-se na Federação Paulista de Futebol, dedicando-se à seleção e preparação de pessoas para a Escola de Árbitros. Posteriormente, trabalhou no São Paulo Futebol Clube de 1954 a 1959. Através da descrição a seguir, podemos perceber como, naquela época, as medições do corpo-jogador já se apresentavam:

No São Paulo Futebol Clube, prestou serviços sobre os estados tensionais como fator predisponente às distensões musculares, além de ter trabalhado também na aplicação e interpretação de testes de personalidade e inteligência; organização e orientação de cursos que visem à preparação psicológica dos atletas; orientação e instalação do laboratório de futuras experimentações e pesquisas, com recursos para medir visão estereoscópica (binocular), reação psicomotora a estímulos visuais e a estímulos auditivos; cálculo de velocidade relativa; cálculo de espaços em largura e sensação quinestésica.³⁴

Em decorrência das derrotas nas Copas de 1950 e 1954, os jogadores da Seleção Brasileira, acusados de não terem “fibra”, tinham fama popular de “frouxos”. Numa espécie de “racismo mal disfarçado”, como nos diz Ruy Castro,³⁵ atribuíam-se a negros e mulatos, que compunham a maioria do time, um descontrole emocional inato. Como solução para esse problema, em 1958, a CBD convoca João Carvalhaes para participar da preparação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo da Suécia, na esperança de que o psicólogo ajudasse os comandantes da Seleção Canarinho a saber quem poderia “amarelar”, como acontecera nos anos anteriores.

Durante 13 dias, Carvalhaes aplicou testes nos jogadores convocados para o campeonato mundial – o que resultou em relatórios sobre a personalidade de cada um, entregues a Carlos Nascimento e a Paulo Machado de Carvalho, respectivamente supervisor e chefe da Delegação Brasileira de Futebol. “Os testes serviriam para medir o nível cultural, índices de tensão, reflexos e coordenação motora e níveis de impulsividade e agressividade dos jogadores.”³⁶

Máximo e Kaz nos contam que o jogador Nilton Santos alertou Carvalhaes durante uma das sessões: “Doutor, vem aí um rapaz de pernas tortas, meio tímido, meio caipira, que certamente não vai saber fazer nada que o senhor pedir. Mas tenha paciência com ele porque ele joga muito futebol.”³⁷

Segundo o que ainda nos diz o mesmo autor, o psicólogo considerou Garrincha – nosso antiatleta – como dono de um “temperamento primitivo” e “indagnosticável”; já Pelé seria “dono de um perfil obviamente infantil”,³⁸ não sendo capaz de resistir a qualquer agressividade que lhe pudesse ser dirigida em campo.

Apesar da avaliação psicológica prévia não ter sido efetivamente considerada no momento da seleção dos atletas que iriam à Copa de 1958, por insistência do chefe da Delegação Brasileira, Carvalhaes foi levado à Suécia, pois “poderiam precisar dele no caso de alguém tremer”.³⁹ Mas quem acabou por fazer as vezes de psicólogo foi o dentista Mário Trigo, que, com suas brincadeiras e piadas, tranquilizava os jogadores. Carvalhaes também cairia em descrédito sobre sua capacidade profissional, pois “o encarregado de dar coragem à seleção tinha medo de avião”⁴⁰ e compartilhava das mesmas superstições que os jogadores.

O impacto desse trabalho na seleção da época é controverso. Contam por aí que Carvalhaes teria dito à comissão técnica que nove jogadores, dentre eles Pelé e Garrincha, não deveriam ir para a Copa, pois não tinham perfil psicológico para serem ágeis e raciocinar rápido, como seria ideal em partidas de futebol. Algumas pessoas próximas a Carvalhaes na época, no entanto, desmentem tal afirmação. De qualquer forma, existia a ideia de que a presença do psicólogo interferiria na escalação dos jogadores. Verdade ou não, digo, no caso como torcedora, que felizmente Pelé e Garrincha foram à Suécia em 1958.

Apesar da notoriedade conferida a Carvalhaes por conta da Copa da Suécia, em 1959 ele se afasta do São Paulo, retornando ao clube somente em 1969 – período em que, segundo Florenzano, o futebol-força se consolida no Brasil e os discursos sobre a importância do médico e do psicólogo no futebol ganham relevo. Fora reconhecido como

psicólogo pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) em 1974, pelo trabalho prestado em diversas empresas aplicando testes psicotécnicos com os árbitros e com os jogadores no São Paulo Futebol Clube e na Seleção Brasileira.

Waeny e Azevedo defendem que o interesse de João Carvalhaes pela psicologia do esporte dirigia-se não somente às questões psicotécnicas, mas também às condições de desenvolvimento global do atleta. As autoras citam o exemplo de uma carta enviada pelo psicólogo ao diretor do Departamento de Futebol Profissional do São Paulo Futebol Clube, na qual revela sua preocupação com os atletas de base no que diz respeito às suas condições socioeconômicas e sugere amparo material e psicológico aos mesmos.

Sobre as preocupações com a formação de atletas, em 1964, Emílio Mira y Lopez publicou, juntamente a Athayde Ribeiro da Silva, o livro *Futebol e psicologia*,⁴¹ no qual propõe, dentre outras observações a respeito do esporte, a orientação vocacional para a prática desportiva.

Mira y Lopez defendia que tal orientação vocacional poderia indicar o tipo de esporte ideal para cada pessoa. Caberia aos técnicos formados em Educação Física a orientação e o aconselhamento da juventude nesse sentido, segundo o autor. Mas como considerava que as noções de psicologia a eles ensinadas eram insuficientes, seria provisoriamente atribuída aos psicólogos ou aos médicos essa tarefa.

O autor propunha ainda uma classificação dos esportes, sob o ponto de vista psicológico, ligada a aspectos cognitivos: para cada exigência de um grupo de esportes se definiria um perfil para os seus praticantes. Apesar disso, asseverava não haver limites de idade, sexo ou capacidade física para praticar esportes. Porém, haveria de se atentar para a especificidade de cada modalidade, adaptada a cada perfil: “Existem esportes que masculinizam e esportes que feminilizam. O erro máximo seria dedicar homens aos primeiros e mulheres aos segundos.”⁴²

Assim, seria objetivo do orientador esportivo “lutar para que a prática dos esportes não leve uma grande quantidade de pessoas a exagerar o que já está nelas sobejamente exagerado e descuidar o que

não chega à normalidade”.⁴³ Os perfis, nessa perspectiva, serviriam para proporcionar ao indivíduo que pratica a atividade física um equilíbrio, uma suposta normalidade. Porém, o autor também ressalta que, antes de designar um tipo de indivíduo, seria preciso avaliar se o objetivo da prática esportiva resultaria “em benefício da saúde de quem a pratica ou em proveito daqueles que o exploram”.⁴⁴

Nesse sentido, Mira y Lopez demonstrava preocupação com a inserção de jovens na vida desportiva sem que esses fossem conscientes sobre o que seria o futebol moderno. Na especificidade do futebol, o autor sugere também o estabelecimento de tipografias para cada posicionamento em campo. Com aquelas informações em mãos, o técnico poderia proporcionar a integração dos atletas.

A principal ferramenta que viabilizaria tal ação seriam os testes psicotécnicos, apontando para a necessidade de o esporte incorporar a lógica que estava conseguindo “superar o temível individualismo”,⁴⁵ tão indesejável para o pleno funcionamento das empresas – afirmação que ia ao encontro do coletivismo pregado pelos preparadores físicos que trabalhavam com o futebol na época. Aureliano Beltrão, Admildo Chirol e Eitel Seixas, defensores do coletivismo, sustentavam igualmente a necessidade de aplicação de testes psicológicos para identificar o tipo psíquico dos atletas.⁴⁶

Similar ao que Mira y Lopez propunha, fizera Athayde Ribeiro da Silva, anteriormente, na Seleção Brasileira de 1962, como relata na segunda parte de *Psicologia e futebol*. Sim, pois na Copa do Chile fora a vez deste avaliar a seleção em Nova Friburgo, cidade onde a delegação se preparou para a competição. O psicólogo, substituindo o polêmico Carvalhaes, logo de início anuncia:

Tracei para o trabalho no escrete o plano de submeter os atletas a uma entrevista psicossocial e ao PMK; deixei de lado qualquer preocupação com provas de inteligência, porquanto a convocação do atleta para integrar a seleção já tornava implícita sua capacidade.⁴⁷

Primeiramente, Athayde Ribeiro da Silva elaborou o perfil psicológico de cada atleta, para depois avaliar o moral do grupo – o que implicava avaliar o interesse do jogador em fazer parte da seleção, as relações dos atletas entre si, o índice de segurança emocional e confiança na direção, como conta o psicólogo. A partir disso, oferecia assistência psicológica individual a quem dela necessitasse. Enquanto Carvalhaes recebera salários e “bichos”, semelhantes aos dos jogadores, para atuar como psicólogo da Seleção Brasileira,⁴⁸ Athayde conta tê-lo feito “exclusivamente por prazer e patriotismo”.⁴⁹

Em seu relato, o psicólogo tece muitos elogios ao técnico e aos outros profissionais presentes em Friburgo, demonstrando diplomacia. Após redigir a ficha individual de cada atleta, Athayde atesta a “excelente situação psicológica da equipe” e conclui que “o que faltava ao futebolista nacional era direção capaz e organização perfeita”⁵⁰ – referindo-se às falhas de 1950 e 1954. Curiosamente, o autor não cita a Copa de 1958.

Para além dos elogios, Athayde Ribeiro da Silva defende a importância do “salário justo” para a saúde mental dos jogadores e que estes não devem ser amarrados a sistemas rígidos, pois possuem extraordinária capacidade de reformular a tática.

Após a participação de Athayde, os psicólogos ficaram durante um bom tempo longe da seleção. Apenas nos anos de 2000 reaparecem: com Suzy Fleury, nas eliminatórias para as Olimpíadas de 2004, e com Regina Brandão, na Copa do Mundo da Alemanha, em 2006.⁵¹ Ambas são conhecidas por prestarem serviços de consultoria psicológica a técnicos e atletas famosos. Nas categorias de base dos clubes brasileiros, no entanto, as décadas de 1990 e 2000 são marcadas pela presença incerta, mas cada vez mais notável, da psicologia do esporte no processo de formação/produção do jogador de futebol.

(Texto elaborado a partir de pesquisa de mestrado desenvolvida entre os anos de 2009 e 2011 acerca do trabalho do psicólogo do esporte e da formação do atleta jogador de futebol contemporâneo.)

Notas

- ¹ José Paulo Florenzano, *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*, São Paulo, Musa Editora, 1998, p. 33.
- ² Ruy Castro, *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 65.
- ³ *Ibidem*, p. 66.
- ⁴ *Ibidem*, p. 67.
- ⁵ Paulo Amaral *apud* Castro, *Estrela solitária*, p. 64.
- ⁶ Castro, *Estrela solitária*, p. 75.
- ⁷ Castro, *Estrela solitária*.
- ⁸ *Ibidem*.
- ⁹ *Ibidem*.
- ¹⁰ *Ibidem*, p. 131.
- ¹¹ *Ibidem*.
- ¹² João Máximo, Leonel Kaz, *Brasil arte e magia: um século de futebol*, Rio de Janeiro, Aprazível Edições, 2006.
- ¹³ Castro, *Estrela solitária*.
- ¹⁴ Florenzano, *Afonsinho e Edmundo*.
- ¹⁵ José Miguel Wisnik, *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 114-115.
- ¹⁶ Florenzano, *Afonsinho e Edmundo*.
- ¹⁷ *Ibidem*, p. 28.
- ¹⁸ Nelson Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- ¹⁹ *Ibidem*, p. 184-185.
- ²⁰ Aureliano P. Beltrão, *Visão técnica do futebol moderno*, Rio de Janeiro, Editora Paralelo, 1974, p. 29.
- ²¹ Rodrigues, *À sombra das chuteiras imortais*, p. 132.
- ²² Florenzano, *Afonsinho e Edmundo*.
- ²³ *Ibidem*.
- ²⁴ *Ibidem*, p. 17.
- ²⁵ Wisnik, *Veneno remédio*, p. 115.

- ²⁶ Castro, *Estrela solitária*, p. 158.
- ²⁷ Beltrão, *Visão técnica do futebol moderno*.
- ²⁸ *Ibidem*.
- ²⁹ *Ibidem*, p. 7-8.
- ³⁰ Eitel Seixas *apud* Florenzano, *Afonsinho e Edmundo*, p. 38.
- ³¹ Zagallo *apud* Florenzano, *Afonsinho e Edmundo*, p. 36.
- ³² Florenzano, *Afonsinho e Edmundo*, p. 35.
- ³³ Maria Fernanda Costa Waeny, Mônica Leopardi Bosco de Azevedo, "João Carvalhaes: pioneiro da psicologia do esporte" (2003), disponível em <<http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/artigo.aspx>>, acesso em 2 set. 2011.
- ³⁴ *Ibidem*, p. 1.
- ³⁵ Castro, *Estrela solitária*.
- ³⁶ *Ibidem*, p. 135.
- ³⁷ Nilton Santos *apud* Máximo, Kaz, *Brasil arte e magia*, p. 119.
- ³⁸ João Carvalhaes *apud* Máximo, Kaz, *Brasil arte e magia*, p. 120.
- ³⁹ Castro, *Estrela solitária*, p. 153.
- ⁴⁰ Máximo, Kaz, *Brasil arte e magia*, p. 120.
- ⁴¹ Emilio Mira y Lopez, Athayde Ribeiro da Silva, *Futebol e psicologia*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1964.
- ⁴² *Ibidem*, p. 7.
- ⁴³ *Ibidem*, p. 9.
- ⁴⁴ *Ibidem*, p. 8.
- ⁴⁵ *Ibidem*, p. 28.
- ⁴⁶ Florenzano, *Afonsinho e Edmundo*.
- ⁴⁷ *Ibidem*, p. 35.
- ⁴⁸ Castro, *Estrela solitária*.
- ⁴⁹ Mira y Lopez, Silva, *Futebol e psicologia*, p. 40.
- ⁵⁰ *Ibidem*, p. 36.
- ⁵¹ Teresa Cristina Braga Fragelli, *Vencer ou vencer: os impasses do atleta de alto rendimento no futebol espetáculo*, dissertação (mestrado profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade), Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.

Sobre os autores

Silvio Ricardo da Silva (Org.) – Doutor em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp). Professor associado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO-UFMG). Coordenador do Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da UFMG. Tutor do PET Educação Física/Lazer da UFMG.

José Alfredo de O. Debortoli (Org.) – Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). Professor da EEFFTO-UFMG. Coordenador do Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão da EEFFTO-UFMG e do projeto de pesquisa “Infância, Cidade e Educação” na Rede CEDES. Integrante do GEFuT.

Tiago Felipe da Silva (Org.) – Mestre pelo Programa de Mestrado Interdisciplinar em Lazer da UFMG. Atualmente atua como professor de Educação Física na educação básica e no “Portal do Professor” do Ministério da Educação (MEC). Integrante do GEFuT.

André Silveira Gomes – Licenciado em Educação Física pela UFMG e professor de Educação Física na educação básica. Integrante do GEFuT.

Carlos Eduardo D. M. Lages – Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), licenciado em Educação Física pela UFMG. Mestrando em Lazer na UFMG. Integrante do GEFuT.

Euclides de Freitas Couto – Doutor em História pela UFMG e mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas. Atua como professor e pesquisador das áreas de história e sociologia do esporte e das práticas corporais, cultura urbana e modos de vida.

Felipe Vinícius de P. Abrantes – Licenciado em Educação Física pela UFMG. Estudante de bacharelado em Educação Física na EEEFTO-UFMG. Integrante do GEFuT.

Georgino Jorge S. Neto – Mestre em Lazer pela UFMG. Atualmente leciona as disciplinas de História do Esporte e Educação Física/Recreação e Lazer na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Integrante do GEFuT e do Laboratório de Estudo e Pesquisa do lazer da Unimontes (Ludens).

Gibson Moreira Praça – Graduando do bacharelado em Educação Física na UFMG. Integrante do GEFuT.

Izabela Guimarães Augusto – Graduanda em Educação Física na UFMG. Integrante GEFuT.

Luiz Gustavo G. Braga – Graduando em Educação Física na UFMG. Bolsista de extensão e integrante do GEFuT.

Luiz Gustavo Nicácio – Mestre em Lazer pela UFMG. Professor de Educação Física no ensino fundamental, em Belo Horizonte. Integrante do GEFuT.

Luiza Aguiar dos Anjos – Especialista e mestranda em Lazer pela UFMG. Professora de Educação Física e treinadora de equipes de futsal.

Marcelino Rodrigues da Silva – Doutor em Literatura Comparada. Professor da Faculdade de Letras (Fale) da UFMG e autor do livro *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (Editora UFMG, 2006).

Marcos de Abreu Melo – Licenciado em Educação Física e mestrando em Lazer pela UFMG. Professor de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e no Instituto Libertas de Educação e Cultura. Integrante do GEFuT.

Mariana Alves Rodrigues – Mestre em Lazer pela UFMG. Professora de Educação Física. Integrante do GEFuT e do Ludens.

Marina de Mattos Dantas – Mestre em Psicologia Social pela Universidade Estadual do rio de Janeiro (UERJ). Dedicar-se ao estudo de temas acerca do futebol, relações de poder e produção de subjetividade. Integrante do GEFuT.

Priscila Augusta F. Campos – Mestre em Lazer pela UFMG. Docente no Instituto de Educação Superior Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff. Integrante do GEFuT.

Raphael Rajão Ribeiro – Mestre em História pela UFMG. Atualmente é chefe do Departamento de Tratamento, Pesquisa e Acesso do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Rodrigo C. B. Moura – Mestre em Lazer pela UFMG. Docente da Universidade Salgado de Oliveira (Universo). Integrante do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (Cemef) da UFMG.



Para obter mais
informações sobre
outros títulos da
EDITORA UFMG,
visite o site

www.editora.ufmg.br

A presente edição foi composta pela Editora UFMG e impressa pela Imprensa Universitária da UFMG, em sistema offset, papel offset 90g (miolo) e cartão supremo 300g (capa), em janeiro de 2012.